HISTORIA

E

MEMORIAS

DA

ACADEMIA R. DAS SCIENCIAS

DE LISBOA.

HISTORIA
E
MEMORIAS
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

TOMO V. PARTE I.

LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA.

1817.

Com licença de SUA MAGESTADE.

PRIVILEGIO.

EU a RAINHA Faço saber aos que este Alvará virem: Que havendo-me representado a Academia das Sciencias estabelecida com Permissão Minha na Cidade de Lisboa, que comprehendendo entre os objectos, que formão o Plano da sua Instituição, o de trabalhar na composição de hum Diccionario da Lingoa Portugueza, o mais completo que se possa produzir; o de compilar em boa ordem, e com depurada escolha os Documentos que podem illustrar a Historia Nacional, para os dar á luz; o de publicar em separadas Collecções as Obras de Litteratura, que ainda não forão publicadas; o de instaurar por meio de novas Edições as Obras de Auctores de merecimento, e cujos Exemplares forem muito antigos, ou se tiverem feito raros; o de trabalhar exacta e assiduamente sobre a Historia Litteraria destes Reinos; o de publicar as Memorias dos seus Socios, das quaes as que contiverem novos descobrimentos, ou perfeições importantes ás Sciencias e boas Artes serão publicadas com o titulo de *Memorias da Academia*, ficando as

outras para servirem de materia a separadas e distinctas Collecções, nas quaes se dê ao Publico em Extractos e Traducções periodicamente tudo o que nas Obras das outras Academias, e nas de Auctores particulares houver mais proprio, e digno da Instrucção Nacional; e finalmente o de fazer compôr, e publicar hum Mappa Civil e Litterario, que contenha as noticias do nascimento, empregos, e habitações das Pessoas principaes, de que se compoem os Estados destes Reinos, Tribunaes, ou Juntas de Administração da Justiça, Arrecadação de Fazenda, e outras particulares noticias, na conformidade do que se pratíca em outras Cortes da Europa: E porque havendo de ser summamente despendiosas, tantas, e tão numerosas as Edições das sobreditas Obras, sería facil que a Academia se arriscasse a baldar a importante despeza, que determina fazer nellas; se Eu não me dignasse de privilegiar as suas Edições, para que se lhe não contrafizessem, nem se lhe reimprimissem contra sua vontade, ou mandassem vir de fóra impressas, em detrimento irreparavel da reputação da mesma Academia, e das consideraveis sommas que nellas deverá gastar: Ao que tudo Tendo consideração, e ao mais que Me foi presente em Consulta da Real Meza Censoria, á qual Commetti o exame desta louvavel Empreza; Querendo animar a sobredita Academia, para que reduza a effeito os referidos uteis objectos, que o estão sendo da sua applicação: Sou servida Ordenar aos ditos respeitos o seguinte:

Hei por bem, e Ordeno, que por tempo de dez annos contados desde a publicação das Edições, sejão privile-

le-

legiadas todas as Obras, que a sobredita Academia das Sciencias fizer imprimir e publicar; para que nenhuma Pessoa ou seja natural, ou existente, e moradora nestes Reinos as possa mandar reimprimir, nem introduzir nelles sendo reimpressas em Paizes Estrangeiros: debaixo das penas de perdimento de todas as Edições que se fizerem, ou introduzirem em contravenção deste Privilegio, as quaes serão apprehendidas a favor da Academia; e de duzentos mil reis de condenação, que se imporá irremissivelmente ao transgressor, e que será applicada em partes iguaes para o Denunciante, e para o Hospital Real de S. José.

Exceptuo porém da generalidade deste Privilegio aquelles casos, em que as Materias, que fizerem o objecto das Obras que publicar a Academia, appareção tratadas com variação substancial, e importante; ou pelo melhor methodo, novos descobrimentos, e perfeições scientificas se achar, que differem das que imprimio a Academia: sendo o exame e confrontação de humas e outras Obras feito na Real Meza Censoria, ao tempo que se conceder a Licença para a impressão das que fazem o objecto desta Excepção: Encarregando muito á mesma Meza o referido exame, e confrontação; para consequentemente conceder, ou negar a Licença nos casos occorrentes e circunstancias acima referidas. Nesta Excepção Incluo as Obras particulares de cada hum dos Socios; porque estas só poderáõ ser privilegiadas, ou quando forem impressas á custa da Academia, ou quando os seus proprios Auctores Me supplicarem o Privilegio para ellas.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que sejão igual-

mente privilegiadas pelo referido tempo todas as Edições, que a referida Academia fizer de Manuscriptos, que haja adquirido: com tanto porém que dellas não resulte prejuizo ás Pessoas, que primeiro os houverem adquirido, ou lhes pertenção pelos titulos de Herança, ou de Compra, e tenhão intenção de os imprimir por sua conta. E para que a este respeito haja alguma Regra, que attenda á utilidade publica, e á particular: Determino, que a Academia possa imprimir os referidos Manuscriptos; ou logo que mostrar que seus donos não querem imprimillos; ou que havendo elles declarado quererem dallos á luz, o não fizerem no prefixo termo de cinco annos, que neste caso lhes serão assignados para os imprimirem.

Hei outro sim por bem, e Ordeno, que na generalidade do Privilegio, que a referida Academia Me supplíca, e lhe Concedo na sobredita conformidade para a reimpressão das Obras ou antigas, ou raras, ou de Auctores existentes, fiquem salvas as Obras que a Universidade de Coimbra mandar imprimir; ou porque sejão concernentes aos Estudos das Faculdades, que se ensinão nella; ou porque sendo compostas por Professores della, as mande imprimir a mesma Universidade, como hum testemunho publico dos progressos, e da reputação litteraria dos referidos Professores: E fiquem igualmente salvas as outras Obras, que actualmente estão sendo ou impressas, ou vendidas por algumas Corporações, e por Familias particulares, e que nellas tem em certo modo constituido ha muitos annos huma boa parte da sua subsistencia, e patrimonio; e a cujo beneficio Poderei privilegiallas, ou prorogar-lhes os Privilegios que tiverem.

Hei

Hei por bem finalmente, e Ordeno, que na concessão do Privilegio, que igualmente Concedo na sobredita conformidade, para a referida Academia publicar o Mappa Civil e Litterario na fórma acima declarada, fiquem salvos os Privilegios seguintes, á saber: o Privilegio concedido aos Officiaes da Minha Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e da Guerra para a impressão da *Gazeta de Lisboa*: o Privilegio perpetuo da Congregação do Oratorio para a impressão do Diario Ecclesiastico, vulgarmente chamado *Folhinha*: e o Privilegio que Fui servida conceder a Felix Antonio Castrioto para o *Jornal Encyclopedico*: Para que em vista dos referidos Privilegios, e das Edições que fazem os objectos delles, se haja a Academia de regular por tal maneira na composição do referido Mappa Civil e Litterario, que de nenhum modo fiquem offendidos os mesmos Privilegios, que devem ficar illesos.

E este Alvará se cumprirá sem duvida, ou embargo algum, e tão inteiramente, como nelle se contém.

E pelo que: Mando á Meza do Desembargo do Paço, Real Meza Censoria, Conselhos da Minha Real Fazenda, e Ultramar, Meza da Consciencia e Ordens, Regedor da Casa da Supplicação, Governador da Relação e Casa do Porto, Reformador Reitor da Universidade de Coimbra, Senado da Camara da Cidade de Lisboa, e a todos os Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, Magistrados, e mais Justiças, ás quaes o conhecimento e cumprimento deste Alvará por qualquer modo pertença, ou haja de pertencer; que o cumprão, guardem, fação cumprir, e guardar inviolavelmente, sem lhe ser posto embargo, impedimen-

to,

to, duvida, ou opposição alguma, qualquer que ella seja: para que a observancia delle seja inteira, e tão litteral, como nelle se contem. E Mando outro sim ao Doutor Antonio Freire de Andrade Enserrabodes, do Meu Conselho, Desembargador do Paço, e Chanceller Mór destes Reinos, que o faça publicar na Chancellaria, e que por ella passe: ordenando que nella fique registado, e que se registe em todos os lugares, em que deva ficar registado, e conveniente for á sobredita Academia, para a conservação e guarda dos Privilegios, que neste Alvará lhe Tenho concedido. Dado no Palacio de Nossa Senhora da Ajuda aos vinte e dois de Março de mil setecentos oitenta e hum.

RAINHA.

Visconde de Villa nova da Cerveira.

Alvará pelo qual Vossa Magestade, pelos motivos nelle mencionados, Ha por bem conceder á Academia das Sciencias, estabelecida com a Sua Real Permissão na Cidade de Lisboa, o Privilegio por tempo de dez annos; para poder imprimir privativamente todas as Obras, de que faz menção: com excepções e modificações, que vão nelle expressas; e com as penas contra os transgressores do referido Privilegio. Tudo na fórma acima declarada.

Para Vossa Magestade ver.

Registado nesta Secretaria de Estado dos Negocios do Reino em o Liv. VI. das Cartas, Alvarás, e Patentes a fl. 93 ỳ. Nossa Senhora da Ajuda 7 de Maio de 1781.

Joaquim José Borralho.

Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes Gratis.

Foi publicado este Alvará na Chancellaria Mor da Corte e Reino, pela qual passou. Lisboa de Maio de 1781.

D. Sebastião Maldonado.

Publique-se, e registe-se nos Livros da Chancellaria Mor do Reino. Lisboa 18 de Maio de 1781.

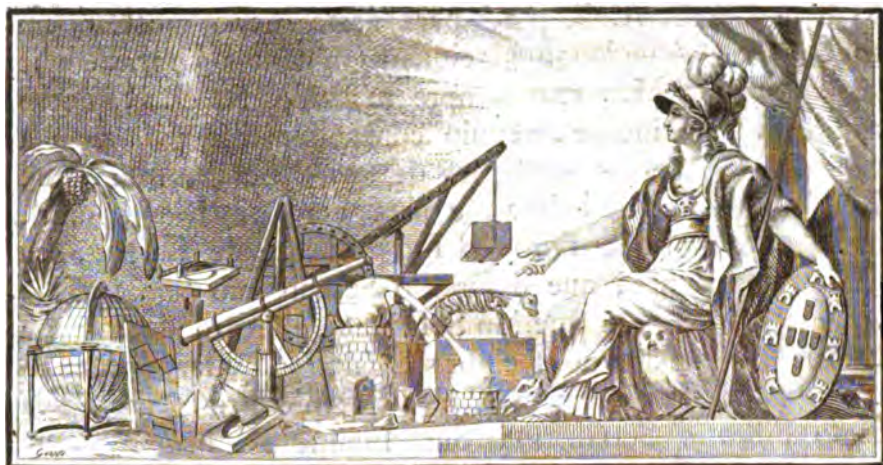
Antonio Freire d'Andrade Enserrabodes.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. das Leis a fl. 34 ỳ. Lisboa 19 de Maio de 1781.

Antonio José de Moura.

João Chrysostomo de Faria e Sousa de Vasconcellos de Sá o fez.

Registado na Chancellaria Mor da Corte e Reino no Liv. de Officios e Mercês a fl. 68. Lisboa 21 de Maio de 1781.

Matheus Rodrigues Vianna.

HISTORIA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA
PARA O ANNO DE 1816.

Discurso recitado na Sessão publica de 24 de Junho de 1816

PELO VICE-SECRETARIO

FRANCISCO DE MELLO FRANCO.

SENHORES. A Academia tinha na sua mão a livre escolha de qualquer dia do anno para as suas Sessões publicas; mas com muita razão escolheo este, que he o de São João, Nome do Principe Regente Nosso Senhor. Dois forão os motivos, por que se determinou a esta deliberação:

1.° para render com todos os bons Portuguezes respeitosa vassallagem a S. A. R., 2.° para deste modo mostrar em público seu profundo agradecimento a tantas Graças, que da sua Augusta Mão tem sempre recebido. S. A. R. nosso amabillissimo Principe, seguio constantemente para com a Academia as liberaes intenções de sua Soberana Mãi, que foi sua Augusta Fundadora; e para ainda mais a honrar, concedeo, depoisque faltou o Ex.mo Duque de Lafões, seu primeiro Presidente, que o fosse o Serenissimo Sñr. Infante D. Pedro Carlos, seu querido Sobrinho, e Genro de saudosa memoria para todos nós: e por sua falta sobre maneira exaltou sua Real Benevolencia, dando-lhe por Presidente a seu mesmo Filho o Serenissimo Sñr. Infante D. Miguel, que Deos guarde. Quanto não deve a Academia prezar, como préza, tão singular Presidencia, digna de fazer emulação a todas as Corporações litterarias!

Accresce hoje a estes hum terceiro motivo, tal he o de suavisar, celebrando o dia de seu Nome, a viva saudade, que a sua fatal e inevitavel ausencia nos causou, e vai causando. Não o temos hoje diante de nossos olhos, como por tantas vezes nos honrou neste mesmo lugar com a sua Real Presença: não o temos, he verdade, mas seja-nos de consolação saber que de lá mesmo do outro hemisferio, lá dos seus vastos Estados do novo Reino do Brasil tem a sua Academia sempre presente, pois sempre a honra, e a protege. Mas figuremos, Senhores, por hum pouco com a nossa imaginação, que tudo póde, figuremos que S. A. R. hoje nos faz o mesmo que já fez; e reverente continúo.

Sei perfeitamente quão ardua he a empreza de fallar em publico, e muito mais, perante hum auditorio composto de illustres Sabios, a quem não podem escapar as minhas mais ligeiras falhas. Não he porém voluntariamente que tenho a honra de occupar hoje a vossa benigna attenção: eleito pela Academia para seu Vice-Secretario, sem embargo de reconhecer em mim grande falta dos predicados, que exige similhante emprego, e de ser elle pouco compativel

com

com os laboriosos e pezados encargos da minha profissão, não quiz regeitar, como máo filho, a distincção, comque tanto me honrava: porque huns pensando rectamente tomarião a minha escusa, quando a fizesse, no sentido natural e verdadeiro, quero dizer, pelo reconhecimento que tenho das minhas tão acanhadas forças; outros todavia seguindo direcção contraria, terião para si, que talvez no meu coração existisse huma humildade farisaica, que serve muitas vezes de capa ao mais refinado orgulho. Fugindo por tanto de dar hum passo, que podesse ser problematico, acceitei reconhecendo, quão obrigado me devia considerar á benevolencia da Academia.

Não julguei então, que sobre meus fracos hombros viesse a recahir tão grande pezo, que legitimamente pertence a outros de força em todo o sentido mui superior, os do nosso dignissimo Secretario o Snr. José Bonifacio de Andrada e Silva, que já por vezes em dia similhante attrahio, e á força de sua eloquencia dominou toda a vossa attenção. Os multiplicados embaraços dos seus empregos, que actualmente o afastárão da Capital, fazem com que eu inesperadamente supprà as suas vezes. Vós, que por mais de huma vez o ouvistes, julgarieis mui facilmente, quão longiquo e espaçoso he o horisonte dos seus profundos conhecimentos em diversidade de materias, e não menos em apurada litteratura. Vós, que tendes de me ouvir agora, não ficareis duvidosos da tenuidade de meus talentos, e do quão pouco se elevão os vôos da minha rasteira eloquencia. Será hoje a vossa situação a meu respeito parecida com a de hum viandante, que tendo andado por caminhos planos e deleitosos, respirando hum ar puro e embalsamado de variado perfume das singellas flores campestres, se vê constrangido a trilhar outros mal abertos em fragosas e alcantiladas penedias aridas, escalvadas, e cobertas de montões de neve: porque sendo eu occupado por dever na meditação dos fenomenos da magnifica Natureza em geral, e com particularidade dos da complicada organisação do homem, nunca me

sobrou tempo bastante para cultivar as flores da encantadora eloquencia, que aliàs nada influe nos resultados de filosoficas observações; as quaes muito pelo contrario requerem exacta reflexão, que he sempre inseparavel do recolhimento e taciturnidade.

Do exposto, Senhores, obviamente se deduz huma conclusão, que me será mui favoravel, e vem a ser, que sendo obrigado a tomar sobre mim tão avultado pêso, e que não sendo annexo á minha profissão ser orador, estou no caso de merecer toda a vossa indulgencia no tosco e rude Discurso, que tenho a honra de recitar na vossa respeitavel presença. Será elle dividido em duas partes: na 1.ª procurarei mostrar as vantagens extraordinarias, que das Sciencias e Artes resultão a todos os Povos: na 2.ª exporei em breve o que se tem passado no seio da nossa Academia desde 25 do ultimo Junho até o dia de hoje.

PRIMEIRA PARTE.

O Homem, quando nasce, he sem duvida hum ente digno de toda a commiseração; pois vem ao mundo por effeito de multiplicadas e pungentes dores, que parecem dilacerar as entranhas em que fôra gerado: e a sua primeira acção, quando se desencarcera do claustro materno, he dar, e repetir supplicantes vagidos, como se com elles quizesse commover a compaixão de quem o ouve. Nasce nú, e inerme, bem differentemente da generalidade dos outros animaes, que vem desde logo vestidos, e com os rudimentos das armas, que lhes são concedidas pela próvida Natureza; a qual cautellosa os dota com as faculdades de poder andar, correr, e procurar os soccorros, que demandão suas particulares necessidades: mas o homem na sua infancia

cia muito ao revéz tem de ser por alguns annos, sob pena de morte, em tudo e por tudo soccorrido. ¿ Será por ventura madrasta sómente da especie humana a grande, a ineffavel Natureza, mãi caridosa de tudo o que creou? Não, Senhores, quem o proferisse, seria blasfemo. Ella he tambem nossa mãi, e mãi mui terna: mas os destinos do homem são outros e transcendentes; e por isso devem ser diversos os seus principios, e meios.

Esta absoluta dependencia, em que nasce, he necessaria para se realisarem os altos fins, para que fôra creado; e entre elles o primeiro, quanto a mim, he fazelo sociavel: porquanto auxiliado pelos pais, e parentes, atéque principia a ter certo uso de razão, o que leva sete e mais annos, não póde deixar de ser sensivel ás affeições de amisade, reconhecimento, e por ultimo de costume.

He portanto indubitavel, que elle he por necessidade sociavel; e aindaque estas primeiras sociedades de familia ou patriarchaes sejão no seu principio resummidas, devem com o andar do tempo tornar-se numerosas. Mas, como nasce em perfeita ignorancia de todas as cousas, e nutre em seu coração o germen das paixões, que com a idade se vão desenvolvendo, não deixaráõ aquella e estas de produzir reciprocas desavenças, inimisades, e toda a sorte de desordens. Então a necessidade, lei suprema não só do mundo fysico, mas tambem do moral, o obriga a entrar de certo modo em si, examinando, quanto permitte sua rude barbaria, os meios de evitar os males, que cada hora os affligem: e eis-aqui a origem dos primeiros dictames das Sociedades, que são no seu originario estado tradicionaes; eis-aqui hum remoto começo de sua civilisação, que he ainda tão informe como o marmore, que vem bruto para as mãos do destro e habil Escultor, que lentamente o vai desbastando, atéque o transforma com seus delicados cinzeis em huma bella e elegante estatua, que nenhuma demonstração póde então dar do que fôra no seu primeiro ser. Donde claramente se deduz, que a infancia de todas as Nações he

he cheia de rudeza e de superstições; he, em huma palavra, hum perenne manancial de mil barbaridades.

Vejamos o que forão, segundo *Herodoto*, os Schytas, que sacrificavão ao seu Deos Marte a quinta parte dos prisioneiros, que fazião, e que aos restantes tiravão os olhos. O anniversario do Rei era solemnisado com a morte de cincoenta de seus Officiaes. Os que habitavão no Ponto Euxino sustentavão-se da carne dos estrangeiros, que alli aportavão. As pessoas de maior idade erão immoladas por seus proprios parentes, que se banqueteavão com a sua carne. Outros similhantes desvarios, segundo os mais antigos Historiadores, tiverão os primeiros Persas, e os Romanos nos primitivos tempos da sua Republica. Por conseguinte a idade de ouro, que dizem haver acompanhado as Nações nos seus principios, foi huma deleitosa fabula, que servio de entretenimento á fecunda imaginação dos Poetas; pois, se dermos credito aos annaes de todos os povos antigos, e se reflectirmos no que se observa em os nossos dias assim na America, como em Africa, sempre a barbaridade foi precursora do regular estabelecimento de todos elles.

Houve, he verdade, hum fenomeno politico, huma Republica de soldados tidos por virtuosos, unico povo pobre por constituição, e pela mesma obrigado a desprezar a cultura das faculdades intelectuaes, e a dar-se exclusivamente aos exercicios do corpo; bem sabeis que fallo de *Sparta*: mas era huma pequena Republica; ¡e quão curta não foi comparativamente a sua duração! E quanto não era a sua legislação maculada de paradoxos, e até de crimes authorisados! taes erão a barbaridade dos senhores para com seus escravos (e havia escravos!); a dureza dos pais, a exposição dos filhos, os roubos permittidos, o pudor violado tanto na educação, como nos casamentos; e não sabemos mais, porque as particularidades da sua historia nos são mui pouco conhecidas, por terem sido alli desconhecidas as letras. Por consequencia esta celebre e admirada Republica nada prova contra as Sciencias, antes pelo contrario he muito em seu abono.

Mas,

Mas, Senhores, assimcomo os corpos fysicos regularmente impellidos tomão certa carreira, vencendo os obstaculos, que são da sua competencia, atéque lentamente se retardão, e vem por fim a parar, para depois com novo impulso receberem outra acção ou no mesmo, ou em outro qualquer sentido; da mesma sorte as faculdades moraes do homem, huma vez que se ponhão em movimento, devem andar hum certo caminho, marchando sempre do simples para o mais composto, e do menos perfeito para o mais perfeito, atéque completando o seu circulo, voltem ao ponto, donde partírão: mas neste caso ficão sempre, como debaixo das cinzas, faiscas scientificas, que só esperão tempo opportuno, para dellas resurgirem.

Não só pois as necessidades inherentes á especie humana, mas tambem a sua natural curiosidade a obrigárão a buscar o melhoramento de todas as suas cousas. Vivião os homens em choupanas mui toscamente fabricadas, mal defesas, e de quasi nenhuma commodidade. Não tinhão por vestido senão as pelles dos animaes, que matavão, e os productos de alguns vegetaes, que ageitavão ao seu uso. Se o homem pois tivesse hum instincto limitado, como os outros animaes, cada hum na sua ordem, deveria parar nestes seus primeiros inventos: mas a Natureza lhe liberalisou o sublime dom da perfectibilidade, paraque com incançavel trabalho, e longo tempo passasse por degráos do pouco ao muito, e do muito ao seu maximo, que he indeterminavel.

Seria fastidioso e intempestivo mostrar agora, o como já por necessidades, já por accasos aproveitados, e já pela sua innata curiosidade, e indagação dos fenomenos, que ião observando, podérão estas primeiras associações de individuos chegar a tão admiravel civilisação. ¡Mas quantos e quantos seculos não decorrêrão, antesque tanto bem se conseguisse! Direi sómente, que em todos elles o Supremo Arbitro do Universo faz apparecer sobre a terra homens, a quem concede engenho, e talentos superiores, os quaes ser-

vem como de faróes, poronde a multidão se governa, e evita os escôlhos, que a cada passo se encontrão neste tempestuoso mar do nosso mundo. Elles são os que observando o coração do homem, e reflectindo maduramente nas maravilhas da Natureza, huns ensinão, quaes são as leis accommodadas aos climas, e aos paizes, em que vivem; as quaes pela sua filosofica combinação enlação todas as classes de cidadãos, indicando a cada hum os seus deveres: outros pelas suas meditações, pelos seus calculos, pelas suas repetidas experiencias arrancão, por assim dizer, á viva força dos reconditos arcanos da Natureza riquissimas preciosidades, com que se esclarece, e se dilata o horisonte dos nossos conhecimentos.

Os annaes das Sciencias, e da Litteratura fazem (vós bem o sabeis) honrosa e agradecida menção dos nomes destes varões preclaros, que consummírão seus dias na indagação das verdades religiosas, moraes, politicas, e fysicas; por effeito das quaes tomárão hum polido realce os Povos assim antigos, como modernos. No meio da numerosa serie de todos elles reluzem agora na minha imaginação, como astros brilhantes, Hippocrates judicioso e profundo observador da maravilhosa organisação humana em ambos os estados de saude e de molestia; cujos escriptos ainda hoje em dia são como texto magistral para os mais conspicuos Medicos; e porque soube ler no livro da veridica Natureza, suas obras durão, e duraráõ tanto, como a Mestra, que as dictára. Socrates, por antonomasia o *virtuoso Grego*, que, por querer melhorar com seu exemplo e doutrina a moral de seus concidadãos, foi por hum Tribunal invejoso e iniquo mandado envenenar com virulenta cicuta; mas intrepido morreo ensinando a seus amigos e discipulos a immortalidade da nossa alma, e os sagrados e reciprocos deveres do homem na sociedade; doutrina, que foi a causa da sua morte: Platão, seu eloquente discipulo, nobre, grande, e magestoso em algumas das suas obras, foi em Metafysica e em Moral para seus contemporaneos assombro, e para os

pri-

primeiros Padres da Igreja Auctor da maior contemplação; e, apezar de intrometter na sua politica algumas idéas abstractas e impraticaveis, não se póde duvidar dos grandes conhecimentos, que havia adquirido neste ramo, se reflectirmos na resposta que dêo aos Sicilianos, quando o consultárão sobre o que devião fazer, isto he, se restabelecer a Monarchia absoluta, ou o governo popular? ao que Platão simplesmente respondeo: « Hum Estado nunca he feliz nem » debaixo do jugo do despotismo, nem na licença de hu» ma grande liberdade. O mais sabio partido he obedecer » a Reis, que respeitem da sua parte certas leis; porque » a excessiva liberdade, e a pezada escravidão produzem » pouco mais ou menos effeitos similhantes. » Estas poucas palavras deixão ver claramente, que Platão tinha idéas sãs, e profundas nesta difficil Sciencia de governar os homens.

Continúa ainda a passar pela minha lembrança a grande serie de tantos Filosofos Gregos, que todos trabalhárão incançaveis na cultura das Sciencias, ennobrecendo com seus desvelos a gloria da sua Patria, onde ellas com as bellas Artes suas filhas de tal maneira se exaltárão, que sem temeridade se póde dizer, que a Grecia deveo tudo ás Sciencias, e que o resto do mundo deveo tudo á Grecia: pois por hum effeito natural da vicissitude das cousas humanas passárão para Roma; e desta famosa Capital, depois de hum eclipse de seculos, sahírão debaixo das cinzas em que estiverão sepultadas, e se espalhárão pela Europa então dominada por tantas Nações barbaras; e desta parte do Globo se forão diffundindo pelas outras, como raios derivados de hum astro luminoso, creador, e benefico.

¿ Mas até onde, sem me sentir, vou dirigindo meus pensamentos? He preciso não abusar da vossa indulgente paciencia, que tacitamente me manda parar na longa carreira, em que me ía enredando; e por isso em breve correrei pela memoria os tempos que nos são mais visinhos.

 Des-

Desde aquella feliz época da restauração das letras ¿quantos sabios Filosofos não tem apparecido, e não vão hoje mesmo apparecendo sobre a face da terra, cujos esforços unidos tem incrivelmente melhorado a condição dos homens? Seria immensa a lista, que de seus nomes quizesse fazer em qualquer repartição das Sciencias; porque se os Egypcios, se os Gregos, se os Romanos forão celebres pelos homens celebres, que os sublimárão, a Europa moderna, aindaque em alguns ramos os não tem assás imitado, em outros os tem sobremaneira excedido. Proferirei para prova da minha assersão os immortaes nomes de Verulamio, de Newton, de Locke, de d'Alembert, de Buffon, do infeliz Lavoisier.... e poderia por largo tempo ficar referindo os de outros muitos Escriptores da primeira ordem, a quem o mundo he devedor de innumeraveis descobrimentos da maior utilidade para todas as Nações em geral.

Mas, Senhores, devo lembrar-vos, que nada do que sahe das mãos do homem, tem o cunho da perfeição: ¡ tal he a sorte humana! ¿Como podemos pois esperar que os Filosofos não errem? O magestoso Templo das Sciencias he huma obra vastissima, que nunca será concluida; mas que á força de aturadas diligencias se tem magnificamente elevado. Verdade he que o trabalho de cada Sabio de persi he de pouca monta em huma empreza tão ampla e tão extensa: o trabalho porém de cada Sabio deve de necessidade entrar nella. ¿Quantos artifices não concorrem, cada hum da sua parte, para a construcção de qualquer edificio? Hum só nada faria, todos juntos com methodo e diligencia vem por fim a sahir com o que pertendem. ¿Que succederia, se cada hum delles esmorecendo á vista de suas poucas forças desistisse do trabalho começado? Graças pois sejão cordialmente dadas a tantos Varões illustres e venerandos, que em todos os tempos antigos, modernos, e presentes se empenhárão, e empenhão em esclarecer por tantos meios o entendimento humano, sacrificando não digo já ca-

cabedaes, e socego, senão até a propria existencia! ¿ Que elogios não devemos tributar a estes Heroes generosos, que tanto trabalhárão, e escrevêrão para os seus contemporaneos, e não menos para os vindouros? Se por ventura não tivessem aproveitado os sublimes talentos, com que os dotára o Supremo Dispensador de todos elles, mui pouco nos teriamos affastado da rude condição dos primeiros homens.

Apparecêrão engenhos transcendentes, que profundamente se derão ás Sciencias mathematicas, que são a chave de muitas das outras: e dellas procedeo o que com tanta utilidade se conhece da Mechanica, da Hydraulica, da Fysica, da Arte militar, &c. Observárão esses immensos Globos luminosos tão assombrosamente distantes do nosso pequeno Planeta; calculárão suas respectivas massas, e distancias; e isto que no principio pareceria talvez vã curiosidade, veio a ser huma das mais uteis sciencias, convem a saber, a Astronomia. He ella quem leva como pela mão os navegantes atravéz da vastidão dos mares com o soccorro da singular propriedade do Iman, que nossos antepassados tomárão por frivolo enigma da Natureza: o que serve para provar, que ainda o que nos parece futil, e de nenhum prestimo, não deve ser desprezado pelos Filosofos; porque muitas cousas nos parecerão hoje assim, que talvez dêm de si para o futuro muito interessantes resultados.

A navegação, considerada por qualquer lado que seja, he utilissima ao genero humano; pois por meio della he que os Povos germanisárão, e vierão a considerar-se quasi como huma só familia; por meio della se communicão as Sciencias, e as Artes; por meio della se amacião nossos costumes, e se estabelece a indispensavel tolerancia; por meio della se supprem nossas reciprocas necessidades; e sem ella finalmente poucos progressos poderiamos ter feito como Nações civilisadas.

Porque o tempo he escasso, direi simplesmente, que muitos e muitos abalisados Medicos, Fysicos, Chymicos,

Cirurgiões, &c. tem feito grandes descobrimentos nos seus respectivos ramos; e que, ajudando-se todos mutuamente, tem levado estas importantes Sciencias a hum notavel auge de utilidade publica. ¿Que beneficios não tem colhido dellas a mais bemfazeja de todas as artes, que conhecemos, quero dizer, a Agricultura; a qual por effeito de novos instrumentos, e de novos methodos de cultivar a terra a obriga a pagar com usura o suor de quem a lavra? ¿Que commodidades não offerecem a todas as Nações essas Cidades e Villas regular e saudavelmente edificadas? O seu commercio interior, que se não poderia fazer sem estradas, sem pontes, sem canaes, &c.? ¿Que menos se póde dizer de tantas, tão multiplicadas, e differentissimas Fabricas, as quaes todas como á porfia contribuem para satisfazer assim as nossas precisões, como as nossas commodidades?

Atéqui fallava eu das Artes, a que costumão chamar mechanicas ou fabrís, as quaes são em todas as Sociedades mais ou menos da primeira precisão. Verdade he que as denominadas liberaes não são immediatamente necessarias para a existencia dos Povos; mas quando elles tem chegado a hum sobido gráo de civilisação, não podem deixar de as pôr em pratica, e de as aperfeiçoar, como no-lo-tem mostrado a historia antiga e moderna de todas as Nações. ¿Que homem civilisado e de bom senso deixará de se tocar, e de se render mesmo aos encantos da Poesia, da Musica, da Pintura, &c.? ¿E que são ellas senão a imitação das bellezas da portentosa Natureza? Direi mais: esta propensão nasce com o homem; pois entre os mesmos Barbaros sem excepção alguma se encontrão os rudimentos de todas as bellas Artes; porquanto todos tem suas canções, que a seu modo entoão; todos tem seus rudes e informes instrumentos, que tal e qual tocão; todos se adornão, e se pintão com certa symetria. A civilisação pois, obra de seculos, he quem tudo aperfeiçoa, porque aperfeiçoa o entendimento humano: e podemos calculala ao certo pelo au-

ge

ge maior ou menor, em que se acharem as Sciencias, e todas as Artes. Nem ha que debater, que os homens em geral trabalhão incançaveis para assegurar sua necessaria e commoda subsistencia, mas depois de a conseguirem, procurão pela maior parte os prazeres moraes, que são muito mais proprios de seres dotados de razão, e perfectibilidade, doque os fysicos, communs a todos os animaes. Logo as bellas Artes, que julgo congenitas com a nossa especie, são tambem como de primeira necessidade entre as Nações, que tem chegado a certo gráo de maior civilisação.

Embora tenha havido espiritos melancholicos, e paradoxistas, que as hajão considerado como propagadoras do luxo; e embora affirmem, que este seja o precipicio dos Estados: mas huma grande Nação não póde occupar a todos os que a compõem, em agricultar as terras, e em as defender como soldados, pois restão muitos, que por falta de occupação entregues ao ocio serião o flagello das Sociedades; as quaes sendo necessariamente compostas de opulentos, abastados, e pobres, hão mister que daquelles vivão estes, para assim se equilibrarem, quanto cabe na boa economia politica, as differentes fortunas; nem preciso trazer á lembrança o delirio dos que tem pertendido a igualdade dos bens, a qual deveria assentar sobre a dos talentos, e industria; mas o contrario disto he o que sempre se vio, e se vê entre os homens. Por ultimo, Senhores, tudo o que nos cerca, tudo o que somos, claramente nos indica, que o maximo bem de qualquer Nação he a sua apropriada civilisação, que se deve sempre á cultura das nossas faculdades intellectuaes, isto he, ás Sciencias.

Mas de repente sobe á minha imaginação hum acontecimento notabilissimo, e unico na memoria dos homens, que á primeira vista parece desmentir esta minha assersão. Do seio da Nação mais culta dentre todas se levantou a mais horrenda e furiosa revolução de quantas tem havido,

da

da qual fomos desgraçadamente testemunhas, e por muitos modos victimas. Não forão os Barbaros do Norte, que fugindo da aspereza do seu clima, e da esterilidade dos seus territorios, vierão, como nuvens pejadas de raios, buscar o Meiodia da Europa, onde encontravão hum ar sereno e temperado; hum terreno prodigo em produzir com pouco trabalho, quanto diz respeito não só ás necessidades, mas aos commodos da vida humana; e onde finalmente achavão accumuladas todas as riquezas do mundo. Forão sim os Francezes, que no centro da Europa civilisada, debaixo da mais benigna atmosfera, e no seio de todas as Sciencias, e Artes levantárão em furor o sanguinario estandarte da rebellião, e delirantes levárão ao patibulo o seu proprio Rei, hum Rei bom e clemente: e como hum abysmo conduz a outros muitos, no meio da sua confusão e desordens sem conto assentárão comsigo que devião submergir a Europa inteira na mais abominavel de todas as escravidões. Appareceo entre elles hum estrangeiro, hum Corso, que ardilosamente tomou a si a execução deste horrivel plano. Esta furia vomitada do Averno, forjando mil perfidos e vergonhosos embustes, com que destruio thronos, e derribou altares, commandando tropas immensas, tinha quasi avassallado a Europa inteira. ¿Mas que he feito das suas espantosas façanhas militares, das suas immensas conquistas, do seu grande Imperio? Nós o vimos começar, e nós (graças aos Ceos!) o vimos acabar. Elle mesmo, instrumento de tantos males, e de tão extensas desventuras, cahio do pinaculo da sua grandeza fantastica, e jaz, por fortuna, prisioneiro em huma pequena Ilha, guardado como hum monstro assolador da especie humana. ¿E quem, Senhores, fez tornar os Francezes ao governo de seu legitimo Rei? ¿Quem os fez detestar o jugo daquelle Tyranno? ¿E quem dêo cabo desta hydra de cem cabeças? Foi, todos o sabem, a prodigiosa liga de todos os Soberanos, e Povos da Europa. Elles se ligárão; elles se armárão; elles combatêrão; e depois de muitas e repetidas victorias,

po-

pozerão Luiz XVIII. no Throno de seus Avós, e derão por fim a paz ao mundo.

Se os Inglezes, se os Russos, se os Austriacos, se os Prussianos, se os Portuguezes (dilo-hei com ufania) não tivessem cultivado as Sciencias, e as Artes, ¿ como poderião armar tantos e tão numerosos exercitos? Como poderião ter Generaes, que vencessem os Generaes Francezes tão habeis, e tão aguerridos? Portanto tenho para mim como certo, que as mesmas Sciencias e Artes, salvando o mundo de tão duro captiveiro, se salvárão a si do perigo imminente, em que estiverão, de serem destruidas em toda a Europa; o que sem a menor duvida succederia, se ellas não tivessem ainda a tempo confundido e aniquilado o detestavel Corso, que a ir por diante nos seus iniquos designios, nada menos faria doque reduzir os civilisados Povos Europeos a barbaros armados.

He tudo assim, segundo o meu juizo; mas não dissimularei, que nem sempre os Filosofos atinão com a verdade, que buscão; porque algumas vezes tomão a sombra pela realidade: com tudo estes mesmos desvios do principal objecto, a que se endereção, tem sido de proveito aos que vem depois, bem como accontece aos mareantes, que evitão cautellosos os baixios, e cachopos, em que outros naufragárão: e disto devo concluir, que a indagação da verdade, ainda quando he desgraçada, não deixa de aproveitar; e que só a cega ignorancia he que para nada presta. Não dissimularei tambem, que alguns Filosofos presumpçosos e temerarios, querendo traspassar as raias, que o Supremo Author da Natureza pôz ao entendimento humano, por mais sublime que seja, se perdem de todo no implicado labyrintho de suas imprudentes investigações; porque não sabem, ou não querem saber, até onde podem chegar, e onde devem parar: mas suas indiscretas especulações vem a ter a sorte do fumo, que no ar se dissipa e desvanece. São estes pseudo-filosofos mui similhantes ás ondas encape-

la-

ladas do mar enfurecido, que vão rebentar com horrivel bramido sobre as praias e penedos, parecendo que tudo arrojaráõ diante de si; mas em poucos instantes voltão atraz como envergonhadas da sua inutil furia; inutil, porque a Providencia, marcando-lhes com seu Omnipotente dedo impreteriveis limites, lhes disse: *Daqui não passareis.*

Mui differentes são os verdadeiros Sabios, que modestos, prudentes, e assisados parão, onde devem parar: generosos meditão, e trabalhão não só para a sua vida, mas tambem para a vida total da especie humana: reverentes illustrão com seu profundo saber os Soberanos, e submissos obedecem ás suas determinações: benignos e indulgentes tolerão as fraquezas humanas, porque sabem que a discreta indulgencia he o mais seguro meio de estabelecer a harmonia nas Sociedades publicas, e particulares: retirados vivem simples e virtuosamente: incançaveis honrão por muitos modos a sua Patria: tranquillos acabão finalmente com gloria tal, que os seculos posteriores em vez de a escurecer, progressivamente a exaltão, e admirão. Este he sem duvida hum diminuto retrato, que de muitos de meus respeitaveis ouvintes, sem faltar á verdade, poderia copiar.

Depois de haver mostrado, Senhores, segundo julgo, sufficientemente as grandes vantagens, que das Sciencias e Artes resultão a todos os Povos, o que formou a primeira parte do meu Discurso, passo agora a dar-vos hum resummo do que se tem passado dentro deste anno no seio da nossa Academia; o que formará a segunda parte, a qual póde servir tambem para provar a verdade da primeira.

SEGUNDA PARTE.

Porque se havia acabado o triennio dos empregados nas differentes repartições da nossa Academia, a 23 de Novembro do anno passado, por escrutinio e á pluralidade de votos

tos foi reeleito Secretario o Sñr. José Bonifacio de Andrada e Silva, e eleito Vice-Secretario o Sñr. Francisco Simões Margiochi; mas teve a Academia de sentir a escusa, que dêo este benemerito Socio, allegando as suas occupações e embaraços, incompativeis com as obrigações do lugar. Foi então preciso proceder a nova eleição, e recahio ella sobre mim, que julguei necessario acceitar, agradecendo muito á Academia a honrosa lembrança, que de mim tivera. Forão eleitos para Directores das tres Classes, em que estão repartidos os trabalhos Academicos os seguintes Senhores: para a das Sciencias Naturaes o Sñr. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso: para a das Sciencias exactas o Sñr. Mattheus Valente do Couto: para a de Litteratura o Sñr. Francisco Manoel Trigoso d' Aragão Morato. Não podia a Academia fazer melhor eleição, não só pela intelligencia nos ramos, de que forão incumbidos, mas tambem pela efficacia e zelo, que assiduamente mostrão pelo progresso das Sciencias nesta illustre Corporação. Foi da mesma sorte mui dignamente eleito Thesoureiro o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. Visconde da Lapa, cuja probidade e estudos são geralmente conhecidos. Forão tambem nomeados para Substitutos de Effectivos na Classe de Litteratura os Senhores Francisco Ribeiro Dosguimarães, e Monsenhor Joaquim José Ferreira Gordo: para Socios livres na Classe das Sciencias exactas os Senhores Francisco Villela Barbosa, e Manoel Pedro de Mello, de cujos talentos a Academia está assás convencida, e por isso sobremaneira préza a associação de tão dignos collaboradores: para Socios Correspondentes o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sñr. Marquez de Abrantes D. José, o Sñr. Doutor Joaquim Xavier da Silva, o Sñr. Joaquim José Varella, e o Sñr. Manoel José Pires.

E como as Sciencias (principalmente as Fysicas) todos os dias adiantão novos descobrimentos, que não devem ser desconhecidos na Academia, tomou-se tambem na mesma occasião assento, que de Outubro de 1816 por diante se reservassem cada anno 600$ reis para se prover a nos-

sa Bibliotheca das obras, que mais dignas e necessarias se julgarem.

Devo com toda a ingenuidade e satisfação fazer-vos sabedores, que a Instituição Vaccinica, que não he senão huma Comissão da Academia, faz conhecidamente notaveis progressos não só na Capital, mas em todas as Provincias, onde mais radicalmente se vai estabelecendo: para o que muito tem concorrido o nosso provídente e benefico Governo, que por todos os modos tem auxiliado este filantropico Estabelecimento, não só passando as mais judiciosas e apertadas ordens aos Corregedores das Comarcas, e aos Capitães mores, paraque promovão efficazmente nos seus Districtos a Vaccinação; mas tambem concedendo á Academia huma Loteria, cujo producto fosse applicado á sua mais firme e extensa propagação. Eu vos diria miudamente o que a este respeito se tem passado, se hum Membro da mesma Instituição não viesse logo instruir-vos de todas as particularidades: peloque só tenho de dizer vos, que este Estabelecimento Vaccinico he para a Academia da maior honra e gloria; porquanto com elle evidentemente mostra ao publico, que o seu fim primario he ser util aos seus Concidadãos, salvando por hum meio tão simples, tão facil, e tão seguro muitos milhares de vidas, que de certo serião sacrificadas pela horrenda molestia das Bexigas. E aindaque o principal objecto da Academia he a cultura das Sciencias, não lhe seja de nota occupar-se da Vaccinação. ¿Que procura ella em todas as suas emprezas scientificas senão a utilidade publica? ¿E por que meio poderia ser mais util aos Portuguezes doque promovendo tão efficaz e dignamente este salutifero Estabelecimento, cuja falta não só era de incrivel damno á minguada povoação de Portugal, mas não menos de desdoiro á Nação inteira, que pareceria não conhecer, ou desprezar hum Descobrimento, que até entre os Barbaros se acha divulgado? Verdade he que á Academia tem accrescido com este objecto maiores cuidados e tarefas; mas nunca perdeo de vista as obrigações essenciaes

do

do seu Instituto, como passo a mostrar-vos, referindo os trabalhos de cada huma das Classes, convem a saber, das Sciencias Naturaes, das Exactas, e da de Litteratura, que são os troncos, de que se derivão varios ramos.

Sciencias Naturaes.

Desejando o nosso vigilante Governo, que dos methodos, que lhe forão propostos para a desinfecção das cartas vindas de paragens ou pestiferadas, ou suspeitas, se puzesse em pratica o que fosse mais efficaz e conveniente, ordenou que a Academia désse o seu parecer sobre aquelle, que julgasse melhor; o que cumprio encarregando este importante assumpto a huma Commissão de Socios, que para este exame se elegêrão, cujo parecer subio ao Governo, que houve por bem conformar-se com elle.

O Sñr. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, incançavel em cooperar para o adiantamento e lustre da nossa Corporação, apresentou o extracto da Memoria do Sñr. João de Macedo da Guerra Forjaz sobre o estado da agricultura de Castello Branco, do qual se havia encarregado.

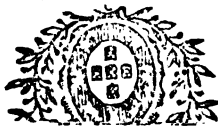
O Sñr. Barão de Eschwege não obstante a distancia, em que está da nossa Academia, brindou-a com huma carta datada de Villa Rica em 15 de Fevereiro de 1815, que acompanhava duas Memorias; das quaes a primeira era intitulada *Memoria sobre varios objectos montanisticos, principalmente sobre a decadencia das minas de oiro da Capitania de Minas Geraes*, e sendo incumbido o Sñr. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso de fazer o seu extracto, mui judiciosamente o executou: a segunda tem por titulo: *Apontamentos que poderáõ servir de base para huma Administração montanistica na Capitania de Minas Geraes.* Facil he de ver a importancia deste objecto em hum paiz todo cheio de minas não só de oiro, mas de todos os metaes; onde a Metallurgia scientifica he atéagora pouco conhecida, e onde só reina huma prática empirica.

O Sñr. Doutor José Bonifacio de Andrada e Silva lêo huma interessante *Memoria minerographica sobre o districto metallifero entre os Rios Alva, e Zezere*, poronde viajou.

O Sñr. Alexandre Antonio Vandelli apresentou huma Memoria com o titulo seguinte: *Experiencias Chymicas feitas com duas especies de Quina do Pará*. He para sentir, que tendo nós tantas qualidades de Quina em differentes partes do Brasil, algumas das quaes talvez possão competir nas suas virtudes com a do Perú, ainda com as de mais Nações nos sirvamos desta, que muito bem poderiamos escusar, se as virtudes das nossas estivessem comprovadas com experiencias exactas. Por conseguinte toda a indagação a este respeito póde ser de utilissimos resultados; mas não basta parar nas analyses chymicas, he ainda muito mais preciso, que se fação observações seguidas, de que se formem Diarios, que especifiquem com miudeza o que se houver observado: isto, porém só póde ser desempenhado nos grandes Hospitaes, onde huma copiosa collecção de Diarios fieis, feitos por differentes Professores, e em differentes lugares, deveria ser escripta em Portuguez com a traducção Franceza em frente, paraque chegasse á noticia de todas as Nações. ¿Quanto não poderiamos lucrar com este trabalho, não só com o que deixassemos de despender, mas com o que arrecadassemos dos Estrangeiros?

O Sñr. Doutor Joaquim Xavier da Silva lêo nas Sessões Academicas huma *Memoria sobre a Hygiene Militar e Naval*, que trata com muita individuação; e que deve ser de grande utilidade á Patria, por ser hum assumpto novo em linguagem Portugueza.

Lêo o Sñr. Doutor José Pinheiro de Freitas Soares outra *Memoria sobre a Policia Medica*, que promette á Nação similhantes resultados.

Remetteo-nos o Sñr. Doutor Francisco Soares Franco huma *Memoria sobre a identidade do Systema muscular na Economia animal*. na qual mostra o Author não só vasta erudição em Anatomia, e Fysiologia, mas tambem judiciosa analyse das

das diversas opiniões até hoje publicadas por homens da mais distincta reputação, e que tem sido geralmente seguidas: e, quanto a mim, mostrou o que pertendeo mostrar, combatendo victoriosamente as doutrinas, que mais directamente parecião oppor-se á sua these principal.

Lêo-se huma Memoria remettida do Pará pelo Sñr. Doutor Manoel da Arruda, em que descreve hum novo genero de arvore, a que dêo o nome de *Chaptalia* em memoria de Mr. Chaptal seu Mestre; a qual he singular e notavel, por se tirar do seu fruto muito oleo, e sebo. Nella expõe o methodo de o conseguir.

O Ex.^mo^ Sñr. Visconde da Lapa fez presente á Academia de hum Diccionario clinico composto pelo nosso Socio o Sñr. José Pinto de Azeredo, que faleceo no verdor de seus annos, quando havia ainda muito que esperar da sua extensa prática nesta Capital; o que assaz prova o credito publico, de que se fizera merecedor.

A raridade, em que estão as Memorias do Sñr. Doutor Dala Bella nosso digno Socio, e meu Mestre de Fysica em Coimbra, hoje Lente jubilado, sobre a cultura das Oliveiras, e o melhor fabrico do azeite, obrigou a Academia a fazer huma nova edição, que está encarregada ao Sñr. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso, que se incumbio de lhe addicionar Notas illustrativas, segundo os mais recentes descobrimentos.

O Sñr. Joaquim Pedro Fragoso da Mota de Siqueira lêo huma util e circunstanciada *Memoria sobre as Queimadas do Alemtéjo*, em que vem expendidos muitos objectos interessantes de agricultura.

O Sñr. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso lêo huma curiosa Memoria a respeito de hum verme vivo, existente no olho de hum cavallo, que o dito Sñr. observava quasi desde que se dêo fé delle, e quando fez a Memoria, já estava de mui notavel tamanho. Espera, que se extráia o olho, para então fazer a reducção do verme, e dar a sua descripção.

Lêo

Lêo o Snr. Manoel José Maria da Costa e Sá humas Memorias ácerca da Vaccinação no Brasil, acompanhadas de treze Documentos, pelos quaes se prova ter-se mui consideravelmente adiantado por todo aquelle vasto territorio tão proficuo descobrimento, que he sem duvida huma dadiva celeste.

Poz-se em fórma o Programma extraordinario, que deixou em seu testamento o nosso Socio o Snr. Luiz de Siqueira Oliva, paraque a Academia premiasse com 400$ rs. em metal, que deixou á sua disposição, a melhor Memoria ou de Nacionaes, que a devem escrever em Portuguez, ou de Estrangeiros, que o podem fazer em alguma das linguas mais conhecidas na Europa. As Memorias, que concorrerem a este premio, serão entregues na Secretaria da Academia por todo o mez de Maio de 1818. O Programma diz assim: « Qual he o methodo de curar radicalmente as Dysen- » terias chronicas, de qualquer causa que procedão; funda- » do em principios, e confirmado por observações praticas. » Foi huma Dysenteria chronica a molestia, que na flor da idade levou o Snr. Oliva á sepultura; e por este motivo filantropicamente julgou, deixando este incentivo aos Medicos de todo o mundo, que delle tirasse a humanidade o proveito, que elle Testador não havia conseguido: mas julgo que sendo o Programma tão abstracto, e sendo as causas daquella enfermidade tão variadas, e havendo-se finalmente escripto muito a respeito della, ficará a humanidade no mesmo, em que dantes se achava. Este nosso digno Socio mui habil em Chymica, que aprendeo em París com os mais famigerados Professores, não só fez serviços ao Estado com os conhecimentos que della possuia; mas tambem lhe não foi menos util com o seu Periodico, que intitulou *Telegrafo Portuguez*: por meio do qual fez implacavel guerra aos perfidos Invasores de Portugal, pondo patentes a todo o mundo suas abominaveis maquinações, e esforçando os animos daquelles, que menos corajosos poderião por timidez desmaiar na heroica empreza de salvar

a

a Patria do tyranno jugo dos Wandalos do nosso desgraçado tempo.

Pelo que diz respeito aos trabalhos concernentes ás Sciencias Naturaes, he quanto se acha nas Actas da Academia; e nenhum se encontra pelo que pertence ás Sciencias Exactas. Não foi assim o anno passado; mas todos sabem, que em razão da sua grande difficuldade, e pouca amenidade são comparativamente poucos os que cultivão as Mathematicas: peloque nesta Classe nem todos os annos podem ser igualmente ferteis. Portanto passo em ultimo lugar a dar-vos conta dos trabalhos da Classe de Litteratura.

Lerão-se algumas interessantes Memorias do Sñr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho sobre os conhecimentos de alguns dos nossos Jurisconsultos a respeito do Direito das Gentes.

O Sñr. Sebastião Francisco de Mendo Trigoso lêo a traducção do segundo livro das Georgicas de Virgilio.

O Sñr. Manoel José Maria da Costa e Sá lêô huma Memoria, em que faz menção de alguns Escriptos do Ill.mo e Ex.mo Sñr. Martinho de Mello e Castro, e offereceo hum Manuscripto do mesmo Ministro de Estado.

O Sñr. Francisco Nunes Francklin lêo huma erudita Introducção, que deve accompanhar huma Memoria sua ácerca dos Foraes das Terras do Reino.

O Sñr. Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato entregou á Academia huma Obra, que lhe offerecia o Sñr. Desembargador Luiz Dias Pereira sobre a Historia e Direito das nossas Cortes, e juntamente todos os Manuscriptos, que ficárão ao dito Sñr. Desembargador por falecimento do Sñr. José Isidoro Olivieri, que mui dignamente havia occupado o distincto lugar de Reitor do Collegio Real de Nobres. O mesmo Sñr. Francisco Manoel Trigoso quiz encarregar-se de os ver, fazendo a sua redacção.

O Reverendo Sñr. Padre João Faustino offereceo da

par-

parte de hum Anonymo hum Glossario de palavras, e frases afrancezadas, ou estranhas, que se tem introduzido na lingua Portugueza.

O nosso Socio o Sñr. Doutor Antonio de Almeida tem remettido tres curiosas e interessantes Memorias Estatisticas de Penafiel.

O Sñr. Joaquim José Varella remetteo tambem huma Memoria Estatistica ácerca da notavel Villa de Monte Mor o Novo, pelo merecimento da qual julgou a Academia que o seu Author fosse admittido em o numero de Socio Correspondente. He claro quanto são importantes estes Escriptos; assim os houvesse de todo o Reino!

Offereceo o Sñr. Manoel José Pires huma Dissertação filosofica sobre ás linguas, pela qual foi eleito Socio Correspondente.

O Sñr. Manoel José Maria da Costa e Sá lêo huma Memoria para servir de illustração ao desenho das ruinas de huma Estatua de Cybele descuberta em Beja.

O Collegio Real de Nobres he possuidor de hum Cancioneiro manuscripto, obra, que parece ser dos primeiros tempos da nossa Monarchia. Entendeo a Academia, que faria hum significante serviço aos amantes das nossas cousas antigas, se delle pudesse tirar huma copia para se dar ao prelo: para o que recorreo ao Ill.mo e Ex.mo Sñr. Ricardo Raymundo Nogueira, Reitor do dito Collegio, o qual com a melhor vontade annuio á sua pertenção, encarregando-se elle mesmo de obter do Governo a faculdade para lho poder entregar. O Sñr. João da Cunha Taborda offereceo-se para copiar o mencionado Cancioneiro, o que a Academia acceitou agradecida. Ficou com a incumbencia de dirigir este trabalho o Sñr. Joaquim José da Costa de Macedo.

A Academia, que nunca póde esquecer a saudosa memoria de seu primeiro Presidente o Ill.mo e Ex.mo Duque de Lafões, a quem deveo tudo o que he, julgou unanimemente, que era do seu dever mandar fazer em marmore o seu respeitavel Busto, que será collocado nesta Sala das nossas

Ses-

Sessões publicas. Todos conheceráõ, que he huma justa gratidão, que he huma respeitosa saudade, e não baixa adulação, que já não póde ter lugar, quem inspirou á Academia estes sentimentos, que tão bem lhe ficão. Esta peça, que está quasi finalisada, he dirigida pelo habilissimo Sñr. Joaquim Machado de Castro, nosso Socio, já de longo tempo conhecido por outras de mui alto porte. He ella feita á custa dos Socios Academicos, que de muito bom grado querem todos concorrer para tal despeza, que, attento o numero dos concorrentes, será de certo insignificante.

Não devo deixar no escuro as dadivas, com que no decurso deste anno foi brindada a nossa Academia, que mui agradecida as recebeo; e são as seguintes: o Sñr. Doutor José Bonifacio de Andrada e Silva entregou duas Obras do Sñr. João Chrysostomo do Couto; huma he intitulada: *Elementos de Arithmetica*, a outra: *Elementos de Algebra.*

O Sñr. Manoel Pedro de Mello entregou da parte do Sñr. José Joaquim Rivara hum opusculo intitulado: *Resolução analytica de Problemas Geometricos.*

Offereceo o Ill.mo e Ex.mo Sñr. Principal Sousa por mão do nosso Vice-Presidente o Ill.mo e Ex.mo Sñr. Marquez de Borba huma medalha de oiro de Carlos V., que se achou nas ruinas de huma muralha de Castello Branco.

O Sñr. Francisco Xavier de Almeida Pimenta offereceo por mão do Sñr. José Feliciano de Castilho 36 medalhas Romanas de prata, que a Academia muito prezou.

O Sñr. João Pedro Ribeiro offereceo huma Obra sua intitulada: *Memoria para a historia das Confirmações Regias neste Reino.* O mesmo Snr. fez presente de outro Opusculo intitulado: *Erratas na Impressão da Legislação Extravagante.*

Nem de longe se esquecem da Academia os seus Socios amantes das Sciencias. Comprova esta verdade o que fez o Sñr. Thomaz Antonio de Villanova Portugal, que, sem embargo das suas ponderosas occupações, não se esqueceo de remetter do Rio de Janeiro por via do Sñr. Ale-

xandre Antonio das Neves, seu Irmão, hum caixote com varios mineraes, entre os quaes veio huma quantidade de Topazios, e Cristaes de rocha brancos e córados.

Outro tanto fez o Sñr. Desembargador Bernardino Teixeira, que remetteo huma formosa Druza de Quartzo cristalizado.

O Ex.mo Sñr. Bispo de Elvas presenteou a Academia com hum arco, e varias flexas dos Indios da Capitania de Pernambuco; e com huma especie de linho tirado de certa casta de palmeira, o qual pela sua rigeza deve ser mui proprio para cordas, e amarras. Delle mandou logo o Sñr. José Bonifacio de Andrada e Silva preparar hum pouco; e nos apresentou huma estriga por fiar, e hum novello fiado, cujo fio era de extraordinaria rigeza.

Os Senhores Redactores assim do *Investigador Portuguez*, como do *Jornal de Coimbra*, continuão a remetter-nos os seus Periodicos.

Bem quizera, Senhores, pôr de parte recordações funebres; mas devo por obrigação dizer-vos, que no espaço deste anno temos tido a dolorosa perda de alguns Socios, e Correspondentes, que muito nos honravão, e mui uteis nos erão. Em primeiro lugar pronunciarei o respeitavel nome do nosso Socio Honorario o Ex.mo e R.mo Sñr. Principal D. Francisco Raphael de Castro. Para a geração presente nada he preciso dizer das suas singulares virtudes; porque erão tantas e tão seguidas, que ninguem as ignora: mas paraque os vindouros saibão, que neste nosso infeliz tempo tambem houve, e ha benemeritos Varões, que a Providencia fez apparecer no mundo para modelos de virtudes, só direi, (pois mais me não cabe) que o Sñr. Principal Castro foi desde moço exemplar em urbano, grave, e modesto comportamento, de que nunca desmentio até o fim de seus dias. Como homem de letras, foi de extensos conhecimentos, e de mui apurado gosto; e como Ecclesiastico de mui alta veneração para todos. Foi Reitor da Universida-

dade de Coimbra, onde havia sido educado; e para o seu lustre, augmento, e boa ordem desejando fazer muito mais, fez da sua parte quanto pôde. Fui seu subdito nos primeiros annos do seu Reitorado, e posso de sciencia propria affirmar, que a sua intelligencia, zelo, e veneranda integridade o fazião amado e ao mesmo tempo respeitado de todos os Academicos; e he para desejar, que todos os seus successores o hajão de tomar por modelo.

Em segundo lugar nomearei o nosso Socio livre o Sñr. Jeronymo Soares Barbosa, Professor emerito de Eloquencia na Universidade de Coimbra. Gozou sempre de grande reputação em materias de Litteratura. Foi virtuoso Ecclesiastico, e geralmente respeitado.

Em terceiro lugar lamentarei a morte do nosso Socio veterano o Sñr. Pedro José da Fonceca, dignissimo Professor de Rhetorica e Poetica, ultimamente no Real Collegio de Nobres, em que foi aposentado pelas suas muitas molestias, e mui avançada idade; que foi toda (em quanto as forças lho concedêrão) empregada no ensino da mocidade, e em compôr para sua regular instrucção obras da primeira necessidade; as quaes não refiro, por serem geralmente conhecidas. Tive a fortuna de ser seu discipulo; e affirmo, que tendo tido depois tantos Mestres, nunca encontrei hum só, que desempenhasse melhor as obrigações das suas respectivas Cadeiras. Era incançavel o seu desvelo para o adiantamento dos seus discipulos; e era, sem se poder exceder, tão admiravel a sua digna urbanidade para com elles, que todos o amavão, e respeitavão. Faleceo, ou antes, despenou-o a Providencia dos tormentos da sua morbosa existencia a 8 do corrente mez: ninguem o tratou, que deixasse de prezar o seu caracter, e de reconhecer a sua erudição, conservando hoje delle vivas saudades.

Tambem tenho que lamentar a perda do nosso Correspondente da Academia, e da Instituição Vaccinica o Sñr. Doutor José Francisco de Carvalho, que morreo sem ter tocado o meridiano da vida. Pelas Memorias que remetteo,

as quaes lhe grangeárão a Carta de Correspondente Academico, mostrou a sua grande applicação, o seu bom senso, e até certa candura, que por si interessava. Não o conheci, mas foi o que passou por mim ao ler as suas Memorias, e Cartas.

Lamentarei por fim a falta do nosso Correspondente o Sñr. Vicente Antonio Esteves de Carvalho, que utilmente trabalhou para a Academia.

Vierão a concurso duas Memorias: huma a respeito da Descripção da Villa de Buarcos, a outra a respeito da Villa da Covilhã. Ambas não merecêrão a approvação da Academia.

Mereceo porém ser coroada, e terá o premio, conforme o Programma, huma *Memoria a respeito da cultura das batatas*, que remetteo o Sñr. José de Sousa e Freitas, a qual vinha acompanhada das Attestações exigidas.

Foi tambem apresentada huma Tragedia intitulada: *Os dois Irmãos inimigos*; mas como não viesse no tempo assignado para o concurso, deve ser entregue ao Author. A *Memoria sobre as Quantidades negativas* deve do mesmo modo ser entregue ao Author, por pertencer ao anno de 1817. Apparecem hoje impressas as Obras seguintes: a segunda Parte do IV. Tomo das *Memorias da Academia.* = *Elementos de Geometria* pelo Sñr. Francisco Villela Barbosa. = Segunda edição do *Ensaio Economico* do Ex.mo Sñr. Bispo d'Elvas. Ficão no prelo o Tom. IV. de *Ineditos de Historia Portugueza.* = Reimpressão do *Descobrimento da Frolida.*

Tenho concluido, Senhores, o meu Discurso; e muito receio, que vos tenha parecido longo e penoso; pois conheço, que por curto que seja qualquer caminho, se he arido e montanhoso, sempre enfada, e parece comprido. O que porém posso affirmar-vos, he, que despendi em o fazer o melhor do meu cabedal, não por motivo algum vanglorioso, mas sim porque tive sempre diante dos olhos o

aca-

acatamento devido ao respeitavel Auditorio, perante quem devia recita-lo. Huma cousa tenho para mim como certa, e he, que com fortes razões (embora fossem ellas bem ou mal expressadas) assaz mostrei, que a brutal ignorancia he o mais horrivel flagello da especie humana; e que sem a cultura das nossas faculdades intellectuaes, isto he, das Sciencias e das Artes suas filhas, as Nações nunca se libertão do misero estado de barbaridade, ou quasi barbaridade.

¿E onde he que se cultivão as Sciencias, e as Artes? ¿He por ventura nas Universidades? Não, Senhores; porque nellas sómente se ensinão seus Elementos. He sim nas Corporações de homens feitos e doutos (a que se tem dado o nome de Academias) onde ellas se arreigão, se fortificão, e dão finalmente frutos sazonados e abundantes. Por esta evidente e experimentada razão todos os Soberanos da Europa culta sempre efficazmente protegêrão as suas Academias, como astros brilhantes, que tem de alumiar o restante de seus Vassallos: eis-aqui o principal motivo, que leva o magnanimo Coração do nosso suspirado Principe a honrar-nos com tanta benevolencia. ¿E póde alguem dizer com verdade, que a nossa Academia não procura efficazmente desempenhar o primario fim do seu Instituto, que he o de ser util aos Portuguezes? ¿Nestes mesmos trabalhos, que vos referi, praticados no curto espaço de hum anno, não mostra ella, quanto se desvela em promover o Bem publico? ¿E qual he a sua recompensa? He a mais honrosa, e a maior possivel: he este mesmo Bem publico. Não afroxemos portanto, Senhores, na laboriosa carreira litteraria, que espontaneamente temos seguido; marchemos intrepidos; e não consintamos vigilantes, que a Ignorancia proteiforme deshonre a nossa chara e benemerita Nação, fazendo-a desgraçada.. Sejamos gratos ao Principe, que nos protege; uteis á Patria, que nos sustenta; e dignos dos louvores de todos os homens sensatos.

DISSE.

CON-

CONTA
DOS TRABALHOS VACCINICOS

Lida na Sessão Pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa aos 24 de Junho de 1816.

PELO DOUTOR

JUSTINIANO DE MELLO FRANCO.

HE neste fausto dia, Senhores, que a Instituição Vaccinica creada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa vos tem dado sempre conta dos seus philantropicos trabalhos desde o seu estabelecimento em Junho de 1812. Já por tres vezes, e neste mesmo lugar a historia annual deste benefico Instituto mereceo a vossa attenção; era porém narrada com mais arte, e engenho do que deveis esperar de mim, que pouco costumado a fallar em publico, e muito menos perante huma Assembléa tão sabia e respeitavel, bem reconheço quanto esta empreza he ardua, e superior ás minhas forças; e quanto devo ficar atraz dos meus sabios Collegas, que nos annos antecedentes tão dignamente occupárão este lugar.

Não he portanto com pomposas frases, nem com rasgos de eloquencia, que espero attrahir a vossa attenção, não sendo delles capaz a minha mal aparada penna; mas como estou certo das minhas tenues forças, appello unicamente para a veracidade, importancia do objecto, e vosso reconhecido patriotismo. Confiado portanto em motivos tão solidos espero, que attendais á interessante narração, que vou

vou fazer-vos; e que useis da vossa indulgencia com os poucos, e limitados talentos do Orador.

Não, Senhores, de certo me não negareis a vossa attenção, tendo eu de relatar-vos a continuação dos trabalhos, e progressos da Instituição Vaccinica, cujo zelo, e actividade tem este anno arrancado das garras da morte muitas victimas, que pelo contagio assolador das Bexigas naturaes lhe serião sacrificadas; as quaes, já votadas á sua devastadora fouce, forão pela simples, e innocente Vaccinação resgatadas com tanta utilidade do Estado. Devo fazer-vos conhecer, se a tanto as minhas forças chegarem, o zeloso patriotismo, que tem mostrado neste philantropico Serviço, não só os Empregados desta Instituição, mas tambem a maior parte dos seus Correspondentes nas Provincias; e não omittirei os trabalhos, e até sacrificios, a que esta Real Academia se tem sujeitado promovendo, e auxiliando tão efficazmente este incomparavel preservativo, cuja propagação em Portugal parece lhe estava reservada, para mais augmentar a sua gloria. Cumpre-me por ultimo fazer-vos o esboço das providencias, que o nosso sabio Governo, que tanto se esmera em promover o bem publico, a este respeito nos liberalisou, paraque com mais estabilidade, se propague o beneficio da Vaccina, a qual com progressivos passos se vai estabelecendo; e com prazer vos annuncio, que já esta dadiva preciosa da Providencia se vai generalisando em diversas Capitanias do Brasil; como tambem, que em alguns lugares de Portugal não ha já para vaccinar, senão os recem-nascidos; o que por outras palavras quer dizer, achão-se extinctas nestes lugares as hediondas Bexigas naturaes.

Desejára neste momento possuir o dom de pathetica eloquencia, para dignamente tecer os devidos elogios a tão patrioticos feitos, excitando nos vossos corações o mesmo, que no meu sinto, huma sincera gratidão, que he devida ao Excelso PRINCIPE, que nos rege, e á sabia Corporação, que por Elle protegida não cessa de espalhar por toda a

par-

parte as suas beneficas luzes. Graças pois sejão dadas ao nosso Paternal PRINCIPE: graças ao patriotico zelo dos que gratuita, e voluntariamente se occupão neste interessante serviço: graças finalmente á docil, e natural obediencia, que os bravos e fieis Portuguezes consagrárão sempre aos seus Soberanos.

Diminuir os males, que opprimem a Humanidade, salvar a bem da Patria vidas preciosas, extinguir hum contagio, que com razão tem alguns reputado mais devastador, que a mesma peste; e conseguir por fim estes inestimaveis bens por tão facil, e suave meio, qual he o da vaccinação, são de certo objectos, que offerecem hum vasto assumpto, com que vos poderia entreter por largo tempo; mas elle me faltaria para vos informar do que se tem passado, que he a minha principal incumbencia.

Passo portanto a narrar-vos em resumo fiel o que tem acontecido a respeito da vaccinação em Portugal, desde a ultima Sessão publica até ao dia de hoje; e de passagem direi o que della sabemos no Brasil, segundo tem chegado ao conhecimento da Instituição.

Constará o meu Discurso de duas partes: na primeira exporei os progressos, que tem feito a vaccinação durante este anno passado, e o estado em que presentemente se acha: nem deixarei no escuro os nomes dos que mais se tem distinguido neste serviço. Na segunda tratarei de algumas observações, que forem mais dignas de notar-se senão por novas, ao menos por corroborarem as já observadas.

PARTE PRIMEIRA.

Quando passo pela memoria as efficazes providencias, que nos differentes paizes da Europa forão empregadas para estabelecer o grande descobrimento do immortal Jenner; e quando me recordo das grandes, e diversas difficuldades, que desde o seu principio se lhe tem opposto, sou de opinião, que he seguramente em Portugal, onde a Vaccina tem fei-

feito mais rapidos progressos, e achado menos opposição. Todos sabem, que em Inglaterra Sociedades philantropicas estabelecêrão desde logo Instituições, onde se vaccinava gratuitamente; e não se descuidárão de lhes assignar pensões sufficientes para gratificar os Empregados, e fazer as mais despezas que convinhão. Nem alli se negárão assim o Clero, como outras pessoas de representação, á empreza de exhortar os povos, paraque quizessem utilizar-se de tão grande beneficio: mas não obstante todas estas tão bem combinadas providencias, sempre alli houve, e ainda hoje ha incredulos pertinazes, que desprezão este efficaz, e benefico preservativo. Destes me não admiro, pois semelhantes aos cegos, não atinão com o verdadeiro caminho; admiro-me sim de que haja Facultativos, que declamando contra a Vaccina, sem terem a menor consideração pelas mui repetidas, e veridicas observações dos seus Collegas, parece que mercantilmente desejão, que lavrem epidemias de Bexigas: mas ¡ que horror para a humanidade! Estes querem, que tamanho mal persista, e aquellas Instituições forcejão por extingui-lo. Em França, em Allemanha, na Suecia &c. generalisou-se, he verdade, a vaccinação; mas foi necessario obrigar os Povos directa, ou indirectamente, a que recebessem este beneficio, que a sua ignorancia não sabia avaliar. Houve naquelles illuminados paizes obstaculos sobre obstaculos para a propagação da Vaccina; ¿ e como poderia ella deixar de os encontrar mais ou menos em Portugal? Mas graças á docilidade dos Portuguezes, todos elles se tem quasi plenamente vencido; pois até os seus mesmos oppositores vão cedendo á força da evidencia; e he hum forçado silencio o ultimo abrigo a que recorrem.

Para provar que em Portugal a Vaccina fez rapidos progressos, bastará lembrar-vos, que muita gente buscou aproveitar-se deste descobrimento, assimque teve delle noticia; e que houve logo Facultativos, que o puzerão em prática. O Sñr. Antonio de Almeida, Medico em Penafiel, benemerito Correspondente desta Real Academia, e da In-

stituição Vaccinica, assim o confirma nos seus *Annaes Vaccinicos*, que vão ser publicados. Passado algum tempo o nosso Augusto PRINCIPE, capacitado da infalivel virtude deste preservativo, cheio de confiança nos Medicos, que tinha a seu lado, e conservando ainda fresca a fatal ferida, que as Bexigas natuaes acabavão de abrir em seu coração com a morte de seu Filho primogenito, tomou a resolução de mandar vaccinar os demais Serenissimos Infantes, para os livrar de outro semelhante golpe. Não foi, nem era preciso mais para se perder em grande parte a desconfiança, que muitos tinhão arespeito de hum descobrimento tão moderno.

Deste modo progredia entre nós a Vaccinação, sem haver huma lei coáctiva, que a isso obrigasse, nem hum Instituto publico para este fim. De certo não tardaria muito a organisação de taes estabelecimentos, se a desastrosa invasão dos oppressores da humanidade não viesse perturbar o nosso socego, obrigando a Familia Real a abandonar-lhes seu Reino, e a refugiar-se nos seus vastos, e seguros Dominios Ultramarinos. Portugal então opprimido, e afflicto perdeo de vista tudo o que não foi sacudir o ferreo jugo, que perfidamente lhe havião posto: e eis-aqui a causa do eclipse da Vaccina por alguns annos. Por estes tristes acontecimentos ficou como esquecida, e como suffocada entre nós esta tão util prática da Vaccinação. Logo porém que a expulsão dos perfidos conquistadores nos promettia mais serenos dias; e que o valor dos nossos invictos Guerreiros nos seguravão huma paz mais permanente, esta Real Academia creou no seu seio a Instituição Vaccinica, a qual unicamente com persuasão, e exemplo tem adquirido muitos Correspondentes, cujo numero já sobe a mais de cem; os quaes cuidadosamente tem espalhado este maravilhoso antidoto por quasi todo o Reino. Com grande prazer vos annuncio, que ao zelo destes benemeritos Vassallos deve o Estado este anno 17:611 pessoas que tiverão verdadeira vaccina. Tiverão-na duvidosa 3:000; e neste numero devem entrar

trar os que depois de servidos, não voltão para serem observados: mas, segundo hum calculo mais aproximado, destes metade tem vaccina verdadeira; e eis-aqui 18:111 individuos salvos da cruel molestia variolosa; e nesta conta não entra o grande numero de pessoas, que particularmente se vaccinão; das quaes a Instituição só póde fazer idéa pelo grande numero de laminas com virus vaccinico, que frequentemente se lhe pede, sem poder averiguar o resultado.

Para melhor mostrar os progressos, que tem feito a Vaccinação, em Portugal, cumpre-me dizer em breve o numero dos vaccinados nos annos antecedentes.

No anno de 1813 tiverão Vaccina verdadeira - -	3:323
Em 1814 do mesmo modo Vaccina verdadeira -	8:527
Em 1815 igualmente Vaccina verdadeira - - -	12:305
Em 1816, anno de que dou conta, tiverão-na tambem verdadeira - - - - - - - - - - - -	18:111
He o total - - - - - - - - - - - - - -	42:266

Tem portanto augmentado annualmente o numero de vaccinados em Portugal, e neste anno ha o excesso de 5:806 comparativamente com o anno passado; sendo a somma total dos vaccinados nos quatro sobreditos annos na Instituição Vaccinica, ou mediante as suas diligencias nas Provincias, 42:266, sem que nesta conta seja comprehendido algum, dos muitos, que se vaccinão, de que a Instituição não tem noticia.

Não he só em Portugal, que a Vaccinação tem feito progressos. O Snr. Manoel José Maria da Costa e Sá, Correspondente da Academia, remetteo á Instituição huma mui interessante Memoria sua sobre a pratica da vaccinação no Brasil, a qual era acompanhada de varios documentos, que attestão os grandes progressos, que ella tem feito naquelles vastos paizes, onde as Bexigas naturaes fazem maiores

estragos, que na Europa. Consta destes documentos, que examinei, e que pertencem aos annos de 1803 até 1806, terem sido vaccinados 13:070 individuos: e só na Capitania de S. Paulo se vaccinárão 11:640 segundo hum mappa fidedigno, por baixo do qual se lê a seguinte advertencia: = Além dos mencionados nas relações, são incalculaveis as pessoas, que de todas as idades se tem vaccinado particularmente, tanto nesta Cidade, como em todas as Villas desta Capitania. = Em 6 de Fevereiro de 1806 escreve o Fysico Mór da Capitania de S. Paulo ao Governador, e Capitão General da mesma o Ex.mo Snr. Antonio José da França e Horta, que finalmente se achava a Vaccina notavelmente estabelecida naquella Capitania. Por huma carta datada da Bahia a 2 de Junho de 1805 do Snr. Barboza ao Snr. Theodoro Ferreira de Aguiar, consta que se promovia a Vaccinação, não só vaccinando na residencia do Governador, sendo já o numero dos vaccinados 1:300, mas tambem remettendo vaccina para Pernambuco, e Maranhão. Conclue a carta dizendo: = As Bexigas fizerão huma pausa notavel, e apenas apparece huma, ou outra victima da incredulidade, e ignorancia. He de esperar, que em poucos annos nos vejamos livres deste horrivel flagello da Humanidade.

Não devo passar avante sem vos dizer, que he ao Ex.mo Snr. Conde d'Anadia, cujas luzes, e virtudes tão conhecidas erão, e tão uteis forão ao Estado, que o Brasil he devedor deste grande beneficio de que está gozando. Este circumspecto Ministro de Estado, logoque começou a reger a Repartição da Marinha, tomou sobre maneira a peito o estabelecimento da Vaccina no Ultramar; e com repetidos Avisos, e instancias conseguio o desejado fim. Lamentemos portanto a sua perda, e seja por nós sempre venerada sua saudosa memoria.

Sem embargo de serem estes progressos assaz consideraveis, ainda parecêrão diminutos aos bons desejos desta Real Academia; que levada deste patriotico zelo pedio a S. A. R. que lhe concedesse huma loteria, cujo producto fos-

fosse applicado ás despezas da Vaccinação; e a esta petição o mesmo Augusto Senhor houve por bem annuir mandando passar hum Aviso em data de 22 de Junho de 1815, expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, paraque a Academia pudesse fazer huma loteria do capital de 50 contos de reis, ficando de beneficio 12 por cento; os quaes a mesma Academia dirigisse, e administrasse segundo o Plano, que ella devia fazer para ser approvado por S. A. R.

Para este fim a Academia nomeou huma Commissão composta dos benemeritos Socios os Senhores Francisco Manoel Trigozo de Aragão Morato, Alexandre Antonio das Neves, Francisco de Mello Franco, e Bernardino Antonio Gomes, incumbindo-lhes o projecto do Plano tanto para a execução da loteria, como para a administração do producto della. O trabalho destes dignos Socios mereceo a approvação da Academia, a qual o sujeitou ao superior Beneplacito de S. A. R., que foi servido permittir a execução do dito Plano. Seria mui extenso, e fastidioso, se aqui pertendesse fazer-vos miudamente a exposição das providencias, e dos meios que contem o dito Plano para a propagação da Vaccina. Exporei unicamente em summa, o que me parece mais digno de merecer a vossa attenção. Vendo a Commissão, que era impraticavel estabelecer logo de repente a Vaccina por todo o Reino, assentou principiar pelas dez Commarcas seguintes: Santarem, Castello Branco, Trancozo, Braga, Vianna, Villa Real, Evora, Beja, Tavira, e Guimarães; estabelecendo em cada huma destas Cidades e Villas principaes huma como Instituição sujeita á de Lisboa; a qual he composta de dois Facultativos, onde for possivel, Medico, e Cirurgião, assimcomo tambem do respectivo Parocho, que deve assistir nos dias de Vaccinação, nos quaes vencem todos suas decentes gratificações. Ao Corregedor he incumbida a direcção destes Institutos, assimcomo espalhar a vaccina por toda a Commarca, até mesmo faze-la chegar aos lugares mais distantes, por meio de Vac-

Vaccinadores ambulantes, que deve nomear; e para pagamento dos quaes o Plano arbitrou huma quantia competente. Todas as despezas são feitas pelo Corregedor, o qual no fim de cada trimestre deve dar conta á Instituição. Outra somma arbîtra o mencionado Plano para premios dos Correspondentes, que mais se distinguirem no serviço vaccinico, e de que logo vos darei conta. Não posso por ora dizer muito a respeito dos progressos deste novo Plano, por haver mui pouco tempo, que está em execução; mas posso affimar, que em Evora, Villa Real, e Castello Branco se tem dado já principio a este util trabalho; e he de esperar, que tenha feliz resultado, pelo desvelo, e actividade com que estes Corregedores, e facultativos procurão dar cumprimento ás Ordens de S. A. R.

Devendo agora dar-vos noticia dos Correspondentes, que maiores, e mais continuados serviços tem feito, para não abusar da vossa indulgencia fazendo huma narração nominal de todos elles, só direi, que a Instituição tem reconhecido em todos as mais louvaveis intenções, e que se alguns não tem apresentado maior numero de vaccinados he por se não haverem proporcionado as circumstancias, ou por terem achado mais resistencia nos Povos. Entre elles porém ha alguns de quem não poderia deixar de fallar, sem incorrer no crime de ingratidão a seus tão desvelados serviços. Os seus nomes já vos são conhecidos, pois ha muito que occupão o mais distincto lugar nos Fastos da Instituição.

Em primeiro lugar devo com particularidade fazer menção do Sñr. Doutor José Feliciano de Castilho, Membro desta Instituição, o qual com o maior zelo, sagacidade, e constancia tem sabido destramente vencer em Coimbra, sua residencia, os obstaculos, que o Povo com a sua natural incredulidade, e indolencia lhe oppunha. Este benemerito Membro da Instituição recorreo ao Corregedor da Commarca o Sñr. José Maria Forjaz, em quem achou extraordinario interesse pelo bem da Humanidade, efficaz ze-

lo

lo pela felicidade do Estado, e fiel exacção no cumprimento das Ordens do Soberano. Deste modo se effeituou o bem combinado Plano proposto pelo nosso Consocio, do qual tem resultado os melhores effeitos não só em Coimbra, mas em toda a Commarca; e assim tendo sido assaz grande o numero dos seus vaccinados no anno passado, foi muito maior depois da sua chegada a Coimbra em Outubro proximo preterito. Desde logo recorreo aos Capitães Móres, paraque com a sua authoridade mandassem á vaccinar por companhias aquelles dos seus subditos, que ainda não tivessem tido Bexigas: e por este facil meio conseguio fazer geral a vaccinação; tanto assim que desde Junho de 1815 até Junho ultimo trimestre de 1816 chegou o numero de vaccinados na Commarca de Coimbra a 5:931.

O bom exito dos trabalhos deste benemerito Membro excitárão á Academia a lembrança de pedir ao nosso Governo, que se expedissem ordens aos Capitães Móres para auxiliarem, e promoverem a vaccinação; o que foi immediatamente concedido, e posto em execução.

Não devo tambem esquecer o nome da Ill.ma Senhora D. Maria Isabel Wanzeller, e da Senhora D. Angela Tamagnini. Estas virtuosas Senhoras tem tomado, desde o principio da Instituição, o maior interesse por este ramo de beneficencia publica, e vão com exemplar zelo continuando os seus trabalhos vaccinicos, e offerecendo á Instituição mui importantes serviços.

Teria muitos nomes que referir-vos, se não temesse cançar a vossa attenção, e se vos não devesse nomear os que forão premiados pelos serviços deste anno; pela qual narração vereis os que merecêrão mais particularmente a approvação da Instituição.

Os Senhores premiados forão os seguintes:
José Ignacio Pereira Derramado, Medico em Portel.
José Fradesso Bello, Cirurgião Mór em Elvas.
Francisco Xavier de Almeida Pimenta, Medico no Sardoal.
José Ignacio da Silva, Cirurgião em Estremoz.

João

João Antonio Rodrigues de Oliveira, Cirurgião em Lamego.
Antonio de Almeida, Medico em Penafiel.
Antonio José de Almeida, Medico em Mafra.
José Joaquim Michoti, Cirurgião na Villa do Rodondo.
José Duarte Sallustiano Arnaud, Medico no Porto.
José Nunes Chaves, Medico em Villa Nova de Portimão.
Francisco Maria Roldão, Cirurgião em Villa do Cano.
João Antonio dos Santos Cordeiro, Cirurgião em Monforte.
Fr. Simão de Jesus Maria, Vigario da Freguezia de Paço de Sousa.
José Francisco de Carvalho, Medico em Lagos.

Não posso deixar de vos communicar, que ha pouco perdeo a Instituição pela lamentavel morte deste digno Correspondente que por ultimo nomeei, hum grande, e zeloso collaborador ainda na flor dos seus annos; Lagos deixou de ter hum habil Medico, e a sua Viuva, e filhos tem de chorar a falta de hum bom Pai de familias. Elle até os ultimos dias da sua vida, já gravemente doente, promoveo a Vaccinação, quanto cabia nas suas debeis forças; e aos seus trabalhos se deve ainda este anno hum avultado numero de vaccinados. Trabalhou, e foi util á Patria até acabar: e porque as letras pouco fundem, e morreo ainda moço, a sua familia ficou quasi ao desamparo. Foi por isso, que a Instituição tendo em lembrança os seus serviços, e sabendo a desgraça da Viuva, lhe remetteo em numerario o valor do premio, que lhe estava determinado em livros.

A Ill.ma Senhora D. Maria Isabel Wanzeller tambem foi contemplada no numero dos premiados.

Foi nomeado Correspondente, e obteve o competente Diploma o Ill.mo e Ex.mo Sñr. Carlos Frederico Lecor, Tenente General, Commandante da Divisão de Voluntarios Reaes do Principe. Este habil General fez vaccinar muitos dos seus Soldados nos ultimos dias da sua partida, e deo as ordens necessarias, paraque a vaccinação continuasse duran-

rante a viagem. Forão conferidos Diplomas em razão de reconhecidos serviços vaccinicos aos Senhores

Francisco Zefyrino Mendes, Cirurgião em Estremoz.

Joaquim Gomes Barrozo, Cirurgião em Santa Leocadia de Pedra furada.

José Maria Pereira de Sousa, Cirurgião Mór do Regimento de Cavallaria N. 8 em Niza.

Francisco Maria Roldão, Cirurgião em a Villa do Cano.

PARTE SEGUNDA.

Poucas são no decurso deste anno dignas de attenção as observações medicas a respeito da Vaccina, porque todas tem sido constantemente observadas, e muito conhecidas. Aquellas mesmas, em que se encontra alguma novidade, serião fastidiosas, se agora as referisse. Tenho portanto mui pouco que dizer-vos nesta segunda parte do meu Discurso, e limito-me ao seguinte. Não houve caso algum desastroso na vaccinação por todo o Reino: nem vaccinado algum veio a ter Bexigas naturaes, ainda expondo-se a todas as occasiões de as ter. Não consta alem disto, que a Vaccina fosse para algum de mais incommodo, doque o de hum simples defluxo, ainda mesmo em pessoas adultas, que por via de regra mais se resentem de seus effeitos, os quaes, quando muito, são de leve padecimento; e muitas vezes os que se tomão por consequencias, ou symptomas do virus vaccinico não são mais doque affecções morbosas, que ou casualmente coincidem, ou são despertadas pela revolução, que elle causa no organismo animal, o que julgo ficar provado pelas numerosas observações de mui dignos Correspondentes nossos = Que a vaccina tem sarado varias molestias, principalmente cutaneas até então renitentes = Tem sido tambem por elles observado, que a vaccina corre os seus costumados periodos, ainda quando o vaccinado padece alguma molestia. O Snr. Doutor José Feliciano de Castilho he hum dos que referem ter observado vaccina boa,

e regular sem embargo dos individuos padecerem Aftas, Febres intermittentes, Escarlatina no quarto dia, e tambem na convalescença, Furunculos causados por sarna, Inflammações na face, Diarrheas, Tosses, Crusta lactea, Sarampo na convalescença, e outro, que appareceo no dia immediato depois da vaccinação, Ascites, Rheumatismo, e diversas erupções cutaneas. Segundo me parece serve tudo isto de huma prova evidente, de que a pratica da vaccinação não tem o menor risco, e he tão seguro preservativo das Bexigas como ellas mesmas. Praza aos Ceos, que todos se capacitem desta verdade, e venhão de bom grado receber a grande dadiva, que a Providencia quiz fazer á Humanidade, em cuja propagação tanto se esmera esta Real Academia, que tantos auxilios tem obtido do nosso philantropico Governo.

DISSE.

PROGRAMMA
DA
ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
DE LISBOA,

ANNUNCIADO NA SESSÃO PUBLICA DE 24 DE JUNHO DE 1816.

Para o anno de 1818.

NAS SCIENCIAS NATURAES.

EM FYSICA. A Monographia das videiras cultivadas em alguma das Comarcas do Reino mais abundantes em vinho: a qual comprehenda não só as suas variedades, synonimia, e os destrictos onde principalmente estão em uso; mas tambem as qualidades de terrenos que lhes são mais proprios, e a do vinho que produzem.

EM ECONOMIA RURAL, E DOMESTICA. Que partido se póde tirar em Portugal da sementeira das couves para sustento do Gado? Quaes são as especies, ou variedades mais proprias para este fim? Qual o melhor methodo da sua cultura em grande? comprovado tudo com experiencias, em que estejão exactamente marcadas as despesas e productos.

EM MEDICINA. Quaes são as causas fysicas, moraes, ou dieteticas, que tem feito, ha annos, notavelmente frequentes nesta Capital as Apoplexias; quaes são os signaes precursores desta enfermidade; quaes os modos de a evitar; e quaes os meios, e methodo de a curar. Este methodo deve ser apoiado em algumas Observações do Autor da Memoria.

Assumpto de premio extraordinario.

A descripção e modelo de hum Aparelho destilatorio, o qual, tendo-se em vista os principios de Eduard Adam, *seja com tudo de tal sorte simplificado, que pelo seu modico preço possa servir para as operações em pequeno.*

N. B. Além do premio ordinario pagará a Academia as despesas que se tiverem feito com o modelo do Lambique, que merecer o premio.

Assumptos fixos para todos os annos.

I. *A Descripção Fysica de alguma Comarca, ou Territorio consideravel do Reino, ou Dominios Ultramarinos, que comprehenda a Historia da Natureza do Paiz descripto.*

II. *A Descripção Economica de alguma Comarca, ou Territorio consideravel do Reino, feita conforme o Plano adoptado pela Academia para a visita da Comarca de Setubal, e que se publicou no Tom. III. das suas* Memorias Economicas.

III. *A Topografia Medica de huma grande Povoação (Cidade, ou Villa notavel) de Portugal: segundo o Plano indicado na* Histoire & Mémoires de la Societé Royale de Medicine. Prefac. *p. XIV. Tom. I.*

Para o anno de 1818.

NAS SCIENCIAS EXACTAS.

EM ANALYSE. Dar a demonstração das Formulas propostas por Wronskî *para a Resolução geral das Equações.*

EM ASTRONOMIA. Huma Traducção do Tratado de Pedro Nunes, de Crepusculis, *com as Illustrações que merece a Obra e o Autor della.*

EM

EM MECANICA. Dar a construcção de hum moinho, de pouco custo, que possa pelo menos fornecer a farinha sufficiente ás necessidades de huma familia: sendo o pendulo o motor principal.

Para o anno de 1818.

NA LITTERATURA PORTUGUEZA.

EM LINGOA PORTUGUEZA. Qualidades, Estilo, e Lingoagem dos tres Historiadores Fernão Lopes, Gomes Eannes, e Ruy de Pina.

O Juizo Critico da Obra de Duarte Nunes de Leão, *intitulada* Origem da Lingoa Portugueza, *na parte em que trata dos Vocabulos Portuguezes que se tirárão d' outras lingoas; com o exame especial do Cap. 22 em que o Autor suppõe, que os Portuguezes, tendo tomado muitos vocabulos dos Povos mais remotos, tirárão mui poucos dos Castelhanos.*

EM HISTORIA PORTUGUEZA. Ensaios Historicos sobre a Cidade de Lisboa e seus arredores, que contenhão a noticia dos factos memoraveis, que occorrerão em alguns sitios ou lugares d'aquelle territorio; e que por estes factos fação conhecer, quanto seja possivel, as antigas Leis, costumes, e caracter da Nação.

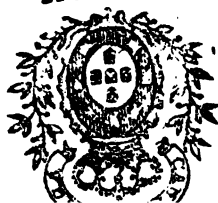
Que autoridade teve entre nós o Codigo dos Visigodos desde o principio da Monarchia; quando cessou essa autoridade, e por que causas?

Huma Historia dos Monumentos sepulcraes de Lisboa, isto he, huma Collecção de quantos se achão nesta Capital; com a exposição dos factos de que podem servir de prova ou de illustração.

Assumptos fixos para todos os annos.

EM POESIA, E THEATRO NACIONAL. Huma Tragedia Portugueza.

Huma Comedia de caracter em verso, ou em prosa.

As-

Assumpto de premio dobrado sem limitação de tempo.

Huma Grammatica Filosofica da Lingoa Portugueza.

Os Premios ordinarios consistem em huma medalha de ouro do peso de 50$000 réis, ou este valor: e todas as Pessoas podem concorrer a elles, á excepção dos Socios Honorarios, e Effectivos da Academia. Abaixo destes premios principaes, propõe a Academia tambem a honra do *Accessit*, que consiste em huma Medalha de prata; e ainda abaixo desta, a menção honorifica da Memoria que só disso se fizer digna; a qual menção será feita nas Actas e Historia.

As condições geraes para todos os Assumptos propostos são: Que as Memorias, que vierem a concurso, sejão escritas em Portuguez, sendo os seus Autores naturaes destes Reinos; e em Latim, ou em qualquer das Lingoas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo os Autores Estrangeiros: Que sejão entregues na Secretaria da Academia por todo o mez de Maio do anno em que houverem de ser julgadas: Que os nomes dos Autores venhão em carta fechada, a qual traga a mesma divisa que a Memoria, para se abrir sómente no caso em que a Memoria seja premiada: E finalmente que as Memoria premiadas não possão ser impressas, senão por ordem, ou com licença expressa da Academia; condição que igualmente se estende a todas as Memorias, que não obtendo Premio, merecem comtudo a honra do *Accessit*. Porém nem esta distincção, nem a adjudicação do Premio, nem mesmo a publicação determinada, ou permittida pela Academia, deverão jámais reputarse como argumento decisivo, de que esta Sociedade approva absolutamente quanto se contiver nas Memorias, a que conceder qualquer destes signaes de approvação; porém sómente como huma prova, de que no seu conceito desempenhárão, senão inteiramente, ao menos a parte mais importante dos Assumptos propostos.

LIS-

LISTA DOS SOCIOS

Da Academia Real das Sciencias em Junho de 1817.

PROTECTOR

ELREI NOSSO SENHOR.

PRESIDENTE

O SERENISSIMO SENHOR INFANTE D. MIGUEL.

Vice-Presidente

Fernando Maria José de Sousa Coutinho Castello-Branco e Menezes, Marquez de Borba.

Socios Honorarios.

S. A. R. o Principe de Galles, Regente do Reino unido da Grã-Bretanha.
S. A. R. o Duque de Sussex.
Antonio de Araujo de Azevedo, Conde da Barca, - - - - - - - - - - - - - - *no Rio de Janeiro.*
Arthur Wellesley, Marquez de Wellington, Duque da Victoria, - - - - - - - - - *em França.*
Carlos Stuard - - - - - - - - - - - - *em Paris.*
D. Domingos de Sousa Coutinho, Conde do Funchal, - - - - - - - - - - - - - *em Roma.*
D. Duarte Manoel, Marquez de Tancos, - *em Lisboa.*
Fernando Maria José de Sousa Coutinho Castel-

tel-

tello Branco e Menezes, Marquez de Borba, Vice-Presidente, - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Fernando Telles da Silva e Menezes, Marquez de Penalva, - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Francisco de Mello da Cunha de Mendoça e Menezes, Marquez de Olhão, - - - - *em Lisboa.*
D. Fr. Joaquim de Santa Clara, Arcebispo de Evora, - - - - - - - - - - - - - *em Evora.*
D. José Antonio de Menezes e Sousa (Principal Sousa) - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
D. José Maria de Mello, Bispo Inquisidor Geral, *em Lisboa.*
Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio e Mendoça, Conde de Barbacena, - - - - - - *em Lisboa.*
D. Miguel Pereira Forjaz - - - - - - - *em Lisboa.*
D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes, Marquez de Marialva, - - - - - - - - - *em Paríz.*
D. Pedro de Sousa Holstein, Conde de Palmella, *em Londres.*

Socios Estrangeiros.

Antonio Lourenço de Jussieu - - - - - - - *em Paríz.*
Frederico Bouterwek - - - - - - - - - - *em Gottinga.*
Jaime Edward Smith - - - - - - - - - - *em Londres.*
José Banks - - - - - - - - - - - - - - *em Londres.*
José Francisco de Jacquim (Barão de Jacquim) *em Vianna d'Austria.*
D. Manoel Abella - - - - - - - - - - - - *em Madrid.*
Renato Justo de Hauy - - - - - - - - - *em Paríz.*
Ricardo Antonio de Salisbury - - - - - - *em Londres.*

Socios Veteranos.

Adrião dos Santos - - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Agostinho José da Costa de Macedo - - - *em Lisboa.*

An-

Antonio Ribeiro dos Santos - - - - - - - *em Lisboa.*
João Antonio Dalla-Bella - - - - - - - - *em Padua.*
Joaquim Pedro Fragoso - - - - - - - - - *em Lisboa.*
José Martins da Cunha Pessoa - - - - - - *em Lisboa.*
Manoel Luiz Alvares de Carvalho - - *no Rio de Janeiro.*

Socios Effectivos.

Na Classe de Sciencias Naturaes.

Alexandre Antonio das Neves, Guarda Mór dos
Estabelecimentos da Academia, - - - - *em Lisboa.*
Bernardino Antonio Gomes - - - - - - - *em viagem.*
Constantino Botelho de Lacerda Lobo - - - *em Coimbra.*
José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario
da Academia, - - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
José Correa da Serra - - - - - - - - - *em Filadelfia.*
José Pinheiro de Freitas Soares - - - - - - *em Lisboa.*
Sebastião Francisco de Mendo Trigozo, Vice-
Secretario da Academia, - - - - - - - *em Lisboa.*
. . . .

Na Classe de Sciencias Exactas.

Anastasio Joaquim Rodrigues - - - - - - *em viagem.*
Francisco de Borja Garção Stockler - - *no Rio de Janeiro.*
Francisco de Paula Travassos - - - - - - *em Lisboa.*
João Faustino, da Congregação do Oratorio, - *em Lisboa.*
José Maria Dantas Pereira - - - - - *no Rio de Janeiro.*
José Monteiro da Rocha - - - - - *a S. José de Ribamar.*
Mattheus Valente do Couto, Director da Classe, *em Lisboa.*
. . . .

Na Classe de Litteratura Portugueza.

Antonio Caetano do Amaral - - - - - - - *em Lisboa.*
Antonio das Neves, da Congregação do Oratorio, *em Lisboa.*
Francisco Manoel Trigozo de Aragão Morato,
Director da Classe, - - - - - - - - *em Lisboa.*
João Pedro Ribeiro - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Joaquim de Santo Agostinho de Brito França
Galvão - - - - - - - - - - - - - - *em Lustosa.*
Joaquim José da Costa de Macedo, Thesoureiro da Academia, - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Manoel de Almeida e Vasconcellos, Visconde
da Lapa, - - - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Thomaz Antonio de Villanova Portugal - *no Rio de Janeiro.*

Socios Livres.

Alexandre Antonio Vandelli - - - - - - - *em Lisboa.*
Antonio de Almeida - - - - - - - - - *em Penafiel.*
Antonio de Araujo Travassos - - - - - - *em Lisboa.*
Cypriano Ribeiro Freire - - - - - - - - *em Lisboa.*
Felix de Avellar Brotero - - - - - - - - *na Ajuda.*
Francisco José de Almeida - - - - - - - *em Lisboa.*
Fr. Francisco de S. Luiz - - - - - - - - *em Coimbra.*
Francisco de Mello Franco - - - - - - - *em viagem.*
Francisco Pires de Carvalho e Albuquerque - *em Lisboa.*
Francisco Ribeiro Dosguimarães, Substituto de
Effectivo, - - - - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Francisco Simões Margiochi - - - - - - - *em Lisboa.*
Francisco Soares Franco - - - - - - - - *em Coimbra.*
Francisco Villela Barbosa - - - - - - - - *em Lisboa.*
João Antonio Salter de Mendoça - - - - *em Lisboa.*
João Diogo de Barros, Visconde de Santarem, - - - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*

João

João Evangelista Torriani - - - - - - - *em Lisboa.*
D. João de Magalhães e Avellar, Bispo do Porto, - - - - - - - - - - - - - - - *no Porto.*
João Silverio de Lima - - - - - - - - - *em Santarem.*
Joaquim José Ferreira Gordo (Monsenhor Ferreira) Substituto de Effectivo, - - - - *em Lisboa.*
Joaquim Pedro Gomes de Oliveira - - - - *em Santarem.*
José Antonio de Sá - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
José Correa Picanço - - - - - - - *no Rio de Janeiro.*
D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo de Elvas, - - - - - - - - *em Lisboa.*
José Maria Soares - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
D. José Maria de Sousa Botelho - - - - *em Pariz.*
Justiniano de Mello Franco - - - - - - - *em viagem.*
Luiz Maximo Alfredo Pinto de Sousa, Visconde de Balsemão, - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Manoel Ferreira da Camera Betancourt - *no Rio de Janeiro.*
Manoel Pedro de Mello - - - - - - - - *em Coimbra.*
Marino Miguel Franzini - - - - - - - - *em Lisboa.*
Pedro José de Figueiredo - - - - - - - - *em Lisboa.*
Pedro de Mello Breyner - - - - - - *no Rio de Janeiro.*
Ricardo Raymundo Nogueira - - - - - - *em Lisboa.*
Timotheo Lecussan Verdier - - - - - - - *em Pariz.*

Correspondentes.

D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, Bispo de Angra, - - - - - - - - - - - - - *em Angra.*
Balthasar da Silva Lisboa - - *em a Villa dos Ilheos no Brasil.*
Bento Affonso Cabral Godinho - - - - - *em Evora.*
Fr. Bento de Santa Gertrudes Magna, *no Mosteiro de S. Bento da Saude, no Porto.*
Caetano Arnaud - - - - - - - - - - *em Chacim.*
Diogo de Toledo Lara Ordoñes - - *no Rio de Janeiro.*
Egydio Patricio do Couto - - - - - - - *em Lisboa.*

Felix José Marques - - - - - - - - - *em Lisboa.*

Francisco Alexandre Lobo - - - - - - - *em Coimbra.*

Francisco Correa da Silva e Sequeira - - - *em Londres.*

Francisco Elias Rodrigues da Silveira - - - *em Lisboa.*

Francisco Nunes Francklim - - - - - - - - *em Lisboa.*

Francisco de Oliveira Barbosa - - - - - - *em S. Paulo.*

Francisco Vieira Goulart - - - - - - *no Rio de Janeiro.*

Francisco Xavier de Almeida Pimenta - - - *no Sardoal.*

D. Francisco Xavier Cabanes - - - - - - *em Madrid.*

Francisco Xavier do Rego Aranha - - - - *no Alemtéjo.*

Guilherme Eschwege, Barão de Eschwege, *no Rio de Janeiro.*

Guilherme Muller - - - - - - - - - - - - *em Londres.*

Jacobo Guilherme de Hemso - - - - - - - *em Tangere.*

Ignacio Antonio da Fonseca Benevides - - *em Lisboa.*

João Antonio Monteiro - - - - - - - - *em Freyberg.*

João Bell - - - - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*

João Croft - - - - - - - - - - - - - - *em Londres.*

João Laureano Nunes Leger - - - - - - - *em Lisboa.*

João de Macedo Pereira da Guerra Forjaz - *em Castello Branco.*

João Manoel de Campos e Mesquita - - - *em Aveiro.*

João da Silva Feijó - - - - - - - - - *no Ceará.*

João Theodoro Koster - - - - - - - - - *em Londres.*

Joaquim de Amorim e Castro - - - *no Rio de Janeiro.*

Joaquim de Santa Anna Carvalho - - - - *em Setubal.*

D. Joaquim José Antonio Lobo da Silveira - - *em Berlim.*

Joaquim José Varella - - - - - - *em Monte mór o novo.*

Fr. Joaquim Rodrigues - - - - - - - - - *em Lisboa.*

Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, *no Convento da Fraga, em Viseu.*

Joaquim Xavier da Silva - - - - - - - - - *em Lisboa.*

José Accursio das Neves - - - - - - - - *em Lisboa.*

Fr. José de Almeida Drak - - - - - - - *em Lisboa.*

Fr. José de Santo Antonio Moura - - - *em Lisboa.*

José Avelino de Castro - - - - - - - - *no Porto.*

José Calheiros de Magalhães e Andrade - - *em Braga.*

Fr. José da Costa e Azevedo - - - - - *em Pernambuco.*

Jo-

José Egidio Alvares de Almeida - - *no Rio de Janeiro.*
José Feliciano de Castilho - - - - - - - *em Coimbra.*
José Jacinto de Sousa - - - - - - - - - - *no Porto.*
José Ignacio da Costa - - - - - - - - *em Lisboa.*
José Ignacio Paes Pinto de Sousa e Vasconcellos - *no Porto.*
D. José do Loreto - - - - - - - - - - - *em Londres.*
José Manoel Ribeiro Vieira de Castro - - *no Porto.*
José Manoel de Sequeira - - - - - - - - *no Cuiabá.*
D. José Maria da Piedade Lencastre e Silveira,
Marquez de Abrantes, - - - - - - - - - *em Lisboa.*
José Portelli - - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
José de Sá Betancourt - - - - - - - - *na Bahia.*
José Theresio Michelotti - - - - - - - *em Lisboa.*
D. José Valerio, Bispo de Portalegre, - - *em Portalegre.*
Fr. Lourenço do Desterro Coutinho - - - - *em Coimbra.*
Lucas Tavares - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Luiz Antonio de Oliveira Mendes - - - *na Bahia.*
Luiz Dias Pereira - - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Luiz Henriques, Barão de Block - - - - *em Dresda.*
Luiz Leonardo de Vasconcellos Almeida e Sequeira (Monsenhor Sequeira) - - - - *em Benfica.*
Manoel Jacinto Nogueira da Gama - - *no Rio de Janeiro.*
Manoel José Maria da Costa e Sá - - - - *em Lisboa.*
Manoel José Mourão de Carvalho Monteiro - - *na Mealhada.*
Manoel José Pires - - - - - - - - - - *em Lisboa.*
Manoel Pereira da Graça - - - *na Ilha da Madeira.*
D. Miguel Antonio de Mello - - - - - - *em Lisboa.*
Fr. Patricio da Silva - - - - - - - - - - *em Coimbra.*
Paulo José Maria Ciera - - - - - - - - *em Lisboa.*
Pedro Celestino Soares - - - - - - - - *em Lisboa.*
Pedro Geaninni - - - - - - - - - - - - *em Bolonha.*
D. Thaddeo Manoel Delgado - - - - - *em Hespanha.*
Thomé Rodrigues Sobral - - - - - - - *em Coimbra.*
Vicente Gomes de Oliveira - - - - - *no Rio de Janeiro.*
Vicente José Ferreira Cardoso - - *na Ilha de S. Miguel.*
Wenceslão Anselmo Soares - - - - - - - *em Lisboa.*

RE-

RELAÇÃO

Dos Membros, e Correspondentes da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias.

MEMBROS DA INSTITUIÇÃO VACCINICA.

Bernardino Antonio Gomes . . . . *em viagem.*
Francisco Elias Rodrigues da Silveira . . . *em Lisboa.*
Francisco de Mello Franco . . . . *em viagem.*
Francisco Soares Franco . . . . *em Coimbra.*
Ignacio Antonio da Fonseca Benevides . . *em Lisboa.*
Joaquim Xavier da Silva . . . . *em Lisboa.*
José Feliciano de Castilho . . . . *em Coimbra.*
José Maria Soares . . . . *em Lisboa.*
José Pinheiro de Freitas Soares . . . . . . *em Lisboa.*
Justiniano de Mello Franco . . . . *em viagem.*
Wenceslão Anselmo Soares . . . . *em Lisboa.*

Correspondentes da Instituição Vaccinica.

D. Angela Tamagnini de Abreu . . . . . *em Lisboa.*
Antonio de Almeida, Medico . . . . . . *em Penafiel.*
Antonio Anastasio de Sousa, Medico . . . *em Pombal.*
Antonio Joaquim de Carvalho, Medico . *em Ponte de Lima.*
Antonio José de Almeida, Medico . . . . *em Mafra.*
Antonio José Giraldo de Oliveira, Cirurgião . *em Tavira.*
Antonio Manoel Pedreira de Brito, Cirurgião . *em Villa nova da Cerveira.*

An-

Antonio Pereira Xavier, Medico . . . . *no Crato.*
Carlos Frederico Lecor, Tenente General . *no Rio de Janeiro.*
Domingos José da Fonseca, Cirurgião Mor do
Batalhão de Caçadores N. 4. . . . . . *em Penamacor.*
Fernando Antonio Cardoso, Cirurgião . . *em Peniche.*
Francisco Manoel de Albuquerque, Medico . *em Pinhel.*
Francisco Maria Roldão, Cirurgião . . . . . . *no Cano.*
Francisco Xavier de Almeida Pimenta, Medico . *no Sardoal.*
Francisco Zefyrino Mendes, Cirurgião . . *em Estremoz.*
João Antonio de Carvalho Chaves, Medico . . *no Redondo.*
João Antonio Rodrigues de Oliveira, Cirurgião . . . . *em Lamego.*
João Antonio dos Santos Cordeiro, Cirurgião . *em Monforte.*
João Gervasio de Carvalho, Medico . . . *no Cartaxo.*
Joaquim Alvares de Araujo, Medico. . . . *em Thomar.*
Joaquim Antonio de Oliveira, Cirurgião . . *na Gollegã.*
Joaquim Baptista, Medico . . . . *em Vouzella.*
Joaquim Gomes Barroso, Cirurgião . . *em Santa Leocadia de Pedra furada.*
José Antonio Barbosa da Silva, Cirurgião . . *em Santo Tyrso.*
José Duarte Salustiano Arnaud, Medico . . . . *no Porto.*
José Fradesso Bello, Cirurgião . . . . . . *em Elvas.*
José Gomes Cabral, Cirurgião . . . . . . *na Guarda.*
José Guerreiro da Silva, Juiz Ordinario . . *em Villa nova de mil fontes.*
José Ignacio Pereira Derramado, Medico . . *em Portel.*
José Ignacio da Silva, Cirurgião . . . *em Estremoz.*
José Joaquim Mixote, Cirurgião . . . . . *no Redondo.*
José Luiz Pinto da Cunha, Cirurgião . *em Vianna do Minho.*
José Maria Bustamante, Medico . . . . . . *em Alvito.*
José Maria Pereira de Sousa, Cirurgião Mor do
Regimento de Cavallaria N. 8. . . . . . *em Niza.*
José Nunes Chaves, Medico . *em Villa nova de Portimão.*
José dos Santos Dias, Medico . . . *em Montalegre.*
Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, Medico . *em Aveiro.*
Luiz Gonzaga da Silva, Medico . . . *em Santarem*

Luiz

Luiz Soares Barbosa, Medico . . . . . . *em Leiria.*
Manoel Coelho do Nascimento, Cirurgião . . *em Collares.*
Manoel Lopes de Carvalho, Cirurgião . . . *em Bellas.*
Manoel José Malheiro da Costa Lima . *em S. Vicente de Penso.*
Manoel José Mourão de Carvalho Azevedo
Monteiro, Medico . . . . *na Mealhada.*
Manoel Vicente, Cirurgião . . . . *na Guarda.*
D. Maria Isabel Wanzeller . . . . *no Porto.*
Nicoláo de Sousa Gallião, Cirurgião . . *em Lanhezes.*
Pedro Antonio da Silva, Cirurgião . *na Marinha Grande.*
Pedro Antonio Teixeira de Pinho, Cirurgião . *em Ovar.*

※

MEMORIAS
DA
ACADEMIA R: DAS SCIENCIAS
DE LISBOA.

MEMORIA

Sobre a identidade do Systema muscular na Economia animal.

Por Francisco Soares Franco.

Ex quibus consequitur, tanti hoc motus principium momenti esse, ut non a Physiologis modo, sed vel maxime a Pathologis attendi mereatur.

Gaub. Pathol.

PREFAÇÃO.

TOdos os Anatomicos até ao tempo de *Bichat* tinhão considerado os musculos como formando hum todo no Systema geral; e postoque differentes entre si em quanto ás fór-

mas, natureza de seus estimulos proprios, e outras circumstancias accidentaes, erão inteiramente semelhantes na sua organisação, suas propriedades, seus fenomenos e usos. Aquelle Sabio no excellente *Tratado de Anatomia Geral*, que honrará sempre a sua memoria, afastou-se da opinião commum, estabelecendo, que ha dois systemas de musculos, hum proprio da vida animal, outro da organica, e inteiramente diversos nas suas fórmas, sua organisação, seus usos e propriedades.

A Escola Franceza respeitando com justiça o grande nome de *Bichat*, seguio a mesma doutrina, que vemos defendida não só por *Buisson*, e *Roux*, continuadores da sua *Anatomia Descriptiva*, pelos Redactores da *Bibliotheca Medica*, mas até por Mr. *Richerand* nos seus *Elementos de Physiologia*, publicados em 1814.

Se se trataſſe unicamente de huma simples classificação, ou, por outras palavras, se tentassemos sómente determinar Se os musculos devião formar em hum Tratado geral de Anatomia hum ou dois systemas? talvez a questão não merecesse ser objecto de novo e particular exame: mas trata-se especialmente de determinar Se os musculos de huma e outra vida tem organisação semelhante, ou differente? se os fenomenos dos seus movimentos, e os seus usos são identicos, ou diversos? em fim se tem huma propriedade identica, a que possamos chamar com os Hallerianos *irritabilidade*; ou se os musculos voluntarios são dotados de huma força particular, a qual denominemos com *Bichat*, *contractilidade animal* sensivel; e os involuntarios de outra força diversa, a que chamemos *contractilidade organica* sensivel? Estes objectos, principalmente o ultimo, são da mais alta importancia para as Sciencias anatomica, e physiologica.

Antes de entrarmos no exame daquelles diversos objectos, diremos algumas palavras sobre o que entendemos por systema em Anatomia, e ácerca de algumas differenças entre as duas vidas organica, e animal. A palavra *systema* tem accepções muito differentes conforme as Sciencias. Em Anato-

to-

tomia significa hum tecido organisado (*a*) mui semelhante nas diversas partes da sua extensão, e o qual, reunido a outros tecidos, fórma os diversos orgãos animaes. São em consequencia os tecidos ou systemas huns elementos organisados de que se compõem os corpos animaes (e o mesmo se póde applicar aos vegetaes).

Bichat vendo que alguns destes systemas entravão na composição da maior parte dos nossos orgãos, quando outros erão limitados a hum pequeno numero delles, chamou os primeiros systemas geradores. Assim o tecido cellular, que entra na composição da maior parte dos nossos orgãos; assim os vasculares, que lhes levão os principios e trazem os residuos da sua nutrição; assim o nervoso, sede exclusiva da sensibilidade, são systemas geradores. Pelo contrario o systema dermoideo he limitado á superficie externa do corpo, e o mucoso á interna; e os ossos, as cartilagens, e as membranas serosas occupão partes muito circumscriptas da nossa maquina.

A palavra *systema* nas oŭtras Sciencias significa hum todo, em que as diversas partes se referem a hum centro ou ponto de reunião commum; por esta razão dizemos, em Physica, *systema planetario*, porque todos os planetas tem o Sol por centro commum dos seus movimentos. Em Anatomia os systemas geradores formão tambem hum ponto de reunião commum: desta sorte os nervos tem hum centro commum no cerebro e medulla espinal; as arterias e veias hum no coração; e o tecido cellular fórma hum todo continuo, em que estão mergulhados os nossos orgãos, desde a cabeça até á planta dos pés.

Nos outros systemas não existe esta continuidade, á excepção do dermoideo, e epidermoideo; e então a palavra systema lhes compete na verdade bem pouco; mas conservamos este nome para explicar a somma, ou totalidade dos mesmos tecidos, que tendo huma estructura e propriedades

(*a*) Ou tambem o Tratado sobre estes tecidos.

semelhantes, existem em partes muito diversas da economia animal. Deste modo a pleura não tem continuidade alguma com as outras membranas serosas, nem a albuginea com os outros orgãos fibrosos; mas como tem entre si muita semelhança de estructura e de propriedades, formamos dos primeiros o systema seroso, e de todos os orgãos fibrosos brancos o systema fibroso.

Acabamos de dizer, que as diversas partes do mesmo tecido, ou systema tinhão huma estructura semelhante, e propriedades analogas; e quando *Bichat* desce ao exame particular de cada hum delles, admitte a mesma doutrina; mas no Tom. 1. da *Anatomia Geral*, pag. 92 das considerações geraes, se explica pelo contrario do modo seguinte: « Visto que cada tecido organisado tem huma disposição uniforme por toda a parte; visto que qualquer que seja a sua situação, tem a mesma estructura, as mesmas propriedades, &c. » Estas duas proposições são summamente inexactas; se fossem verdadeiras, seria necessario crear quasi tantos systemas, como as diversas partes do corpo; porque ainda admittindo com *Bichat* o excessivo numero de systemas, que traz na sua *Anatomia Geral*, qualquer delles não tem em todas as suas partes nem a mesma estructura, nem as mesmas propriedades. Quem não vê as grandes differenças que apresentão as membranas mucosas nas suas diversas partes? A membrana fungosa do estomago, cheia de villosidades vasculares pendentes, a do duodeno coberta de valvulas conniventes, não tem grandissima differença da membrana mucosa da bexiga, ou da pituitaria, principalmente daquella porção que reveste os seios? As glandulas são dotadas de parenchymas evidentemente diversos entre si; e o systema glanduloso não parece ser mais do que huma totalidade de corpos bastantemente diversos, e só reunidos por alguns caracteres vagos e genericos, debaixo de hum ponto de vista commum.

Nos mesmos systemas geradores, que parece devião ter mais uniformidade, se nota a mesma discrepancia. O syste-

te-

tema nervoso por exemplo offerece muitas differenças de estructura: o nervo optico, segundo *Reil*, apezar da sua grossura, não he composto de filetes, como os outros nervos, mas consta de hum tubo só, em cujo interior ha muitas cellulas communicantes, onde estagna a medulla. Os nervos olfactorios e os auditivos tem grande differença na disposição e estructura das suas ultimas extremidades, e parece que assim era necessario para poderem corresponder huns á excitação das particulas odoriferas, outros á dos raios sonoros.

O tecido cellular he igualmente diverso nas diversas partes; em humas exhala serosidade, em outras gordura; em humas he lacho, e composto de laminas evidentes; em outras, como á roda das arterias, e das membranas mucosas he filamentoso, e muito denso, &c. Finalmente as arterias tem diversa estructura nos grandes troncos, ou nos minimos; os primeiros não tem irritabilidade alguma, e os segundos a tem, ou pelo menos huma contractilidade activa muito proxima daquella força; de mais as suas tunicas são proporcionalmente mais crassas do que nos troncos; finalmente os vasos capillares, continuação das arterias, varião muito entre si, e nelles se passão muitos dos grandes fenomenos da economia, em razão mesmo da sua diversidade de estructura, e de propriedades.

Logo he imaginaria, e contraria aos factos anatomicos a rigorosa uniformidade de estructura, e a identidade de propriedades em qualquer systema; basta que a sua estructura, tomada em geral, seja semelhante, e que as suas propriedades não sejão differentes em quanto á essencia. Assim os nervos são em toda a parte compostos de nevrilema e substancia medullar, aindaque esta padeça diversas modificações nas diversas partes: igualmente as arterias são compostas das mesmas tunicas nas diversas regiões do corpo, postoque a sua densidade e propriedades vão progressivamente variando.

Nós temos particularmente insistido nesta doutrina, porque havemos de ter occasião de a applicar ao systema

mus-

muscular; e na verdade offerecendo elle muita semelhança na organisação e propriedades das suas diversas partes, e mais talvez do que qualquer outro, não apresenta essa rigorosa uniformidade, que he impossivel encontrar senão em hum muito pequeno numero de orgãos identicos. Se esta verdade he provada, admittindo todos os systemas de *Bichat*, muito mais evidente se tornará, limitando-os como devemos fazer, a hum menor numero.

Com tudo, anatomicamente fallando, não os podemos reduzir aos quatro elementos, de que falla *Richerand*, *celluloso*, *nervoso*, *muscular*, *e epidermoideo*: estes podem reputar-se como elementos mais remotos da organisação; mas tratando dos systemas, que entrão immediatamente na formação dos nossos orgãos, he necessario, e essencial separar os ossos das cartilagens, estas do tecido fibroso, e mais ainda do celluloso, &c. Entre aquelles dois extremos ha hum meio, que me parece ser o que se deve seguir: desta maneira os dois systemas musculares formão sómente hum, como mostraremos nesta Memoria; o mesmo pensamos a respeito dos systemas seroso e synovial, que não devem igualmente formar mais do que hum só; do mesmo modo podem reduzir-se a hum o epidermoideo, e o pilloso, &c.

Como porém não pertendemos fallar de todos estes objectos, basta termos fixado de algum modo as nossas idéas sobre o que se deve entender por systema em Anatomia; e passemos a dizer algumas palavras ácerca da distincção das duas vidas organica, e animal, paraque postos estes preliminares necessarios, desçamos á particular discussão, que nos propuzemos.

Aristoteles e outros antigos tinhão já notado a differença entre a vida, ou alma vegetativa, e racional; com tudo esta idea nunca foi applicada ás Sciencias Anatomica, e Physiologica: devemos a *Grimeau* esta applicação, a qual porém foi muito mais completamente desenvolvida por *Bichat* no *Tratado sobre a vida, e a morte.* Este Sabio chamou a huma, *vida organica*, porque a reputou commum a am-

bos

bos os Reinos organisados animal, e vegetal; a outra, *animal*, pela julgar privativa dos animaes; e suppôz, que se fosse possivel revestir hum vegetal dos aparelhos da vida exterior, teriamos formado hum animal.

Porém esta idéa não he exacta; porque todos os orgãos da digestão, e da respiração não se encontrão no vegetal (*a*) e não pertencem tambem á vida exterior; e deste modo na supposição de *Bichat*, teriamos hum animal sem digestão, e talvez sem respiração; por este motivo Mr. *Buisson* chamou a estas duas funcções *preparatorias*. Mas parece completamente superfluo multiplicar nomenclaturas e distincções; basta mudar o nome de vida organica no de vida assimilatriz, como fez *Richerand*, e considerar de mais, que ella he nos animaes mais complicada do que nos vegetaes, e que estes, aindaque fossem revestidos dos aparelhos da vida relativa, não se tornarião em animaes sem a addição, pelo menos, de hum tubo digestivo, caracter que parece ser o mais decisivo para distinguir o Reino animal do vegetal.

Além desta consideração ha outras duas mais importantes ainda neste ponto da differença das duas vidas, principalmente a respeito da discussão, em que vamos a entrar, e são as seguintes: 1.ª Aindaque as duas vidas se possão considerar isoladas e independentes, examinando-as abstractamente, e attendendo só ás suas funcções e fins, com tudo não se achão assim isoladas nas maquinas animaes. O estomago, os intestinos, e o coração perturbão e alterão em infinitas circunstancias as funcções animaes; e *vice versa* as paixões, as sympathias, certos medicamentos logo depois de

(*a*) A respeito dos orgãos da digestão não ha duvida alguma: porém ácerca da funcção da respiração, isto he, de huma funcção pela qual o ente organisado decomponha huma parte do ar atmosferico, e absorva o oxigeneo, he problematico depois das experiencias de *Ellis*: mas de qualquer modo he huma verdade irrefragavel, que os animaes vicião, e os vegetaes purificão a atmosfera; e que a palavra respiração só póde ser applicada aos ultimos em hum sentido mais lato. Os mesmos orgãos não tem entre si analogia alguma.

de introduzidos no estomago, &c. desordenão igualmente de mil modos as funcções da vida assimilatriz. E fallando de hum modo mais anatomico, as arterias e veias, que pertencem ao systema circulatorio, animão huma e outra vida, que se achão por consequencia dependentes da mesma sorte da influencia do coração. Igualmente he necessaria a influencia dos nervos para a formação dos movimentos rapidos da irritabilidade, ou estas tenhão lugar em huma, ou em outra vida, como provaremos amplamente no decurso desta Memoria.

A segunda consideração he de algum modo consequencia da primeira; e he que na economia animal ha orgãos, que estão debaixo da influencia das duas vidas: deste modo a pharinge, e a extremidade inferior do recto, que estão em grande parte debaixo da influencia da vontade, pertencem á vida assimilatriz pelo seu fim: o diafragma, e a bexiga estão em parte sujeitos ao imperio da vontade, e em parte obedecem a estimulos involuntarios. Costuma dizer-se que taes orgãos ficão nos limites das duas vidas; modo vago, e inexacto de fallar, e que nada quer dizer; o que se vê he que não ha completa isolação das duas vidas, nem relativamente á influencia reciproca e decisiva, que exercem huma sobre a outra, nem a certos orgãos, que na realidade não pertencem exclusivamente a nenhuma dellas, porque estão debaixo da influencia de ambas.

Passemos agora a examinar miudamente os diversos motivos, por que *Bichat* separou os musculos da vida animal dos da assimilatriz; e esta discussão nos levará ao mesmo tempo a determinar o ponto mais importante desta Memoria, a saber: Se a irritabilidade he huma força unica, ou se devemos separa-la da contractilidade animal sensivel (na frase de *Bichat*).

CA-

CAPITULO I.

A fórma exterior dos musculos não constitue huma differença essencial entre elles.

A Primeira differença notavel entre os dois systemas, segundo *Bichat*, he a das fórmas: as fibras dos musculos animaes são, na sua opinião, rectas, e as dos organicos, curvas, formando cavidades mais ou menos irregulares, e por isso os Anatomicos antecedentes lhes chamavão musculos ôcos; não se apegão a ossos, nem tem fibras tendinosas. Demais os organicos nem nascem, nem se terminão em orgãos fibrosos, como os animaes, e a este caracter dá *Bichat* muito peso: em fim as fibras dos primeiros não estão sobrepostas ás outras, formando camadas densas, mas geralmente se alargão debaixo da fórma membranosa.

Hum exame circumstanciado mostrará, que estas differenças ou não existem, ou são tão accidentaes, que não devem causar separação alguma importante. Em primeiro lugar a differença de fórmas existe mais ou menos em todos os systemas, e particularmente no fibroso, e no glanduloso. Ha por exemplo alguma comparação na figura entre a duramater e o tendão de Achilles, ou o ligamento triangular do femur? Tem o figado alguma semelhança de fórma com o testiculo, ou com a glandula lacrymal? Logo tambem não haveria inconveniente algum em classar no mesmo systema os musculos, postoque a sua fórma exterior fosse diversa; mas examinemos particularmente esta differença.

Só a maior parte dos musculos animaes he que tem as fibras rectas; e ainda assim existe entre elles a differença de serem huns compridos, outros largos, outros curtos; mas ha outros cujas fibras são curvas; taes são o orbicular dos labios, e o esphincter do anus; ainda mais, a pha-

ringe he composta de fibras curvas, constituindo hum sacco, como nos musculos organicos, e ella he hum musculo voluntario. Em fim não se póde dizer que a bexiga seja hum musculo organico; ella está sujeita até certo ponto ao imperio da vontade (assimcomo a extremidade do intestino recto) e por isso os Anatomicos lhe chamão musculo mixto.

O mesmo se deve dizer a respeito do diafragma, que estando até certo ponto debaixo da influencia da vontade, he tambem movido involuntariamente, como no somno, e na apòplexia: entretanto a bexiga tem huma fórma ôca, o diafragma plana; tão pouco influem as fórmas na natureza dos musculos! São accidentaes, nada concorrem para a essencia destes orgãos, e a sua variedade depende dos fins, para que a natureza os destina.

A segunda differença, que consiste em não se apegarem os musculos organicos a ossos, nem terem fibras tendinosas, he igualmente pouco solida; porque a identidade, ou diversidade de dois tecidos deve determinar-se por elles em si mesmos, e não pelas partes estranhas a que se apegão: demais, o musculo orbicular dos labios, e o lingual não tem apego algum a ossos, nem fibras tendinosas; pelo contrario os retinaculos das valvulas tricuspidas, e mitraes do coração são claramente de natureza tendinosa: *Bichat* lha negou talvez com o fim de notar mais esta differença entre as suas duas classes de musculos; mas a sua grande resistencia no cadaver, a fórma fibrosa, a côr esbranquiçada, a falta de irritabilidade, e o seu uso, que he de prender e regular o movimento das mesmas valvulas, são provas convincentes de serem pequenos tendões. O não se resolverem sem muita difficuldade em gelatina, he huma razão frivola, e prova sómente que a Natureza os fez mais duros para supprir desse modo a sua delicadeza; e além disso os mesmos fenomenos offerecem na ebullição os ligamentos amarellos das vertebras, e nem por isso *Bichat* lhes negou o seu competente lugar no systema fibroso.

A

A mesma resposta se póde dar á terceira differença notada por *Bichat*; he bem indifferente que o musculo se prenda ou não a tendões; tudo depende do fim, para que elle he destinado; se serve para mover hum osso, deve ter hum corpo resistente, intermedio, que lhe sirva como de corda, e que suppra a sua molleza no apego ao mesmo osso. Mas se he hum musculo ôco, cujo movimento se faça em todas as fibras do centro para a circumferencia, e que opere sobre hum liquido ainda mais molle que o proprio musculo, he evidente que os tendões lhes serião mais do que inuteis; por esta razão os não tem a lingua na sua parte que apparece na bocca, nem o orbicular dos labios, nem o esphincter do anus. Quanto mais não devemos fazer tanta differença, como *Bichat* inculca, entre o tecido fibroso, e o celluloso condensado. A tunica que os Anatomicos chamão muito impropriamente nervosa, e a que se apegão as fibras da tunica muscular dos intestinos são mui pouco diversas das fibrosas; a sua natureza chemica parece a mesma, pois se resolvem igualmente em gelatina, e o seu elemento anatomico, como pensou *Haller*, e julga modernamente *Richerand*, he certamente o mesmo tecido cellular pouco modificado. Em todos os casos he cousa de bem pouco ou nenhum momento, que as fibras musculares se apeguem a fibras tendinosas, ou cellulares densas: vê-se que as aponevroses de involucro passão insensivelmente, e se mudão em tecido cellular.

Em fim examinemos a ultima differença notada por *Bichat* entre os musculos animaes, e organicos; e he acharemse as fibras dos primeiros sobrepostas humas ás outras, em quanto as dos segundos se entrelação e encruzão, e geralmente se alargão em fórma membranosa. Esta differença he sujeita a excepções, e muito incompleta; acha-se maior analogia entre a disposição das fibras musculares do coração, e as da lingoa, do que entre as do primeiro musculo, e as dos intestinos: as fibras do coração são muito numerosas, vermelhas, condensadas, e encruzão-se fortemente humas

com outras. He exactamente o que succede na lingoa, musculo eminentemente voluntario, e no qual he igualmente impossivel desenlear o encruzamento das fibras musculares. Pelo contrario nos intestinos estas fibras são poucas, esbranquiçadas, e o seu pequeno encruzamento apenas se póde notar nas suas extremidades, que se implantão na tunica nervosa, e não pelas suas superficies.

Em consequencia do que temos dito he evidente, que as differenças entre os musculos organicos, e animaes, tiradas das fórmas exteriores, sendo já de sua natureza accidentaes, e insigificantes, não existem pela maior parte, e são sujeitas a tantas excepções, que não podem servir de caracter a clasisficação alguma.

CAPITULO II.

A estructura dos musculos he a mesma em geral em ambas as vidas, assim como o seu uso.

PAssemos á segunda ordem de differenças, que são tiradas da organisação respectiva de cada huma destas classes de musculos; differenças que se na verdade existissem darião grande peso á opinião de *Bichat*, porque a diversidade ou a identidade de estructura trazem comsigo a diversidade ou identidade de propriedades. Porém neste artigo ainda as suas razões são menos plausiveis do que as examinadas no Capitulo antecedente.

Bichat considera a organisação dos musculos, assim como a dos outros sytemas, debaixo de dois pontos de vista; a saber: o seu tecido proprio, e os tecidos communs que entrão na sua composição: sigamos esta mesma ordem.

O tecido proprio dos musculos organicos não differe deste mesmo tecido nos voluntarios. Em primeiro lugar, os tecidos musculares do coração, do canal intestinal, e o da be-

bexiga, que são (mesmo impropriamente fallando) os unicos musculos organicos, que *Bichat* numera, differem muito mais entre si do que dos musculos voluntarios na sua estructura apparente. Quem não vê que o coração tem muito maior semelhança com a lingoa na côr, tenuidade, pouquissima quantidade de tecido cellular, encruzamento e grande quantidade de suas fibras do que com a tunica muscular dos intestinos? A tunica muscular da bexiga he igualmente muito differente da dos intestinos, e do coração; as suas fibras pela côr, pouco entrelaçamento que tem entre si, e pelos fasciculos que formão, assemelhão-se muito mais aos musculos voluntarios do tronco, do que áquelles dois orgãos involuntarios. Temos pois os tres musculos organicos de *Bichat* mais differentes entre si nesta apparencia exterior de organisação, do que dos mesmos musculos voluntarios.

Se porém destas pequenas differenças subirmos ao exame da propria organisação muscular, acharemos, que he identica em todos os musculos: o mesmo *Bichat* o confessa na *Anatomia geral* Tom. III. pag. 344. toda a fibra muscular apresenta os mesmos phenomenos, tratada pelos diversos meios de analyse; a fibrina que constitue o seu elemento fundamental, e que a distingue de todos os outros tecidos animaes, fórma effectivamente a base da fibra muscular em toda a parte.

A Natureza dando huma organisação commum a todos os musculos, dispõe-nos para se contrahirem na presença dos diversos estimulos; como porém os estimulos naturaes, que hão de excitar estes musculos, são diversos entre si, a mesma Natureza lhes dêo huma modificação particular, que os torna aptos para receberem mais efficaz e propriamente a excitação de certo e determinado estimulo, ficando comtudo sujeitos á influencia de todos os outros, posto que de hum modo menos proprio, e menos durador; he o que se conclue de todos os factos.

Os musculos voluntarios são muito mais propria e fortemente contrahidos pelo estimulo da vontade do que por quaes-

quaesquer outros; com tudo, se lhos applicarmos, sejão mechanicos, chimicos, ou galvanicos, elles se contrahem tambem, postoque de hum modo menos forte e regular. E se cortarmos o cerebro, a medulla espinal, ou o nervo, ou ligarmos este, apezar de interrompermos e tornarmos nulla a acção cerebral, o musculo continua a contrahir-se, huma vez que se applique o estimulo por baixo do corte, ou da ligadura do nervo. Logo a chamada contractilidade animal, e que tão impropriamente se quer distinguir da irritabilidade, não descê do cerebro, espinal medulla, e nervos para os musculos; mas sim de qualquer ponto do systema nervoso, donde não haja corte, ou ligadura, que interrompa a sua influencia sobre os musculos.

O cerebro he hum orgão, que tem faculdades particulares e privativas, e está posto em huma das extremidades do systema nervoso; elle não concorre para a sua nutrição, organisação, ou propriedades; a medulla he segregada em todos os pontos da nevrilema pelo systema capillar sanguineo, que a atravessa; e huma evidente prova desta verdade são os acephalos verdadeiros, nos quaes achamos os nervos, e musculos completamente formados; logo do cerebro não vem tambem a força de contracção para os musculos voluntarios, mas sómente o estimulo (*a*) que he o mais natural para aquella peculiaridade de organisação que a Natureza lhes dêo.

O mesmo se diz a respeito do coração: o estimulo natural deste musculo he o sangue, como provou amplamente *Haller*; excitado por elle, as suas contracções são mais fortes e regulares; e com todos os outros estimulos sim se contrahe, mas de hum modo irregular, precipitado e fraco;

(*a*) Nos Capitulos V. e VII. havemos de provar que o concurso da potencia nervosa he absolutamente necessario para a formação das contracções em todos os musculos voluntarios e involuntarios: aqui não fallamos deste objecto, tratamos sómente dos estimulos, e daquella modificação na estructura dos musculos que os torna mais aptos para receberem antes a impressão de huns do que a de outros.

co; da mesma maneira o ar, e os alimentos, que fazem as contracções regulares do estomago e intestinos, affectão de hum modo irregular, e mesmo funesto o orgão principal da circulação; e vice versa o sangue derramado no estomago e intestinos desafia preternaturalmente os movimentos da sua tunica muscular.

Concluamos de tudo isto, que a organisação muscular he a mesma em toda a parte; mas modificada em cada hum dos orgãos, conforme os estimulos naturaes, que a natureza lhes destina. Nos mesmos musculos voluntarios se notão estas modificações; por exemplo, os intercostaes não se achão paralyticos nos hemiplegios, quando todos os outros do mesmo lado estão em total inacção.

Tendo considerado o tecido proprio dos musculos, passemos a examinar os seus tecidos communs, isto he, o cellular, os vasculares, e o nervoso. O tecido cellular he menos abundante nos musculos organicos do que nos voluntarios, segundo *Bichat*: porém esta proposição não he verdadeira em toda a sua extensão; a maior parte dos musculos voluntarios tem aquelle tecido em grande abundancia, e por isso são sujeitos a infiltrações serosas, cumulos de gordura, &c.; mas exceptuão-se, por exemplo, a lingoa, e o articular dos labios, que tem menos tecido cellular do que a tunica muscular da bexiga. Esta maior ou menor quantidade de tecido cellular he meramente accidental, e se o encontramos mais abundante nos musculos que se prendem a ossos, he para que os seus fasciculos isolados possão contrahir-se separadamente, e nada influe sobre a organisação e propriedades da fibra muscular.

Em quanto aos vasos tanto sanguineos, como lymfaticos, não se nota differença alguma; se parece atravessarem mais vasos destes a tunica muscular do estomago e intestinos, muitos delles são transeuntes, e vão distribuir-se na tunica interna, ou mucosa, onde são abundantissimos.

A respeito dos nervos a differença a favor dos musculos voluntarios parece mais consideravel; e chegárão até

al-

alguns Anatomicos Alemães a sustentar, que o coração não tinha nervos, distribuindo-se unicamente pelo seu systema vascular os que parece perderem-se neste orgão. Tratemos deste ponto anatomico mais circunstanciadamente. Para vermos que os nervos do coração não são tão poucos como aquelles Escriptores, e mesmo *Bichat*, quizerão dizer, basta lançar os olhos sobre as bellas estampas de *Scarpa* dos nervos cardiacos: alli se vê tirarem elles a sua origem do ganglio cervical superior, do medio, e do inferior; do par vago, do nervo recurrente, e dos plenos pulmonares; formão-se assim os dois plexos cardiacos, pertencentes ás duas faces plana, e convexa do coração; e delles partem grande numero de filetes, que se distribuem não só aos vasos cardiacos, mas á propria fibra muscular.

Por outro motivo he até certo ponto illusoria a differença entre os nervos do coração e intestinos, e os dos musculos voluntarios; os destes, tendo de fazer longos caminhos, reunem-se em cordões, que constão de muitos filetes unidos por tecido cellular; cada filete he além disso composto de huma membrana, que *Reil* chamou nevrilema, e de medulla, e só nesta reside essencialmente a potencia nervosa; por conseguinte vai menos desta substancia para os musculos voluntarios do que á primeira vista se suppõe. Pelo contrario os nervos, que partem dos ganglios compostos, como tem passado por esses pontos de reunião, sahem já separados em filetes tenues com muito pouco tecido cellulor, e com a nevrilema tão fina, que até se póde duvidar da sua existencia: logo a proporção de substancia medullar he maior no coração, e em geral nos musculos involuntarios, do que parece á primeira inspecção.

Apezar de tudo isto, concedemos que os nervos, que se distribuem ao coração, são proporcionalmente menos do que aquelles que entrão em hum musculo voluntario da mesma grandeza; e passamos a dar a razão desta differença, que não nos consta tenha sido explicada por Escriptor algum dos que tratárão deste objecto: porque *Haller*, e *Bichat*,

chat, que defendêrão a isolação e independencia da irritabilidade da potencia nervosa, cahírão no defeito opposto, pois nem explicárão, nem poderão comprehender qual era o serviço, ou o uso dos nervos nos orgãos involuntarios.

Os nervos entrão essencialmente na composição de todos os musculos, assimcomo os vasos sanguineos, e não conhecemos hum só onde faltem. Se os nervos se cortão, ou as arterias, pouco tempo depois cessa inteiramente a contracção muscular. Este facto era completamente conhecido a respeito dos musculos voluntarios, porém ácerca do coração esteve longo tempo em controversia; modernamente as experiencias de *Le Gallois* sobre a influencia da espinal medulla na regularidade e força dos movimentos do coração, e as de *Nysten* sobre a contracção do mesmo orgão, pela influencia galvanica, armando-o de huma extremidade, e os nervos da outra, dissipárão inteiramente as duvidas, que poderia haver a este respeito, e confirmárão este importante ponto de doutrina. Os movimentos fracos, irregulares, e pouco duradores, que se conservão não só no coração, mas nos musculos voluntarios, depois do córte dos nervos, são devidos a duas causas; 1.ª conservar-se ainda por algum tempo a potencia nervosa depois do dito córte; 2.ª ser a base ou o rudimento da irritabilidade insito á fibra muscular, como provaremos no Cap. VII., postoque para a regularidade e força das contracções seja necessario, além desse rudimento ou principio de irritabilidade, o concurso da potencia nervosa, e do sangue arterioso.

He igualmente outra verdade provada pelos factos, que, irritado o musculo successivamente, cessa de responder ás excitações; o mesmo faz o nervo; mas se deixarmos descançar hum ou outro, tornão a reparar-se, e a ser sensiveis aos mesmos, e ainda aos mais fracos estimulos: igualmente se o sangue deixa de ser arterioso, o musculo não executa os movimentos de contracção com aquella ordem e regularidade que d'antes; e passado algum tempo, cessa toda a qualidade de movimentos. Vê-se pois, que o exercicio

da irritabilidade consiste em huma acção chemico-animal; e que a fibra muscular soffre então huma alteração tal, que exige tempo, e huma nova nutrição para se pôr em estado de se contrahir de novo; que os nervos dão alguma cousa, seja hum fluido ethereo, ou o que for, que igualmente se consome, e que precisa de tempo para-se formar de novo. Vemos tambem a necessidade do sangue àrterioso; mas pelos factos conhecidos não podemos determinar se este sangue he necessario, porque dê tambem algum principio no acto mesmo da contracção, ou se serve sómente para nutrir e reparar a fibra muscular: com tudo esta segunda opinião parece a mais provavel, porque segundo as experiencias de *Le Galois*, a integridade das arterias he essencial para a conservação da potencia nervosa; e por analogia tambem o systema arterioso será necessario para a conservação da fibra muscular.

Aindaque nós não saibamos o que he esta acção chemico-animal, em que consiste a irritabilidade, com tudo he hum grande passo a certeza que temos da dependencia em que está a fibra muscular da potencia nervosa, e do sangue arterioso para se fazer aquella funcção em todos os musculos, assimcomo da propriedade que tem de se repararem estas forças quando tem sido esgotadas pelo demasiado exercicio.

Porém os nervos tem outro uso muito notavel nos musculos voluntarios, e he servirem-lhes de estimulo natural; he evidente, que no estado de saude são os unicos agentes encarregados deste serviço; e he por outra parte tambem certo, que são indispensaveis para a integridade do musculo, e servem no proprio exercicio da irritabilidade. O primeiro uso he supprido no coração pelo sangue, no ventriculo e intestinos pelos alimentos, e na bexiga pela ourina. O modo de obrar de todos estes estimulos he envolvido em extrema difficuldade; mas não he mais obscura a maneira de obrar do estimulo nervoso, do que a do sangue ou de qualquer outro; e não dizemos senão o que os factos nos patenteão claramente.

Ago-

Agora torna-se evidente a razão, por que os musculos involuntarios tem realmente menos nervos do que os voluntarios; he porque elles lhes servem sómente de dar a integridade e de concorrerem para a formação das contracções; sendo os seus estimulos filhos dos liquidos, que correm habitualmente por dentro das suas cavidades.

Consideremos agora os musculos relativamente aos seus usos; *Bichat* julga, que attendendo a estes, facilmente os podemos distinguir em duas classes, vistoque huns servem na vida assimilatriz, e outros na vida animal. Na verdade não se póde dar huma prova mais forte da sua preoccupação pela isolação das duas vidas. Pelo mesmo argumento podiamos separar em dous systemas o cellular; porque huma parte delle entra na composição dos orgãos assimilatrizes, e outra na dos animaes.

Poderiamos igualmente dizer, que as arterias tão unidas entre si, e tão dependentes humas das outras até á aorta, sua origem commum, formavão dois systemas; vistoque o cerebro e os nervos tem as suas arterias, assimcomo os orgãos assimilatrizes tem tambem as suas; e tal proposição seria hum absurdo em Anatomia; porque a carotida interna, por exemplo, que se distribue no cerebro, tira a sua origem da carotida primitiva, que dá tambem nascimento á externa, a qual se distribue nas parotidas, e em muitos orgãos tanto assimilatrizes, como animaes. O mesmo que temos dito dos systemas cellular, e arterioso, se applica ao absorvente, o qual, sendo unico, tira indifferentemente a sua origem de ambas as vidas. Que differença se nota, por exemplo, entre os lymfaticos do coração e os do deltoides?

He clara a applicação da doutrina antecedente ao systema muscular: a natureza, dando ás suas fibras huma estructura semelhante, sujeitou-os ás mesmas leis, e deo-lhes fenomenos semelhantes nas suas contracções e usos; espalhou-os igualmente por ambas as vidas, paraque pudessem servir aos seus diversos fins, conforme alguma variedade ac-

cidental ou de fórmas, ou de partes visinhas a que os prendeo.

Os fenomenos e circumstancias principaes da contracção de todos os musculos são os seguintes; 1.° a contracção he sempre desafiada por algum estimulo; 2.° ha estimulos naturaes e proprios para os diversos musculos, e só quando elles se applicão he que as contracções são regulares, fortes, e duradouras; tambem se contrahem na presença de todos os outros, que por isso podemos chamar artificiaes; mas então as contracções são fracas, irregulares, muito rapidas, e brevememnte cessão; 3.° com todos os estimulos artificiaes he a contracção seguida da relaxação, e tambem com os naturaes na maior parte dos casos: mas ha circumstancias em que estes ultimos determinão huma contracção continua na totalidade do musculo; são disto exemplo a contracção da bexiga, que continúa até expellir quasi toda a ourina, o tetanos, &c.; 4.° no tempo da contracção diminuem os musculos em comprimento, e augmentão em grossura; 5.° endurecem no mesmo tempo; 6.° não se fazem pallidos, mas promovem a circulação do sangue venoso; 7.° as contracções varião notavelmente conforme a sua força, estado do animal, vivo, ou morto recentemente, e outras condições que se podem consultar nas Obras Elementares; 8.° na contracção formão-se rugas transversas mais ou menos visiveis; 9.° no tempo da relaxação o musculo volta ao seu estado anterior, faz-se mais comprido, menos grosso, amollece, perde as rugas transversas, &c.

Se os musculos pois tem huma estructura semelhante, e executão em toda a parte os mesmos fenomenos, não devem formar mais do que hum unico systema. Os seus usos geraes, como são huma consequencia immediata dos fenomenos mencionodos, são igualmente os mesmos, e reduzem-se (*a*) á contracção, e relaxação; os usos particulares

que

(*a*) *Mais c'est toujours en se resserrant, qu'ils ebranlent, elevent ou abaissent, attirent ou repoussent ces differens poids.* Hauchecorne *Anat. Phil. Tom. I.*

que se derivão deste geral varião infinitamente, conforme os fins, para que a natureza os destina; os que se apegão aos ossos servem para os mover huns sobre outros, dando assim origem á multiplicidade de movimentos de locomoção, que se notão na nossa maquina; os que se implantão no bulbo do olho, dirigem-no, e dão-lhe diversas posições conforme os objectos que queremos ver; os da larynge servem para imprimir diversos sons na voz, comprimindo ou dilatando a abertura da glotis; o esfincter do anus, fechando-o, faz que os excrementos possão ser expellidos a horas regulares; pelo contrario a tunica muscular da bexiga e intestinos expellem pela sua contracção os liquidos excrementicios, que devem sahir do corpo; os ventriculos e auriculas do coração, impellindo o sangue pelos seus movimentos alternados, fazem a circulação; e o diafragma pelo contrario, contrahindo-se, augmenta a cavidade thoracica, e causa assim de hum modo muito particular a respiração. Os usos pois dos musculos tomados em particular são variadissimos, e diversificão segundo hum grande numero de circumstancias, que he inutil especificar; mas o meio, de que a natureza se serve para encher todos elles, he hum unico em ambas as vidas: *contracção*, e *relaxação*; e os fenomenos destas contracções, e relaxações são igualmente os mesmos; portanto os musculos não formão mais do que hum unico systema na economia animal.

Parece que seria aqui o lugar de entrar no exame da questão, se a irritabilidade e sensibilidade são huma e mesma cousa; *Bichat* quando suppõe a contractilidade animal sensivel dependente essencialmente dos nervos, julga, que elles não são os estimulos naturaes da fibra muscular animal, mas realmente os orgãos essenciaes da contracção; e pelo contrario, quando chama irritabilidade á contractilidade sensivel dos musculos organicos, julga-a huma força insita, e independente dos nervos; segue por tanto a affirmativa no primeiro caso, e a negativa no segundo; distincção na verdade, que tem tanto de novidade, como de invero-

si-

similhança; mas so trataremos deste objecto quando tivermos analysado as razões, por que aquelle Escriptor quer distinguir as duas contractilidades sensiveis huma da outra.

CAPITULO III.

Não devemos considerar a chamada contractilidade animal no cerebro e nos nervos; mas só nos musculos, que não são passivos, como julga Bichat.

Os motivos, por que *Bichat* faz depender a contracção muscular voluntaria só do cerebro e nervos, são os seguintes:

1.° « A acção muscular augmenta em energia, quando a do cerebro he mais activa; huma quantidade maior de sangue dirigido para a cabeça; o opio, ou o vinho tomados moderadamente, são prova desta verdade: o terror, pelo contrario, diminuindo a acção do coração, e conseguintemente a impulsão do sangue para o cerebro, e os narcoticos em excesso, abatem a energia daquelle orgão, e na mesma proporção a acção muscular voluntaria. » Este argumento só prova, que do cerebro vem o estimulo natural para os musculos voluntarios; e sendo a acção destes na razão composta da sua aptidão para receber o estimulo, e da grandeza delle, deve ella crescer ou diminuir, conforme for maior ou menor qualquer daquelles dois elementos. Da mesma sorte hum alimento estimulante desafia contracções peristalticas no estomago e intestinos mais activas do que outro insipido, e da mesm maneira o sangue mais abundante augmenta não só a velocidade, mas a força das pulsasões; e nem os alimentos, nem o sangue constituem a irritabilidade.

2.° « Succede o mesmo nas molestias; tudo o que comprime ou extingue a energia cerebral, produz o torpor, a pa-

paralysia, ou a apoplexia; pelo contrario as causas irritantes, como esquirolas, osseas, &c. produzem as convulsões: os maniacos a pezar de terem muitas vezes o habito do corpo debil, e os musculos delgados, apresentão forças enormes. » Estes factos são verdadeiros em geral; mas a sua explicação he a mesma que démos no paragrafo antecedente; assimcomo a das differentes experiencias tentadas por *Bichat* e outros, feitas com injecções nas carotidas de diversos animaes, ou com irritações praticadas immediatamente no cerebro.

Porém áquelles factos devia *Bichat* accrescentar outros de natureza diversa, e igualmente importantes para se conhecer cabalmente qual he a influencia do cerebro nos musculos voluntarios; taes são os seguintes: os homens que alcanção pelo exercicio, alimentos láutos, &c. a robustez, e o temperamento athletico, conhecido pela grossura dos musculos, suas fórmas proeminentes, e côr vermelha, offerecem contracções musculares muito mais fortes, do que os de habito opposto, semque haja augmento algum de energia, ou de estimulo no cerebro. Vice versa, os que se tem extenuado por dieta, fadigas, ou molestias, particularmente os hydropicos, e que se conhecem pela fórma arredondada, molleza, e pallidez dos musculos, affrouxão excessivamente na força e duração das suas contracções, sem que appareça a menor diminuição na energia do cerebro. Vê-se pois, que são precisos dois elementos para se estabelecer a contracção muscular, a boa disposição e nutrição das suas fibras, e o estimulo que lhe vem do cerebro; até he facil distinguir, qual destes dois elementos predomina; se a força das contracções procede da boa nutrição da fibra, a vontade as póde repetir por muito tempo sem cansaço, e sem incómmodo; se porém ella he filha de huma irritação excitada no cerebro, como colera, vinho, &c., a sua duração he curta, e os seus esforços são seguidos de proporcionado abatimeto e prostração.

Considera depois *Bichat* a contractilidade animal nos ner-

nervos, e reputa a medulla espinal como hum nervo geral, de que os outros são simplesmente divisões; os fenomenos que resultão da ligadura, córte, compressão, ou irritação da espinal medulla, ou dos nervos, são os mesmos: nos primeiros tres casos ha suspensão de movimentos, no ultimo formão-se convulsões nos musculos subjacentes. As lesões da espina quanto mais altas, mais perigosas são, pois se extendem a hum maior numero de musculos; he por esta razão que affectando-se sómente a sua porção lumbar (*a*), só cahem em paralysia, ou convulsão os musculos da bacia, e extremidades inferiores.

Prescindindo actualmente (porque não pertence ao nosso objecto) da consideração muito inexacta de ser a espinal medulla hum grande nervo de que todos os outros sejão ramificações, o que já *Soemering*, e ultimamente *Gall* refutárão completamente, esta maneira de considerar a contractilidade animal, he a mesma do paragrafo antecedente, e tem por tanto igual refutação. Antes achamos nestas experiencias huma prova fortissima, de que pelos nervos só vem o estimulo para os musculos voluntarios; porque ainda existindo o cerebro, se irritamos a medulla espinal, ou qualquer nervo, entrão elles em contracções só por baixo do ponto irritado; logo dos nervos só vem a irritação; e quando no estado ordinario a vontade opera no cerebro, e excita a contracção, he evidente que a sua operação he a mesma que a dos outros estimulos; isto he o que irrita, ou põe em acção a potencia nervosa.

Pelo mesmo motivo nos animaes que não tem cerebro, a irritação voluntaria parte de outro ponto do seu systema nervoso; e Igualmente nos animaes, que executão grandes movimentos, e tem o cerebro muito pequeno, como nos peixes, não ha proporção alguma entre esta viscera, e os mus-

cu-

(*a*) As experiencias de *Le Gallois* desmentem esta asserção de *Bichat*, como se dirá no Cap. VI.; mas sempre he verdade, que só se affectão os musculos, que ficão porbaixo do corte ou irritação dos nervos, ou da espinal medulla.

culos; e a razão he porque della parte sómente o estimulo, o qual póde nascer de qualquer pequeno ponto; pelo contrario tem grande medulla espinal, e nervos grossos para se poderem distribuir por hum systema muscular tão activo. A conclusão geral, que devemos tirar do que temos dito, he que nas contracções ordinarias o estimulo procede do cerebro, onde opera a vontade; e nas artificiaes, ou pathologicas o estimulo procede do ponto em que o applicamos, não intervindo nestes casos o cerebro, o que não poderia acontecer, se delle procedesse a força de contracção animal, segundo a opinião de *Bichat.*

Continúa depois o mesmo Escriptor a considerar aquella sua força nos musculos, e he facil de ver pelo que temos dito até agora quaes serão os seus resultados: não reconhece nos musculos voluntarios senão a necessidade da sua integridade para poderem receber a excitação do cerebro; e por isso he preciso que não estejão pizados, confundidos, inflammados, que tenhão sangue arterioso, &c.; mas estas condições são, segundo elle, unicamente necessarias paraque o instrumento *musculo* esteja apto para receber a força de contracção, que lhe vem dos nervos, e não porque elle tenha em si principio algum activo para a dita contracção; o que se confirma pelas proprias expressões do Author a pag. 290 do Tom. III. da *Anat. Ger.* « Na permanencia de con-
» tractilidade animal depois da morte, os musculos são ab-
» solutamente passivos; obedecem, assim como no tempo
» da vida, á impulsão que recebem dos nervos; he o que
» a distingue da permanencia da irritabilidade, propriedade
» pela qual depois da morte, assim como no tempo da vi-
» da, o musculo tem em si mesmo o principio que o faz
» mover. » De maneira que no seu modo de pensar hum principio, que existe no cerebro, e desce pela espinal medulla, e nervos, posto em movimento pela vontade, sympathias, ou qualquer causa irritante, he a causa unica activa da contractilidade animal sensivel, sendo a fibra muscular voluntaria inteiramente passiva, ou hum simples instru-

men-

mento apto para aquelle principio poder desenvolver-se, e produzir a contracção: absolutamente o contrario se pensa dos musculos involuntarios. Conclusão erronea, em que vemos dar a fenomenos identicos, causas inteiramente oppostas, e substituir á uniformidade da Natureza as distincções da abstracção.

Nós pela nossa parte temos mostrado, e mais amplamente o faremos nos dois Capitulos seguintes, que a fibra muscular he tão activa no coração, e intestinos, como nos musculos voluntarios; que o principio nerveo he tão necessario em huns como em outros; e que a unica differença, que ha entre elles, he que em huns o estimulo lhes advem de algum liquido, que banha a sua superficie interna, e em outros lhes he dado pelos mesmos nervos, que recebem a irritação do cerebro, ou de qualquer ponto do systema nervoso, que se irrite; e que em consequencia a força he a mesma em todos os musculos, como pensou *Haller*, sendo a distincção, introduzida por *Bichat*, devida ao espirito de systemas, que quiz attribuir forças independente e diversas ás duas diversas vidas.

CAPITULO IV.

O Cerebro influe de hum modo directo e decisivo sobre o coração, e os outros orgãos involuntarios.

PAra provar mais amplamente a differença das duas contractilidades, *Bichat* desenvolve a pag. 356 do Tomo já citado as razões, por que julga a irritabilidade organica independente dos nervos; e diz em primeiro lugar, que o cerebro para exercer a sua influencia nos musculos deve ser excitado pela vontade, pelos irritantes, ou pelas sympathias; e em segundo affirma, que nenhuma destas tres causas, quando affectão o cerebro, fazem contrahir os musculos organicos.

Em

Em quanto á primeira causa, ou vontade, todos concordamos, que não tem influencia directa no coração, estomago e intestinos; e postoque julgamos que a tem na bexiga, e no recto mais decisiva do que pensa *Bichat*, com tudo esta discussão pouco nos esclareceria; e portanto passemos ao exame das outras duas causas, sabendo entretanto que a vontade não póde operar sobre os musculos involuntarios, e tendo os organicos os seus estimulos naturaes, proprios da sua organisação, e das funcções, a que são destinados, a sua influencia não só seria desnecessaria aos ultimos, mas até funesta, porque iria contrariar a acção dos seus verdadeiros excitantes.

Bichat diz, que se irritarmos o cerebro com qualquer excitante, os musculos animaes entrão em convulsão, mas que os organicos conservão o seu movimento natural; que o mesmo succede irritando, ou lacerando os nervos da vida organica, que nelles se distribuem; porque nem precipitão, nem affrouxão as suas contracções: destes diversos agentes fixemos a nossa attenção sobre dois dos mais poderosos, o opio, e o galvanismo.

A respeito do primeiro se explica aquelle Escriptor do modo seguinte: « O opio que entorpece toda a vida ani- » mal, porque opera particularmente sobre o cerebro, que » he o seu centro, e que paralysa todos os musculos vo- » luntarios, deixa intactos os outros nas suas contracções. » He bem estranho que *Bichat* tivesse a respeito do opio semelhante opinião, porque, apezar das contestações que ha em Medicina sobre o seu modo de obrar, ninguem duvida que elle produz effeitos summamente evidentes no systema sanguineo, assimcomo no nervoso.

Whitt nos *Ensaios de Edimburgo* tinha já publicado, que applicando o opio sobre o coração das rãs, as suas pulsações diminuião ou cessavão inteiramente; o mesmo provou *Wirtenson.* Vede *Journ. de Med.* Tom. LXXXVIII; e modernamente as experiencias de *Wilson* tiverão o mesmo resultado, principalmente enjeitando o opio na superficie in-

terna daquelle orgão. Se das experiencias passamos ás observações, vemos todos os dias, que o opio, tomado em maior quantidade, produz diminuição na pulsação das arterias. *Altson* já o tinha provado antigamente; e mais particularmente o podemos concluir de tres casos de envenamento do opio referidos por *Alibert* nos seus *Elementos de Therapeutica* Tom. II. pag. 59 e seguintes; em todos tres appareceo juntamente com os symptomas nervosos o pulso raro, e pequeno. Os seus effeitos no canal intestinal são evidentemente torpentes, e daqui a sua utilidade nas diarrheas; e em dose mais consideravel diminue, e até extingue as forças digestivas do estomago. He pois evidente, que o opio em maior dose entorpece o principio sensitivo, seja no cerebro, nos musculos voluntarios, no canal alimentar, ou no coração.

Tomado em pequena quantidade os seus effeitos visiveis são de excitação. Não he do nosso objecto entrar na explicação deste fenomeno, por ser inteiramente alheia da presente questão: o que nos cumpre mostrar he que a mencionada excitação se nota igualmente no systema sanguineo, e no nervoso. As experiencias mais circumstanciadas, que conhecemos sobre os effeitos do opio, tomado inteiramente nas pulsações das arterias, são as de *Crumpe* na obra intitulada *An Inquiry into the Nature and Properties of Opium.* Destas escolheremos as duas seguintes:

Experiencia 7.ª A' huma hora depois do meio dia se dêo a hum rapaz robusto, cujo pulso natural dava só 44 pancadas em hum minuto, hum grão de opio diluido em huma pouca d'agoa quente; as variações do pulso forão as seguintes:

Em minutos	5	10	15	20	25	30	35	40	50	60	70	80	90	100	110	135
Pulsações	44	44	44	44	50	52	54	48	46	46	46	44	42	42	40	44

Experiencia 8.ª O Auctor, cujo pulso batia 70 vezes em hum minuto, tomou perto da huma hora da tarde dois grãos

e

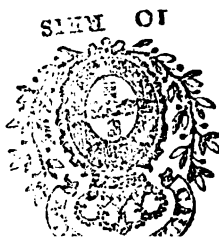
e meio d'opio dissolvidos em huma onça d'agoa, e teve as seguintes mudanças no pulso.

Em minutos	5	10	15	20	25	30	35	40	45	50	55	60	75
Pulsações	74	74	74	78	80	72	70	64	64	66	70	70	70

Prescindimos aqui dos effeitos de somnolencia e torpor, que nesta segunda experiencia se manifestárão no systema nervoso, por ser o opio em dose consideravel; só notaremos, que não só se augmentou a velocidade, mas a força das pulsações, as quaes depois por hum abatimento consecutivo descem abaixo do seu rythmo natural, atéque as cousas se restabelecem no antigo estado. Se o augmento de acção no systema sanguineo he produzido directamente, como querem os Brawnianos, e o mesmo *Crumpe*, ou de hum modo indirecto, relaxando o systema capillar, e deixando nelle estagnar o sangue, como explicou *Wirtenson* lug. cit., e ultimamente *Barbier* nos seus *Ensaios de Pharmacologia*, he o que não examinaremos, por não pertencer á presente questão.

O opio produz igualmente no cerebro e systema nervoso huma excitação visivel; della nasce a alegria, o augmento de coragem, e a erecção venerea nos Povos e individuos costumados ao seu uso moderado: *Barbier* pertende tambem explicar estes fenomenos pela sua acção sedativa, diminuindo a irritação, e o poder sensitivo, e não pelo seu estimulo directo; porém o ser de hum ou outro modo he indifferente para o nosso fim; basta-nos, que a sua acção seja a mesma nos musculos voluntarios, e involuntarios, talvez porque affectando os nervos, e sendo o concurso destes essencial para a irritabilidade, venha a obrar sobre esta de hum modo secundario.

He verdade, que os effeitos torpentes são mais manifestos no cerebro e nervos doque no coração; mas isto só constitue huma differença em mais, ou em menos, e não na essencia; tres são as circumstancias, que principalmente con-

concorrem para a produzir: 1.ª obrar o opio directamente sobre os nervos e o cerebro, e só remotamente no coração por intermedio delle; 2.ª sendo o opio absorvido para operar directamente no systema sanguineo, perde parte da sua actividade pela mistura com os succos gastricos, e com o sangue; 3.ª este accumulado no systema capillar torna-se huma causa irritante para o coração, que conseguintemente sahe brevemente de algum estado de torpor em que tivesse cahido. A primeira destas causas he tão poderosa, que o estomago e intestinos, apezar de serem orgãos involuntarios, resentem-se muito mais da acção estupefaciente do opio, do que o coração, por elle obrar directamente nas suas superficies internas.

O galvanismo he o meio mais decisivo de excitar os orgãos irritaveis; mas se fazia ou não contrahir os musculos involuntarios, pondo-os em communicação por meio do arco excitador, com o cerebro, espinal medulla, ou nervos, tinha sido objecto de longa duvida até aos tempos de *Nysten*. *Bichat* tinha seguido, como he claro, a opinião negativa; porém elle não conhecia a pilha de Volta, este poderoso meio de galvanisar, nem provavelmente as experiencias de *Fowler*, que tinha já observado antes delle, e sem o uso da pilha, a excitação do coração pelo galvanismo. *Nysten*, como diziamos, fez as suas experiencias com tanta exactidão, diante de pessoas tão respeitaveis, e designando tão satisfatoriamente as causas, por que os seus antecessores falhárão nesta tentativa, que nós julgamos a questão inteiramente decidida por ellas. Vio contrahir-se o coração, estomago, e intestinos com a mesma promptidão com que se contrahião os musculos voluntarios. Vede as suas *Recherches de Physiologie*, &c. de pag. 293 por diante.

Porém se dos estimulos fysicos passamos aos moraes, abre-se-nos hum campo immenso de irritações cerebraes communicadas aos orgãos involuntarios; fallo das paixões, cujas profundas impressões são capazes de abalar o coração, o systema capillar, estomago, intestinos, orgãos secretorios,

&c.

&c. Nem *Haller*, nem os seus discipulos podérão jámais responder a esta prova directa da influencia do cerebro sobre os orgãos involuntarios. *Bichat* julgou cortar a difficuldade, pondo a sede primitiva das paixões nos orgãos da vida organica; idéa insustentavel, e que foi excellentemente refutada por *Buisson*. Certamente huma pessoa, que vê, e conhece hum perigo eminente, sente logo vacillar seus membros, palpitar, e enfraquecer o coração, e a pallidez da morte derramar-se na sua face: outro pelo contrario, a quem se diz huma injuria grave, entra em colera, a energia do seu cerebro augmenta, os musculos voluntarios dobrão de força, o coração bate mais fortemente, e tudo mostra que a reacção communicada pela intelligencia, se derramou immediatamente por todas as partes da economia vivente; o mesmo podemos dizer dos effeitos de huma noticia triste, que tira, ou affrouxa as forças digestivas; da vergonha, que córa immediatamente as faces, e assim de todas as mais paixões, que produzem os seus effeitos, tanto na vida animal, como na organica. He inutil discutir se huma disposição particular do systema nervoso, do sanguineo, ou de alguns orgãos internos torna os homens mais dispostos para humas ou outras paixões; basta termos provado, que a sua sede primitiva he na alma, e no cerebro, e logo depois nas differentes partes da Economia.

Consideremos agora a outra causa, que irritando o cerebro, excita os orgãos involuntarios, e são as sympathias, sobre as quaes se explica *Bichat* de hum modo summamente inexacto; as suas expressões a pag. 357 do Tom. III. são as seguintes: « Muitas vezes nas dores de cabeça ha vo» mitos espasmodicos; o coração precipita a sua acção nas » inflammações cerebraes, &c.; mas estes fenomenos são sym» pathicos, que tem lugar nos musculos organicos como em » todos os outros systemas; podem apparecer ou não appa» recer; observão-se mil irregularidades na sua formação. » Pelo contrario a contracção dos musculos da vida animal » pelas affecções do cerebro, he hum fenomeno constante,

» in-

» invariavel, que nada perturba, nem impede a sua desen-
» volução, porque o meio de communicação he sempre o
» mesmo entre o orgão affectado, e o que se move. »

O Auctor começa a fallar no principio do paragrafo de sympathias, e no fim delle, quando trata dos musculos voluntarios, serve-se do termo *affecções do cerebro*, o que he muito mais geral do que sympathia, a qual he simplesmente a mudança que padece qualquer orgão pela affecção de outro distante; devendo excluir-se deste genero de fenomenos as chamadas sympathias universaes por *Whitt*, as synergias, as progressões das molestias, que vão atacando diversos systemas, como inflamações, communicações cellulosas, &c.

Voltando porém ao nosso proposito, as sympathias dos musculos voluntarios não são constantes e invariaveis, antes pelo contrario as encontramos tão inconstantes e variaveis, como as de todos os outros orgãos. Assim as mulheres pejadas sentem, ou deixão de sentir, dores de dentes, e convulsões nos musculos voluntarios, ou vomitos e palpitações nos involuntarios. Os vermes produzem muitas vezes comichão no nariz, ou convulsões; e com igual facilidade tosses, palpitações, e febres. Seria inutil repetir os multiplicados exemplos, que ha na variedade de sympathias em todos os systemas. *Bichat* julga responder ainda á difficuldade de outro modo, dizendo que os fenomenos sympathicos tanto apparecem nos musculos organicos, como nos outros systemas; e sem duvida assim he: mas que se segue dahi? sómente que o cerebro, e o systema nervoso em geral influem na digestão, nas secreções, no systema capillar, &c.; e postoque *Bichat* negasse esta influencia, arrastado pelo mesmo espirito de systema da isolação e independencia das duas vidas; não ha Medico algum de instrucção, que não saiba o contrario; lêa-se entre outros o judicioso *Tissot* no seu *Tratado das Molestias dos nervos*. Limitando-nos porém ás sympathias dos musculos organicos, he evidente que o cerebro he o centro donde partem estas ir-

irradiações sympathicas. Qual outra communicação senão a do sensorio, póde haver entre os rins, por exemplo, e o estomago, paraque as pedras formadas nos primeiros daquelles orgãos excitem o vomito no segundo? De que modo nas syncopes acordamos outra vez os movimentos do coração, chegando hum pouco de amoniaco ao nariz? De que modo qualquer liquido espirituoso, ou hum pouco de ether diluido, apenas se bebe, anima as nossas forças, e e desenvolve o pulso? As numerosas sympathias do estomago com as diversas partes do corpo não podem explicar-se senão pela irradiação do cerebro nessas partes. Não tratamos agora de todas as sympathias, objecto muito vasto, e que não pertence ao presente objecto; basta termos provado, que as sympathias dos musculos organicos, e particularmente do coração, não podião ter lugar, senão por intermedio do cerebro; e que em consequencia as irritações excitadas nesta viscera se communicão áquellas por meio dos nervos.

Bichat examina depois os fenomenos em huma ordem inversa, isto he, os effeitos que produzem as affecções dos musculos organicos no cerebro, e observa-se, diz elle, a mesma independencia; as suas palavras são as seguintes: » Considerai a maior parte dos vomitos, os movimentos » irregulares dos intestinos, que tem lugar nas diarrheas, » principalmente os que formão os volvulos, &c.: vede o » coração na agitação das febres, nas palpitações irregula- » res de que frequentemente he a sede, &c. em todas es- » tas perturbações dos musculos organicos, vós quasi nun- » ca achareis signaes de lesões no orgão cerebral; este está » em socego, quando tudo se vê desordenado na vida or- » ganica. » Observa-se tudo pelo contrario; as febres mais simples produzem frequentemente perturbação nas idéas, e ás vezes hum verdadeiro delirio; as molestias de estomago, como dyspepsias, e as dos intestinos, principalmente se são acompanhadas de lentidão da circulação abdominal, fazem tão profunda alteração no sensorio commum, que consti-

tituem a maior parte das vezes a hypochondria, molestia caracterisada pela nova e particular ordem de idéas, e de sentimentos que a acompanhão. Basta huma má digestão para nos fazer passar a noite em sonhos, ou causar vigilias; as colicas são frequentemente acompanhadas de convulsões nos musculos voluntarios, e as cardialgias de sincopes; que não podem nascer senão da debilidade do cerebro, esgotado pela violencia da dor, debilidade que se communica immediatamente ao coração. Tão conhecida he, e tão geral a influencia das visceras gastricas, e do coração no cerebro, que causa na verdade admiração, que *Bichat* propuzesse semelhante doutrina. As lesões dos musculos voluntarios, como inflammações, e mesmo gangrenas, e as dos orgãos dos sentidos he que affectão muito raramente o cerebro, apezar da correspondencia directa que ha entre estes orgãos.

CAPITULO V.

O concurso da potencia nervosa he absolutamente necessario para as contracções dos musculos involuntarios.

PAssemos actualmente a considerar a questão pelo seu lado mais importante, que consiste em determinar, se a potencia nervosa he ou não absolutamente necessaria para a formação das contracções dos musculos involuntarios; porque se o for, he claro que não são independentes della; e se o não for, aindaque huma ou outra vez o cerebro possa influir nellas, he tambem certo, que podemos com pouco inconveniente considerar a causa destas contracções, ou a irritabilidade, como isolada da dita potencia, e por consequencia como diversa da causa que excita as contracções dos musculos voluntarios, a qual he, sem duvida alguma, dependente della.

Os Medicos tem em todos os tempos tentado grande nu-

numero de experiencias a este respeito, e *Bichat* se explica do modo seguinte, fallando dellas: « O coração conti-
» núa ainda a bater, os intestinos e o estomago se mo-
» vem algum tempo depois de se tirarem a massa cerebral,
» e a medulla espinal. Quem não sabe, que a circulação
» se faz muito bem nos fetos acefalos; que depois da pan-
» cada, com que se atordoa e mata hum animal, e se põe
» immovel todo o seu systema muscular voluntario, o co-
» ração ainda se agita longo tempo, a bexiga expelle a ou-
» rina, o recto os excrementos, &c., e o mesmo estoma-
» go vomita ás vezes os alimentos? » E hum pouco mais abaixo continúa: « He verdade que o córte dos dois ner-
» vos vagos he mortal; mas sómente no fim de alguns dias,
» e duvido que seja pelo coração que comece a morte nes-
» ta circumstancia. Os principaes fenomenos deste córte
» mostrão grande embaraço no pulmão, grande difficulda-
» de da respiração, e a circulação não parece perturbada
» senão consecutivamente.

» Como os mencionados nervos vagos se distribuem
» ao estomago, a mesma experiencia serve para determinar
» a influencia cerebral sobre esta viscera; a secção pois de
» hum só he ordinariamente nulla sobre ella; o de ambos
» lhe causa immediatamente huma notavel perturbação; mas
» esta perturbação he differente absolutamente da que se
» segue ao córte do nervo de hum musculo voluntario, o
» qual se torna subitamente immovel quando o estomago
» pelo contrario, não communicando já com o centro pe-
» los nervos vagos, parece adquirir momentaneamente hum
» augmento de força; contrahe-se, e daqui os vomitos es-
» pasmodicos, que se observão quasi sempre durante os dois
» ou tres dias, que o animal sobrevive á experiencia, vo-
» mitos que observei constantemente nos cães, e que já
» *Haller*, e *Cruikshank* tinhão indicado. Parece pois em con-
» sequencia disto, que aindaque o cerebro tenha huma in-
» fluencia real no estomago, esta influencia he de nature-
» za absolutamente diversa da que exerce nos musculos vo-

 » lun-

» luntarios. Advirto comtudo, que a irritação de hum dos
» nervos vagos, ou de ambos faz contrahir immediatamen-
» te o estomago, como succede em hum musculo volunta-
» rio, cujo nervo se irrita. »

Estes argumentos erão justamente os mesmos, por que o celebre *Haller* tinha pensado, que os movimentos do coração erão independentes da potencia nervosa; mas as observações do *Soemering*, e de *Gall*, e sobre tudo as experiencias de *Le Gallois* destroem completamente aquella doutrina.

A medulla espinal não se póde considerar como hum nervo grosso, que tire a sua origem do cerebro, porque não tem proporção alguma com esta ultima viscera; assim nos peixes, os quaes executão grandes movimentos, o cerebro he muito pequeno, e a medulla espinal muito grossa; no homem pelo contrario, o cerebro he muito consideravel, e a medulla espinal proporcionalmente pequena; nos acefalos reaes, isto he, naquelles cujo cerebro nunca existio, tem apparecido a medulla espinal muito bem formada: vê-se pois, que ella não he huma continuação do cerebro, e que não tira desta viscera nem a sua existencia, nem a sua força. Bastava a consideração de que a substancia cinzenta entra na sua composição para se concluir, que a sua organisação he inteiramente semelhante á do cerebro, e capaz de produzir em si mesma a potencia nervosa. Mas tanto *Haller* (a) como *Bichat* derivárão esta ultima força só do cerebro, e por isso concluírão, que era desnecessaria para as contracções do coração; vistoque estas continuavão nos acefalos, nos animaes em que se offendia o cerebro, e em que até se cortava o principio da medulla espinal.

Marrher no Tom. II. pag. 120 dos Commentarios ás Instituições de *Boerhave* tinha já mostrado, que as offensas da medulla espinal erão quasi sempre mortaes subitamente; que

(a) *Haller* admitte, que a medulla espinal tambem póde produzir alguns espiritos animaes (potencia nervosa); mas dahi nada concluio contra a independencia da irritabilidade, seu systema fundamental.

que os córtes do par vago, e do grande sympathico, se não suspendião constantemente os movimentos do coração, era porque este continuava a receber a influencia nervosa do ganglio cervical inferior, e por consequencia dos ultimos pares cervicaes, e primeiro e segundo dorsal; e que posto que o coração continuasse os seus movimentos depois destas experiencias, isso era pouco durador, e elles vinhão a acabar mais ou menos promptamente conforme as circumstancias.

Estava reservado a Mr. *Le Gallois* provar por experiencias directas e decisivas as inducções de *Gall*, e de outros, e os raciocinios de *Marrher*. Dellas nos consta que o animal decapitado morre da mesma maneira, e com pouca differença no mesmo tempo, que o asfigiado; mas que destruindo-se toda a espinal medulla, ou mesmo algumas de suas porções, e particularmente a cervical, o animal morre instantaneamente, porque o coração perde os seus movimentos, e fica incapaz de promover a circulação. Este ultimo resultado foi muito judiciosamente tirado do aplanamento e vacuidade das carotidas, e da falta de hemorrhagia, cortando-se algum membro ao animal.

Os Hallerianos, e *Biebat* tinhão sido illudidos com os movimentos do coração; porque este musculo arrancado do peito, e por consequencia separado ao menos de nova influencia nervosa, continuava as suas systoles e dyastoles; mas não se tinha notado antes de *Le Gallois*, ao menos experimentalmente, que aquelles movimentos erão irregulares, debeis, e incapazes de continuar a circulação; e hum fenomeno desta ultima qualidade observa-se em todos os musculos; os quaes arrancados do animal, e estimulados continuão por mais ou menos tempo a produzir movimentos de contracção e relaxação, mas debeis e irregulares. Sómente o coração parece ser hum pouco mais vivaz, que os outros; postoque em algumas experiencias os intestinos, e o mesmo diafragma conservarão pelo mesmo tempo a faculdade de se contrahirem. Em quanto ás experiencias referidas por

Bi-

Bichat, relativas á secção dos nervos vagos, estavão ainda muito incompletos no tempo deste Escriptor; e semque examinemos agora qual he a causa da morte, que tem constantemente lugar nos animaes a quem se faz o dito córte, postoque em intervallos variaveis, e que depende da sua influencia na respiração, segundo as experiencias de *Dumas*, *Dupuytren*, e *Le Gallois*, limitemo-nos sómente a considerar com *Bichat* a influencia do dito córte no estomago.

Haller e outros Escriptores asseverárão, que os alimentos se corrompião dentro do ventriculo; tão poderosa era a influencia do córte dos ditos nervos nesta viscera! *Le Gallois* não observou este effeito, mas vio que a acção do estomago ficava tão completamente nulla, que os animaes morrerião de inanição, a não serem mais promptos os effeitos da asfigia. Desta maneira cortados os nervos vagos, o estomago fica paralytico, e irritado entra em contracção, exactamente do mesmo modo, que succede aos musculos voluntarios. Os vomitos, ou nauseas que sobrevem ao dito córte, e que *Bichat* reputa como effeitos de acção augmentada, e capazes de constituir huma differença do que succede aos outros musculos, quando os seus nervos são cortados, são verdadeiros, e forão vistos por todos os Observadores, e particularmente por *Cruikshanck*; mas não são effeitos de acção augmentada, nem constituem differença do que succede aos outros musculos, e cessão immediatamente para não voltarem mais. Da mesma maneira nas sincopes, em que a influencia nervosa sobre o estomago he igualmente nulla, ou muito pequena, sobrevem tambem nauseas e vomitos, devidos á irritação que produzem os alimentos ou outros liquidos, que constantemente se achão na cavidade daquella viscera. Os mesmos musculos voluntarios, aindaque fiquem paralyticos pela secção dos seus nervos, entrão em contracções irregulares, logoque se lhes applica algum estimulo. Quanto mais, o estomago não tira sómente os seus nervos do par vago; vem alguns dos ganglios semilunares; e esses que ficão são bastantes para concorrerem para essas pouco duradoras contracções.

Te-

Temos pois provado, que o coração, estomago, e intestinos precisão, assim como todos os outros musculos, da potencia nervosa para a execução dos seus movimentos; e além disso da presença de hum estimulo, o qual varia segundo os diversos fins, para que elles são destinados.

Resta-nos porém averiguar dois objectos: 1.° porque razão não estão alguns musculos sujeitos ao imperio da vontade, quando os outros são por ella movidos com summa facilidade. 2.° Se a sensibilidade, e a irritabilidade são huma e a mesma cousa; ou se a potencia nervosa he alguma condição essencial para a formação dos movimentos musculares, como já temos dito, ou sómente hum estimulo da irritabilidade.

CAPITULO VI.

Exame da causa por que alguns musculos não são sujeitos ao imperio da vontade.

A Primeira questão acima proposta póde dizer-se, que não está completamente decidida no estado actual dos nossos conhecimentos. Deixando as antigas, e já refutadas opiniões, desçamos ás mais modernas. Offerece-se em primeiro lugar a de *Johnstone*, que suppôz que os ganglios interrompião o fluxo da vontade, e por isso os orgãos involuntarios recebião delles os seus nervos, em quanto os dos voluntarios não atravessavão ganglios. Esta opinião não tem deixado de alcançar algum favor daquelles mesmos Escriptores, que a não seguírão, como de *Tissot* no Tratado de Molestias dos nervos. *Porckascka* se inclina igualmente a ella, quando julga que os ganglios são sufficientemente apertados para impedirem o influxo da vontade, o qual he pouco forte, mas não tanto que suspendão a influencia impetuosa das paixões.

O uso dos ganglios, apezar dos trabalhos de *Scarpa*, es-

está ainda envolvido em muita escuridade; a sua organisação não he bem conhecida, nem parece provavel que sirvão unicamente de separar, e tornar a reunir os diversos filetes nervosos. Entretanto he quasi certo, que elles não podem ter o uso, que lhes assignou *Johnstone*; porque ha alguns musculos voluntarios, que tirão os seus nervos de ganglios; e por outra parte os ganglios espinaes, postoque mais pequenos, parece terem a mesma estructura, e comtudo pertencem essencialmente aos orgãos voluntarios. No systema capillar da face, que tanta influencia recebe dos nervos, não nascem estes de ganglios; particularmente não os tem o nervo duro: o mesmo ganglio sfeno-maxillar he ás vezes hum simples plexo, ou huma pequena intumescencia; e elle distribue indifferentemente os seus nervos a musculos voluntarios, e aos vasos sanguineos da face. Parece pois, que o uso dos ganglios não he o que lhes assignou *Johnstone*, e que não são a causa da involuntariedade de certos musculos.

Bichat, como temos visto em todo o decurso desta Memoria, seguindo as pizadas de *Haller*, julgou inteiramente independentes os musculos organicos da potencia nervosa; e consequentemente da vontade, que he simplesmente huma funcção daquella potencia. Esta opinião he a que temos refutado até ao presente; e portanto resta-nos averiguar o porque, influindo a potencia nervosa nos musculos organicos, não influe nelles a vontade.

Os Commissarios, que fizerão ao Instituto Nacional de França o Relatorio relativo ás Memorias de Mr. *Le Gallois*, pensão que os orgãos, que estão debaixo da influencia de toda a potencia nervosa não, ficão submettidos ao imperio da vontade. Vede *Exper. sur le princ. de la Vie* de Mr. *Le Gallois* pag. 316. Mas esta opinião nos parece igualmente pouco provavel. Em primeiro lugar, o estomago, que he orgão involuntario, recebe quasi todos os seus nervos do par vago, o qual nasce de hum pequeno espaço da medulla oblongada, e não de toda a medulla espinal, como o grande sympathico.

2.°

2.° O diafragma, e a bexiga são musculos, muito principalmente o primeiro, sujeitos ao imperio da vontade; comtudo quando o estimulo da ourina se torna mais activo, faz-se involuntariamente a sua expulsão; assim como nas apoplexias se faz a contracção do diafragma independentemente da vontade. Parece pois, que o serem ou não involuntarios os movimentos depende de alguma particular relação, que tem os musculos com os seus estimulos.

3.° As experiencias de Mr. *Le Gallois*, de que nos parece, que os Commissarios tirárão aquella conclusão, são relativos sómente ao coração, e não poderião generalisar-se aos outros musculos organicos; mas para aquelle mesmo nós os julgamos pouco concludentes. Mr. *Le Gallois*, destruindo a porção cervical, dorsal, ou lumbar da medulla espinal, vio igualmente suspendida a circulação, com alguma pequena differença de tempo, relativa, á idade dos coelhos, em que praticava estas destruições parciaes, como se póde ver nas taboas, que comprehendem o resultado das ditas experiencias: estas o admirárão ao principio, e com raião; porque tirando os nervos cardiacos a sua origem da porção cervical, e principio da dorsal, só a destruição destas devia fazer cessar os movimentos do coração, e não a da porção lumbar; mas a sua constancia o fez persuadir, que o coração tirava com effeito a sua potencia nervosa de toda a espinal medulla.

Comtudo, em primeiro lugar desejavamos, que estas experiencias fossem mais repetidas, e variadas para lhe darmos inteiro credito: *Bichat* tinha dito que introduzindo-se hum estilete pela parte inferior da espinal medulla, hião cessando os movimentos dos musculos inferiores, e só se extinguião os dos superiores á proporção, que o estilete subia para a sua porção dorsal, e cervical; e a idéa geral, que se tira dos outros observadores he que a potencia nervosa desce do cerebro, medulla espinal, e nervos para o movimento dos musculos, e não sóbe jamais. *Cruikshanck* nas experiencias, que lêo á Sociedade Real de Londres sobre

a regeneração dos nervos, cortou os intercostaes, e pares vagos de ambos os lados, e a medulla espinal na parte inferior da sua porção cervical, e os movimentos do diafragma continuárão, porque os nervos frenicos tirão a sua origem da mesma medulla espinal por cima do córte. Custa-nos pois muito a crer, que o coração vá tirar o principio dos seus movimentos abaixo dos pontos, donde tirão origem os nervos cardiacos; ou por outras palavras, que a potencia nervosa, resida ella em hum fluido ethereo, ou qualquer outra substancia, suba das partes inferiores do grande sympathico para as superiores.

Quanto mais, inda admittindo toda a veracidade das experiencias de Mr. *Le Gallois*, podemos dar dellas huma explicação mais conforme ás Leis conhecidas do systema nervoso. Cortando-se o grande sympathico, sobrevem graves molestias aos olhos; estes fenomenos já antigamente observados por *Petit* forão confirmados nas experiencias de *Cruikshanck* ha pouco referidas, e he claro, que não podem ser senão sympathicos. Aquelle Escriptor concluio dellas que o filete (ou filetes) nervoso, que fica entre o sexto par, e o ganglio cervical superior, ao longo do canal carotido, não tirava a sua origem do sexto par, mas do ganglio, e hia com o dito par terminar no olho. Porém esta opinião he pouco provavel, sendo mais de crer, que aquelle filete tire a sua origem do sexto par; visto que todos os outros filetes do grande sympathico a tirão da medulla espinal, porque destruida esta, perde elle, e os orgãos que delle dependem, toda a sua vitalidade. Porém suppondo mesmo que aquella opinião fosse verdadeira, o dito filete, acompanhando o sexto par, iria perder-se no abductor do olho, e por conseguinte a ophtalmia, a cegueira, e os outros fenomenos observados serião sempre sympathicos. O mesmo julgamos, que aconteceo das experiencias de *Gallois*; destruindo-se profundamente a porção lumbar da medulla, e cessando em consequencia as funcções da porção correspondente do grande intercostal, devem-se sympathicamente exci-

ci-

citar grandes desórdens na porção superior da medulla, e na correspondente do grande intercostal, e consequentemente nos seus nervos cardiacos, e nascer daqui a cessação das contracções do coração. Ao menos esta explicação he mais conforme ás leis conhecidas do systema nervoso, do que a supposição de tirarem os nervos cardiacos a sua energia tambem daquella porção do grande intercostal, que fica para baixo dos seus pontos de origem.

Não tendo pois admittido a opinião de *Johnstone*, nem a de *Haller*, e *Bichat*, que julgavão os musculos involuntarios inteiramente independentes dos nervos, nem a dos commissarios sobre a obra de *Gallois*, que pensavão que os ditos musculos gozavão daquella propriedade, por tirarem os seus nervos de toda a medulla espinal, quando os pertencentes aos voluntarios nascião de hum unico ponto: passemos a dizer o que nos parece mais provavel a este respeito. Julgamos, que os nervos inda que tenhão huma estructura em geral semilhante, padecem alguma mudança de organisação nas suas extremidades sensientes, segundo os orgãos a que se distribuem. O nervo optico he muito differente dos outros, mesmo no tronco; porque apezar de ser tão grosso, os seus canaes nevrilematicos communicão huns com os outros, e não são isolados como nos outros nervos; a sua expansão na retina he inteiramente particular; toma a fórma de huma membrana, muda de côr, de branco para cinzento, e he sustentado em huma rede vascular tenuissima: he claro, que esta mudança de organisação he necessaria para se pintarem as imagens visuaes, e serem transmittidas á alma as idéas que lhe são relativas. A luz ferindo as extremidades do nervo auditivo, ou de qualquer outro não he capaz de produzir fenomenos semilhantes, por não terem aquella particular modificação de estructura; e por isso os Medicos, que disserão, que os nervos erão identicos, e só variava a estructura dos orgãos, cahírão em hum erro notavel. O que principalmente varía he a organisação das extremidades nervosas.

O mesmo dizemos a respeito dos nervos olfactorio, e ramo lingoal do 5.° par; ambos se distribuem em duas membranas mucosas; entretanto só o primeiro communica as sensações do cheiro, e o segundo as do sabor; e a razão he porque terminão de hum modo muito differente; as ramificações do olfactorio caminhão muito proximas ao osso, e vem perder-se na superficie livre de hum modo pouco visivel; em quanto os ramusculos do lingoal vão constituir a essencia das papillas, corpos muito visiveis e elevados acima da superficie da lingoa.

No sentido do tacto apparecem differenças mui notaveis; por exemplo na faringe, e laringe; a membrana mucosa, que forra estes dois orgãos, he identica; entretanto a agoa, e os alimentos passão pela primeira sem causar o menor estimulo; mas se alguma pequena porção cahe para a laringe, os nervos da membrana se irritão violentamente; e causão huma tosse activa até se expellir o corpo estranho, que para lá tinha penetrado. A grande differença da sensibilidade animal nas diversas partes das superficies internas tem sido sempre reconhecida pelos Medicos; por exemplo, sempre se observou, e com alguma admiração, que a dissolução de tartaro emetico era innocente na lingoa, e no estomago excitava vomitos; que o ar e os alimentos, que tão sem incommodo são recebidos no canal alimentar, causão a morte ou grandes desordens injectados no systema sanguineo; e pelo contrario o sangue que tão socegadamente corre por elle, causa vomitos ou diarrheas sendo derramado no estomago e intestinos. Vê-se pois que a Natureza dêo a todos os diversos orgãos differente sensibilidade, segundo os fins para que se destinão; ora como esta sensibilidade animal reside unicamente nos nervos, he evidente, que as suas differenças arguem certamente huma diversidade de estructura nas extremidades sensientes dos mesmos nervos.

Inda mais se confirma esta doutrina com o que vemos a respeito da sensibilidade dos musculos voluntarios; elles recebem huma grande quantidade de nervos, igual, ou

maior

maior que o mesmo volume de cutis, principalmente os que tem muito exercicio, como os do olho; entretanto a cutis goza de huma sensibilidade exquisita, em quanto os musculos a tem tão obtusa, que o seu córte he pouco doloroso, como diariamente se vê nas operações cirurgicas, excepto quando o ferro passa por algum ramo nervoso consideravel, antes de se ramificar nas fibrillas musculares; achamos pois huns nervos mais proprios para o sentimento, e outros para o movimento, segundo as modificações que recebem as suas ultimas extremidades, quando se expandem e terminão nos orgãos, apezar de serem communs os troncos, e nelles não podermos ainda divisar differença alguma.

He obvia a applicação desta doutrina á questão presente; os nervos quando terminão no coração, ou na tuniça muscular dos intestinos, ou nos musculos voluntarios, ou na bexiga, terminão de hum modo differente; por este motivo o sangue, que se acha em relação com aquella particular especie de sensibilidade, he o estimulo natural do primeiro, que não se resente do da vontade, nem dos outros; e se artificialmente lhos applicamos, os seus movimentos são irregulares e pouco duradores. O mesmo dizemos a respeito dos nervos, e estimulos dos intestinos. Em consequencia julgamos que a verdadeira causa da involuntariedade de certos orgãos depende de alguma modificação de sensibilidade das extremidades nervosas, que entrão na composição dos mesmos orgãos.

E parece tão verdadeira esta opinião, que os mesmos ramos nervosos, que vão distribuir-se a certas partes, já mostrão sua tal ou qual diversidade de estructura comparados entre si; não que esta differença possa constituir huma classe á parte destes nervos, como pensou *Bichat*, nem que ella seja a mesma e commum para os diversos musculos involuntarios; mas varía conforme estes mesmos orgãos, e vê-se, que debaixo de huma estructura geral e commum a todos os nervos, a Natureza a modifica, e adapta nos diver-

sos

sos orgãos, de modo que possão corresponder a certos e determinados estimulos.

Assim os nervos cardiacos tem huma origem e distribuição inteiramente differentes não só das dos musculos voluntarios, mas tambem dos intestinaes, e dos pelvianos; são mais molles, tenues, e levemente avermelhados: os dos intestinos distinguem-se de todos os outros do corpo humano pela sua fórma e distribuição. Elles nascem quasi todos dos ganglios impropriamente chamados semilunares, ou plexo solar, que he rigorosamente hum grupo de ganglios, muito bem descripto por *Valther*; daqui partem quasi todos os plexos das visceras abdominaes, com a singularidade de acompanharem as suas arterias em fórma de rede, isto he, com filetes tão entrelaçados, que quasi lhes formão huma tunica. Os nervos das visceras pelvianas nascem pela maior parte do plexo hypogastrico; são compridos, e quasi sem entrelaçamento, avermelhados, e tão tenues, que parece não terem nevrilema; não seguem tão regularmente o caminho das arterias, como os intestinaes, e abdominaes. Se a estas considerações juntarmos o que dissemos da diversidade dos nervos dos sentidos, poderemos concluir, que não he só nas ultimas extremidades, que os nervos padecem alguma modificação de estructura, conforme os diversos orgãos a que se distribuem; mas que muitos delles vão dando já nos seus troncos e ramos mostras desta modificação.

Desta mudança de estructura nas extremidades nervosas he que depende não só a involuntariedade de certos musculos, mas tambem a sua relação especifica com certos estimulos. Esta ultima consideração he da maior importancia; porque os estimulos não tocão em parte alguma as fibras musculares; as cavidades do coração estão forradas por huma membrana commum, a qual he que he tocada pelo sangue; igualmente a tunica muscular do canal intestinal, e da bexiga estão forradas por membranas particulares, e ficão remotas dos seus estimulos naturaes. Logo não só he preciso, que as extremidades sensientes sejão diversamente mo-

modificadas para receberem o vario estimulo dos diversos agentes, mas só ellas he que transmittem ás fibras musculares este mesmo estimulo: assim não he só nos musculos animaes que a vontade (ou outra causa irritante applicada ao cerebro) opera por intermedio dos nervos; em todos os outros ha a necessidade deste intermedio; o que confirma de mais em mais, que he essencial o concurso da potencia nervosa para a formação dos fenomenos musculares, e que a vontade he simplesmente hum estimulo nervoso, e a involuntariedade huma relação especifica com outro genero de estimulos.

CAPITULO VII.

A irritabilidade perfeita ou muscular não he huma força insita e independente dos nervos.

A Conclusão do Capitulo antecedente nos conduz ao exame da segunda questão, que nos propunhamos discutir; a saber: se a potencia nervosa, ou a sensibilidade, e a irritabilidade são huma e a mesma cousa, ou se a primeira he sómente hum estimulo natural da segunda, como pensou *Haller*, e modernamente *Nysten* a pag. 377 das suas *Recherches de Physiologie* &c.

Nós suppomos que a primeira parte da questão não está bem estabelecida, ou bem definida; o que talvez tenha dado lugar a disputas eternas sobre palavras; visto ser evidente, que a sensibilidade, isto he, a propriedade que tem os nervos de receber as impressões dos objectos, e de os transmittir ao sensorio commum he diversa da propriedade que tem os musculos de se contrahirem na presença dos estimulos. Portanto julgo que a questão deve ser proposta nos termos seguintes: Se a potencia nervosa he ou não condição essencial para o exercicio da irritabilidade; de modo que

que cessando aquella, esta césse igualmente; e dada ella (suppondo a existencia de hum orgão proprio chamado musculo) tenha lugar o dito exercicio. Antes de darmos a solução deste objecto he necessario definir mais exactamente a palavra irritabilidade.

Tomada ella em hum sentido mais amplo, applica-se aos movimentos hum pouco mais energicos de ambos os Reinos organicos; neste sentido dizemos que são irritaveis os movimentos das folhas da *Mimosa pudica* L. da *Dionaea muscipula* L. dos filetes da *Droserea rotundifolia* L. &c. Dizemos, que a fibrina do sangue tem alguma irritabilidade porque se contrahe com os estimulos, e mesmo com o galvanismo; e até em alguns orgãos do corpo, como cutis, ductos excretorios, &c. vemos em certas occasiões movimentos mais energicos do que os que poderiamos esperar da simples força tonica. Ora, se chamarmos a estes movimentos irritaveis, he evidente que a potencia nervosa não póde ser necessaria para a sua formação, porque certamente não ha nervos alguns na fibrina, nem no Reino vegetal: a sua causa pois reside nas fibras, e he independentemente daquella potencia.

Porém as maquinas organicas á proporção que se aperfeiçoão, ou por outras palavras, que se aproximão mais do homem, tornão-se mais complicadas. Os musculos animaes apresentão fenomenos muito mais energicos, e que seguem mesmo outras Leis; em todos elles entra huma grande quantidade de nervos, que sem duvida não lhes são inuteis. Quizera pois que se chamasse á causa dos primeiros fenomenos o rudimento, ou o primeiro gráo da irritabilidade, a qual reside nas fibras, e he independente dos nervos; e que reservassemos o nome de irritabilidade perfeita só para os fenomenos musculares, nos quaes julgamos absolutamente essencial o concurso da potencia nervosa.

1.° Porque ligado ou destruido o nervo, immediatamente o musculo fica paralytico; e aindaque depois se irrite com os estimulos artificiaes, os seus movimentos são mui-

to

to mais fracos e irregulares, e brevemente acabão, longo tempo antesque elle perca a sua organisação. Identicamente o mesmo observou *Le Gallois* com os movimentos do coração; destruida a medulla espinal, cessão immediatamente os seus movimentos capazes de sustentar a circúlação, apezar de continuar a applicação do sangue, seu estimulo natural; e algum tempo depois se torna igualmente insensivel a todos os estimulos; prova certa de que pelos nervos vai alguma cousa, seja o que for, que concorre essencialmente para o exercicio da irritabilidade. Esta funcção da potencia nervosa he commum a todos os musculos, e os voluntarios estão além disso sujeitos ao imperio da vontade, que he rigorosamente huma particular especie de estimulo, que no estado natural se applica ao cerebro, mas com grandes intervallos; quando a outra potencia, seja o que for, he applicada continua e perpetuamente, porque em qualquer occasião que se destrua, ou corte a medulla espinal, ou os nervos, logo os musculos perdem a sua acção.

2.° Applicando o opio seja aos nervos, ou aos musculos, cessa igualmente a irritabilidade.

3.° He absolutamente indifferente para determinar a acção muscular, que sejão irritados os nervos, ou os musculos; antes nos primeiros momentos a irritação dos nervos produz hum effeito mais activo, e até mais durador.

4.° Os individuos mais sensiveis são igualmente os mais irritaveis; em geral a potencia nervosa, e a irritabilidade caminhão a par; mas o estado do sangue arterioso (outra condição essencial para o exercicio da irritabilidade), a nutrição da fibra muscular, e a qualidade, ou quantidade dos estimulos naturaes altérão muito a irritabilidade, e affectão menos a sensibilidade dos nervos; porque, como já dissemos, sensibilidade e irritabilidade não são huma e a mesma cousa; mas sómente a potencia nervosa he huma condição essencial para o exercicio da irritabilidade dos musculos. *Nysten* segue a opinião de *Haller*, que a contractilidade he huma propriedade inherente á fibra muscular, de que os nervos são

 sim-

simplesmente os estimulos naturaes, e funda-se nas seguintes razões.

1.° « A energia das contracções, que se observa depois das febres adynamicas; a permanencia da contractilidade nos musculos paralysados pela apoplexia; a identidade dos movimentos destes musculos, tratados pelo galvanismo, com os dos musculos sãos. 2.° A differença das contracções musculares, quando a sensibilidade da porção livre do nervo existe ainda daquellas, que tem lugar, quando a dita sensibilidade está extincta; a mesma ordem da extincção da sensibilidade do nervo nos diversos pontos da sua extensão; 3.° em fim a sensibilidade da fibrina do sangue ao galvanismo, provada pelas experiencias de MMrs. *Tourdes*, e *Circaud.* Todos estes factos concorrem para provar, que a contractilidade he huma propriedade inherente á fibra muscular, e inteiramente independente da influencia nervosa. »

Nós julgamos, que aquelles factos provão sómente o que já dissemos, e he que existe em diversas partes dos vegetaes, e animaes, e mais particularmente na fibra muscular destes hum rudimento, ou principio de irritabilidade, cujas contracções são muito differentes daquelles movimentos rapidos e regulares, que apresentão os musculos, quando estão inteiros, e acompanhados da potencia nervosa, contracções, que inda semelhão mais á força tonica de *Sthal*, ou contractilidade organica de *Bichat*, do que á verdadeira irritabilidade; ou ainda mais exactamente, parece ficarem medias entre estas duas forças; porque a natureza não se sujeita ás classificações e divisões dos homens. Creou grande numero de orgãos, dotados unicamente de huma contracção lenta e quasi insensivel; a outros porém modificou a organisação de modo que já os vemos animados de huma actividade mais notavel; e nisto mesmo ha variedade não só respectivamente ao gráo desta actividade, mas á sua relação com diversos estimulos; emfim outros, e estes são os musculos, forão dotados de huma organisação mais complicada, e dos movimentos mais notaveis e energicos, que se ob-

observão na economia animal. Hum dos meios essenciaes, que a natureza empregou para dar a grande energia a estes movimentos he a reunião da potencia nervosa com a fibra muscular (*a*).

Examinemos presentemente os primeiros dois fundamentos de *Nysten*; porque a respeito do 3.° já dissemos a nossa opinião.

Mr. *Nysten* parte de hum principio, que nos parece muito improvavel, e he que a potencia nervosa está muito diminuida nas paralysias, e nas febres adynamicas; e consequentemente que se a irritabilidade dos musculos não fosse independente della, appareceria igualmente muito diminuida, e não seria igual nas experiencias galvanicas á dos musculos sãos. Mas aquelle principio, como dissemos, nos parece errado; e na verdade nas apoplexias, e paralysias de compressão (e o são a maior parte dellas) o que ha unicamente he a interupção da acção do cerebro nos nervos; porque tirada a dita compressão por sangrias, ou outros meios, immediatamente se restabelece a saude; por consequencia a estructura, e a potencia dos nervos tinhão ficado illesas. Nas mesmas paralysias antigas, e que tentamos curar por meio da electricidade, observamos muitas vezes movimentos convulsivos nos musculos dos membros paralyticos, quando fazemos o arco entre os nervos da medulla espinal, ou entre os membros superiores e inferiores; prova certa de que a potencia nervosa não estava diminuida nem extincta nos membros paralyticos, mas unicamente interrompida a sua communicação com o cerebro. Emfim hu-

(*a*) Por não se ter feito a devida attenção a estas idéas, e por quererem os Physiologicos sujeitar a natureza ás suas divisões, e classificações, he que tem havido tantas e interminaveis disputas, se só os musculos são irritaveis? se as extremidades arteriosas (dizemos extremidades, porque pouca duvida soffre, que os troncos, e ramos das arterias não tem propriedade alguma vital notavel) os ductos secretorios, e excretorios; e os vasos lymphaticos tem ou não irritabilidade? Exactamente como os musculos não a tem certamente; mas os seus movimentos são muito mais energicos do que os das outras partes da economia, como tecido cellular, tendões, &c.

ma prova sem replica se tira do estado de sensibilidade do mesmo membro paralytico; com effeito he muito frequente, que esta se conserve intacta, e comtudo os nervos, que se distribuem na pelle, pertencem aos mesmos ramos, que os dos musculos voluntarios; logo esta falta de movimento não nasce da extincção da força dos nervos, mas da sua interupção com o imperio da vontade, em razão de alguma molestia que comprime o cerebro, ou em geral a origem dos mesmos nervos.

Nas febres adynamicas ha na verdade grande prostração de forças; mas apparecem no decurso destas molestias fenomenos muito variados no systema nervoso, e muitos delles attestão claramente, que a dita prostração he unicamente temporaria, e que as forças radicaes dos nervos continuão a subsistir, e podem facilmente ser postas em movimento, proporcionando-se para isso circumstancias favoraveis. Por exemplo, se no decurso destas febres sobrevem o delirio furioso, custa muito a dois ou tres homens fortes o segurarem hum doente destes, ás vezes fraco e delicado: logo a força nervosa estava simplesmente adormecida, e podia facilmente ser posta em acção pela applicação dos estimulos. He evidente, que se hum doente destes viesse a morrer, os seus nervos e musculos havião de responder á excitação galvanica como os sãos. Nas mesmas febres ataxicas, em que ainda a potencia nervosa parece mais enfraquecida, do que nas adynamicas sobrevem frequentemente convulsões, e affecções tetanicas, que attestão hum grande gráo de irritação, para vencer a qual somos obrigados a recorrer aos opiados e outras potencias sedativas: mas qualquer que seja a explicação que se dê destes fenomenos, e do modo de obrar do opio, e dos banhos frios, que os costumão dissipar, he sempre igual a conclusão, que tiramos; e he que os nervos nas febres adynamicas estão em estado de responder á excitação de varios estimulos, e muito mais á do galvanico, que he o mais poderoso que conhecemos.

O

O segundo argumento he ainda mais hypothetico; he verdade que o nervo deixa de ser sensivel aos estimulos algum tempo antes que o mesmo musculo; mas parece certo, que as fibrillas dos nervos, que se perdem nas musculares conservão por mais tempo (visto estarem cobertas e defendidas do ar) a sua força doque os ramos de que nascem. O mesmo *Nysten* o confessa; porque depoisque o nervo deixa de ser sensivel aos estimulos em qualquer ponto, ainda o he em outro mais inferior, e assim successivamente até á entrada do nervo no musculo. Ora ha huma condição essencial e conhecida para o nervo corresponder á excitação galvanica, e he a humidade; de modo que estando secco o nervo não transmitte a sua irritação; por outra parte he claro, que muito mais depressa secará o ramo nervoso nú e isolado de todas as partes, doque as fibrillas nervosas agasalhadas dentro do musculo, que he hum orgão molle e humido.

Demais, parece ser hum facto anatomico, que os nervos augmentão de volume na sua extremidade periferica (*Soemering* Tom. IV.), isto he, naquella que termina nos orgãos; a sua extremidade central, ou aquella por onde nascem do cerebro e espinal medulla, he excessivamente menor que a outra; basta que consideremos sómente aquella porção de nervos, que termina na larga superficie da pelle, e nas membranas mucosas, nas quaes em qualquer ponto que se toque ha sempre hum nervo sensiente. Não discutiremos aqui, se esta extremidade periferica he recebida em huma expansão pulposa analoga á substancia cinzenta do cerebro, e medulla espinal, como pertende *Gall*; porque além deste objecto estar envolvido em grande obscuridade, não he do nosso fim tratar do systema nervoso, senão de passagem, e naquillo em que elle está ligado com o muscular. Mas he certo, que nada se póde concluir de acabar primeiro a sensibilidade aos estimulos no ramo, ou tronco nervoso, doque nas fibrillas musculares, visto termos provado, que a sensibilidade nervea dura mais tempo

nas

nas fibrillas escondidas nos musculos doque no nervo isolado; visto além disso ser muito provavel, que a somma destas fibrillas excede o ramo de que nascem, e ser-nos em fim desconhcido o modo, por que ellas terminão nos orgãos. A maneira por que os musculos deixão de corresponder aos estimulos he lenta e não repentina; e por este motivo, quando já o musculo não se contrahe em totalidade, inda entrão em contracção porções consideraveis delle; e ultimamente observamos apenas hum movimento como de tremura, muito limitado e irregular, e que tem lugar só em hum pequeno numero de fibras. Este ultimo he devido unicamente ao primeiro grão de irritabilidade, he independente da potencia nervosa, e tem a sua séde nas fibras; porque tendo nós já provado, que elle existia independente dos nervos em alguns orgãos vegetaes, na fibrina do sangue, e mesmo em algumas partes viventes dos animaes, com mais forte razão o devemos admittir na fibra muscular, que tem huma organisação mais apta para estes movimentos, e porque nella he que se notão no mais alto grão de energia e extensão.

Emquanto pois as contracções são da totalidade do musculo, devem-se á influencia nervosa, e ella só he que podia transmittir a huma massa, ás vezes muito consideravel, a impressão feita pelo estimulo em hum unico ponto. Cessando os movimentos de totalidade, e continuando os parciaes, mas em fasciculos extensos, he claro que a potencia nervosa vai morrendo parcialmente dentro do musculo; cessando emfim estes, e continuando sómente a tremura das fibras musculares em porções pouco extensas, he signal que tem morrido toda a potencia nervosa, e que este movimento he devido unicamente á propriedade, que tem a fibra, de se contrahir independentemente daquella potencia.

Mas ou se adopte ou não esta nossa maneira de explicar o modo, por que os musculos cessão de corresponder aos diversos estimulos, julgamos ter provado pelos factos co-

conhecidos até ao presente, que os musculos na economia animal, seja no estado fysiologico, ou no pathologico, precisão da sua integridade para executarem os grandes movimentos, a que são destinados pela natureza, e que para esta integridade entra como condição a mais essencial a potencia nervosa.

CAPITULO VIII.

Conclusão.

DE tudo o que temos exposto na presente Memoria, podemos tirar os seguintes resultados:

1.° A differença de fórmas, que se nota nos musculos, he puramente accidental; tem lugar já entre os diversos musculos da vida animal comparados entre si, já entre os da organica; não affectão nem a organisação, nem as propriedades e essencia destes orgãos.

2.° A estructura dos musculos he a mesma em todos elles, ou a consideremos no seu tecido proprio, ou nos communs que entrão na sua composição. Algumas pequenas differenças, que nella encontramos, não são relativas ás duas classes, que *Bichat* estabeleceo, de musculos, mas sim á qualidade diversa dos seus estimulos proprios; e por essa razão a tunica muscular dos intestinos diversifica tanto ou mais do coração, que he involuntario, como ella, como dos musculos voluntarios. Apezar porém dessas pequenas modificações, o modo por que servem nos usos, a que são destinados, he hum unico, que he o da contracção e relaxação; e os fenomenos e leis dessa contracção e relaxação são absolutamente identicos; de maneira que não podem formar mais do que huma classe de orgãos.

3.° A potencia nervosa entra essencialmente na integridade do orgão, que chamamos musculo, pois he absolutamente necessaria para a formação das suas contracções, e tam-

tambem o he a applicação de hum estimulo; e dadas estas circumstancias, resultão em todos os musculos fenomenos identicos; logo huma só força, a que se chama irritabilidade, preside a elles, e he inteiramente imaginaria a distincção, e creação dos novos termos *contractilidade animal sensivel*, e *contractilidade organica sensivel*.

A diversidade, que se nota, he nos estimulos; a vontade opéra como tal no sensorio commum, porque produz exactamente o mesmo effeito nos musculos voluntarios que outra qualquer irritação sympathica, morbosa, ou artificial, que appliquemos ao cerebro ou aos nervos; a unica differença he, que as contracções excitadas pela vontade são muito mais regulares, e duradoras doque as dos outros estimulos; e até nisto mesmo ha huma perfeita identidade entre os musculos voluntarios, e os que o não são; porque só o sangue estimula regularmente o coração, e os alimentos o estomago e intestinos, &c. Se estes estimulos se trocão, ou se lhes substituem outros, segue-se igualmente fraqueza e irregularidade das contracções.

Logo do cerebro vem para os musculos animaes o estimulo, e não a força de contracção, como pensou *Bichat*; e he muito notavel, que os Auctores tenhão constantemente confundido a potencia com a irritação nervosa: humas vezes parece, que os distinguem claramente, e que tem alcançado esta verdade; porém continuando a sua leitura, encontra-se huma tal inexactidão de expressões, que argue outra igual nas idéas, e a confusão daquelles dois objectos distinctos. A potencia nervosa existe sempre emquanto ha a integridade do seu systema; opéra de hum modo constante e perpetuo sobre os musculos; os estimulos pelo contrario são applicados com intervallos dependentes de varias causas; os da vontade procedem inteiramente da intelligencia; os dos liquidos da sua existencia ou não existencia nas cavidades musculares; e os accidentaes dependem de huma infinidade de circumstancias, que he inutil referir.

Podemos dizer, que aquella verdade, que os Metafysi-

sicos tem consagrado desde os tempos de *Locke*, isto he, que as sensações propriamente ditas nascião sempre das impressões, ou irritações feitas nos sentidos, he applicavel em toda a extensão aos musculos, cujas contracções nascem sempre de algum estimulo; verdade fysiologica, que *Haller* estabeleceo de hum modo irrefragavel, mas não conheceo a necessidade da potencia nervosa para a integridade do musculo, e por isso talvez não distinguisse cabalmente o estimulo dos nervos, principalmente quando opera a vontade, da sua força. Em *Bichat*, em *Tissot*, e outros se achão igualmente varias passagens com a mesma confusão. Comtudo são cousas muito distinctas, mas existem, e são essenciaes ambas em todos os musculos.

4.° Além desta irritabilidade perfeita, ou muscular ha huma força menos activa, que produz fenomenos menos energicos, mas muito analogos, em varias partes dos vegetaes, e animaes; reside e he inherente ás fibras: nós lhe chamamos rudimento ou principio de irritabilidade; porque parece ser no fundo a mesma força muscular amplamente derramada por ambos os Reinos organicos; mas que pela maior complicação, e accessorios, que recebe no musculo, principalmente o da potencia nervosa, se torna muito mais activa e variada.

5.° Não julgamos com *Johnston*, que a existencia dos ganglios seja a causa da involuntariedade de certos musculos; nem que esta nasça de ser a sua irritabilidade independente dos nervos, como pensárão *Haller*, e *Bichat*; ou porque elles tirem a sua potencia nervosa de toda a medulla espinal, como ajuizão os Medicos, que fizerão o Relatorio da Obra de *Le Gallois*; mas sim da diversa modificação das extremidades dos nervos, que terminão nos musculos, não entrando em discussão alguma abstracta e conjectural; mas só pela consideração tirada dos factos de que a superficie interna destes musculos he dotada de diversa sensibilidade; e como esta he huma propriedade exclusiva dos

nervos, concluimos dahi que estes devem padecer alguma modificação nas suas extremidades sensientes.

Terminaremos o nosso presente trabalho, tornando a advertir, que admittimos com *Bichat*, que os musculos voluntarios, visto estarem debaixo do imperio d'alma, são muito mais dependentes do centro, doque os outros; que os sentidos externos, o cerebro, os nervos, e os musculos voluntarios formão huma serie de orgãos postos debaixo da influencia da Potencia intelligente, ao menos no maior numero de casos, e constituem o que se chama vida relativa, ou animal. Se aquelle Escriptor tivesse parado aqui, nada teriamos que accrescentar; mas quando estabeleceo, que os musculos voluntarios tinhão huma organisação e usos inteiramente differentes daquelles dos involuntarios (*a*); que a chamada contractilidade animal sensivel era absolutamente differente da irrictabilidade; que esta era independente da potencia nervosa; que o cerebro, e os nervos não tinhão por meio algum influencia nella, propoz asserções, que nos parecem erradas, e que farião retrogradar muito não só os nossos conhecimentos fysiologicos, mas os pathologicos. Não he possivel fazer alguma explicação plausivel da producção dos symptomas de certas molestias, particularmente das febres, sem reconhecer a grande influencia do systhema nervoso nos orgãos da circulação, e da digestão.

Mas nem por isso pareça, que pertendemos diminuir o

(*a*) São rigorosamente só dois, o coração e a tunica muscular do canal alimentar; porque a da bexiga está em parte sujeita á vontade. Até por este lado era inutil dividir os musculos em duas classes; porque as classificações são methodos artificiaes de que nos servimos para dispor muitos objectos, segundo as suas affinidades, em tal ordem que a memoria os comprehenda facilmente; ora dois objectos comprehendem-se muito bem sem classificações. Quanto mais o coração, e a tunica muscular dos intestinos diversificão muito entre si pela côr, grossura, e disposição de suas fibras, pelos seus estimulos naturaes, &c. e apenas tem alguma affinidade pela circumstancia de serem involuntarios; circumstancia, que nada tem de anatomica, pois pertence unicamente aos musculos vivos.

o merecimento daquelle sabio; elle mesmo he que nos poz na estrada de podermos fazer esta analyse de parte das suas opiniões. O mesmo aconteceo ao famoso *Hyppocrates* Inglez, que reconhecendo o grave prejuizo de tratamento estimulante e sudorifero nas bexigas, e outras molestias exanthematicas, estabeleceo huma verdade pratica de grande utilidade; mas depois propoz hum tratamento refrigerante inteiramente opposto ao antigo, e que tambem foi seguido de graves inconvenientes. A posteridade, dando ás cousas o seu devido valor, tomou o meio entre aquelles dois extremos, e tratou de similhantes molestias mais methodica e felizmente: mas deve-se áquelle Medico observador o ter ensinado o caminho aos outros para sahirem do antigo pernicioso trilho. Igualmente a distincção das duas vidas, que se deve particularmente a *Bichat*, reduzida áquelle valor em que deve ficar, he huma origem fecunda de clareza, e de conhecimentos anatomicos e fysiologicos.

MEMORIA

Sobre hum Verme vivo dentro do olho de hum cavallo, lida em a Sessão publica de 24 de Junho de 1816.

POR SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOZO.

A Grande divisão dos Animaes sem vertebras he sem duvida a que offerece mais embaraços para o seu estudo, e por isso mesmo a mais atrazada da Zoologia: a difficuldade da conservação de muitos delles depois de mortos, as poucas occasiões que ha para observar alguns em quanto vivos, os differentes lugares e modos porque existem, a immensa variedade da sua organização, em fim as poucas observações que os Antigos nos transmittírão sobre elles; tudo concorre para que (apezar dos innumeraveis trabalhos deste ultimo Seculo) sejão ainda muito imperfeitos os conhecimentos que se tem podido adquirir a seu respeito.

E com tudo já se deixa entrever que este estudo deverá ser interessante, e até capaz de conduzir aos maiores descobrimentos. Os animaes de vertebras, principiando pelo homem o mais perfeito dos Entes organizados, vão descendo por gradações, já mais já menos sensiveis, até aos Peixes; os quaes, se bem que dotados de huma estructura muito mais simples, mostrão ainda hum esqueleto, hum coração, sangue, e orgãos proprios para a respiração. Então como se a Natureza repugnasse a dar hum salto repentino destes animaes para os invertebrados, já o esqueleto de alguns Peixes em vez de osseo he meramente cartilaginoso: vem depois os Moluscos que de todo o não tem, mas cuja estructura he a pezar disso bastante complicada; e simplificando-se cada vez mais a organização, vai finalmen-

mente findar esta serie em os Polypos, Entes extraordinarios, e que apenas, deixem-me assim dizer, contém em si os primeiros rudimentos da animalidade.

O homem cheio de assombro, e não se podendo impedir de hum certo orgulho por formar o anel mais nobre desta immensa cadea, corre com os olhos, e com a imaginação todos os outros de que ella he formada, e mede a enorme distancia, que vai desde o primeiro até ao ultimo em que parece acabar; e quando já a simples vista não seria bastante para fazer-lhe conhecer nenhum outro animal vivo, he então que armado do microscopio se lhe descortina hum mundo sem limites, e totalmente novo; a agoa mais limpa e pura, a infusão mais bem filtrada, estando em circunstancias favoraveis, descobre dentro de pouco tempo milhões de pequenas moleculas animadas, humas ainda informes, outras já desenvolvidas, e com variadas figuras; as quaes nascem, vivem, propagão-se, e morrem as mais das vezes dentro do mesmo dia. O observador vê, para assim dizer, hum fluido todo elle vivo, he senhor de augmentar ou de diminuir a força da sua vitalidade, de dar ou de tirar a existencia a hum sem numero de Entes, que de outra maneira nunca terião apparecido no Universo. Estas ideas fazem-lhe esquecer que tambem elle pertence ao mesmo Reino animal, e até quereria hombrear com o Creador, se a reflexão, fazendo-lhe notar o tempo que esteve sem conhecer objectos que tinha debaixo dos olhos, e quanto ainda ignora a respeito dos mesmos Entes a que póde dar a vida, não lhe mostrasse palpavelmente a fraqueza dos seus meios, e a pequena esfera do seu entendimento.

Deve pois confessar-se que se a sciencia da Zoologia em geral engrandece a nossa alma, e traz comsigo utilidades bem palpaveis e manifestas, quando trata dos animaes com vertebras; ella não he menos interessante nem deleitosa, quando se aplica aos animaes invertebrados, que alargão tanto os limites dos nossos conhecimentos, e nos aprezentão tantas novas maneiras de existir e de se propagar,

e

e huma tão pasmosa variedade em todas as funcções vitaes : mas ha alem disso outro motivo, pelo qual devem ser igualmente conhecidos e estudados, e he que huns ministrão muitas vantagens e proveitos ao homem civilizado, em quanto outros occasionão immensos males e incommodos, não só ao mesmo homem, mas aos outros animaes.

He a respeito destes inimigos, isto he, dos Vermes chamados Intestinaes que terei de entreter-vos por alguns momentos : tudo nelles he extraordinario, e mais ainda a sua geração dentro dos corpos dos animaes, em que habitão aos milhares. Não sómente os Intestinos, mas todas as partes moles do corpo, ainda as mais occultas, estão expostas ao seu accesso : ha porém algumas em que não parecem existir senão por hum accaso ou anomalia da Natureza, e quando apparecem destes fenomenos raros, tem os Naturalistas cuidado de os consignar na Historia da Sciencia, para que á proporção que as observações se multiplicão, se verefiquem melhor os factos, até chegar o momento de se formar huma theoria, que nos explique o que por ora parece incomprehensivel. He debaixo deste ponto de vista que vou fazer a descripção de hum destes accasos, que ainda todos poderão verificar, e que pela sua singularidade merece occupar a vossa attenção.

EM o mez de Setembro de 1815 veio do Deposito de Evora para esta Capital e foi distribuido ao Regimento de Cavallaria N. 4, que aqui se acha de guarnição, hum Cavallo, baio de 4 para 5 annos de idade. Pelos fins de Janeiro, principios de Fevereiro do presente anno estando-o limpando o Soldado, a quem pertencia, reparou que na menina do olho esquerdo havia huma como pequena palha ou cabello, que se esforçou por tirar; vendo porém que lhe não era possivel, por estar pela parte de dentro da Cornea transparente, e que alem disso tinha hum movimento proprio e muito vivo, veio no conhecimento de que era hum Verme,

o

o qual com effeito alli se alojava, sem que parecesse incommodar o Cavallo em cousa alguma. Admirado deste acontecimento, deo parte delle, e correndo a noticia lentamente, só pude examinar o animal em o primeiro de Abril. Neste tempo já o Verme tinha crescido muito, parecia pouco mais ou menos ter pollegada e meia de comprimento e mais de huma linha de grossura; a sua côr era branca amarellada, a figura cylindrica, com huma das extremidades adelgaçada e a outra mais grossa á maneira de cabeça. Nem á simples vista, nem com huma lente de que me servi, lhe pude descobrir pellos, articulaçóes, ou orificios alguns por todo o corpo: estava, como já disse, alojado entre a Cornea e a Uvea, e nadava no humor aquoso com extraordinaria agilidade e rapidêz; já estendendo-se, já encolhendo-se; humas vezes enrolando o seu corpo em espiral, outras dando laçadas nelle, em fim não estando parado hum só instante.

O que ha de notavel he, que a pezar de hum tal hospede, era o Cavallo pouco sensivel aos incommodos que á primeira vista parece que elle deveria causar-lhe; e não sómente se não conhecia inflamação ou dilatação alguma no olho, mas até o humor aquoso conservava toda a sua diafaneidade; he certo que havia tempos tinha apparecido huma nevoa, que principiando na parte inferior da Cornea, se estendeo até ao meio della, mas na epoca acima mencionada já estava desfeita em grande parte pela aplicação dos remedios usuaes; alem disso esta nevoa pareceo-me antes produzida pelo entupimento dos pequenos vasos linfaticos da mesma Cornea do que pela condensação ou degeneração do humor aquoso; pois alem de que a parte superior delle estava pura, via-se que os raios luminosos não podião penetrar a porção da membrana nubilada, como succederia se a nevoa estivesse sómente no humor.

Esta nevoa porém não se tinha dissipado de todo, ao menos inferiormente, e restava ainda huma porção bastante para encobrir o Verme de quando em quando: ao menos he certo, que algumas vezes elle desapparecia totalmen-

mente, ainda que por pouco tempo; outras vezes huma das suas extremidades ficava escondida em baixo em quanto com a outra corria sobre todo o Iris, atravessando a Pupilla; em fim havia muitas outras occasiões em que se apresentava totalmente á vista, enroscando-se por diversos modos, pois o seu tamanho não lhe dava lugar para se poder estender naquella cavidade.

O habito de alguns mezes, adquirido quasi imperceptivelmente, he talvez o que impede o Cavallo de espantarse quando o Verme atravessa a Pupilla, e o que permitte que elle esteja quieto, e dê todo o tempo para se examinar. Em o dia referido o vi eu mais de hum quarto de hora, sem que mostrasse signal algum de impaciencia ou de medo. Devo porém advertir que, segundo me affirmou o Soldado que o trazia, não acontece assim quando elle vai marchando, pois ás vezes se espanta, volta sobre as pernas e foge precipitadamente: talvez que isto tenha lugar quando a figura do objecto externo, que repentinamente se lhe pinta na Retina, sendo cortada pela sombra do Verme ao ponto em que este atravessa a Pupilla, vem a tornar huma apparencia medonha, fazendo ver ao animal hum precipicio ou outra cousa simelhante; digo que me persuado ser esta a causa daquelles medos, porque a originarem-se elles por estimulo do Verme, tanto o deveria sentir parado como andando, o que com tudo não acontece. Em fim deve ainda notar-se que o Cavallo he castrado, e que como esta operação costuma sempre produzir huma sensivel diminuição na vista, talvez que sómente a isto e não ao Verme sejão devidos aquelles mesmos espantos.

Poucos dias depois de ter feito e repetido estas observações, foi o Cavallo tomar verde para Sacavem, e como a distancia me não permittia examinallo a miude, roguei que me dessem parte de qualquer alteração que experimentasse no olho; porém até hoje 14 de Maio, dia em que isto escrevo, não tem havido outra, senão a de ter crescido e engrossado o Verme consideravelmente, e de ter em con-

consequencia disso inchado hum pouco o olho, e augmentado-se a nevoa; a pezar do que ainda o Cavallo vê daquelle lado, e não parece experimentar incommodo consideravel.

Esperar-se-hia sem duvida que depois de ter fallado neste Verme, désse huma descripção circunstanciada delle, para ao menos se vir no conhecimento, se he da classe daquelles que costumão habitar dentro dos Intestinos do Cavallo, ou de outra differente; mas tudo quanto por ora poderia dizer a este respeito, não passaria de huma simples conjectura, visto que o movimento continuo em que está, e o não ser possivel nem voltar o seu corpo, nem ver bem as suas extremidades, faz com que todas as observações sejão suspeitas. Alem disso tenho a mais bem fundada esperança de o poder examinar á minha vontade quando estiver fóra do olho, pois o Coronel daquelle Regimento assentou de o fazer vasar, quando se reputasse esta operação mais conveniente; e ella o será no ponto, em que o Verme tendo engrossado mais, e rompido em consequencia as membranas que dividem as cameras do olho, os humores se confundirem, e o Cavallo vier a ficar cego delle: he claro que neste caso he tanto mais necessaria a operação, que por hum lado se tira o tormento, que o animal deve experimentar, e pelo outro tem já o Verme adquirido bastante crescimento para ser mais bem descripto e examinado (*a*).

Se este fenomeno não he singular, deve confessar-se que he bastantemente raro apparecerem outros identicos: as mi-

(*a*) A ultima vez que vi este Verme foi no fim de Julho; pareceo-me então hum pouco mais corpolento e os seus movimentos menos rapidos; em quanto ao mais conservava se tudo no mesmo estado. Hindo depois para o campo, alli me mandárão dizer em Outubro, que elle tinha morrido dentro do mesmo olho, pois que se via huma das suas extremidades immovel na parte superior da nevoa em que acima fallei, e o restante encoberto com ella; assim se conservou por algum tempo, até que desappareceo de todo, porque tem crescido mais a nevoa que talvez encobre o seu cadaver. O que ha de mais notavel he que o Cavallo ainda vê alguma cousa deste olho.

minhas averiguações não me podérão descobrir mais do que tres, mencionados em diversos Auctores, e ainda hum delles não parece ser totalmente conforme com este que descrevi.

Bonet no seu *Sepulchretum* cita huma observação de Spiegel, em que elle achára o humor vitrio do olho de hum Cavallo totalmente corrupto, por causa de hum Verme que alli se introduzira, chamado por Gesnero *Vitulus aquaticus*: como Bonet não accrescenta cousa alguma, parece que o Verme (o qual pela descripção e figura de Gesnero he o mesmo a que os Naturalistas modernos dão o nome de *Gordius*) não passara do humor vitrio, onde morrera. A obra em que Spiegel falla nesta observação he-me totalmente desconhecida, por isso não posso accrescentar nada ás palavras do citado Bonet (*a*).

O segundo facto, muito mais circunstanciado do que este, he extrahido das *Transacções* da Sociedade Filosofica Americana de Philadelfia, onde no Tom. II. se achão duas Memorias de Mrs. Hopkinson e Morgan que o referem (*b*).

Se-

(*a*) *Vitreum oculi humorem non inflammari tantum sed etiam putrescere argumento est anno 1622 ab Adriano Spigelio repertus in vitreo humore oculi equini vermiculus, qui C. Gesnero vitulus aquaticus appellatur.* 1. *Rodius Cent.* 1. *Observat. LXXXIII.*

(*b*) Eis-aqui o modo por que Mr. Hopkinson descreve este acontecimento: « O verão passado correo a noticia de se ter visto hum Cavallo com huma cobra viva em hum dos seus olhos: ao principio desprezei esta noticia; confirmando a porém muitos dos meus amigos que a tinhão presenciado, tive a curiosidade de a examinar, levando hum delles em minha companhia. O Cavallo habitava em Arch-Streets, e pertencia a hum negro livre. Examinei o olho com toda a attenção de que era capaz, não estando disposto a acreditar a opinião commum, antes esperando descobrir huma impostura ou preoccupação do vulgo: assim fiquei muito admirado de ver realmente hum Verme vivo dentro do globo do olho: este Verme era de côr esbranquiçada, de grossura e apparencia de hum pedaço de birlo delgado de fazer renda, pareceo-me ter de $2\frac{1}{2}$ a 3 pollegadas de comprimento: o que não posso affirmar mui exactamente por não apparecer nunca o seu corpo totalmente descoberto, mas só aquella parte que se podia ver atravessada no Iris, que estava grandemente dilatado. O animal estava em hum continuo movimento vermicular muito vivo, recolhendo-se de quando em quando na parte mais profunda do olho, e fazendo-se totalmente invisivel, outras vezes chegando-se fóra ao pé do Iris, e mostran-

Segundo este ultimo a Gazeta de Pensylvania de 23 de Maio de 1782 foi a primeira que publicou a noticia de hum Cavallo, que então apparecia com huma Serpente viva dentro de hum olho, e isto deo motivo a concorrer grande numero de pessoas para o observarem; quando Morgan o vio, estava já a molestia muito adiantada; a supposta Serpente, que como era de esperar, não passava de hum Verme, tinha tomado bastante corpolencia, as membranas internas do olho estavão destruidas, este extraordinariamente entumescido, por isso o Cavallo o tinha sempre fechado, e só algumas palmadas na anca o incitavão a levantar a Palpebra, durante dois ou tres segundos; assim os observadores não podérão bem descrever o Verme, mas, pelo que dizem, conhece-se que o caso he inteiramente similhante ao que agóra se observa. Em quanto ao mais, os desejos daquelles Naturalistas não ficárão satisfeitos, e o possuidor do Cavallo, que era hum Negro livre, recusou-se a vendello para se examinar competentemente; pois o preço que tira-

» do-se plena e distinctamente, ao menos huma porção delle tamanha, » quanto era o campo do mesmo Iris. Não pude distinguir a sua cabe- » ça, porque nunca acabou de a mostrar perfeitamente em quanto o » examinava; e na verdade o seu movimento era tão rapido e constan- » te, que não se podia esperar huma averiguação muito circunstanciada. » O olho do Cavallo estava muitissimo inflamado, inchado, e fóra do » seu lugar, e assim mesmo os musculos contiguos ao globo do olho, » o que parecia causar-lhe grande dor, de maneira que com muita dif- » ficuldade se podia conservar aberto por poucos segundos, e eu era » obrigado a espreitar o momento favoravel para ver distinctamente o » seu atormentador. Creio que o Cavallo estava totalmente cego daquel- » le lado, pois me pareceo que os humores do olho estavão confundi- » dos, e que o Verme occupava todo o globo, que ainda assim não tem » sufficiente diametro para elle se estender ao comprido. Os humores do » olho principião já a fazer-se opacos e semelhantes a huma gelea, e » assim ficárão totalmente ao depois segundo fui informado.

» Como este caso tem circunstancias fóra do commum, e vai inten- » der com muitas doutrinas philosoficas, póde lamentar-se que o Caval- » lo não se tivesse comprado, e o seu olho dissecado para se fazer » hum melhor exame, livre de todo o engano. Tenho a convicção de » que havia dentro do globo do olho do Cavallo hum animal vivo com » hum movimento proprio. »

va de o mostrar ao Publico era maior do que a paga que se lhe offerecia.

O terceiro facto que ainda parece ser mais identico com o que actualmente presenciamos, he tirado de huma obra Hespanhola intitulada *Instituciones de Albeitaria . . . dispuestas por el Bachiller Francisco Garcia Cabero . . . Madrid* 1755 1 vol. 4.° No fim desta obra vem huma consulta do *M. Domingos Royo*, em que refere que huma Mulla de 6 annos, do Provincial dos Franciscanos de Aragão, se achava com hum animal (a que elle chama huma cobrinha) dentro do olho esquerdo, que ella era da grossura de hum cabello, do tamanho pouco mais ou menos de pollegada e meia, e com os movimentos tão vivos que nem na agoa podião ser mais visiveis. Confessa o dito *Royo* que este caso era para elle totalmente novo, mas que lhe tinhão segurado que tambem succedera já em França (*a*).

Bem conhecida pois e posta fóra de toda a duvida a verdade de similhantes factos, o ponto que naturalmente chama a nossa attenção he o modo por que o Verme se póde gerar, ou introduzir dentro do olho do Cavallo; questão esta que por hum lado se acha ligada com a da geração dos Moluscos intestinaes em geral, e pelo outro com a da extructura do olho, e alterações occasionaes, que ella tenha experimentado. Em quanto a esta segunda parte, por isso mesmo que espero, como já disse, adquirir conhecimentos mais exactos, quando se dissecar o dito olho, ficará reservada para então, tanto mais que o outro artigo da geração dos Molucos Intestinaes póde tratar-se independentemente, e abrir o caminho para o que depois se houver de discorrer sobre aquelle fenomeno.

A geração dos Vermes em geral foi em todo o tempo

(*a*) Nem aquella consulta, nem a resposta dão outra alguma clareza a respeito deste Verme; o *Cabero* não pode mesmo persuadir-se que haja hum animal vivo dentro do olho. O objecto que ambos os autores tem em vista he examinar se será ou não possivel romper a Cornea e extrahir o Verme sem que o olho fique cego, do que nada duvida o mesmo *Cabero*.

po materia de mui grandes disputas. Aristoteles, e muitos Antigos que o seguírão; vendo no ar, ajudado do calor, hum principio de vida e de animalisação, admittírão a geração espontanea como tendo lugar em Animaes desta natureza; em quanto outros a negárão pertinasmente e até a ridiculisárão, não só entre os mesmos Antigos, mas sobre tudo entre os Modernos. Os argumentos dos dois partidos erão com tudo mais especiosos do que concludentes; a experiencia he a que devia decidir, e estava ella muito longe de ter ainda fallado por hum modo capaz de tirar todas as difficuldades.

Os Quadrupedes, as Aves, os Peixes, em fim todos os animaes de Vertebras, e alguns dos Invertebrados tem orgãos proprios para a geração, e propagão-se pelo concurso dos sexos, ou elles estejão em animaes differentes, ou em o mesmo individuo. Este facto exactamente averiguado fez tirar a conclusão precipitada de que sendo esta a marcha regular da Natureza naquelles animaes, deveria ser tambem a mesma em todos os outros: como se ainda aquelles que tem huma estructura totalmente diversa, estivessem a pezar disso sugeitos ás mesmas leis; como se não fosse possivel haver mui variados modos para multiplicar a especie; e como finalmente se as classes de animaes, que ainda restavão para observar, não comprehendessem mais individuos que aquellas que já erão conhecidas. O fundamento daquelle systema era hum argumento de analogia, mas esta só póde servir de prova, quando não ha lugar para a observação, e ainda então he necessario que as circunstancias sejão muito parecídas, quando não identicas.

O descobrimento dos Animaes infusorios, e huma averiguação mais exacta sobre alguns Polipos veio fazer conhecer modernamente que elles se propagão por modos muito extraordinarios, e de que d'antes não havia a menor suspeita: as Infusões de muitas substancias, e até a agoa distillada guardada em vasos fechados, dão origem a huma quantidade de animaculos a que não he facil descobrir os proge-

genitores em systema algum, que não seja o da geração espontanea. Desde este tempo fez-se huma revolução completa nesta parte da Zoologia, a classe dos Vermes foi estudada com o maior ardor; e a doutrina da geração espontanea cessou de ser olhada com ludibrio, logo que o celebre Buffon com seductora eloquencia a apoiou em toda a sua plenitude.

Muitos Naturalistas seguírão este grande Genio; mas devo confessar que na minha opinião talvez transposerão a meta, attribuindo ao accaso ou ás molecullas organicas a formação dos Moluscos Intestinaes; segundo os sentimentos do Plinio Francez, a porção não digerida dò leite he a que lhe dá origem quasi á nascença do Animal, e se outros Vermes se desenvolvem durante o seu crescimento, he ainda a huma superabundancia de materia organica e á sua demora em algumas partes do animal que elle attribue esta geração: desenvolvem-se, ou cristalizão pela mesma maneira, que cristalizão os animaculos microscopicos pela quietação do vehiculo aquoso.

Se pois por hum lado, segundo o estado actual dos nossos conhecimentos, não se póde regeitar de todo a geração espontanea; ¿não parece pelo contrario que se lhe dá huma extensão demasiada attribuindo-se-lhe a origem dos Moluscos Intestinaes? assim me persuado. Mas neste caso ¿qual será o ponto, quaes serão os animaes em que essa geração espontanea cessa de ter lugar? he o que por ora se não póde determinar de huma maneira decisiva; sem que deixe de haver algumas considerações, que parecem indicallo com bastante probabilidade.

Acima dissemos, que desde o homem o mais perfeito dos Entes organicos até ao ultimo Verme havia huma gradação mais ou menos sensivel de faculdades, que principiando naquelle em o *maximum*, se hião pouco a pouco amortecendo ou aniquilando, até se desvanecerem quasi todas nos Polypos e animaes infusorios. Ora basta sómente o raciocinio para fazer ver que estas faculdades estão na razão di-

directa da organização dos animaes: a estructura dos Quadrupedes he summamente complicada, a dos Vermes extremamente simples, assim as faculdades dos segundos não poderáõ ter comparação em numero com as dos primeiros. Outro facto que he igualmente certo, he que á proporção que estas faculdades diminuem na sua quantidade, augmentão em intensidade: o homem cego e surdo adquire e aperfeiçoa o sentido do tacto até hum gráo maravilhoso; e o que acontece em hum mesmo individuo, acontece tambem em individuos de natureza differente; por tanto os Vermes dotados de mui poucas faculdades, gozão em toda a extensão daquellas que possuem.

Não he isto huma hypotese fundada em meras conjecturas, são factos que a experiencia confirma todos os dias, e por mil maneiras differentes: mostra ella que se os Quadrupedes tem a faculdade de regenerar as carnes de pequenas feridas, os Vermes podem regenerar membros inteiros, e he opinião de grandes Fysicos que os Caracoes cortando-se-lhes a cabeça, ou ao menos huma parte della, ainda vivem, e adquirem outra nova (*a*). Se os Quadrupedes tem a faculdade de se multiplicar por meio dos ovos, os Vermes tem huma infinidade de outras maneiras; pois como em muitos a simplicidade da sua organisação não lhes permitte ter orgãos proprios para aquelle fim, perpetuão-se huns, como os Polypos de agoa doce, por bolbinhos, á maneira de muitas Plantas; outros como os Zoofitos, por gomos e rebentos, com que se ramificão e tomão a apparencia de pequenos arbustos; outros ainda cortando-se ao se

(*a*) Spallanzani foi o primeiro que publicou esta experiencia: tendo depois sido repetida por diversos naturalistas com differentes resultados, tentou novamente Bonnet confirmalla, publicando no *Jornal de Fysica* anno de 1777 as suas observações a este respeito; mas assim mesmo alguns Sabios ficàrão em duvida, por não poderem nunca conseguir a renerageção das cabeças dos Caracoes amputados: hoje em dia ainda este ponto he contreverso; o que parece mais provavel he, que quando sómente se cortão os cornos, e a parte anterior da cabeça, tem lugar a regeneração; pelo contrario se o cerebro, ou o primeiro ganglião que faz as suas vezes, he amputado, morre infalivelmente o animal.

meio, ficão formando dois animaes differentes; outros finalmente como os Vermes infusorios sómente se propagão pela scisão longitudinal e espontanea dos seus corpos, que chegando a hum certo crescimento se fendem ao comprido, gerando-se hum ou muitos animaes de cada huma das suas ametades.

Esta ultima ordem de Moluscos he aquella, cujo primeiro nascimento parece bem provavel ser devido a huma geração espontanea, porque não tendo orgãos sexuaes, não se propagando pelos ovos, e não preexistindo as mais das vezes outros animaes para lhes darem o ser; apparecem de repente mais ou menos formados ou cristalisados segundo as circunstancias: alem disso as Infusões de differentes materias que se tem tentado derão existencia a animaes differentes; e novas Infusões, ou ainda as mesmas diversamente combinadas, darão origem a outros que ainda não existem, e que serão totalmente novos, por isso que são filhos de circunstancias totalmente novas.

Pelo contrario em os Moluscos Intestinaes reconhecerão grande numero de observadores orgãos proprios para a geração, e ainda que alguns se podem reputar Androginos, outros ha, em que os dois sexos estão em individuos distinctos, e em que os seus ovos parecem distinguir-se perfeitamente. Ora, segundo a marcha regular da Natureza, assim como por ovos he que se propagão, assim tambem de ovos he que deverão nascer: ao menos he certo que sómente se poderia adoptar a opinião contraria, quando não houvesse outro algum meio para explicar a sua apparição dentro dos corpos dos animaes.

O grande Linneo, que por hum lado sentia a força deste raciocinio, e pelo outro lhe parecia temeraria a hypotese de gerações inteiras de animaes assistindo dentro de outros, e propagando alli de pais a filhos, suppoz que os Moluscos Intestinaes tinhão sido primeiro introduzidos de fóra pelos alimentos e respiração; e que assim todos elles tinhão outros semelhantes de que provinhão, ou na terra,

ou

ou nas agoas. Este systema bem commodo para explicar muitos fenomenos, que agora parecem incomprehensiveis, e que modernamente foi seguido em parte por Brera, e alguns outros, he totalmente destituido de provas. Os Moluscos internos são tão differentes dos externos, que Naturalistas celebres fizerão delles huma ordem separada; e está não só bem averiguado, que não existem fóra dos corpos, mas que até morrem apenas são dalli tirados, tanto lhes he necessaria e essencial aquella habitação!

Parece pois que se os Moluscos Intestinaes não são devidos a huma geração fortuita, nem tão pouco introduzidos de fóra dentro dos corpos dos Animaes, com toda a razão deverão reputar-se innatos a elles; pois não resta nenhuma outra maneira de explicar a sua existencia. Alem disso he evidente que elles podem ser innatos por huma de duas maneiras; ou estando já o seu embrião contido dentro do germen do animal no momento da fecundação deste ultimo, ou sendo-lhe transmittido durante o crescimento e nutrição do feto dentro no ventre materno. São estas as duas hypoteses que nos restão para examinar, e fallo-hemos com a maior brevidade que nos for possivel.

Muitos Fysicos modernos, seguindo os celebres Haller e Bonnet, pensárão que os embriões dos animaes preexistião originariamente á sua fecundação, e que esta servia como de hum estimulo, sem o qual nunca se poderião desenvolver, nem ter vida: assim os embriões de todos os corpos organizados de huma mesma especie serião contidos huns dentro dos outros desde a primeira criação, e se desenvolverião successivamente até ao fim dos Seculos. Este systema essencialmente metafysico, e que exige huma tenuidade tal nos embriões, que espanta a nossa imaginação, ainda se torna muito mais complicado, quando suppomos outras series de differentes especies de animaes contidas dentro desta primeira, e seguindo a mesma incomprehensivel marcha no seu successivo desenvolvimento. Faltão até as expressões para apresentar estas idéas em toda a sua luz;

por isso será melhor vermos, se os Vermes se podem introduzir dentro do feto, sem se recorrer ao brilhante sonho da preexistencia.

Os ovos dos Vermes são de huma pequenhez extraordinaria, e na maior parte he tal o seu volume, que se precisa de hum microscopio de muito grande força para serem perceptiveis: assim mesmo segundo Bloch os corpos que então se vêm, são verdadeiros ovarios, ou massas de pequenissimos ovos, unidos huns aos outros. São taes, continua o mesmo Autor, que tocados com a ponta de hum alfinete, o que fica pegado a elle, ainda que não excedesse a grossura do mais pequeno atomo de poeira, apparece ao microscopio hum ajuntamento incrivel de pequenos globos. Cada hum delles contém pois o embrião de hum Verme o qual pela sua tenuidade póde ser transportado por todo o corpo do animal, visto que por todo elle ha ramificações de vasos, com capacidade bastante, ainda nos mais delicados, para os conter em si, e transmittillos de hum para outro lugar.

Além disso, ainda que o assento principal destes Moluscos seja nos Intestinos, como elles se desenvolvem em muitas outras partes do corpo, e tem em gráo eminente a faculdade de se reproduzir; fica manifesto que os seus ovos devem ser, muitas vezes em grande numero, removidos do lugar, em que estavão nos mesmos corpos, pelo movimento dos fluidos: obrigados assim a entrar dentro de canaes differentes dos que occupavão, são arrastados pela circulação aos diversos pontos, a que ella se estende, para alli se desenvolverem achando circunstancias apropriadas, ou para se aniquilarem huma vez que as não encontrem.

Se estes principios são exactos, como me persuado, não será muito difficultoso comprehender a maneira porque os Vermes passão das mãis para os filhos; e como os seus ovos correndo hum tão grande espaço chegão a salvamento ao domicilio, que lhes estava destinado, e onde se desenvolvem, e multiplicão. Com effeito não sómente Linneo,

Blu-

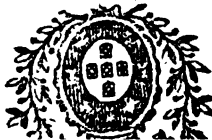
Blumenbach, Bloch, e muitos outros encontrárão Vermes nos Intestinos de alguns animaes logo depois do seu nascimento; mas além disso Rousseus, Harthman e Brindel achárão grandes quantidades delles em fetos antes de nascidos, e que por conseguinte só lhe podião ser transmittidos pela Placenta, juntamente com a substancia, que servia para os alimentar. Em fim esta mesma Placenta, o Utero, a Vagina, e até o Cordão Umbilical tem servido algumas vezes de morada a estes Vermes já desenvolvidos.

Não se pense porém que esta seja a unica maneira porque os Vermes se introduzem nos animaes; a lactação póde ser outra origem delles em a primeira idade. Se os seus ovos circulão nos vasos sanguineos, ¿porque não poderáõ passar aos vasos lacteos, e transmittirem-se assim de hum para outro animal? Baldinger citado por Brera, encontrou Vermes desenvolvidos dentro das Mamas, o que não deixa duvida de que o leite possa conter os seus ovos; como igualmente todos os humores secretorios do animal, porque o interior da boca, as ventas, os ouvidos, o bofe, as glandulas da trachea, e a bexiga urinaria são lugares onde os mesmos Vermes tem apparecido já formados.

Semelhantes factos, se por hum lado fazem admirar a tenuidade dos ovos dos Vermes, e a força da sua vitalidade, capaz de resistir á pressão dos fluidos, e aos differentes attritos, que devem encontrar na sua peregrinação; diminuem pelo outro lado o maravilhoso, que á primeira vista poderia resultar de se encontrarem os mesmos Vermes fóra dos Intestinos, que parecem mais propriamente destinados á sua habitação: poderia até reputar-se extraordinario conhecerem-se tão poucas destas suppostas anomalias; mas além de que os exemplos são já bastante triviaes, e o serão ainda muito mais quando o espirito de observação se tiver generalisado; deve advertir-se que para os ovos se desenvolverem, requerem-se certas circunstancias, que nem sempre tem lugar; taes são principalmente hum calor moderado; huma certa demora em hum lugar, onde não sejão desar-

ranjados durante o seu desenvolvimento; e em fim a disposição predominante do sugeito. As duas primeiras circunstancias existem commummente nos Intestinos, por isso talvez alli ha huma maior quantidade de Vermes, do que nas outras partes do corpo; e as tres, todas reunidas, tem principalmente lugar nos primeiros annos dos animaes, quando todos os seus orgãos são mais froxos e tenros, estando por isso mais sugeitos a esta molestia, do que os adultos.

O que até aqui tenho exposto não he mais do que hum bosquejo do systema, que me pareceo mais satisfatorio, e mais bem fundado a respeito da geração em geral dos Moluscos Intestinaes: conheço porém que actualmente elle não he o mais seguido, e que o da geração espontanea conta hum numero maior de sectarios entre os modernos Naturalistas; mas nem por essa razão os seus argumentos me parecem mais concludentes.

Para sermos sómente sinceros, deveriamos confessar a nossa ignorancia; mas o espirito inquieto do homem difficilmente se satisfaz por este modo, e na falta de experiencias, recorre ao raciocinio que muitas vezes o illude, por falta de bases solidas que lhe sirvão de fundamento. Póde bem ser que me ache actualmente neste mesmo caso; sem embargo do que quiz deixar entrever qual fosse a minha opinião a respeito do modo, por que o Verme de que ha pouco fallei, pôde introduzir-se no olho do Cavallo: mas, como disse, sou obrigado a deixar este assumpto para outra occasião, e a ceder o lugar a quem melhor do que eu hade entreter por hum pouco as vossas attenções.

DA

DA ANTIGUIDADE DA OBSERVAÇÃO DOS ASTROS,

E da Bussola e de outros Instrumentos no uso da Navegação.

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

ESCrevemos em resumo, e em proveito da Mocidade Portugueza algumas das cousas que nos parece que podem servir para provar dois Artigos, dignos de se notarem nos Estudos da Historia Maritima Universal: 1.° Que o aspecto do Ceo e a observação dos Astros foi o regulador que a principio tiverão os mareantes no uso da Navegação do alto mar: 2.° Que a Bussola e alguns outros instrumentos mais modernos da Nautica já tinhão sido inventados antes do Seculo XIV.

CAPITULO I.

Da Observação dos Astros no uso da Navegação.

DIzemos que os antigos navegadores nas suas viagens do alto mar, se guiavão pelo aspecto do Ceo, e pelo curso do Sol e das estrellas.

Dos navegadores do Mar roxo, da India, da China, e do Mar do Sul se conta em antigas relações, algumas dellas de testemunhas occulares, que elles navegavão pelo pego até grandes distancias. São nellas frequentes os lugares que ou o suppoem, ou disso fallão expressamente; sobre o que se podem ler as Viagens dos dois famosos viajantes Marco Polo, e Nicolao Veneto: o primeiro fallando

da

da Ilha de Cypango no mar Oceano, aonde havia outras muitas ilhas, diz « que as náos de Mangy, que lá hião, » por hum anno inteiro estavão no mar, hindo-se no in- » verno, e voltando no verão, por não haver senão dois » ventos » e accrescenta « que era esta terra mui afastada » das ribeiras da India » e já antes havia dito dos Chins, como testemunha ocular « que navegavão, ainda que com » grandes difficuldades, ás Ilhas Filippinas e ás Molucas, » posto que muito distantes do Continente (*a*). »

Do segundo que andou pela India vinte e cinco annos, podemos apontar dois lugares que aqui muito servem: » Duas Ilhas ha, diz elle, em a India Interior a cerca dos » extremos fyms do mundo, e ambas por nome som cha- » madas Jaua maior, e menor; e jazem contra Oriente; » E estam alonguadas d'terra firme huũ mez de navegaçom. » E antre hũa e outra das ditas Ilhas som cem milhas em » ho mais perto, aonde elle cõ sua mulher e filhos e com- » panheiros do mar de sua peregrinaçom folgou per nove » mezes. Alem destas (Jauas) per navegaçom de quinze » dias mais contra Oriente jazem duas Ilhas, huma se cha- » ma Sanday, e a outra Badam, em a qual so nace o cra- » vo, e dalli o levam as Ilhas de Jaua. Foi Nicolao Vene- » to para Occidente, e navegou a Cidade de Liampa, que » jaz em costa de mar, e navegou a Ilha Secutera que jaz » contra o Occidente da terra firme cem milhas, e neste » caminho esteve dois mezes (*b*). »

Particularmente se notou dos da Ilha de Otahiti, ou Taiti no Oceano Oriental, que perdendo a vista de terra, navegavão sem Bussola até 400 legoas longe das Costas, e chegavão até a Nova Zelandia, e conhecião as grandes distancias ás Ilhas do Mar do Sul. Dos Chins se diz o mesmo; conta-se que desde o Seculo IV. e V. não só navega- vão

(*a*) Lib. III. C. IV. e VIII. na *Collecção das Navegações de Ramusio*, Tom. II.

(*b*) Livro de Nicolao Veneto, escripto por Poggio Florentino, pag. 85 e 87, que vem com o de Marco Polo, ambos traduzidos por Valentim Fernandes. Lisboa 1502 fol.

vão pelas costas do Japão, de Jesso, e de Kamtschatcá, mas até se engolfavão nos mares largos, chegando sem costearem a terra, ás Ilhas do Mar do Sul, e a outras partes afastadas do Continente, de que tornaremos a fallar no Artigo da Bussola.

¿ Qual era logo o regulador, que tinhão estes povos maritimos para poderem navegar tão longe, se não possuião ainda o mostrador da Bussola? Por certo tinhão elles outra guia, posto que menos prompta e segura, por que se podião governar, independentemente de outro maior soccorro. O particular conhecimento, que os antigos mareantes tiverão das estrellas, foi muitos Seculos a Bussola da sua navegação. O aspecto do Ceo appresentava aos navegantes da nossa Zona hum certo numero de estrellas, que ficavão sobre o horisonte, durante as noites inteiras, sem jámais se porem; e era natural que os seus olhos se voltassem para estas guias permanentes: os Antigos fazem muitas vezes menção desta pratica maritima da observação das estrellas

. . . . Clavumque adfixus et hærens
Nusquam amittebat, oculosque sub astra tenebat (*a*)

. . . . Felix stellis qui segnibus usum,
Et dedit æquoreos, Cœlo duce, tendere cursus

Qui Lybico nuper cursu dum sidera servat . . . . (*b*)

Ducunt instabiles sidera certa rates (*c*)

Gubernator, qui pervigil nocte siderum quoque motus custodit (*d*)

Em verdade os Sidonios e Fenicios servião-se de dia da

(*a*) Virgil. Æneid. Lib. ✝. 852.
(*b*) Virgil. ibi Lib. VI. ✝. 338.
(*c*) Tibullo Lib. I. Eleg. X. ✝. 10.
(*d*) Petronio Arbitro Satyr. Cap. 102.

da direcção do Sol; e de noite endireitavão pelas estrellas o seu curso maritimo; e tão praticos corrião com os olhos no Ceo, que forão os primeiros que ousárão até navegar no meio das trevas (Estrabão): a elles se deveo a arte de navegar pelo soccorro dos Astros; porque elles observavão as Constellações, que se movião a roda do eixo do globo em virtude do seu movimento diurno; e tomavão por sinal do norte huma das mais visiveis e mais visinhas a elle, qual era o gruppo de estrellas tão notavel por sua figura, que excitava a attenção particular de todos, a que os Astronomos chamárão Grande Ursa, que apparecia sempre para o mesmo ponto do Ceo, e se não punha senão em parte para as Costas mais meridionaes da Europa; sendo assim propria para dar a conhecer o norte; sinal na verdade duvidoso, mas tal, qual se podia desejar nos primeiros tempos da invenção da Nautica.

Observavão tambem a pequena Ursa, que era menos apartada do mesmo norte, e ainda mais fixa que a outra; por isso o famoso Filosofo Thales de Mileto, voltando do Egypto e da Fenicia aconselhava aos Gregos, que se approveitassem tambem da inspecção da pequena Ursa, de que os Fenicios se servião, (Diogenes Laercio in vita Thaleti.) De ambas as Ursas para este fim fez Ovidio menção relativamente aos Sidonios, e aos Gregos:

Magna, minorque feræ, quarum regit altera Grajas,
Altera Sidonias, utraque sicca, rates

e Arato que se refere á Grande Ursa nestes versos

Dat Græcis Helice cursus majoribus artes,
Phœnicas Cynosura regit;
Certior est Cynosura tamen sulcantibus æquor,
Quippe brevis totam fido se cardine vertit,
Sidoniamque ratem numquam spectata fefellit.

As-

Assim a grande e a pequena Ursa servião de guia ás Nações nas suas viagens.

Não só os mareantes Fenicios, Gregos, e Romanos, mas tambem os Asiaticos se regulavão pelo aspecto do Ceo: estes ultimos attentavão pelas estrellas do Polo Antartico, e por ellas endireitavão as suas navegações: delles o attesta o celebre viajante Nicolao Veneto: « os mais que nave-
» gam em aquella India, diz elle, com Bussola se regem
» por as estrellas do polo antartico, que he o Sull. Ca
» poucas vezes vem as estrellas do nosso norte. Elles nõ
» naveguam por agulha, mas se regem e naveguam segundo
» que acham a estrella do polo alta ou baixa, e esto sabem
» por certa medida. E nõ menos medẽ ho curso que fa-
» zem, e a distancia que tem de huũ lugar pera outro;
» e assi sabem em qualquer lugar em que estiverẽ no
» mar (*a*). »

Podemos trazer em confirmação disto mesmo, o que os nossos escrevem do Piloto Guzarate, Malemo Caná, que Vasco da Gama levou de Melinde para dirigir a navegação para Calecut, o qual contava entre as mais praticas que teve com elle « que os Pilotos do Mar roxo alem de seus
» particulares instrumentos usavão principalmente da estrel-
» la, de que se mais servião em a navegação; mas que elle
» e os mareantes de Cambaia e de toda a India peró que a
» sua navegação era por certas estrellas assi do Norte, como
» do Sul, e outras notaveis que cursavão por meio do Ceo
» de Oriente a Ponente. » (Barros Decad. I. Liv. IV. C. VI.)

Luiz Barthema Bolonhez, que andou algum tempo a serviço de Portugal, fallando de suas viagens da Moluca Borneo e Java, dá hum claro testemunho desta antiga pratica de navegar sem Bussola. « Dimandó il mio compagno
» alli Christiani poi che noi habbiamo perso la tramonta-

(*a*) Livro de Nicolao Conti, chamado vulgarmente *Nicolao Veneto*, traduzido em Portuguez por Valentim Fernandes, no fim do Livro de Marco Polo, Ediç. de Lisboa 1502 fol. O Texto Latino vem no Tom. I. da *Collecção das Viagens de Ramusio* C. VIII.

» na, come si governa costui: evvi altra stella tramontana
» che questa, con la qual noi navighiamo? Li Christiani
» ricercarono il padron della nave, questa medisima cosa;
» et egli ci mostro quatro ó cinque stelle bellissime; infra
» le quali ve n'era una, qual disse ch'era all'incontro della
» nostra tramontana, et ch'egli navigando seguiva quella,
» per che la calamita era acconcia et tirava a la tramon-
» tana nostra: ci disse anchora che dall' altra banda di detta
» Isola, verso mezzo giorno, vi sono alcune genti le quali
» navigano con le dette quattro ò cinque stelle, che sono
» per mezza la nostra tramontana; et piu ci disse, che di
» là dalla detta Isola si naviga tanto, che trovano che il
» giorno no dura piu che quattro hore, et che ivi era
» maggior freddo che in luogo del mondo. » (Iten. di Barthem. na *Collecção das Navegações e Viagens de Ramusio* Tom. I. pag. 168 3.ª Edição)

Tanto se servião os Asiaticos, Indianos, e Arabes da observação dos Astros, que até por ella se guiavão nas jornadas por terra, quando atravessavão grandes solidões e desertos, o que conta o mesmo Nicolao Veneto, e particularmente o nosso famoso Viajante, tão pouco lido e tão digno de o ser, o Padre Manoel Godinho na sua viagem da India; aonde assevera como testemunho ocular « que as ter-
» ras que se estendem para o meio dia são todas cubertas
» de vastos e cansados areaes, não se achando nellas pe-
» dras, arvore, herva, nem caminho ou carreira por espa-
» ço de 300 leguas; e que os que por ellas caminhão, ob-
» servão o curso do Sol e das estrellas para se não perde-
» rem. » (a)

CA-

(a) Cap. 18. pag. 103.

CAPITULO II.

Do conhecimento e uso da Bussola ou Agulha de marear, e de alguns outros Instrumentos maritimos, antes do meado do Seculo XIV.

FAllamos no discurso antecedente do regulador ou guia das antigas navagações do alto mar, pelo subsidio do aspecto do Ceo, ou curso do Sol e das estrellas: segue-se compilar as noticias que podem servir para mostrar que a Bussola e outros instrumentos modernos da Nautica erão já conhecidos e usados antes do meado do Seculo XIV. isto he antes da época de Flavio Goia Amalfitano.

Os meios e instrumentos maritimos principaes são a Bussola, o Astrolabio, a Balestilha, o Quadrante, a Sonda, e as Cartas maritimas. Diremos o que podémos saber de cada huma destas cousas, que certo não he ainda quanto desejavamos, e quanto deviamos esperar dos Antigos: este tem sido o destino dos illustres Artistas, bemfeitores da humanidade, que enriquecêrão e aperfeiçoárão as Artes pelas suas invenções, que a ignorancia ou desattenção dos Escritores seus contemporaneos privárão na posteridade da noticia de suas pessoas, nomes, profissão e caracter, do tempo em que vivêrão, e de seus descobrimentos e invenções. ¿ Quantos successos nos não offerecem os Annaes do espirito humano, transmittidos sem menção de algumas daquellas circunstancias, que podião satisfazer a nossa curiosidade, que naturalmente folgaria de as saber?

Daqui vem que as épocas do descobrimento da Bussola, do Astrolabio, e de outros instrumentos maritimos, os povos que primeiro os pozerão em uso, e os seus Autores, são Problemas que tem hoje occupado a penna de mui illustres Escritores, e que ainda não estão inteiramen-

te resolvidos: com este presupposto fallaremos dos principaes instrumentos, e meios proprios da direcção da Navegação.

Artigo I.

Da antiguidade da Bussola ou Agulha de marear.

Da Bussola. HUm dos instrumentos maritimos he a Bussola ou Agulha Nautica, sem a qual se entende geralmente, que não era possivel fazer-se navegação em largo mar. ¿Mas temos nós certeza, de que d'antes não havia o regulador da Bussola, e quando o não houvesse como hoje o temos, que não haveria outro meio de supprir esta falta?

Quanto ao primeiro nós ainda não sabemos como foi descuberto o segredo da pedra Iman e da Bussola, nem o tempo, em que se introduzio, e recebeo entre as Nações maritimas da Europa; nem as primeiras vantagens, que se tirárão do seu uso. Póde porém suspeitar-se, que os Antigos a conhecêrão e usárão; e que perdida depois, e ignorada por muitos Seculos, esta Arte se restituio outra vez ao mundo, crendo-se invenção nova, o que só foi recuperação da antiga (a). Avancemos porém a alguma cousa mais positiva e certa.

Os Chins entrárão na pertenção do seu invento, datando o seu uso já desde o reinado do Emperador Wang-Ty, muitos annos antes da Era Christã. Fallão disto o Padre Martim, Missionario da China, na *Historia Sinica* pag. 106, asseverando que a Agulha Nautica era conhecida na China mais de tres mil annos antes da Era Christã, opinião que seguio Mr. Esmenard no seu bello Poema Francez da *Navegação* no Canto V. Della tambem faz memoria o outro Missionario o Padre Amyol, que a poem no reinado de Hoang-Ty,

(a) Assim o conjecturou o discreto Feijó no Tom. V. Discurso XV. §. V. pag. 324. fallando da America.

Ty, que corresponde ao anno 2637 antes da Era Christã (a). Forão para esta parte o Padre d'Entrecolles, referido na *Historia Universal* por huma Sociedade de Homens de Letras que asseverava como testemunha ocular, que os Chins tinhão huma especie de Bussola, de que elle descreve a particular composição (b), Fournier na *Hydrografia* Lib. II. C. I., Pluche no *Espectaculo de Natureza*, e Fronetelli em huma Dissertação num. 29. §. I., que todos reconhecêrão huma especie de Bussola entre os Chins.

Com effeito consta que elles desde 458 não só navegavão pelas costas do Japão, de Jesso, e de Kamtschatca, mas até se engolfavão nos mares largos, chegando, sem costearem a terra, a algumas partes remotas, e a varias Ilhas do Mar do Sul, como já dissemos, de que fallárão Hornio, Hyde, o Barão de la Houtan, du Praz, e principalmente Mr. de Guingnes no seu Extracto das Viagens no Tomo XXVIII. das *Memorias da Academia das Inscripções e Bellas Letras*; sendo assim que foi para muitos verosimil, o que diz Montucla na *Historia das Mathematicas*, que delles proviessem aos Europeos o conhecimento deste segredo da Natureza por intervenção de Marco Polo, ou de alguns Mercadores Venezianos, que fazião o commercio da India pelo Mar roxo; e affirmando que os mesmos Chins ainda depois de aperfeiçoada a Bussola pelos Europeos, fazião uso de hum pedaço de ferro tocado no Iman, e posto sobre hum pequeno páo ou cortiça, dentro de hum vaso cheio de agoa, que parece ser ainda hoje a Bussola dos juncos Chinezes (c).

Não só ha quem faça os Chins inventores da Agulha Nautica, mas ha muitos que procurão achar-lhe a patria entre os Arabes: em verdade o Geografo Nubiense, que escreveo pelo Seculo XII., indica o seu uso entre elles; e por esta parte o citão Kircker na obra *Magnes*, Fournier na

(a) *Abregé Chronologique de l'Histoire Universelle de l'Empire Chinois*, que vem no Vol. XIII. das Memorias tocantes aos Chins, p. 234 n. 5.
(b) Tom. XX. pag. 141.
(c) *Histoir. des Mathematiques* P. II. Liv. II. §. II. pag. 384.

na *Hydrographia* Liv. II. C. I. e Riccioli na *Geografia* e *Hydrografia* Liv. X. C. 18. Para a mesma opinião encaminha o curioso Bergeron, que na Historia dos Sarracenos pertende que os Arabes fossem seus inventores, e della se servissem longo tempo antes dos Europeos, para viajarem nos mares da India, e commerciarem com os Chins, aonde levavão as suas mercadorias (*Abregé de l'Histoire des Sarrazins* p. 119) o que se faz verosimil, vendo que elles erão mui peritos na Nautica, e que della escrevêrão em Seculos, em que nada se escrevia na Europa; superiores nesta parte a Gregos e Romanos, e aos mais povos da meia idade, que quanto nós hoje sabemos nos não deixárão obra alguma desta sciencia (*a*), e por certo que em hum Livro, que entre elles corre com o titulo *Ketab Allachiar*, fizerão menção da pedra Iman e de seus effeitos e virtudes (*b*).

Tan-

(*a*) Casiri entre outras obras de que faz menção na *Bibliotheca do Escurial*, refere o Tratado de hum Anonymo da Arte Nautica, e outro de Tabet ben Corrab *de Syderibus eorumque occasu*, *ad artis Nauticæ usum accommodatis* Tom. I. pag. 386, Tom. II. pag. 6

(*b*) He traducção Arabiga de huma obra que escreveo Aristoteles sobre a *Pedra por excellencia*, de que Diogenes Laercio nos conservou o titulo, na qual o Filosofo já fallava da virtude da pedra Iman, cuja invenção parecia attribuir aos Orientaes. O Texto Grego perdeo-se, e só se acha traduzido entre os Arabes, do que faz memoria Harbelot na *Bibliotheca Oriental*: e com effeito Aristoteles por seus grandes conhecimentos na Historia Natural e nas Artes, e pelos que podia haver por meio das conquistas de Alexandre Magno, seu Discipulo, estava em estado de saber o uso, que os Orientaes fazião da pedra Iman, e da Bussola.

Não ignoramos que alguns tiverão para si, que esta obra não era a de Aristoteles, e a rejeitárão como apocryfa, e foi hum delles Lipenio no seu Dissurso sobre a navegação de Ophir C. V.; e depois Tiraboschi, o Abbade João Andre, e outros mais se persuadírão ter sido producção de algum Arabe, que lhe procurou dar sahida com o nome supposto de Aristoteles. Dos mesmos que a tem por obra do Filosofo ha quem pense ter havido falsificação no seu Texto. ¿ E que interesse tinhão os Interpretes Arabes de o falsificar, e attribuir ao Escritor Grego hum conhecimento que elle não tinha, ou não inculcava ter em seus escritos? Mas demos a bel prazer a impostura da obra, ou a falsificação do Texto: sempre por esta Traducção assim mesmo ou supposta, ou infiel se prova, que se Aristoteles, ou os Gregos não conhecêrão a virtude e effeitos do Iman, o conhecêrão certamente os Arabes, que he quanto nos basta para o nosso assumpto.

Tanto usavão da Bussola como instrumento de sua invenção, ou pelo menos de longo tempo adoptado na pratica, que até se valião, e valem ainda hoje da Bussola nas viagens de terra, quando caminhão sobre camellos os vastos e longos areaes e desertos de Africa, para irem em romagem a Méca ou a outras partes: assim o attesta o Grego Leoncio Chalcondila no Liv. III. *de Rebus Turcicis. Camellos ascendunt utentes signis, quæ viam commonstrant magnetis demonstrationibus; colligentes igitur ab Septentrionali plaga, qua orbis parte eundum sit, eo viam conjectantes pergunt*: o que mais he que até della se servem para suas superstições, isto he, para regular por ella as suas orações e rezas; voltando-se por sua direcção para aquella parte do mundo, aonde está o Templo de Méca; a qual Bussola chamão *Keblek-noma*, ou *Kebleb-numa*, como refere Herbelot na palavra *Kebletan*; o que tudo ponderado faz justamente acreditar, que estes povos muito antes dos Europeos havião conhecido e usado este instrumento.

Particularmente o podemos assim asseverar, por não trazermos outros exemplos, dos Arabes habitantes de Egesimba; sabe-se com certeza por nossos mesmos Historiadores, que elles se ajudavão da força do Iman no uso da Nautica. Os curiosos folgaráõ de ler aqui a descripção que fez o eloquentissimo e doutissimo Bispo de Silves, Jeronymo Oussouro ou Osorio na bella obra *de Rebus gestis Emmanuelis* no Liv. I. pag. 35: he longa a passagem, mas he ao mesmo tempo curiosa e decisiva na materia, de que fallamos.

» Utebantur in navigando normis naviculariis, quas
» nautæ Acus appellant. Quarum formam proter eos, qui
» a maritimis regionibus semoti sunt, haud alienum arbitror
» explicare.

» Vasculum est e ligno factum, planum atque rotun-
» dum, altitudine duorum aut trium digitorum. In medio
» habet stylum præfixum, in summo præacutum, aliquan-
» tò breviorem, quam sit vasculi ipsius altitudo. Regula
» deinde e ferro solertissimè facta, tenuis & angusta ad
» vas-

» vasculi modum dimensa; ita tamen, ut diametri ipsius
» vasculi longitudinem non exæquet, inducitur. Styli verò
» cuspis per medium hujus regulæ, quod est inferius exca-
» vatum & fastigiatum, superius immissa, ita eam suspen-
» sam, paribusque momentis libratam continet, ut utrinque
» angulos pares efficiat. Operculo deinde vitreo ænea vir-
» gula circundata firmato, ne possit regula excuti, & ali-
» qua ex parte labare, contegitur. Cum verò magnetis ea
» natura sit, ut non modò ferrum ad se trahat, verum
» etiam una illius pars ad Septentriones aspiret, altera in
» Austrum propendeat, naturamque suam cum ferro commu-
» nicet: efficitur, ut, cùm regulæ huius caput ad eam ma-
» gnetis partem, quæ spectat ad Septentriones, applicatum,
» attrituque illius extersum fuerit, eandem in se vim con-
» cipiat: & cum ita suspensa extiterit, ut mobiliter in varias
» partes impelli possit, semper in Septentriones insita pro-
» pensione referatur. Sic autem fiebat; at nautæ hoc instru-
» mento moniti, quamvis in profundo pelago versarentur,
» & cælum esset nubilum, & caliginosum, possent tamen
» ad Septentrionis rationem cursum dirigere. Hanc autem
» regulam, quia ad acus similitudinem proximè accedebat,
» acum navicularíam appellabant. Deinde cum facillimum
» sit humanis ingeniis addere semper aliquid ad ea, quæ
» sunt solerter inventa, aliam normæ rationem excogitarunt,
» qua possent exactius, quem cursum in navigando tenerent,
» ratione perspicere. E virgulis enim ferreis figuram effi-
» ciunt lateribus paribus, angulis imparibus, in rhombi
» speciem deformatam. Huic unam ex parte superiore, al-
» teram ex inferiore chartam orbiculatam adglutinant. Ma-
» gnetis autem adiuncta vi, sic figuram hanc temperant,
» ut unus ex acutis angulis Septentrionem, alter Austrum
» respiciat: ex obtusis verò unus ad ortum Solis, alter ad
» occasum spectet. Diametri autem orbis huius longitudo
» figuræ longitudinem non excedit. Habet autem orbis hic
» in medio æneum umbilicum affixum, ad eam formam fa-
» ctum, qua diximus regulæ medium fabricatum fuisse.
» Per

» Per umbilicum illud igitur styli cuspis immissa, orbem
» hunc suspensum continet, qui non modò regulæ illius,
» de qua diximus, vice fungitur, sed omnes ventorum re-
» giones, quorum flatibus navis impellitur, in conspectu pro-
» ponit. In charta namque superiore Septentrio, & Auster,
» & Oriens, & Occidens, & interjectæ inter hos terminos
» regiones exactissimê describuntur. Norma ad hunc mo-
» dum constituta, hoc restabat incommodi, quod opus erat
» quoties navis fluctibus agitata, ut fieri necesse est, in
» pupim aut proram, aut in alterutrum latus inclinaret,
» ut illa in profundo subsidens adhæresceret, neque motu
» libero in Septentriones dirigi posset. Ne autem hoc eve-
» nieret, fuit solertissimè excogitatum. Nam vas ipsum pau-
» lò infra labrum circulo æneo arctè constringitur. Utrin-
» que autem ab eo circulo virgula calybea ducta, in fora-
» men alterius circuli maioris & exterioris, modico inter-
» vallo ab interiore distantis, immittitur; virgulæ verò bi-
» næ ita sunt æquales & oppositæ, ut si ex utràque una
» & perpetua fieret, circularis illius spatii diametrum con-
» tineret. Exterior autem circulus circa duas illas virgulas
» quasi circum axem versatur. Rursus ab exteriore circulo
» aliæ binæ virgulæ pari intervallo ad ambitum alveoli cu-
» jusdam orbiculati, intra quem hæc machinatio contine-
» tur, simili ratione perducuntur. Ita sunt autem hæ vir-
» gulæ exteriores interioribus ex adverso constitutæ, ut si
» duæ tantum ex illis quatuor directæ fierent, sese ad an-
» gulos rectos intersecarentur. Cùm verò machinatio ex in-
» feriore parte ænea & ponderosa sit, neque fundum attin-
» gat ullum, ita undique pellitur, ut medium locum te-
» neat. Et cum pensilis & mobilis existat, pondere suo
» nixa ea ratione consistit, ut quamvís maximi fluctus na-
» vem jactent, ipsa semper ad libellam directa permaneat.
» Sic autem fit, ut nihil interveniat, quod normam ab eo
» motu, quo in Septentriones fertur, impedire queat. His
» normis solebant uti iam illo tempore Arabes illi (*a*).

(*a*) Se a tudo isto se quizer repôr, que esta Agulha e Bussola Ara-

Sendo tudo isto, dos Arabes em geral podião haver os Europeos o conhecimento e uso da Agulha Nautica; fosse dos Arabes Asiaticos, fosse por meio das Expedições em Asia debaixo do titulo de Cruzadas, fosse por via dos Sarracenos de Africa, que se espalhárão pela Italia, e pela Hespanha (*a*).

Testemunho de Guyot.

Não nos contentemos porém com esta só prova, tendo outras, que nos offerecem as memorias dos dois Seculos XIII. e XIV. No principio do primeiro achamos o celebre Poeta Francez Guyot de Provim, que vivia por 1200: o qual no seu Poema escrito em o idioma Gaullez, que appareceo em 1204 com o titulo *La Bible Guyot*, dá hum bem claro testemunho da existencia da Agulha nautica (*b*), des-

bica ou Indiana differia da Europea, pouco nos importará esta differença, para a certeza da existencia de hum Instrumento proprio para a navegação do alto mar, que entre aquelles povos servia para sua direcção, como a mesma Bussola Europea para as nossas navegações.

Bastará o que temos dito para se encontrar a doutrina do sabio Domingos Alberto Azuni, na sua Dissertação sobre a origem da Bussola: elle se propoz mostrar, que ella não fora conhecida dos Antigos; que os Chins e Arabes a tomárão dos Europeos; e que entre estes forão os Francezes os primeiros, que a descobrirão e pozerão em uso. Com tudo não o fez sobre bases solidas, e só sobre conjecturas e suas inducções; não podendo dellas concluir-se exactamente nem a total exclusão do seu uso, ou de outro seu equivalente entre aquellas nações; nem a invenção original dos Francezes, precisamente por usarem da Bussola no Seculo XIII., e della fallarem alguns de seus Escritores: notando com razão Savetien que lhe dá o primeiro uso por 1200, que não constava que os Francezes fossem os inventores, e se devia remontar mais acima, e entender que era ja conhecida dos Antigos.

(*a*) Póde ler-se sobre isto Trombelli Ac-Bon no Tom. II. P. III., Tiraboschi no Tom. IV. Liv. V. C. XI., e o Abbade D. João André na *Origem, progressos, e estado actual de toda a Litteratura* no Tom. I. C. X., que todos attribuem aos Sarracenos o merecimento da invenção da Agulha Magnetica.

(*b*) Existe na Bibliotheca Real de Paris hum precioso MS. que pertencera em outro tempo á Igreja Cathedral; o qual contem este Poema. Mr. Le grand na sua *Collection des Fabliaux & Contes* Tom. II. refere alguns versos, e Fouchet transcreveo cinco na sua obra das *Antiquités de la France* Liv. II., hum e outro com defeito. Azuni na Dissertação *sur l'Origine de la Boussole* traz o lugar por inteiro, e tirado do proprio original MS.

descrevendo elle as estrellas circumpolares, explica-se desta maneira.

» Voisissi, qu'il semblas l'estoile
» Qui ne se muet: bien la voyænt
» Li mariniers, qui si avoient,
» Et lor sen, & lor voie tiennent.
» Ils l'appellent la tresmaintaigne.
» Icelle estoile est moult certaine:
» Toutes les autres se removent,
» Et rechangent lor lieus, & tornent;
» Mais celle estoille ne sæ muèt,
» Un art sont qui mentir ne puet,
» Par la vertu de la marinière;
» Une pierre laide & brunière,
» Ou li fers volontiers se joint,
» Ont, si esgardent le droit point,
» Puisque une aguille ont touchié,
» Et en un festu l'ont couchié;
» En l'eve le mettent sans plus,
» Et li festus la tiennent desus.
» Puis se tourne la pointe toute
» Contre l'estoile, si sans doute
» Que ja nus hom n'en doutera
» Ne ja por rien ne faussera:
» Quand la mer est obscure & brune,
» Quand ne voie estoile, ne lune
» Dont sont à l'aguille allumer
» Puis n'ont ils garde d'esgarer
» Contre l'estoile va la pointe (a).

(a) Pozemos por inteiro todo este lugar de Guyot, porque melhor se veja contra o que affirmou Gregorio Grimaldi na sua Dissertação sobre a primeira invenção da Bussola no Tom. III. da Collecção Italiana *Saggi de Dissert. Academ. de l'Academ. Etrusca* pag. 214, que de Guyot só se deduzia ser então conhecida a virtude do Iman e da attracção de ferro, mas não o uso da Agulha que guiasse os navegantes.

Testemunho de Jacob de Vitry.

Com o testemunho do antigo Poeta Francez póde vir o do Cardeal Jacob de Vitry ou de Vitriaco, que vivia por 1200, o qual tambem faz menção expressa da Agulha magnetica na sua *Historia Hierosolimitana*; accrescentando, que ella era necessaria e indispensensavel aos viajantes por mar. « Ferrum occultâ quadam natura ad se trahit acus ferrea, postquam magnetem contingerit, ad stellam Septentrionalem, velut axis firmamenti, allis vergentibus, non movetur, semper convertitur, unde valde necessarius navigantibus in mari. »

Testemunho da Chronica de França, e de Hugo de Bercy.

No mesmo Seculo apparece depois destes a mesma noticia na antiga Chronica de França, que põe positivamente o uso da Bussola com o nome de *Marinett* pelos tempos da primeira expedição das Cruzadas para o Oriente por Luiz IX., isto he por 1248; e em Hugo de Bercy, Escritor muito exacto e contemporaneo de S. Luiz, que falla desta especie de Bussola; e dá della huma descripção, como de cousa já conhecida e usada em França, declarando que os marinheiros de seu tempo della se servião para conhecer o Septentrião.

Testemunho de Vicente Bellovacense.

Pertence ao mesmo Seculo o outro testemunho, que se acha em Vicente de Beauvais, chamado geralmente o Bellovacense, que falleceo em 1262, ou como quer o Padre Echard em 1269, o qual no seu *Speculum Historicum*, que chega até 1244, impresso em Veneza em 1434, no Tom. I. Lib. VIII. C. 19, attribuindo a noticia disto a Aristoteles, diz assim: « Aristoteles in libris de Lapidibus: Lapis magnes ferrum trahit; & ferrum obediens est huic lapidi per virtutem occultam, quæ inest illi, ipsum movet ad se per omnia corpora solida, sicut per aera; & uno quidem ipsius angulo trahit ferrum; ex opposito angulo fugat ipsum. Angulus quidem ejus, cui virtus est attrahendi ferrum, est ad Zoron, id est Septentrionem; angulus autem oppositus ad Afron, id est meridiem. Itaque proprietatem habet magnes, quod si approximes ei ferrum ad angulum ipsius, qui Zoron, id est, qui Septentrio-

» nem

» nem respicit, ad Septentrionem se convertit; si verò ad
» angulum oppositum ferrum admoveris ad Afron, id est,
» meridiem se movebit. Quod si huic ferro ferrum aliud ap-
» proximaris, ipsum de magnete ad se trahit (*a*). »

Cresce a força destas autoridades com a do famoso Escritor da mesma idade Alberto Magno, fallecido em 1280, no seu *Tratado dos Mineraes ou Metaes* Tract. II. C. VI. elle diz expressamente: « Angulus magnetis cujusdam est,
„ cujus virtus convertendi ferrum est ad Zoron, hoc est,
„ ad Septentrionem, & hoc utuntur nautæ . . . . . . etsi
„ approximes ferrum versus angulum Afron, convertit se
„ ferrum ad Zoron (*b*). „

Testemunho de Alberto Magno.

Depois de todos estes Escritores, apparece nos fins do mesmo Seculo o celebre Mestre do Poeta Dante, Brunet Latini Florentino, o qual já antes de 1294, época da sua morte, fallou expressamente da Bussola, como instrumento usado dos Francezes em seu tempo; e a explica na obra intitulada *Treser*, escrita no Francez antigo, traduzida por elle mesmo em Italiano, e impressa depois em Veneza em 1535 com o titulo *Tesoro de Messer Brunetto Latini* Liv. II. C. 49. fol. 54: eis-aqui o seu lugar: « Onde per ció navicano i
„ marinari, & che cio sia la veritá, prendete una pietra di
„ calamita, voi troverete che ella ha due faccie, l'una che
„ giace verso l'una tramontana, & l'altra verso l'altra; &
„ peró sarebbero i marinari beffati, se ellino non prendes-
„ sero guardia; & peró che queste due stelle non si mu-
„ tano, adviene che l'altre stelle che sono nel firmamentó
„ corrono per li piu piccoli cerchi, & l'altri per li mag-
„ gio-

Testemunho de Brunet.

(*a*) Ainda que esta descripção não he exacta, todavia prova o conhecimento, que então havia, da attracção e força directiva da Magneta para o norte.

(*b*) Dos Vocabulos Zoron e Afron, de que usão Vicente de Beauvais, e Alberto Magno, concluio Tiraboschi que a obra *de Lapidibus*, que elles citão como de Aristoteles, não podia ser delle, pois que estas palavras não erão Gregas, e nem ainda Latinas: ¿ mas que implica que se hajão por Arabicas, e que os Arabes por ellas quizessem expressar o sentido do Filosofo?

„ giori, secondo che elle sono piu presso, ó piu lungi di
„ quelle tramontane; & sappiate, che a queste due tramon-
„ tane vi si apprende la punta dell'aco verso quella tramon-
„ tana, a cui quella faccia giace. „ Lib. II. C. 49 fol. 54.

Testemunho de Raymundo Lullio.

Arrematemos a serie destas testemunhas do Seculo XIII. com a autoridade do famoso Hespanhol Raymundo Lullio, chamado o Doutor Illuminado, pela sua estupenda erudição ainda hoje respeitavel. Trata elle expressamente da Agulha nautica de ferro em diversas partes das suas obras, que escreveo desde 1271 até 1298, e explica mui doutamente, como grande Filosofo que era, a sua direcção para o polo, tocada no Iman, e o seu uso no curso da navegação do seu tempo. Eis-aqui alguns lugares do seu Livro I. *de Contemplatione.* « Sicut acus per naturam vertitur ad Septentrionem,
„ dum sit tacta a magnete, ita oportet, quod tuus servus (fal-
„ la com Deos) se vertat ad amandum & laudandum suum Do-
„ minum Deum (*a*). = Quia sicut acus nautica dirigit marina-
„ rios in sua navigatione, ita discretio dirigit hominem in ad-
„ quisione Sapientiæ: nam sicut est naturale acui, Domine,
„ vertere se ad aquilonem, per naturam magnetis a qua est
„ tacta, ita naturale potentiæ rationali dirigere hominem ad
„ discretionem. „ (*b*)

ARTIGO II.

Da antiguidade do Astrolabio.

Do Astrolabio.

DIgamos agora do Astrolabio, que serve para se conhecer a altura do polo e por ella saber o que estamos aparta-

(*a*) Cap. 129 num. 19.

(*b*) Cap. 291 num. 17. De toda esta serie de Escritores se convence o pouco ou nenhum fundamento com que muitos pertendêrão dar a Flavio Gioja Amalfitano a gloria da invenção da Agulha, e particularmente Fabrini, o Jesuita Bartholo, e o sabio Grimaldi na sua Dissertação sobre a Bussola, que vem no Tom. III. das Actas da Academia de Cortona: os quaes ficão tendo contra a sua opinião todas as provas, que aqui temos apresentado, de testemunhos anteriores ao Cidadão Amalfitano.

tados da Equinocial, ou em que parte está o navio do caminho que leva, como se não navegue de Leste a Oeste, pois então se julga já por estimativa ou fantasia. Entende-se vulgarmente que em tempos passados não havia Astrolabio, e que sem elle se não podia navegar ao largo. Mas ¿está decisivamente provado, que d'antes o não havia, ou pelo menos, que não houve algum outro equivalente, que o supprisse? Sem remontar a tempos antiquissimos, e trazer á memoria a *Arbaleta* dos Chaldeos, a que elles chamavão *Báculo de Jacob*, com que tomavão a Latitude e distancia do lugar, em que estava o navio relativamente ao Equador (*a*), bastará lembrar que o Astrolabio, ou instrumento equivalente a elle, não deixou de ser conhecido muito antes do Seculo XV entre as gentes do Arabismo, e em nossa mesma Hespanha; porque do Arabe Cordovez Al-Zarcalli se conta, que inventára nella hum instrumento para observação do Sol e das estrellas, de que pasmárão os sabios Astronomos do Oriente quando o chegárão a ver. (Vej. o Author da *Bibliotheca dos Filosofos Arabes*). Geralmente se havião propagado entre estes povos instrumentos, que ou erão analogos ao Astrolabio, ou servião, como elle, para a observação da altura do Sol e do movimento dos Astros.

Vem a proposito e em confirmação do que dizemos o que conta o nosso grande Historiador da India de Malemo Caná, Mouro de nação, que Vasco da Gama levou comsigo de Melinde por piloto: « E amostrando-lhe Vasco da „ Gama (diz Barros) o grande Astrolabio de páo, que le- „ vava, e outros de metal, com que tomava a altura do „ Sol, não se espantou o Mouro disso, dizendo: que al- „ guns Pilotos do Mar roxo usavão instrumentos de latão „ de figura triangular, e quadrantes, com que tomavão a „ altura do Sol em a navegação. Mas que elle, e os ma- „ reantes de Cambaya e de toda a India . . . . não toma- „ vão a sua distancia per instrumentos semelhantes áquel- „ les, mas por outros. „

Tão

(*a*) Veja-se Saverien 208.

Tão sabio era este Mouro Guzarate, que Vasco da Gama pelas praticas que teve com elle, o houve por hum grão thesouro, como se explica Barros; e bem certo que debaixo da sua guia atravessou em 23 dias por 700 legoas o grande golfo, que separa a Africa da India, e o fez surgir felizmente em Calecut.

Finalmente dos Arabes em geral diz o douto Renaudot, que tem instrumentos bem construidos, e particularmente pequenos Astrolabios, que os seus Pilotos regularmente trazem no seio, e de que usão ha muitos tempos (*a*); e que os que sahião do Golfo Persico, e hião até á ponta do Malabar, e o corrião, e atravessavão o canal até a Ilha de Ardeman, e passavão ao outro porto do Golfo de Bengala, usavão unicamente do Astrolabio (*b*).

Sendo isto assim, não se póde negar ser já conhecido em tempos passados entre os Arabes o Astrolabio, ou instrumento a elle similhante: donde fica menos razão aos que o considerão como insrumento de invenção moderna e Europea, sendo hum delles o nosso Poeta Manoel Thomaz na sua *Insulana*:

Em seu conceito, sendo o Astrolabio
Dos certos gráos, medida mui segura,
De Europa he instrumento, e não Arabio (*c*).

ARTIGO III.

Da antiguidade da Balestilha.

Da Balestilha.

A Balestilha he outro instrumento nautico, que tem o Piloto com o Astrolabio, com o qual toma a altura do Sol ou

(*a*) *Dissertation de l'entrée des Mahometains a la Chine.*

(*b*) Podem ler-se sobre isto as duas Relações de dois viajantes Mahometanos ás Indias, e China, no Seculo IX., traduzidas do Arabe em Francez com notas, París 1718: a primeira de 337 da Hegira, que corresponde ao anno de 851 da Era Christã: a segunda de 374 da mesma Egira, 877 da mesma Era.

(*c*) Liv. III. Est. 55.

ou de hum astro, sendo de noite, para conhecer a do Polo. Foi tambem este instrumento conhecido em tempos mais antigos: pelo mesmo Barros na Dec. I. Liv. IV. C. VI. pag. 72 ỷ. se prova que os Arabes usavão de hum instrumento similhante, o qual mostrou a Vasco da Gama o mesmo Piloto de Melinde, Malemo Caná Guzarate, que era de tres taboas. « E posto que (diz Barros) da figura e uso dellas „ tratamos em nossa Geografia, em o Capitulo dos Instru- „ mentos da Navegação, basta aqui saber que servem a el- „ les naquella operação, que ora acerca de nós serve o „ instrumento a que os Mareantes chamão Balestilha, de „ que tambem no Capitulo que dissemos se dará razão del- „ le, e de seus inventores. „ O que mostra que tal instrumento era já conhecido dos Arabes, e usado de muitos tempos atraz.

ARTIGO IV.

Da antiguidade do Quadrante.

Do Quadrante.

TAmbem do Quadrante nautico havia já uso de tempos antigos nas viagens do Mar roxo; assim o attestava a Vasco da Gama o já referido Piloto de Melinde, como conta Barros, dizendo « que alguns Pilotos do Mar roxo usavão „ de instrumentos de latão de figura triangular, e quadran- „ tes, com que tomavão a altura do Sol. „ (Dec. I. L. IV. pag. 72 ỷ.

Do mesmo instrumento se ajudavão em suas viagens os Arabes de Egesimba, e geralmente das Costas de Quilôa, Sofala, e Moçambique, que erão grandes navegadores, como escreve Osorio: « Quadrantibus etiam, Solis varias con- „ versiones, & quantum quæque regio ab æquinoctiali cir- „ culo distaret, observabant. „ (*De Rebus gestis Emmanuelis* Lib. I.) O mesmo attestava o Gentil-homem Florentino, que viajou com Vasco da Gama, e escreveo huma Relação da sua viagem em 1497 dizendo que os de

Calecut navegavão nos mares com huma especie de quadrante de páo (*a*).

ARTIGO V.

Da antiguidade de outros instrumentos.

De outros instrumentos.

GEralmente fallando, havia muitos outros instrumentos nauticos, de que estavão aparelhados os Mouros para suas navegações, em que pouca ou nenhuma vantagem lhe levavão os nossos: venha outra vez em apoio deste nosso conceito a auctoridade do mesmo Osorio: « Tam multi denique erant ad navigandum artibus instructi, ut nec multum Lusitanis nautis de rerum maritimarum scientia & usu concederent. „ (*De Rebus gestis Emmanuelis* L. I.)

ARTIGO VI.

Da antiguidade da Sonda.

Da Sonda.

TEmos de accrescentar, que tambem não era desconhecido antigamente o uso da Sonda, ou prumo nautico, para sondar as braças de mar, e qualidade de seu fundo: della se deve entender o Periplo de Hannon, aonde diz, que os Carthaginezes entrárão em hum golfo, ou mar immenso e insondavel. Na meia idade se praticou, dando-se-lhe o nome de Bollide, accaso do verbo Grego Βαλλω, querendo significar por elle cousa arrojada, como o era a Sonda ao fundo do mar. Dos Arabes Africanos particularmente sabemos, que tinhão esta pratica, e do mesmo já referido Piloto Guzarate conta o nosso Castanheda, que della se servio na Viagem de Vasco da Gama de Melinde para Calecut: « E logo Canaqua deitou ho prumo, e achou corenta e cinco braças, „ e por se arredar desta Costa, como foy noyte se fez ho „ caminho ao Sueste. „

AR-

(*a*) Na Collecção das Viagens de Ramusio Tom. I. C. 13. fol. 137 e seguintes.

ARTIGO VII.

Da antiguidade das Cartas maritimas.

NÃo deixaremos de fallar das Cartas maritimas ou Hydrograficas, que ensinão a disposição que tem entre si os portos, ilhas, baixos, bancos, e outros inconvenientes que se offerecem na navegação; e os caminhos que ha de humas partes para outras. Destes subsidios andavão já os Arabes em tempos antigos bem providos em suas navegações. Não nos cança citar muitas vezes a Barros, por quão grande he a sua authoridade, e trazer de novo a theatro o Piloto Guzarate acima mencionado; « do qual Vasco da Gama (diz o nosso Historiador) depois que praticou com elle ficou muito contente, principalmente quando lhe mostrou huma Carta de toda a India, arrumada ao modo dos Mouros, que era em meridianos mui miudos, sem outro rumo de ventos; porque como o quadrado daquelles meridianos e parallelos era mui pequeno, ficava a Costa por aquelles dois rumos de Norte Sul, e Leste Oeste mui certa, sem ter aquella multiplicação de ventos da Agulha commum da nossa Carta, que serve de raiz das outras. „ (Decad. I. III. C. VI. p. 76 ℣.)

Das Cartas maritimas ou de marear.

Com Barros concorda Osorio, que tambem nunca nos pezará de trazer em nosso abono; fallando elle dos Asisimbros, diz assim: « His normis solebant uti jam illo tempore Arabes illi, & chartis præterea, quibus maritimarum regionum situs, secundum descriptas in illis lineas, exploraté cognoscerent. „ (Lib. I.)

Os Europeos desde muito tempo usavão tambem de Cartas maritimas, principalmente na navegação de Levante; e erão eminentes nisto os Malhorquinos, de que falla o nosso douto Pedro Nunes no Tratado da Defensão da Carta de marear: d'entre elles fez vir o Infante D. Henrique com muito custo o Mestre Jacome, homem mui perito na Ar-

te de navegar, que fazia Cartas e instrumentos, para haver de ensinar os nossos. (Barros Dec. I. Liv. I. C. 16.) Os Venezianos no Seculo XIV e principios do XV costumavão tambem fazer Cartas e Roteiros; e póde-se notar que algumas houve, que já demarcavão o Cabo da Boa Esperança, e indicavão as ultimas ilhas para as Costas da America.

Isto basta para se entender quão antigo era o uso da observação dos Astros, e da Bussola, e outros instrumentos nauticos, nos mares da Europa, Asia, e Africa, e deduzir em consequencia a possibilidade da navegação pelo alto mar em tempos mui remotos.

DO

DO CONHECIMENTO

Que era possivel ter da existencia da America, pela tradição dos Antigos, e por motivos Filosoficos.

Por Antonio Ribeiro dos Santos.

APraz compilar em breve algumas cousas sobre o conhecimento que se poderia ter da existencia da America ou Novo Mundo, assim pela tradição dos Antigos, como por observações filosoficas, antes dos seus novos descobridores. Com razão havia já dito o douto Commentador de Eliano, Jacob Perisonio, que não duvidava que os Antigos cressem, ou soubessem alguma cousa da America, parte por antiga tradição, havida dos Egypcios ou Carthaginezes, parte por discurso e reflexão sobre a fórma e posição do Orbe (*a*).

ARTIGO I.

Do conhecimento que se podia ter da existencia da America pela tradição dos Antigos.

FOi tradição constante em toda a antiguidade, que alem da Europa e Africa, para as ultimas partes do Oceano Atlantico Occidental, ou a Oeste, existia hum grande Continente. Este conceito tiverão os Egypcios, Gregos, Romanos, Hebreos, e Arabes.

Quan-

(*a*) *Nullus tamen dubito quin veteres aliquid crediderant vel sciebant .... de America; partim ex antiqua traditione ab Ægyptiis vel Carthaginensibus accepta, partim ex ratiocinatione de forma & situ Orbis terrarum colligebant superesse in hoc Orbe etiam alias terras, præter Asiam, Africam & Europam.*

Tradição dos Egypcios.

Quanto aos Egypcios e Gregos, sabidos são os lugares de Platão no seu Timeo, e no Dialogo entre Critias e Socrates: este grande Filosofo da antiguidade assevera no primeiro, que sendo ainda moço ouvira fallar nesta materia a seu avô Critias, o qual na sua mocidade tinha sido instruido por Solon, amigo de Dropydas seu pai, que havia viajado pelo Egypto, e de lá tinha tomado os seus conhecimentos filosoficos, e escolhido para seu ensino alguns dos Sacerdotes de Sais, Cidade do Delta. « Hum
» destes Sacerdotes (refere Platão) versado nas Sciencias,
» e instruido em toda a antiguidade, exclamava desta ma-
» neira: O' Solon! Solon! vos outros os Gregos sois ainda
» moços; não ha hum unico velho entre vos; vos igno-
» raes o que se tem passado ou aqui, ou entre vós mes-
» mos; nós conservamos a historia de oito mil annos, es-
» crita nos livros sagrados; podemos subir ainda mais al-
» to; e fallar-vos das acções illustres de vossos pais, de
» nove mil annos para cá. Vós não tendes conhecimento
» senão de hum deluvio, a que muitos outros preçederão.
» Ha muitos tempos que Athenas subsiste, e que o seu no-
» me he famoso no Egypto. Sabei pois como resistindo a
» huma Potencia que sahio do mar Atlantico, a vossa Re-
» publica nos conservou a liberdade. Este mar era então
» navegavel; e cercava, não muito longe da embocadura a
» que vós chamais em vosa lingua Columnas de Hercules,
» huma Ilha mais vasta que a Azia e a Lybia juntamente;
» entre elle, e o Continente ainda havia algumas Ilhas mais
» pequenas. Este grande terreno chamava-se Atlantida; era
» povoado e floreçente, e governado por Prinçipes pode-
» rosos que se apoderarão da Lybia athe o Egypto, e da
» Europa athe a Tyrenia: estes emprehenderão conquistar
» todas as Provincias situadas dentro das Columnas de Her-
» cules, e nós todos viemos a ser escravos. Então he que
» os da vossa Republica se mostrarão superiores a todos os
» mortaes: vós conduzistes as vossas frotas contra os con-
» quistadores, os vossos conheçimentos na arte da guerra

» vos

» vós soccorrerão neste eminente perigo; vós vencestes os
» inimigos, e nos livrastes da escravidão. Mas huma maior
» infeliçidade se preparava para os Atlanticos; e quando
» nestes ultimos tempos sobrevierão os terramotos e as in-
» nundações, a Ilha Atlantica foi subito submergida; os
» vossos guerreiros, e hum Continẽte mais vasto que a Eu-
» ropa e Azia juntas, desappareçeu no espaço de huma noi-
» te; por isso o mar que alli existe, não foi mais navega-
» vel nem conheçido por alguem, porque todo elle se
» converteo em huma alagoa pantanosa, proveniente da ter-
» ra submergida. »

Eis-aqui o sentido de tudo o que Platão nos disse a respeito da Atlantica; o mesmo assumpto repetio o Filosofo no dialogo de Critias e Socrates: alli conta como os Deoses se apartárão; como a Neptuno coube em sorte a Ilha Atlantica, como a povoou, e dividio o senhorio entre seus filhos, donde Atlas o mais velho teve maior quinhão, e como este Rei deo o seu nome a todo aquelle paiz; nenhum Principe teve mais sciencia, nem transmittio tanta riqueza a seus herdeiros. A Ilha era de tres mil estadios sobre dois mil de largura, e era de huma fórma oblonga, e abundante em tudo. Os bosques a forneciião de madeira de construcção; a terra criava toda a casta de animaes selvagens e domesticos; terminava ao norte por huma cadêa de montanhas, e este terreno era fertil, bello e maravilhoso; produzia toda a sorte de metaes, e sobre tudo ouro, e o oricalco que hoje se não conhece; elle falla da magnificencia dos descendentes de Atlas, da riqueza dos Templos, da povoação do paiz, e de hum terreno fertilizado pelos trabalhos de muitas gerações em huma longa carreira de Seculos. « Os Estados envelhecem (accrescenta el-
» le) os Atlanticos, e seus governadores se corromperão,
» e os homens os mais virtuosos e mais sabios vierão a ser
» os mais impios e depravados; elles irritárão os Deoses
» por seus crimes e abominações: Jupiter ultrajado de seus
» excessos ajuntou os Deoses nas suas moradas celestes, que

» são

" são situadas no meio do Universo por . . . " Aqui acaba o fragmento; o resto do Dialogo, que trata evidentemente da submersão, perdeo-se, e não existe (*a*).

Com Platão póde trazer-se a similhante sentimento Aristoteles, no Livro do *Mundo* no Cap. III. em que diz que toda a terra habitada he huma Ilha cercada do Mar Atlantico, e que he provavel que hajão outras Ilhas remotas e oppostas a esta, além do mar, e já maiores do que esta, já menores, todas porém a nós desconhecidas. O mesmo Filosofo, ou quem foi o Author do Livro das *Maravilhas*, assevera que no mar, fóra das Columnas de Hercules, ti-

(*a*) Estrabão, que não costuma facilmente acreditar as noticias das antigas navegações, com tudo sobre a existencia deste Continente diz no Liv. III. da sua Geog., que já póde ser que não fosse fabuloso.

Póde tambem ver-se sobre a existencia da Atlantica o Conde Carli *Cartas Americanas* T. II. Cartas 36, 37, e 38. Não será desagradavel accrescentar aqui huma observação fysica que não he vulgar, e póde servir de tornar mais verosimil a antiquissima existencia daquelle grande Continente, e persuadir que he parte restante delle o novo Mundo. Olhando nós desde a boca do Rio grande do Brazil, até á ponta do Cabo de Tangrin, na Costa Africana de Malagueta, por huma linha que faça hum angulo com o Equador de 30 a 35 gráos, vêm-se nella, pela grande extenção do mar Atlantico, claros vestigios de haver quasi desapparecido, ou por innundações ou por outras causas similhantes, hum grande Continente; porque nesta mesma linha se descobre huma continuação de Ilhotas, Picos, e Baixos, demonstradores da antiga existencia de huma vastissima região; o que bem mostra Mr. Buache em os dois Mappas que publicou, e depois reimprimio o já citado Carli nas suas *Cartas* estampadas em Cremona em 1785.

Ainda se póde ajuntar a esta auctoridade a de Bory de S. Vincent nos seus *Ensaios sobre as Ilhas Fortunatas*; onde fallando da subversão de hum grande Continente no Mar Atlantico, não sómente traz o argumento da tradição da mais remota antiguidade, mas tambem o que se deduz do estado fysico das Ilhas Canarias, e das outras Atlanticas, que parecem ser restos do antigo Continente, submergido pelos effeitos reunidos da violencia do Oceàno, e das irrupções vulcanicas, sendo provas disto a pouca profundidade que ha naquelles mares, e as muitas Ilhas e Ilhotas que nelles se observão.

Já antes deste ultimo tinhão inclinado para a mesma parte os tres tambem modernos Escritóres, Mentelle, Voltaire, e Rainald. « Eu não vejo nada (disse o primeiro) que se possa oppor a ter existido n'outro » tempo, entre a Europa e America, huma muito grande extensão de » terras, de que a Madeira, as Canarias, os Açores, e talvez as mesmas » Ilhas de Cabo verde são restos ainda subsistentes. » O mesmo, com pouca differença, dizem os dois ultimos Autores que citámos.

tinhão achado os Carthaginezes huma Ilha abundante de todas as cousas, que alguns delles alli ficárão, como em lugar de grandes regalos e delicias, e que o Senado prohibira com pena de morte que ninguem mais navegasse para aquellas partes, porque se não despovoasse Carthago.

A' existencia destas novas terras de outro Orbe alludia S. Clemente Alexandrino, de quem traz as palavras S. Jeronymo, quando excitava a questão, se ainda além do nosso Orbe havia outro Mundo, existente ao travez do Oceano (*a*)?

Diodoro Siculo ao fazer memoria das Ilhas Occidentaes no Oceano, que descobrírão os Fenicios, sendo a ellas lançados por huma grande tormenta, dá as noticias que então havia da grande Ilha, que elles descobrírão, e a descreve com todos os sinaes, que indicão claramente o paiz da America. " Ha (diz elle) no Oceano defronte da Lybia
,, hũa mui grande Ilha, distante muitos dias de navegação,
,, de ar saudavel, fertil torrão, e de amenos campos; cor-
,, tada de montes, regada de rios navegaveis, que mais pa-
,, recia habitação de Deoses que de homens: em tempos
,, antigos se ignorava, por estar separada do nosso Orbe,
,, e foi achada deste modo. Os Fenicios, costeando a Afri-
,, ca pelo Oceano, tiverão huma tormenta, que os arrojou
,, para o mar alto; e a cabo de muitos dias aportárão áquel-
,, la Ilha incognita, de cuja situação e fertilidade fizerão
,, na vinda hum relatorio.,, (*b*)

Para aqui vem talhado hum lugar de Theopompo, segundo o refere Eliano, Escritor do Seculo II., no Cap. XVIII. do Liv. III. da *Varia Historia*; nella faz menção expressa de hum Continente diverso do nosso, dizendo que Sileno

 en-

(*a*) *Secundum sæculum mundi hujus utrum nam & aliud sæculum sit, quod non pertineat ad mundum istum, sed ad mundos alios, de quibus & Clemens in epistola sua scribit; Oceanus & mundi qui trans ipsum sunt? An mundus unus iste sit.* (Tom. IV. de suas Obras C. 2. *Epist. ad Ephesios.*)

(*b*) *Est Lybiam versus ad Occeanum sita plurium dierum navigatione insula permagna, agro fertili, tum campis amœnis, tum montibus distincta*

entre as praticas, que teve com Midas Rei da Phrygia, que vivera mais de treze Seculos antes da Era Christã, affirmava que a Europa, Asia, e Lybia (isto he Africa) era huma Ilha cercada toda em derredor de mar; e que fóra deste Orbe havia hum Continente, cuja grandeza era immensa e infinita: os homens erão de longa vida, e a terra de grande quantidade d'oiro e prata; o que bem indica ter sido a America (a).

Plutarcho fallando das Ilhas do Oceano Atlantico dá outro testemunho do conhecimento, que então havia deste vasto Continente, a que chama firme; e tratando de Sertorio, conta como elle quizera embarcar-se, e trespassar-se pelo Oceano para huma de duas Ilhas, que huns marinheiros vindos de huma viagem do Oceano Atlantico, lhe referírão haver achado na distancia de XCIↃ. passos de Africa

Pos-

---

fluminibus rigatur, quæ sunt navium capaces: priscis temporibus, quoniam a reliquo orbe divulsa, videtur incognita (Liv. V. C. XIX.)

Cabe aqui lembrar, para illustração deste lugar de Diodoro de Sicilia sobre a descoberta dos Carthaginezes, huma Inscripção, achada em Dighton em distancia de 40 a 50 milhas ao Sul de Boston, aberta em hum penedo sobre a riba Oriental do rio Jaunston, que em 13 de Setembro de 1768 copiárão MMrs. Estevão Sewal, e Thomas Danforth com assistencia de MMrs. Walliams, Baylies, ... Williams, e David Cobb: a qual combinada com Inscripções que trazem Kircker e Pocockio, e com os Alfabetos Fenicios, he no conceito de Mr. Court de Gibelim hum Monumento Fenicio. (*Mond. Primit.* Tom. VIII. pag. 59, 561 e seg.)

Tem aqui tambem lugar a noticia, que se publicou na Gazeta de França de 1781 de se terem achado ao norte de Boston na America tres Inscripções Punicas, gravadas em huns rochedos junto da foz de hum rio, as quaes annunciavão a chegada dos navegadores áquelle paiz, e os tratados que fizerão com os seus habitadores, o que cita Mr. Joseph Romain Joly (*L'Ancienne Geographie Universelle*). Todas estas Inscripções Punicas inculcão a verdade da arribada dos Carthaginezes em tempos antigos em as costas da America.

(a) *Europam, Asiam, & Libiam Insulas esse, quas circumcirca Oceanus confluat; Continentem vero unum extra hunc mundum existere, & magnitudinem ipsius infinitam, & immensam esse narrabat &c.* (Lib. III. C. 18. p. 408.)

Este lugar póde illustrar-se pela bella Dissertação de D. Pernetty publicada em Berlim sobre a fertilidade, força, e rapidez da vegetação do solo Americano e longa vida de seus habitadores.

Possidonio, Filosofo do tempo de Cicero, estava persuadido que no Oceano havia outro Continente, ou terra não inferior á nossa; e Estrabão, approvando este parecer, diz que elle com razão creo como verdadeiro o que contava Platão da Ilha Atlantida.

Bastão estes testemunhos dos Gregos por não trazermos já outros de Homero na Odyssea, que apontava para as Ilhas Fortunatas; e de Porfyrio, e Proclo, que ambos fallárão de huma grande Ilha ou Continente além dos mares de Africa, para a banda do poente: o que tudo mostra haver entre os Gregos, e outros povos antigos, noticias tradicionaes da existencia e descobrimento de terras Occidentaes e remotas, que não podião deixar de ser do vastissimo Continente da America.

Tradição dos Romanos.

Se dos Fenicios e Gregos se desce aos Romanos, acha-se Seneca nas *Suasorias*, aonde Avíto attestava, que corria a opinião commum da existencia de outras praias e terras de outro Orbe alem do Oceano (*a*); a que parece que elle tambem alludia no bem sabido passo da sua Tragedia *Medéa*, em que apontou para outras novas terras Occidentaes, e predisse o que veío a acontecer nos fins do Seculo XV, certo que guiado pélo farol das tradições.

Venient annis sæcula seris,
Quibus Oceanus vincula rerum
Laxet, & ingens pateat tellus,
Thetbys que novos detegat orbes;
Nec sit terris ultima Thule

ou pelo dizer em Portuguez

Inda tempo virá nos tardos annos,
Em que abrirá seus seios o Oceano,
Em que huma vasta região se amostre,

O ii E

(*a*) *Fertiles in Oceano jacere terras, ultraque Oceanum rursus alia littora, alium nasci orbem. Suas.* 1.

E novos mundos nos descubra Tethis;
Nem já ultima terra seja Thule.

Para aqui póde vir o passo de Manilio, contemporaneo de Augusto, no Liv. I. do *Astronomico* ℣. 437 e seguintes.

Altera pars orbis sub aquis jacet . . .
Ignoratæ que hominum gentes, nec . . .
Commune ex uno lumen ducentia sole.

Arnobio no Liv. I. *Contra Gentes*, e Tertulliano *de Pallio* no Cap. II., e igualmente no *Apologetico* reconhecêrão huma grande Região ou Continente, além dos mares oppostos á Africa, da parte do Poente; e Ammiano Marcellino mostrou ao dedo a America quando disse: " No Mar Atlan„ tico ha hũa Ilha maior que o Continente da Europa. „ (a)

He decisivo o lugar de Lucio Apuleio: " Muitos (diz „ elle) dividem a terra em duas partes: a hũa chamão Ilhas, „ e a outra Continente; nisto porém manifestão sua igno„ rancia, pois a nossa terra cercada do Mar Atlantico, fór„ ma huma só Ilha juntamente com todas as que se vem „ neste golfo; além desta ha no Oceano outras varias se„ melhantes. „

Sobre a probabilidade que resulta destes testemunhos he digna de se apontar aqui a authoridade do famoso Geografo Christovão Cellario, o qual fallando do Novo Mundo, e considerando alguns destes lugares, que temos compilado, não duvidou rematar com estas palavras: " Proba„ bile est alterum orbem non plane antiquis ignotum fuisse; „ & omnino quidem in eum invectos, revectos que, qui fa„ mam de eo sparserint. „ (a)

Póde agora accrescentar-se que não só os Gregos e os Ro-

(a) *In Atlantico mari Europæo orbe potior Insula.*
(a) *Notitia orbis antiqui*, ou no fim da sua Geografia no Additamento *de Novo Orbe.*

Romanos, mas tambem os Orientaes, isto he, os Hebreos e os Arabes tiverão noticias da existencia de hum novo Mundo.

Tradição dos Hebreos.

Bastaria lembrar aqui algumas tradições, que corrião entre os Rabbinos a respeito da região de Ophir, paiz tão famoso e celebrado nas Sagradas Escripturas, aonde hião desde o porto de Asiongaber, e donde vinhão as frotas de Salomão, com viagem de tres annos, carregadas de ouro, prata, aromas, madeiras preciosas, e animaes de especie não vulgar, asseverando que este paiz tão opulento, e tão remoto havia sido algum lugar ou região da America Meridional no Perú, ou no México, ou no Brazil, ou em alguma outra daquellas partes, abundantes das maiores preciosidades e riquezas naturaes, que se conhecem no Mundo.

Com effeito esta opinião seguírão em geral Cipon, o douto Hebreo Hespanhol David Kimcki, Escritor do Seculo XI., isto he, quatrocentos annos antes dos dous famosos descobridores Colom e Magalhães, e outros Rabbinos seus contemporaneos, que refere Segismundo Hadelich nas *Memorias da Academia de Esford*; propenderão para o mesmo sentimentos entre os Christãos Gebert, Genebrardo, Maldonado, Arias Montano, Vatablo, Postello, Ernesto, Schlmid, e outros que refere Ptesfer no Liv. *Dubio.* Cent. II. XIV. pag. 432, e ultimamente o Conde Carli, e o seu Traductor e Annotador Francez. O que porém he mais de notar he, que até o mesmo Colom, sem embargo de ser muito zeloso dos seus descobrimentos, situou a região de Ophir na mesma America Septentrional, arrumando-a na Ilha de Hispaniola, de que elle se dava por segundo descobridor.

E quanto ao Brasil em particular, podião tambem lembrar algumas das mesmas tradições Rabbinicas, principalmente o que diz o referido Hespanhol David Kimcki, de quem cita passagens o mesmo Segismundo Hadelich nas sobreditas *Memorias da Academia de Esford.* Com effeito alguns tiverão que o Brasil, e particularmente a Parayba, fora

o

o antigo Ophir, e para esta parte se inclinárão alguns dos Escriptores acima nomeados (*a*).

Tradição dos Arabes.

Pelo que pertence aos Arabes, que forão depositarios de muitas tradições, parece que elles conservárão tambem esta da existencia do Continente de hum novo Mundo nos seus Livros Orientaes; por quanto nelles fallão de huma região secca e arida, isto he Continente, situado além ou da outra banda do Monte *Caf*, que he entre os Mouros o Atlante dos Antigos; e a esta região derão diversos nomes, que quadrão ao paiz da America, como o de *Gezira Kheschk*, Ilha secca firme, o de *Algiaib al Makhloukat*, Maravilhas das Creaturas ou da Natureza (segundo os proprios termos do Livro *Thumurath Namela* ou Historia de Thumurath) e o de *Jeni Dunia*, o mesmo que o Novo Mundo; do que concluio o sabio Herbelot, que a America não fora desconhecida dos antigos Arabes (*a*).

Da tradição que cursava entre elles, acaso nasceo a empreza maritima mui notavel de oito Arabes Lisbonenses, que nos tempos da dominação Sarracena em nossas terras, sahírão da barra de Lisboa com pensamentos de tomarem o alto, e de se engolfarem para os fins do Oceano Occidental a que elles chamavão Mares Tenebrosos, a fim de descobrir a aloeste novos mares e terras do Mundo; navegação em que encontrárão duas Ilhas a que aportárão, na ultima das quaes forão atalhados para poderem proseguir na sua empreza, do que falla o Geografo Nubiense (*c*).

Por

(*a*) Ha quem aplique para aqui o lugar de Isaias no Cap. 18. ℣. 1. em que falla da terra além da Ethiopia, depois da qual ha huma terra de gente terrivel, pizada dos pés, (ou Antipodas) a quem os grandes rios roubárão muito terreno; a qual enviava de huma parte para a outra os seus vasos ou embarcações e canôas, de huma só peça de madeira cavada, ou feitas das cascas, e cortiças das arvores; assim o entendêrão José da Costa, tão versado nas Escripturas Sagradas, como na Geografia e na Historia Natural das Ilhas Occidentaes; os doutissimos varões Fr. Luiz de Leão, Thomas Rosio, Arias Montano, e Martim del Rio, e singularmente o nosso Vieira na sua engenhosa e caprichosa *Historia do Futuro.*

(*b*) Veja-se a *Bibliotheca Oriental* p. 385.

(*c*) Este Geografo traz o Periplo desta viagem na Part. I. Clim. IV.

Por ventura de antigos navegadores seria aquelle antigo monumento lapidar que se achou na Ilha do Corvo, huma das dos Açores, descobertas por Gonçalo Vello, Commendador de Almorol: por quanto não nos acanhamos de trazer aqui á lembrança aquella notavel antigualha, que a muitos parece fabula, da estatua de pedra de hum homem vestido com capa, descoberto da cabeça, e montado em hum cavallo em osso, que se achou formada de huma lage, e sobreposta no cume de huma altissima rocha que cahe sobre o mar, e se avista de muito longe; a qual tem a mão esquerda na clina, e o braço direito estendido, encolhidos os dedos, excepto o indice, apontando com elle para o poente, ou mais directamente para o noroeste. Tem letras cortadas na penha inferior, que se não entendêrão; mas da parte para onde apontava, se discursou então, que por aquella maneira se quiz annunciar que para alli havia terra habitada ou habitavel; contando-se que por esta estatua vierão os mareantes a chamar-lhe a Ilha do Marco, porque em razão daquelle marco alto dalli se demarcava em demanda das mais Ilhas (a).

Ar-

que já tirou de huma obra do Principe Alchariz Aldrisi. Della fez depois memoria o outro Arabe Zen Edain Omar na obra intitulada *Ketat Karidat el Adgiarb* ou Livro da Perola das Maravilhas; Hornio *de Origene Gentium Americanarum*. Mr. de Guingnes na Noticia e Extracto dos Codigos Arabes da Real Bibliotheca de França: o nosso Luiz Marinho de Azevedo no *Livro das Antiguidades de Lisboa*.

(a) Disto fallárão Damião de Goes, o Doutor Gaspar Fructuoso no Liv. VI. Cap. 48, Faria na *Asia Portugueza* Tom. I. P. I. C. II. p. 17, e o Padre Antonio Cordeiro na *Historia Insulana* Liv. IX. Cap. VI. pag. 489 e 490.

Sendo as letras da Inscripção desconhecidas, póde suspeitar-se que serão Arabes, Fenicias, ou Punicas, assim como se reputárão as que se achárão abertas na rocha de Digthon, na America Septentsional, de que fallamos acima pag. 106.

ARTIGO II.

Da suspeita que se poderia ter da existencia da America por ideas filosoficas.

SEgue-se a segunda parte deste Discurso, isto he, o conhecimento, ou antes suspeita da existencia de hum novo Orbe.

1.ª Conjectura deduzida do fluxo e refluxo dos mares.

Primeiramente para se conjecturar que podia haver hum novo Continente no largo Oceano Occidental, podia bem occorrer a marinheiros entendidos e filosofos o que tinha occorrido ao discreto e subtil Raymundo Lullio nos fins do Seculo XIII: discorrendo aquelle illustre Filosofo da sua idade sobre as causas do fluxo e refluxo do grande mar, considerou que observada a convexidade delle, e o seu medido fluxo e refluxo, devia haver necessariamente para as partes do Occaso grandes valles oppostos, que contivessem a agoa tão vasta e movediça, e fossem como portaes de seu arco: e inferio dahi que na parte que nos he occidental, havia de existir hum Continente, em que topasse a agoa movida, assim como topava em a nossa parte respectivamente oriental; persuadindo-se que o alterado movimento do fluxo e refluxo necessitava do concurso da terra, e dos seus dois extremos, em que se contivesse o volume das agoas sobre si, e satisfizesse a este movimento (*a*).

Esta idéa talvez foi a que excitou a Colom; porque a razão que elle dava de navegar em direitura para o poente era, que o balanço do Orbe terraqueo necessitava de hum Continente no Occaso, opposto a nós outros, o que era o mesmo discurso de Lullio; e como este deixou muitos livros seus em Genova, já póde ser que Christovão Colom Genovez, e Estevão Colom seu irmão tivessem occasião de saber e aproveitar os seus discursos.

Po-

(*a*) Vem isto na sua obra Guotlibetica *Questiones per Artem Demonstrativam solubiles* em 1287, e tem 206 Questões; e na 154. trata do fluxo e refluxo do mar.

Podia tambem occorrer a outros, para conjecturar a existencia das terras da America, a mesma reflexão, que parece que tambem occorreo depois ao mesmo Colom, deduzida da theoria da esferecidade da terra, já então conhecida; e da sua grandeza, tambem já determinada; porque della se concluia que os Continentes da Europa, da Asia, e da Africa não formavão senão huma pequena porção da superficie do Globo terrestre; sendo de conjecturar por isso mesmo, que os vastos espaços, que estavão até alli desconhecidos, não erão inteiramente cobertos das aguas de hum Oceano esteril, sem alguma terra habitada do homem; e podendo-se crer em consequencia, que os Continentes do Mundo conhecido, postos sobre hum dos lados ou partes do Globo, devião estar contrabalançados para equilibrio, por huma quantidade mais ou menos igual de terras no Hemisferio opposto.

2.ª Conjectura deduzida da theoria da esfericidade da terra.

Além destas reflexões havia outras, que poderião vir á cabeça de marinheiros expertos, qual era a porfia e frequencia dos ventos geraes, e quasi sempre fixos, que costumão cursar do poente ou de Leste a Oeste entre os Tropicos, para daqui conjecturarem que havia terras occidentaes remotas, donde elles vinhão, pois isto era o que elles indicavão; e isto tambem parece que muito demoveo a Colom para a sua expedição.

3.ª Conjectura deduzida da frequencia dos ventos geraes do poente, ou de Leste a Oeste.

Havia ainda outras causas e sinaes, que podião inculcar a verosimilidade de terras para aquellas partes, quaes erão entre outros os bandos de aves, que costumão avançar sobre os mares, e voltejar em roda dos navios, e dirigir seus vôos para o Oeste: além disto fragmentos de páos e de madeiras, plantas, e corpos humanos que apparecião boiando sobre as ondas, e annunciavão tambem que havia terras proximas para aquelles sitios; hum destes foi o páo esculpido fluctuante sobre as agoas, que achou hum Piloto Portuguez, que se havia empegado, mais do que era costume naquelles tempos, para os mares de Oeste; o qual vinha trazido pelo vento da mesma parte, e lhe fez crer que vinha de alguma terra incognita, situada perto daquel-

4.ª Conjectura deduzida dos vôos das aves, fragmentos de páos, madeiras, plantas, e corpos mortos, que vinhão daquellas partes.

le mesmo ponto; e o outro madeiro tambem talhado de esculptura, que achou o Piloto cunhado de Christovão Colom, trazido pelo mesmo vento de Oeste (*a*), e tambem roseiras bravas de huma grossura enorme, similhantes áquellas que Ptolomeo descreveo como huma producção particular das Indias Orientaes: e arvores desarreigadas que se encontravão sobre as costás dos Açores: plantas ou hervas marinhas muito espessas, de que vião os mares coalhados em muitas paragens, a que os marinheiros costumavão chamar Çargaço, que erão indicações da visinhança de terras para aquelles sitios. Finalmente corpos mortos de homens que algumas vezes se achavão, e de feições diversas dos habitantes da Europa, da Asia, e Africa, que os mares trazião da mesma parte, quando o vento Oeste continuava por muito tempo.

Por tudo isto se vê que não faltavão principios e motivos filosoficos, que podião ter indicado a existencia das terras de hum novo Continente occidental, que he a segunda parte deste nosso discurso.

Conclusão. Quando cada huma das cousas, que temos até aqui apontado, de per si só não sejão sufficientes para apurar nosso proposito, com tudo ellas todas juntas mutuamente se ajudão, e formão por sua combinação harmonica huma prova geral de probabilidade de que, desde tempos mui remotos, cursava entre os antigos huma noticia e tradição sobre a existencia de hum novo Orbe, fóra do que então se conhecia, e além da Ethiopia ou Africa, e nos fins do Oceano Tenebroso ou Occidental; e que lhe precedêra alguma navegação para aquellas partes, que dêo lugar ao conhecimento de terras daquelle vasto Continente.

DA

(*a*) Robertson, *Historia da America* Tom. I. Lib. I. pag. 131 e 171.

DA POSSIBILIDADE E VEROSIMILHANÇA

Da Demarcação do Estreito de Magalhães no Mappa do Infante D. Pedro.

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

HAvendo tratado em huma Memoria particular da possibilidade e verosimilhança da demarcação do Cabo da Boa Esperança, nos dois Mappas do Cartorio de Alcobaça (*a*), e do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, passamos agora a fallar da possibilidade e verosimilhança da outra demarcação do Estreito de Magalhães, que só se acha no do Infante D. Pedro, ainda mais notavel que a primeira. Principiamos confessando, que grande motivo he para duvidar da existencia, ou authenticidade deste Mappa, achar-se nelle demarcado aquelle Estreito, o que póde admirar a huns, e fazer vacillar a outros.

Como admittir ou suppor facto de longa navegação para a America Meridional, como era necessario que houvesse, antes do Descobrimento de Fernando de Magalhães, para delle poder resultar a singular demarcação daquelle Estreito, para assim se sinalar no Mappa do nosso Infante? Seja-nos dada a liberdade de discursar hum pouco sobre este assumpto, e de resolver, se nos for possivel, as difficuldades. Não pertendemos defraudar com isto a gloria de Magalhães, que será sempre grande e magestosa aos olhos do Universo, de qualquer modo que se considere a sua navegação: mas não o offendemos, se em materia (que tem sido, e he ainda hoje controvertida de alguns Sabios) da ori-

P ii

(*a*) *Memorias de Litteratura Portugueza da Academia R. das Sciencias* Tom. 8. pag. 275.

originalidade deste descobrimento tomamos por outro caminho mui diverso do que até aqui se tem seguido.

CAPITULO I.

Da possibilidade da navegação para as partes da America, antes dos descobridores Colom e Magalhães.

SEndo o Estreito denominado de Magalhães tão remoto do nosso Continente, e delle separado por tão longos mares, he claro que a sua demarcação no Mappa do Infante D. Pedro, que veio a Portugal em 1438, não podia deixar de ser resultado do facto de alguma viagem, que lhe tivesse precedido para aquellas partes do novo Mundo. ¿Era esta navegação possivel naquelles tempos? ¿Houve algum facto de descobrimento de terras da America, que faça verosimil aquella descoberta antes de Colom e Magalhães?

São estas as duas cousas que se devem aqui notar. Começando pela primeira, dizemos que esta navegação era possivel naquelles tempos, porque podia ter sido feita 1.º casualmente: 2.º ainda deliberadamente e de proposito.

Navegação casual.

Primeiramente podia ser casual, acontecendo que, sahindo algum navio hum pouco da esteira ordinaria de navegar servilmente pela Costa, entrasse muito pelo Oceano Occidental; ou fosse porque demasiadamente nelle se engolfasse correndo a alueste mais do que quizera, ou fosse por esgarrar por tempestade de ventos que lhe desse, e o arremeçasse para aquellas partes. ¿Não tem acontecido similhantes desvios a muitos mareantes? ¿Não tem sido por este modo que muitas terras d' antes incognitas, se tem achado em hum e outro Hemisferio?

Não foi casualidade, quando o nosso insigne Capitão Pedro Alvares Cabral, fazendo a sua rota para a India, e amarando-se muito ao largo do Cabo da Boa Esperança, arrebatado da força dos ventos que lhe saltárão, veio a desca-

cahir tanto para o Oceano Austral, que chegou a ter vista de huma terra do novo Mundo, descobrindo a do Brasil? Com effeito não falta quem conte algumas outras viagens casuaes para as partes da America, antes de Colom, e de Magalhães (a).

Em segundo lugar esta navegação podia ser feita deliberadamente e de proposito para algum descobrimento. Navegação deliberada.

Supposto quanto os homens são aventureiros, e de seu natural cubiçosos de novas cousas, podião bem Pilotos e marinheiros affoitos e atrevidos, largar mão da Costa, e abalançar-se pela extensão do Oceano para os ultimos fins do Occidente; e isto ainda mesmo desprovidos do soccorro dos instrumentos proprios para a navegação do alto, (bem que exposta a maiores difficuldades e riscos, que seria preciso sobremontar): quanto mais sendo certo que já antes do Mappa do Infante havia o conhecimento e uso da Agulha nautica (b).

Dizemos que podia cometter-se esta empreza maritima, ainda sem o auxilio da Agulha, na persuasão de que nos fins do Mar Occidental se acharia hum Continente; persuasão que assentaria ou sobre noticias e tradições dos Antigos, a quem não foi inteiramente desconhecido (como entendemos) o Continente do novo Mundo; ou sobre raciocinios e discursos filosoficos, que podessem excitar idéas da existencia daquellas terras (c).

CA-

(a) Sobre as navegações casuaes para a America póde ver-se João Filippe Cassel, Professor de Brema, na Dissertação *de Frisonum navigatione fortuita in Americam, Seculo XI facta. Magdeburgi* 1741; e na outra *De Navigationibus fortuitis in Americam ante Columbum factis. Magdeburgi.* 1742.

(b) Veja-se isto provado na Memoria a pag. 77 deste mesmo volume.

(c) Veja-se a Memoria precedente a pag. 101.

CAPITULO II.

Da verosimilhança de alguma navegação para as partes da America antes de Colom e Magalhães.

DEpois de ter fallado da possibilidade da navegação pelo alto mar, nos tempos da demarcação do Estreito de Magalhães na Carta Geografica do Infante D. Pedro; tem lugar a illustração do outro ponto da sua verosimilhança, pela consideração de alguns factos e documentos, que se referem, os quaes provão terem precedido navegações para aquelle Continente, antes dos dois famosos Argonautas.

Do descobrimẽto de algũas terras da America Septentrional ãtes das expedições de Colom.

E começando pela America Septentrional, que foi a primeira a que chegárão Colonias Europeas, sabido he, que já na meia idade houvera navegação para as Costas Boreaes daquelle novo Continente, que descobrírão e conhecêrão a Groenlandia: vê-se isto no Breve de Gregorio IV, eleito Papa em 827, dirigido a Santo Anscario, Arcebispo de Hamburgo, e a seus successores, Legados Apostolicos para as nações circumvizinhas, e para as Septentrionaes e Orientaes; por quanto entre ellas se nomea Gronlandon, que he claramente a Groenlandia, extremidade septentrional da America. (Vej. Pedro Lambecio. *Origin.* Hamburg. 1706, pag. 36.)

E na verdade a Nação Groenlandica foi quanto parece a primeira da America Septentrional que os Europeos conhecêrão. A Marinha dos antigos Scandinavos, formidavel a muitas Nações, excitou o espirito das aquisições maritimas de novas terras, em que fundassem Colonias: em 874 fizerão huma expedição á Ilha de Islandia, donde ficava facil passarem a terras da America Septentrional. Com effeito aconteceo que Torwal Senhor Norwegiano, e seu filho Eric, havendo commettido hum crime, embarcassem para aquella Ilha em 982, e dalli tentassem descobrimentos, e fossem dar

dar com huma região da America, a que chamárão Gronland ou Groenlandia, isto he terra verde, em que já encontrárão habitadores, e nella fizerão huma Colonia, principalmente no paiz Occidental aonde estão hoje Colonias Dinamarquezas (*a*). Em 983 descobrio Leif filho de Eric, na mesma America Septentrional, hum paiz a que deo nome Dinamarquez de Vinhand, pelas vinhas silvestres de que abundava. Oláo Triguсson, Rei de Norwegia, ouvindo-lhe contar algumas cousas destas terras, quando elle voltou á sua patria, enviou Colonos a Groenland, que fundárão a Cidade de Guarde, que depois se chamou Alba; e desde então ficou Groenland tributaria á Norwegia até 1348.

Tambem se referem as viagens de Herjollo, e de Biorn, emprehendidas no Seculo XI, com as quaes pertende Forstero mostrar que Colom não foi o primeiro descobridor do novo Mundo (*b*).

Consta tambem, que morto Owen Guyneth, Principe de Walles, havendo discordia e guerra civil entre seus filhos sobre a successão, Madoc hum delles, deixando a Hybernia, navegou a buscar no Occidente novas terras; e que descobrindo algumas da America Septentrional, voltára e levára muitos comsigo, e fizera alli Colonias na Florida, e no Canadá, ou como outros dizem na Virginia ou nova Anglia; o que confirmão as tradições da Virginia, e de Guahutemalla (*c*).

Com

(*a*) Podem ver-se Torpheo nas *Antiguidades Islandicas*, impressas em 1705; e Jonas Argorim Islandez na Obra *De Rebus Islandicis* Lib. III. impressas em Hamburgo em 1593; historiadores de huma fé conhecida, que não fazem mais que seguir as antigas e mais authenticas Chronicas Islandezas.

(*b*) Veja-se Mr. Mallet na sua *Introducção á Historia de Dinamarca*, que cita a Chronica de Oláo, Rei da Noruega, composta por Snoro Stuoladines, ou Stuolusones. Stokolmo 1697; além das duas Dissertações de João Filippe Cassel já citadas.

(*c*) Sobre isto podem ver-se Martyr *Dec.* VII. C. III. e *Dec.* VIII. C. V.; David Powel na *Historia de Cambria* ao anno 1170; Hornio *das Origens Americanas* Liv. III. C. II. pag. 135 e 136; Herbert no *Appendix ou Itinerario* na Collecção de Hackluits.

Com o descobrimento destas terras da America Septentrional devemos ajuntar tambem o de alguma das Ilhas Antillias ou Antilhas, que pertencem áquella parte do Continente: sirva para isso o documento do Mappa ou Planisferio, ainda existente, de André Biancho de 1436, de que já fallámos na Memoria sobre a demarcação do Cabo da Boa Esperança no Mappa de Alcobaça. Vio este Mappa Mr. d'Anse Villoison, Membro da Academia Real das Inscripções e Bellas Letras.

» O Ms. Italiano (diz elle) num. LXXVI da Biblio-
» theca de S. Marcos de Veneza contem huma Carta ma-
» ritima, desenhada com muita exacção, composta de 10
» folhas. Nesta Carta acha-se huma das Antilhas, demar-
» cada pela mesma mão, e vê-se escripto com o mesmo
» caracter = Isola Antillia = o que he tanto mais notavel
» quanto vemos, que o descobrimento das Antilhas se at-
» tribue a Christovão Colom em 1492. Espantado desta
» singularidade, fiz copiar muito exactamente á minha vista
» esta preciosa Carta, e a enviei em 1781 a Mr. o Conde
» de Vergennes, que a apresentou ao Rei: hum dos meus
» amigos, a quem eu enviei esta noticia á Alemanha, a
» fêz imprimir na Gazeta de Gotha pag. 39 do anno de
» 1732. (*a*) » Não devera isto espantar tanto á Willoison, se soubera que o Historiador Gonçalo Fernandes de Oviedo já dava as Ilhas Antilhas, e a nova Hespanha descubertas pelo anno de 590. Ora bem se sabe, que as Antilhas, assim chamadas por estarem antes das Ilhas maiores do Golfo Mexicano, são partes da America, que ficão ante o seu Continente Septentrional. O douto traductor e annotador das Cartas Americanas do Conde Carli reconhecia, que as Antilhas vinhão sinaladas no mesmo Mappa ou Planisferio de Veneza, longo tempo antes de Colom (pag. 22.)

A' noticia deste Mappa póde ajuntar-se a da Carta Mari-

(*a*) Carta XLIX. no tom. II. das *Cartas Americanas* do Conde Carli pag. 519 520.

ritima, que consta que Paulo dal Pozzo Toscanelli, celebre Astronomo, mandou ao mesmo Colom com data de 25 de Julho de 1474, na qual se diz que tambem se achava delineada huma Ilha com o identico titulo de Isola Antilia; e que o mesmo se achava em outra Carta, que havia antes enviado ao nosso Fernão Martins, Conego da Sé de Lisboa, e pessoa da estimação do Senhor Rei D. Affonso V. (*a*).

Não deixaremos de lembrar, depois destas Cartas ou Mappas, o famoso Planisferio de Martim Behaim, ou como nós lhe chamamos, de Bohemia, feito em 1492, que ainda se conserva na Cidade de Nuremberg, como refere Christovão Gothiet de Murr na *Historia Diplomatica* de Martim Behaim, que traduzio do Alemão em Castelhano D. Christovão Cladera, com o titulo de *Investigaciones Historicas*, Madrid 1798: neste Globo tambem se achava demarcada aquella Ilha, de que o mesmo Murr não tirou, pelo dizer de passagem, o partido que convinha, como lhe nota o Traductor e Annotador das Cartas Americanas do Conde Carli (*b*).

(*a*) Este Toscanelli foi o mesmo que construio em 1468 o famoso Gnomon da Cathedral de Florença, que he o mais antigo, e mais elevado que se conhece na Europa; o qual esteve desconhecido por tres Seculos, até que o celebre Ximenes, Mathematico do Grão Duque de Toscana, o poz em uso, e nelle fez varias observações do Solsticio, e muitas outras.

Domingos Alberto Azuni assevera que Toscanelli escrevera duas cartas a Christovão Colom, em data de 25 de Julho de 1474, em que fazia huma descripção exacta da viagem que Colom projectava fazer nos mares de Guiné e do Occidente; descripção que muito contribuio para este emprehender depois o descobrimento da America. (*Dissert. sur l'Origine de la Boussole.* Art. IV. pag. 124.)

(*b*) Na Prefação ao Tom. I. pag. XXIII. Martim de Bohemia foi natural de huma antiga familia nobre de Alemanha, e tirava sua origem de Bohemia, de que ainda adiante fallaremos, foi Astronomo, e Cosmografo; delle se conta que Isabel, Regenta de Borgonha, mulher de Filippe II. por sobrenome o Piedoso, lhe ministrára em 1460 huma embarcação para descobrimento de novas terras; depois veio ao serviço de Portugal, em que exercitou o seu prestimo. Elle fez com que ElRei mandasse navios, ainda antes da expedição de Colom, para descobrimento das Antilhas, os quaes com tudo se retirárão sem alcançar fructo al-

He verdade que se não achava naquellas Cartas de Biancho e de Toscanelli, e no Globo de Behaim mais do que huma só Ilha Antilia, mas tambem he certo que huma só basta, sendo do numero das Antilhas para se mostrar, que já antes de Colom houvera descobrimento de huma terra ou Ilha Americana.

O que porém nos póde desenganar decisivamente que esta Ilha era realmente huma das Antilhas e não outra, he a mui diversa e remota demarcação que lhe achou o Conde Carli, na mesma Carta Geografica de 1436 de André Biancho que acima referimos; da qual elle attesta que haveria trinta annos que a vira nas mãos de Foscarini, e que alli se achava sinalada huma Ilha, que he a mesma que nella se diz Antilia, a qual estava na mesma posição que a de S. Domingos; e esta Ilha he justamente huma das grandes Antilhas, concordando assim a identidade da posição de huma e de outra, para provar a identidade de ambas ellas.

CAPITULO III.

Da verosimilhança do descobrimento de algumas terras da America Meridional, antes da expedição de Colom e Magalhães.

SE alguma parte da America Septentrional era já descoberta desde tempos anteriores a Colom, ¿porque se haverá

---

gum daquella viagem: referem este facto Herrera no Cap. VII. da 1.ª Decada, e tambem Cordeiro na *Hist. Insulana* Liv. 9. Cap. 9. §. 41.

He porém certo que voltando de Portugal á sua patria para ver os seus parentes, alli fez hum globo de 20 pollegadas de diametro, no qual desenhou toda a terra conhecida segundo o systema de Ptolomeo, ajuntando-lhe novas descobertas: a sua familia conserva ainda preciosamente este Globo, o qual Dopelmayer reduzio a hum Mappa Mundi, que vem copiado no fim do seu Livro: nelle se achava demarcada huma das Antilhas.

rá por inverosimil que tambem o fosse antes delle alguma parte da America Meridional?

Do descobrimẽto de algũas terras da America Meridional antes das expedições de Colom.

Com effeito noticia havia entre os nossos e os estranhos de que regiões desta parte do Novo Mundo erão já conhecidas, antes das expedições do navegador Genovez. Sobre esta noticia não duvidou Mariz escrever o seguinte:

» E bem dizem os que affirmão que os marinheiros, » que a Christovão Colom descobrírão a navegação do Mun- » do Novo erão Portuguezes, que podião mui bem ser dos » muitos que o Infante D. Henrique mandou a este des- » cobrimento, alguns dos quaes não tornárão ao Reino: as- » sim que nem os que querem dar invenção do descobri- » mento do Mundo Novo a Christovão Colom, nem os que » dizem que erão náos Biscainhas são dignos de credito. » E entre outras cousas remata por fim com huma reflexão, que não deixa de merecer contemplação: « E se Christo- » vão Colom (diz elle) antes que fosse ao seu descobri- » mento, promettia nelle grande somma de ouro e prata, » e assim succedeo; claramente se póde inferir que de al- » guma outra pessoa foi elle certificado desta verdade, que » a tivesse já visto com seus olhos; e que o Genovez pe- » rito na Geografia e Astronomia, e grande marinheiro en- » trára por isso em pensamentos altivos de cometter e des- » cobrir aquelle novo Continente. »

Deveremos occupar aqui a critica de Robertson, que tem por pouco digno de credito o lugar de Mariz, e isto em razão do silencio dos dois Historiadores antigos Hespanhoes, André Bernaldes, e Herrera, e do Italiano Pedro Martir, que publicou a primeira Historia Geral que houve do Novo Mundo; sobre o que diremos que Bernaldes era amigo de Colom, como reconhece o mesmo Historiador Inglez, Tom. I. Not. XXI, e podia sobreestar, ou não dizer cousa que podesse diminuir alguma parte da originalidade e gloria de seu descobrimento: demais não só a elle mas aos outros dous podia ser ignorada esta noticia; he com tudo certo que ella correo entre os nossos, e os Hespanhoes,

como o refere hum dos mais classicos Historiadores da America, Francisco Lopes de Gomara, Author mais antigo que Mariz; diz elle assim na sua *Historia de las Indias e Conquistas do Mexico*, impressa em 1552.

» Navegando una caravella por nuestro mar Oceano,
» tuvo tan forçoso viento de levante, y tan continuo, que
» fue a parar en tierra no sabida, ni puesta en el Mapa,
» ó Carta de marear. Bolviò de allá en muchos mas dias
» que fue, y quando a cá llegò no traya mas de al piloto,
» y a outros tres o quatro marineros, que como venian
» enfermos de hambre, y de trabajo, se murieron dentro
» de poco tiempo en el puerto. He aqui como se descu-
» brieron las Indias, por desdicha de quien primero las
» viò, pues acabò la vida sin gozar dellas, y sin dexar, a
» lo menos sin aver memoria de como se llamava, ni de
» donde era, ni que ano las hallò. Bien que no fue culpa
» suya, sino malicia de otros, o invidia de la que llaman
» fortuna. Y no me maravillo de las historias antiguas, que
» cuenten hechos grandissimos, por chicos o escuros prin-
» cipios, pues no sabemos quien de poco a cá halló las In-
» dias, que tan senalada y nueva cousa es; quedaranos, si
» quiera, el nombre de aquel piloto, pues todo lo al con
» la muerte fenece. Unos hazen Andaluz a este piloto,
» que tratava en Canaria, y en la Madera, quando le acon-
» tecio aquella larga, y mortal navegacion. Otros, Vyz-
» caino, que contratava en Inglaterra, y Francia. Y otros
» Portugues, que yva, o venia de la Mina o India: lo
» qual quadra mucho con el nombre que tomaron y tienen
» aquellas nuevas tierras. Tanbien ay quien diga que apor-
» tò la caravella a Portugal; y quien diga que a la Ma-
» dera, o a otra de las Islas de los Açores. Empero ningu-
» no afirma nada. Solamente concuerdan todos en que falle-
» cio aquel piloto en casa de Christoval Colon. En cuyo
» poder quedaron las escrituras de la caravella, y la rela-
» cion de todo aquel lungo viage, con la marca, y altu-
» ra de las tierras nuevamente vistas, y halladas. »

No

No titulo seguinte, que tem por summario *Quien era Christoval Colom*, continua o mesmo Author a dizer desta maneira.

» Este Christoval Colon començó de pequeño a ser
» marinero, oficio que usan mucho los da Ribera de Ge-
» nova. Y assi anduvo muchos annos en Suria, e en ou-
» tras partes de Levante. Despues fue maestro de hazer Car-
» tas de navegar, por do le nacio el bien; vino a Porto-
» gal por tomar razon de la Costa Meridional de Africa,
» y de lo que mas los Portogueses navegavan, para mejor ha-
» zer y vender sus Cartas. Caso-se en aquel reyno, o como
» dizen muchos, en la Isla de la Madera. Donde pienso
» que residia, a la sazõ que llegó alli la caravella suso di-
» cha. Hospedó al patron della en su casa. El qual le dixo
» el viage que le avia sucedido, y las nuevas tierras que
» avia visto, para que se las asentasse en una Carta de
» marear, que le comprava. Fallecio el piloto en este ca-
» medio. Y dexole la relacion, traça, y altura de la nue-
» vas tierras. Y assi tuvo Christoval Colon noticia de las
» Indias. Quieren tanbien otros, porque todo lo digamos,
» que Christoval Colon fuesse buen Latino, y Cosmogra-
» fo. Y que se movio a buscar la tierra de los Antipodas,
» y la rica Cipango de Marco Polo, por aver leydo a Pla-
» ton en el Timeo y en el Cricias, donde habla de la gran
» Isla Atlante, y de una tierra encubierta, maior que Asia,
» e Africa; y a Aristoteles, o Theofrasto en el libro de
» maravillas, que dize, como ciertos mercadores Carthagi-
» neses, navegando del estrecho de Gibraltar hazia ponien-
» te y medio dia, hallaron, al cabo de muchos dias, una
» grande Isla despoblada, empero proveyda, y con rios
» navegables. Y que leyó algunos de los authores, atras
» por mi acotados. No era doto Christoval Colon, mas era
» bien entendido. E como tuvo noticia de aquellas nuevas
» tierras por relacion del piloto muerto, informose de om-
» bres leydos sobre lo que dizian los antiguos a cerca de

» otras

„ otras tierras, y mundos. Con quien mas comunicó esto
„ fue un Fray Juan Peres de Marchena, que morava en el
„ monasterio de la Rabida. E assi creió por muy cierto lo
„ que le dexó dicho y escrito aquel piloto, que murió en
„ su casa. Pareceme que si Colon alcançara por sciencia
„ donde las Indias estavan, que mucho antes, y sin venir
„ a España tratara con Genoveses, que corren todo el Mun-
„ do, por ganar algo de ir a descobrillas. Empero nunca
„ pensó tal cosa: hasta que alhó con aquel piloto Español,
„ que por fortuna de la mar, las halló. „ (*a*)

O mesmo disserão depois

Estevão de Garibai.

D. João Salusano *De Jure Indiarum* Tom. I. Cap. V. n. 6.

Henau nas *Antig. de Cantabria.*

M. Feijo no Tom. IV Discurso 8 num. 84.

Hornio. *De Origine gentium Americanarum.*

João de Laef.

Claudio Bartholomeu Marisó na *Historia Orbis Maritimi*, Liv. II. Cap. 41 pag. 649.

Ricioli na sua *Geog. e Hidrogr.* Liv. III. *Periegeticus* Cap. 22 pag. 93.

Este ultimo e grande Mathematico, principalmente na Chronologia, Geografia, e Hidrografia, fallando de Colom, expressamente assegura que elle achara as terras do novo Mundo, ou por inducções e conjecturas de seu proprio engenho, ou por informações e noticias que lhe communicara Martim Behaim, de quem acima já fallámos, e ainda logo fallaremos, o qual lhe precedêra nos conhecimentos de algumas partes do outro Hemisferio.

„ Christophorus Columbus (diz elle) ex Palestrella
„ stirpe Placentina oriundus, & postea Liguriæ incola,
„ cum prius in Madera Insula, ubi conficiendis ac delinean-
„ dis chartis Geographicis vacabat, sive suopte ingenio, ut
„ erat vir Astronomiæ, Cosmographiæ, & Phisices gnarus,
„ si-

(*a*) Fol. 10 ✠.

» sive indicio habito à Martino Bohemo, aut ut Hispani
» dictitant ab Alphonso Sanchez de Helva nauclero, qui
» forte inciderat in insulam, postea Dominicam dictam, co-
» gitasset de Navigatione in Indiam Occidentalem & id pro-
» posuisset Joanni II. Regi Lusitano. » (a)

Não podemos deixar de accrescentar aqui, quanto aos nossos, que entre elles foi constante o que disse Mariz no lugar já citado, que as experiencias e observações dos navegadores Portuguezes servirão tambem de muito ao Genovez; elle era discipulo da doutrina Portugueza, como justamente o intitula Francisco de Brito Freire na *Guerra Brasilica* Liv. I. n. 11, e teve muitos dos nossos de que se podesse aproveitar, principalmente de Bartholomeu Perestrello, seu amigo e parente, da mesma ascendencia dos Perestrellos da Lombardia, hum dos mais acreditados varões da Escola do Infante D. Henrique, e dos illustres Capitães e descobridores em suas primeiras expedições: delle dizem que muito se ajudára Colom, e que viera a ser possuidor de suas Cartas e itenerarios, em que achára notas e demarcações, que muito lhe servírão para o feliz successo de suas emprezas maritimas.

De tudo isto se póde colligir que Colom não foi em sua navegação ao mero acaso, nem sómente guiado por principios da sua grande theoria; mas muito particularmente por informações e noticias de pessoas, que tinhão antes delle avistado e reconhecido alguma parte daquelle vastissimo Continente; por quanto se vê bem pela Historia de sua viagem, que sahindo da Gomeira, huma das Canarias, tomou a derrota caminho do poente, e dirigio constantemente o seu rumo para Oeste, engolfando-se cada vez mais no largo Oceano Occidental, com huma constancia invariavel na sua rota, apezar dos clamores de seus marinheiros, e dos riscos de vida a que se expunha, sem jámais desmaiar; como que tinha certeza, por precedente informação, de que por fim acharia por aquella parte huma nova terra: se-

(a) Ricioli na sua já citatada *Geografia e Hidrografia* Liv. III. *Periejeticus* Cap. 22 pag. 93.

segurando aos seus, que passados dias havião de ver com seus olhos o que então a esperança dilatada lhes representava impossivel: com tanta segurança e senhorio o affirmava, que suas palavras erão cheias de certeza, e davão novos corações a seus já desfalecidos companheiros (a).

Do descobrimẽto de algũas terras da America Meridional ãtes da expedição de Magalhães.

Demos agora mais hum passo por diante, para nos aproximarmos ao particular objecto destes nossos discursos; e mostremos que não só houve noticias da existencia de algumas terras da America Meridional, antes de Colom, mas que tambem as houve daquellas mesmas partes que depois se chamárão de Magalhães.

Da demarcação do Estreito, q depois se chamou de Magalhães, attribuido a Martin Behaim no seu Globo, e Mappas.

Para isto não duvidamos recorrer outra vez ao grande Astronomo e Cosmografo Martim Behaim ou de Bohemia: pois nas suas Cartas Maritimas já estavão demarcadas as terras visinhas á Ponta Austral daquelle Continente, ou ao Estreito que depois se chamou de Magalhães. Isto escreve delle positivamente Pigaffetta, author coevo, e fidedigno, que foi seu companheiro de viagem (b), dizendo que o mesmo Magalhães vira na Thesouraria de ElRei de Portugal huma Carta, feita por aquelle excellentissimo homem Martim de Bohemia, em que aquellas terras vinhão delineadas.

Nesta parte póde tambem servir a authoridade de Francisco Lopes de Gomara na *Historia das Indias*, o qual assevera que Magalhães vira as Cartas de Behaim, em que estava traçada a rota que se devia seguir para aquellas partes, e que este lhe facilitára aquella nova descoberta que depois achou. Poremos aqui o seu lugar por ser de Author classico em taes materias. « Fernando Magallanes y Ruy » Falero vinieron de Portogal a Castilla a tratar en el Con- » sejo d' Indias, que descubririan si buen partido les hi- » ziessen, las Malucas, que produzen las especias, por nue- » vo

(a) Esta firmeza inculca bem, que elle tinha mais motivos de perseverança do que a sua só theoria, e o seu systema, a que Robertson só quer attribuir tão invicta constancia. Na *Historia da America* Tom. I. na Nota 17 pag. 380.

(b) Viagem de Pigaffetta.

» vo caminho, y mas breve, que no el de los Portogue-
» ses a Calicut, Malaca, y China. El Cardenal fray Fran-
» cisco Ximenez de Cisneros, governador de Castilla, y los
» del Consejo de Indias les dieron muchas gracias por el
» aviso y voluntad, y gran esperança que, venido el rey don
» Carlos de Flandes, serian muy bien acogidos y despacha-
» dos. Ellos esperaran con esta respuesta, la venida del
» nuevo Rey, y entretanto informaron asaz bastantemente
» al Obispo Don Juan Rodriguez d' Fonseca, presidente
» de las Indias, y a los Oydores de todo el negocio, y
» viage. Era Ruy Falero buen Cosmografo y humanista,
» y Magallanes gran marinero. El qual afirmava que por
» la Costa del Brasil, y Rio de la Plata avia passo a las
» islas de la especieria mucho mas cerca que por el ca-
» bo de Buena Esperança; a lo menos antes de subir a se-
» tenta grados, segun la Carta de marear que tenia el Rey
» de Portogal, hecha por Martin de Boemia, aunque a-
» quella Carta no ponia estrecho ninguno, a lo que oy de-
» zir, si no el assiento de los Malucos. Si ya no puso por
» estrecho el Rio de la Plata, o algun otro gran rio de
» aquella Costa. Mostrava una Carta de Francisco Serrano
» Portogues, amigo o pariente suyo, escripta en los Ma-
» lucos, en la qual le rogava que se fuesse allá, si queria
» ser presto rico. »

Com este testemunho de Gomara concorda outro de Herrera tambem Hespanhol. Sobre tudo podem-se allegar por esta parte Wangensel, que deo esta noticia tirada dos Archivos de Nuremberg, que vem no *Paneg. de Bebaim*, affirmando que elle achara o Estreito, para por elle se ir por Occidente ás Indias Orientaes.

Seguírão a mesma tradição

O Author do *Diccionario Universal* Hollandez.

Dopelmayer na *Relação Historica dos Artistas de Nuremberg*.

O Barão de Bielfeld na Obra intitulada *Progres des Alemands* no Cap. III. em que repete esta mesma noticia.

Freher *in Theatro*.

Não podemos adoptar a conjectura de quem já se lembrou, que a demarcação nas Cartas de Martim de Bohemia tinha sido por ventura tresladada das noticias que dera a Americo Vespucio, nas cartas e papeis que apresentou a ElRei; Por quanto as Cartas e Globos de Martim de Bohemia havião sido anteriores ao facto de Americo, tendo elle feito o seu Globo quando esteve com seus parentes em Nuremberg, aonde o deixou no anno de 1492, e já antes disso nas suas Cartas Maritimas, o que tudo vem a ser muito anterior ás viagens de Americo Vespucio em 1501 e 1502; além disso não consta que Americo chegasse nas suas duas primeiras viagens áquelle Estreito, havendo ficado na altura de 32 gráos, isto he na visinhança do Rio da Prata, como elle mesmo o diz em huma das Cartas escritas ao Senhor Rei D. Manoel sobre as suas viagens.

Isto he o que pertence á demarcação de hum paiz da America Meridional, qual he' o Estreito chamado de Magalhães, no mesmo Seculo XV, e antes da expedição do mesmo Magalhães: e posto que este facto seja posterior á demarcação que se acha no antigo Mappa do Infante D. Pedro; todavia 1.° destroe a originalidade da descoberta daquelle famoso navegador: 2.° concorre para mostrar, que destruido o fundamento daquella originalidode, se faz menos inverosimil aquella nota em hum Mappa mais antigo e anterior a Magalhães.

Consequencias que se tirão deste facto.

¿ Mas como póde servir, dirão alguns, o facto do descobrimento daquelle Estreito trinta e cinco annos antes de Magalhães, para tornar menos inverosimil a existencia de huma descoberta ou demarcação mais antiga, e anterior não só a Magalhães, mas ainda ao mesmo Behaim, qual a que se achava no Mappa do Infante?

Responderemos, se podermos, a esta duvida, que a muitos póde fazer peso.

Se o descobriméto ou demarcação do Estreito

Behaim não poz nota alguma, nem nos Globos, nem nos Mappas, em que declarasse a originalidade da demarcação do Estreito; não nos disse se ella fora sua propria e ori-

original, por seu mesmo descobrimento, ou se foi traslaticia e derivada de algum outro Mappa ou Globo mais antigo que o seu; nem alguns dos Authores que disto fallárão asseverão cousa alguma decisiva e parentoria nesta parte: reduzindo-se huns a affirmar o seu descobrimento por Behaim, sem nos dizerem precisamente se o descobrio em consequencia de noticias de outros Mappas que lhe precedessem; e outros a terem para si aquella demarcação por original, conjecturando-o assim pelo só facto de a verem por elle assignalada no seu Globo e Mappas.

Foi por facto proprio de Martim de Behaim, ou de facto alheio antecedente.

Nesta incerteza ou silencio ¿ quem nos prohibe, vendo o mesmo lugar apontado já no Mappa do Infante D. Pedro, julgar que delle mesmo, ou de algum outro navegador antecedente se trasladou e derivou aquella demarcação para o Globo e Mappas de Behaim, vindo este a ser naquella parte, não originario e primitivo descobridor, mas sim hum simples annotador e copiador daquelle passo?

Maneira por q̃ podia já ter entrado no Mappa do Infante D. Pedro a demarcação do Estreito, q̃ depois se chamou de Magalhães.

¿ Porque não diremos que algum aventureiro, de tempos muito mais remotos aos de Colom e Magalhães e do mesmo Behaim, teria alcançado noticia das partes circumvisinhas daquelle Estreito? Em verdade já no Seculo XIII e XIV havia feito a marinha Europea progressos consideraveis, correndo as Nações maritimas e industriosas todos os mares por seus pataxos, caravellas, e varineis, ou fosse para Levante, ou para fóra do Estreito pelo Oceano Atlantico; ou fosse dos Africanos, isto he dos Arabes Barbarescos, navegadores de huma parte da Costa de Africa e d'Além mar; ou fosse dos Genovezes e Venezianos, ou dos Malhorquinos, cujos vasos navegavão para toda a parte, e entre os quaes se fazião muitas Cartas de marear; ou fosse dos Normados da Normandia, que dalli passárão a navegar em 1346 pelas Costas de Africa até Guiné, por onde estabelecerão diversas Colonias (a); ou fosse dos Guipuzcoanos,

(a) Huet *Histor. do Comm. e Navig.*; Murillo *Geografia*; Francheville na *Hist. das Comp. das Indias* impressa em París em 1738; e na *Dissertação* em que falla das Naveg. de Tarcis no Tom. XVII. das *Me-*

nos, Biscaynhos, e Andaluzes que desde 1393 forão á Conquista das Canarias; ou fosse finalmente dos nossos Portuguezes que já então começavão a figurar na carreira naval. De algumas destas Nações podião marinheiros ou pilotos aventureiros ter já sahido para alguns descobrimentos, por onde tivessem occasião de se engolfarem mais no pego, e correndo para Alueste haverem vista de algumas terras do novo Mundo: ou fosse navegando deliberadamente, e de proposito por áquelles mares, ou fosse desgarrados dos ventos e tempestades.

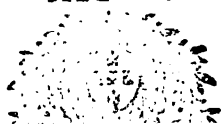
Nestas circunstancias sendo a navegação para alguma parte da America possivel naquelles tempos, tendo-se emprehendido naquelles dois Seculos muitas emprezas maritimas de grandes aventureiros, nenhuma inverosimilhança tem que se descobrisse entre ellas alguma parte da terra ou Estreito Magallanico da America Meridional, donde proviesse aquella nota e demarcação para o antigo Mappa, que havia trazido o Infante D. Pedro das suas peregrinações de Veneza, ou de outro algum paiz da Italia.

CAPITULO IV.

Resolução de algumas duvidas.

NÃo poremos remate a este nosso discurso sem primeiro tomar conta de duas objecções, que occorrem naturalmente nesta materia.

Primeiramente póde reparar-se sobre a inacção em que parece que ficou o Infante D. Henrique, sem se aproveitar da singular noticia e demarcação deste Mappa; sendo mui natural que á vista delle, se tal então existisse, facilmente se excitasse e demovesse a mandar procurar aquellas terras, por quão mettido e engolfado andava na empreza das no-

morias da Academia das Bellas Letras de Berlim do anno de 1761; e Court de Gibelin no *Mundo Primitivo* Tom. VIII. Art. V.

novas descobertas. Não he difficil de satisfazer á esta duvida: as razões, que já na primeira Memoria apresentámos, a respeito da falta de actividade, que se podia notar no Infante á vista da outra singular noticia e demarcação do Promontorio Austral de Africa, sinalada no Mappa do mesmo Infante D. Pedro, e no de Alcobaça, são agora tambem accommodadas para satisfazer em parte a esta objecção (a). Com effeito as grandes despezas que era necessario fazer nas expedições maritimas, e as declamações dos que muito reprovavão as suas tentativas, como dispendiosas, inuteis, e até fataes, tudo concorria para que elle se limitasse unicamente ao descobrimento das costas de Africa, que erão mais proximas e conhecidas, e se não repartisse e dividisse para novos descobrimentos de outros rumos diversos, e de terras não sabidas.

Em segundo lugar póde tambem parecer incrivel que o Senhor Rei D. João II. deixasse de ter noticia deste Mappa se existisse; e de com elle se excitar, por mui grande averiguador que era de novos mares e terras, a tentar o descobrimento do Continente da America, que alli se achava demarcado ao Oeste da Costa Africana.

Respondamos a esta objecção: em primeiro lugar não implica que aquelle Principe ignorasse aquelle Mappa e demarcação, ou que elle já não existisse no seu tempo. Em segundo lugar podia elle saber disto, e todavia não tomar a resolução de mandar ao descobrimento do Estreito que o Mappa demarcava, porque podia ponderar difficuldades, que bastantes fossem a embaraçar empreza tão fragosa e arriscada; e mais ainda sem saber qual fosse a extenção daquelle terreno, a qualidade da terra, e que proveito se poderia tirar della.

Nem admira que a demarcação do Mappa, se por ventura o vio, o não movesse á empreza do descobrimento do

no-

(a) Veja-se o que dissemos na *Memoria sobre dois antigos Mappas Geograficos do Infante D. Pedro e do Cartorio de Alcobaça* Cap. 5., que vem a pag. 295 do VIII vol. das *Memorias de Litteratura da Academia.*

novo Mundo, quando o não moveo o mesmo plano que Colom lhe apresentára para aquella navegação, combinado sobre varias observações e noticias; que antes o rejeitou, ou por pouco solido e seguro, ou por muito dispendioso, e arriscado, como o tiverão a principio os mesmos compatriotas de Colom, e as Cortes de Hespanha e de Inglaterra, quando elle lhes offerecia pela primeira vez o mesmo plano; fosse, como diz Garcia de Rezende, por lhe não dar credito (a), havendo suas palavras por imaginações e vaidades (como as houverão o Doutor Calçadilha, famoso Cosmografo daquelle Principe e muito seu valído, e D. Diogo Ortiz, Bispo de Cepta, e os Mestres Rodrigo, e Jose (b), aos quaes costumava encomendar as cousas da Cosmografia); fosse finalmente por alheo de suas idéas, e medidas, em que entravão de mãos dadas as esperanças de maior utilidade, e de maior fama e gloria que haveria com os descobrimentos de Africa e India, que não com os de terras do Poente ainda incognitas, ou duvidosas.

Na verdade aquelle Principe estava desejoso de proseguir a carreira, que o Infante tinha começado pela Costa de Africa; e estava cheio da leitura das *Viagens de Marco Polo*, de *Nicolao Conti*, e de outros Viajantes da Asia, que muito lhe atiçárão os desejos de abrir por mar caminho novo para a India Oriental; fazer voltar o Commercio della para Portugal, e estancar o monopolio das especiarias que fazião os Arabes e Turcos, e os Venezianos por Alexandria, principal recurso do seu poder e riqueza. Esta era só a empreza, que elle considerava digna de seu animo Real, e capaz de lhe trazer em direitura os thesouros do Oriente, e fazer revolução no curso do Commercio, e no Estado Politico de toda a Europa, em muito proveito destes Reinos.

E

(a) *Chronica de D. João II.* C. 164 fol. 108.

(b) Do pouco credito que ElRei dava a Colom, e quanto os Cosmografos houverão por vaidade suas palavras, fallão os nossos, e entre elles João de Barros na *Dec. I.* Liv. III. Cap. XI. pag. 57; e dos estranhos bastará citar por todos o Padre Lafitau na *Historia dos Descobrimentos e Conquistas dos Portuguezes* Liv. I. pag. 67.

E tão acceso andava neste descobrimento da India, que sem embargo de ter já reconhecido até além do Cabo da Boa Esperança por mar, o quiz tambem fazer por terra em 1486, enviando viajantes encarregados disso (*a*); e em verdade tantos desejos tinha de a descobrir, que havia concertado e prestes huma armada para este fim, com os regimentos feitos, e escolhido já por Capitão Mor della o mesmo Vasco da Gama (*b*). Em fim foi este o seu unico disvello, como o mesmo Capitão expressou bem ao Rei de Melinde dizendo:

Este, por haver huma fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, q' eu vou buscando agora (*c*).

EX-

(*a*) Garcia de Rezende na Chronica de D. João II. Castanheda Cap. 60 pag. 42.
(*b*) Garcia de Rezende Cap. 205 fol. 122 ỷ. e 123.
(*c*) Lusiad. C. IV. Est. LX.

(*) EXTRACÇÃO DE LOTERIAS;

Que se executa em tempo brevissimo, e sem que se possa commetter erro ou engano: proposta

POR ANTONIO DE ARAUJO TRAVASSOS.

SUppondo que a Loteria seja de 10:000 Bilhetes, faz-se a extracção pela maneira seguinte. Forma-se hum numero ao acaso entre todos desde 1 a 10:000, tirando entre os dez algarismos 0. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. hum para a casa das unidades, e repetindo-se a mesma operação 2.ª, 3.ª, e 4.ª vez para as casas das dezenas, centenas, e milhares; sem que se extráia algarismo algum para a casa das dezenas de milhar, pela razão de que esta casa só póde ser occupada pelo algarismo 1, no caso unico de terem sido 0. 0. 0. 0. os quatro algarismos tirados á sorte: os quaes são a decima millesima combinação, e por isto se convenciona que representem o numero 10:000.

Póde dar-se ao numero formado o nome de Regulador, porque serve para regular a distribuição de todos os premios da Loteria facil e promptamente, pela maneira seguinte.

Em a Noticia ou em os proprios Bilhetes da Loteria se declarará que o maior premio ha de pertencer ao Regulador, e o 2.°, 3.°, 4.°, 5.° &c. e todos os mais premios, pe-

(*) Este modo de extracção de Loterias foi communicado á Academia Real das Sciencias em 29 de Agosto de 1815, e por isso antes que o que se publicou a pag. 180 da segunda parte do Tom. IV desta Collecção: publica-se porém sómente agora pela razão de ter sido remettido por Ordem de Sua Magestade a fim de se examinar, o que impedio a sua impressão, em quanto não houve licença expressa, que ultimamente se obteve.

pela ordem de seus maiores valores, hão de pertencer aos numeros immediatos depois delle; e no caso de que estes numeros até o ultimo da Loteria não sejão bastantes para se lhes conferirem os referidos premios, continuar-se-ha a distribuição pelo numero 1, e seguintes.

Se não se quizer que os premios todos hajão de pertencer a numeros seguidos, facil he o declarar na mesma Noticia, ou nos Bilhetes, as differenças ou intervallos que deve haver entre o Regulador e os numeros a que ha de conferir-se cada premio; ou, o que vem a ser a mesma cousa, declarar-se-ha que os numeros dos Bilhetes, iguaes á soma do Regulador com os numeros que se indicarem, terão os premios que adiante delles igualmente forem indicados, e que daquellas somas do Regulador com os referidos numeros que se indicarem, as quaes forem superiores ao numero total de Bilhetes, subtrahir-se-ha o dito numero total, e os restos serão os numeros, cujos bilhetes gozaráõ dos premios respectivos.

Talvez isto se entenda melhor á vista do seguinte plano; no qual todavia por amor da brevidade não se declarão as differenças todas por extenso e cada huma de persi, e usa-se do artificio de designar muitas debaixo de hum numero e seus multiplos. Com effeito he mui sufficiente esta declaração ou sistema, para em conformidade delle, e depois de formado o Regulador, se fazer a Lista Geral, e para cada dono de Bilhete, ainda sem consultar a dita Lista, saber logo qual foi a sua sorte na Loteria.

Plano de Loteria, e modo de formar a Lista Geral para a distribuição dos premios.

O numero Regulador terá - 1 premio de Reis. 16:000$000

E os numeros que forem iguaes á soma do Regulador com cada hum dos numeros que aqui se declarão, terão os premios seguintes. Advertindo que daquellas somas do Regulador com estes numeros, as quaes excederem a 10:000, e que por consequencia não se encontrão em Bilhete algum desta Loteria, se subtrahirá o referido numero 10:000, e os restos serão os numeros premiados.

5:001 - - - - - - - - -	1 - - - - - -		8:000$000
2:502 - - - - - - - - -	1 - - - - - -		4:000$000
7:500 - - - - - - - - -	1 - - - - - -		2:000$000
1:251 e 6:252 - - - - -	2 de	1:000$000	2:000$000
603, 5:601, 3:105, e 8:103	4 »	400$000	1:600$000
1:197 e todos os seus multiplos	8 »	200$000	1:600$000
600 e dito dito dito -	16 »	100$000	1:600$000
333 e dito dito dito -	30 »	60$000	1:800$000
141 e dito dito dito -	70 »	20$000	1:400$000
3 e todos os seus multiplos que não estão acima comprehendidos - - -	3:200 »	15$000	48:000$000
Bilhetes com Premio -	3:334		
Ditos sem Premio - . -	6:666		

Abatidos 12 p.r c.to importão os 10:000 B.s a 10$000 rs. 88:000$000

Se

Se o numero de Bilhetes não for dez mil, mas por exemplo vinte mil, deve extrahir-se para a quinta casa do Regulador hum algarismo, não entre os dez já mencionados, mas só entre os dous o e 1; porque neste caso o. o. o. o. o. he a vigessima millesima combinação, convenciona-se que represente o numero 20:000.

E se o numero de Bilhetes for por exemplo 30:000, deve extrahir-se para a quinta casa do Regulador hum algarismo entre os tres o. 1. e 2.; e porque neste caso o. o. o. o. o. he a trigessima millesima combinação, convenciona-se que represente o numero 30:000.

Hum modo analogo se seguirá em qualquer outra Loteria de 40, 50, 60, 70:000 Bilhetes &c. Se porém não for de numero redondo e completo de dezenas de milhar, mas por exemplo de 16:000 Bilhetes; neste caso, depois de extrahidos os tres algarismos para as casas das unidades, dezenas, e centenas, extrahir-se-ha hum algarismo ou hum numero composto de dous algarismos para a casa dos milhares, ou para esta e para a das dezenas de milhar, entre os 16 algarismos e numeros seguintes, o. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. e 15. E porque o. o. o. o. o. he a decima sexta millesima combinação, convenciona-se que represente o numero 16:000.

Semelhantemente se praticará em as Loterias que forem de outros numeros de Bilhetes, e a todas se poderá applicar facilmente qualquer distribuição de premios que mais agradar, exactamente como acontece em as Loterias até agora usadas entre nós.

MEMORIA

Sobre a nova Mina de ouro da outra banda do Tejo. Lida em 10 de Maio de 1815.

POR JOSE' BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA.

JUlgo não será desagradavel a esta Academia dar-lhe desde já em pequeno bosquejo alguma idéa da nova Mina de ouro chamada *Principe Regente*, que se está lavrando actualmente. Principiarei pelo seu descobrimento e pesquisas preliminares, e depois passarei a noticiar o estado presente da sua lavra e aproveitamento; reservando para outro tempo a parte technica de seus trabalhos.

Sendo do meu dever na conformidade dos Regimentos, e das vistas paternaes de S. A. R. quando se dignou crear a nova Administração de Minas, descobrir e aproveitar todos os mineraes uteis que encerrão as entranhas do nosso Portugal (que em verdade póde correr parelhas, em riquezas subterraneas, com os mais privilegiados do Globo) julguei que não devia por mais tempo deixar desconhecida e desaproveitada, ao menos huma pequena porção do muito ouro, que encerra ainda Portugal, não obstante a extensa e antiga mineração dos Carthaginezes, Romanos, Arabes, e ainda dos Portuguezes nos primeiros seculos da Monarchia.

Os motivos que me induzirão a escolher de preferencia o terreno da bahia, que começa na ponta da Trafaria, e vai findar no Cabo de Espichel, para estas tentativas e pesquizas, forão as noticias historicas, que tinha obtido da Torre do Tombo; das quaes consta, que os Ourivieiros ou Mineiros da Adiça, que fica tres quartos de legóa ao Nascen-

cente da nova Mina, desde o tempo do Senhor D. Affonso Henriques, em que já estavão em lavra estas terras, até o do Senhor D. João III. que as doou a hum certo Antonio da Fonseca, sempre se conservárão em trabalho constante e lucrativo, a pezar do muito ouro, que pelas navegações do immortal Infante D. Henrique, nos vinha então da Costa da Mina.

Que as antigas Minas da Adiça forão de muita utilidade á Coroa e ao Reino, o provão os grandes privilegios concedidos pelos nossos Reis aos Mineiros, em huma longa serie de Cartas de confirmação desde o principio da Monarchia até os fins do Reinado do Senhor Rei D. João III. em que cessárão esses serviços; talvez porque passárão da Coroa para as mãos de Antonio da Fonseca. A Adiça formava hum Couto Real com Juizes proprios e privativos postos por ElRei nos primeiros tempos, e chamados então *Quinteiros*, e depois eleitos pelos proprios Mineiros. Tinhão estes o privilegio de se queixarem immediatamente a ElRei das pessoas, quaesquer que fossem, que lhes não cumprião seus foros e isenções; ou os incommodavão em seus trabalhos e occupações. Não pagavão jugada, nem imposto algum de suas herdades e fazendas: não hião á guerra: não respondião em causa civil ou criminal perante algum Juiz, que não fosse o seu proprio: ninguem pousava em sua casa; nem se lhe tomava cousa alguma do seu contra sua vontade: estavão isentos de todos os encargos e officios do Concelho, até mesmo da Almotaçaria; e o que mais he, até estavão livres dos Pedidos Reaes de generos e dinheiro, e dos encargos de Caudelaria: finalmente podião emprazar perante ElRei todo e qualquer Juiz, que fosse contra algum destes privilegios. Tudo isto consta da Carta de Confirmação do Senhor Rei D. Manoel de 2 de Maio de 1497, onde vem inseridas todas as outras mais antigas desde o Senhor D. Affonso III. O Senhor Rei D. João III confirmou antes da doação já mencionada, os mesmos privilegios pela sua Carta de 17 de Abril de 1526.

Parece pelos documentos que examinei, que até o Senhor

nhor Rei D. Duarte formavão os Mineiros huma companhia ou sociedade *montanistica*; e não só pagavão o quinto do ouro, que tiravão por sua conta; mas erão tambem obrigados a lavrar por conta d' ElRei certos sitios daquella costa. Em tempo porém do Senhor D. Duarte mudou-se esta administração, a requerimento dos Mineiros, em huma capitação annua, pelo ouro que lavravão no chamado Medão ou Barreira, que acompanha e fica sobranceira ás praias desta costa: ficavão porém obrigados a lavrar a Mina do sitio chamado da Malhada, quando entendessem ser tempo proprio de se apanhar o seu ouro, do qual pagavão metade a ElRei. Os Adiceiros formárão então huma companhia composta de vinte e huma pessoas, chamadas Mineiros mores, incluidos neste numero hum Mestre, e hum Escrivão; e de vinte e tres outros chamados Mineiros menores. Os primeiros pagavão por cabeça annualmente duas coroas de bom ouro, e os segundos huma só. Deste modo a capitação dos Mineiros, afora a metade do ouro que se apanhava na Malhada, de que não sei a quantia, montava a sessenta e cinco coroas de ouro, que julgo serem das antigas do Senhor Rei D. Pedro, por não haver outras cunhadas até o Senhor Rei D. Duarte. Ora cincoenta destas dobras de ouro fino fazião hum marco, e por tanto vinha a importar esta capitação no tempo de agora em valor intrinseco 144$640 reis com mui pouca differença. Tal foi a sabedoria e magnanimidade do Senhor Rei D. Duarte, que soube contentar-se com huma tão diminuta renda, para assim animar a classe interessante dos Mineiros, de que Portugal havia tirado grandes proveitos, e os Senhores Reis huma parte mui principal do seu Patrimonio. Devo esperar da sabedoria do nosso Augusto PRINCIPE, que tão gloriosamente caminha pela estrada de seus Augustos Avos, que haja de favorecer as nossas nascentes Minas, de que foi o Creador, com o mesmo amor e patrocinio, que merecerão as antigas a seus Augustos Antecessores.

Além destas noticias accresceo o ter sabido que alguns ho-

homens ás escondidas, e sem licença, tinhão ha poucos annos gandaiado algum ouro por estes sitios, e o vendião aos Ourives de Lisboa. Animado de tão boas esperanças, logo que cessárão os perigos da guerra desastrosa, que felizmente acabou, mandei fazer pesquizas successivas, para me certificar da abundancia de ouro, e calcular pelo preço presente dos jornaes, se me era possivel restabelecer essas antigas Minas. Começárão estas pesquizas em Outubro de 1813, e se concluírão em 25 de Maio de 1814; então cheio de summo prazer, por ver realizadas as minhas esperanças, paticipei ao Governo destes Reinos o seu resultado, e pedi a sua approvação, e algumas providencias de que precisava, que me forão logo concedidas.

Os primeiros ensaios e pesquizas forão feitos em tres differentes sitios, 1.º nas visinhanças da antiga Adiça, 2.º no sitio chamado a *Ponta do mato*, onde fiz abrir a Mina que hoje se lavra com o nome *Principe Regente*, e no dos Olhos d'agoa mais ao Sul, e distante do primeiro perto de legoa e meia. Posteriormente ordenei novos exames ao longo do pé da Barreira ou Medão, entre os dois extremos da Adiça e da Ponta do mato; e por elles consegui felizmente certeza de que em toda esta extensão de costa ha mais ou menos ouro, que póde ser aproveitado. Das outras pesquizas feitas terra a dentro no sitio da Azoia, e Ponte das cabeças, e ultimamente nas Cruzinhas junto á praia, fallarei depois.

Achando-me sem Mestres, nem obreiros, que soubessem da mineração e apuração de ouro em pó, e só com o habil Mineiro Manoel Nunes Barbosa, natural dá Capitania de Goyazes, por acaso residente nesta Cidade, e que hoje he o Inspector e Mestre da nova Mina, vi-me forçado a começar hum só serviço para ir attrahindo gente, e faze-la instruir na laboração do ouro, para depois poderem servir de Mestres, e Feitores de novos estabelecimentos, que desejo successivamente ir fazendo em tempo proprio nestes districtos; e em outras Provincias do Reino. Pela novidade do objecto, e pelo alto preço dos jornaes, que espero diminuão

nuão com o tempo, e quando houver maior abundancia e barateza de viveres, não póde ainda este Estabelecimento chegar ao grão de prosperidade e lucro, que delle espero. Acresce tambem a falta de tempo para poder recolher no verão mineral em abundancia, que depois se haja de lavar pelo inverno, em que as continuas borrascas, chuvas, e grandes marés difficultão, e impedem muitas vezes abrir novas catas, e recolher a pissarra aurifera: todavia com o favor Divino, e á força de zelo e actividade, e com ajuda das sciencias auxiliares, até para aproveitar devidamente a differença das marés nas praias, e escapar das marés vivas, temos lutado felizmente contra os elementos; e a extracção do ouro não tem parado até hoje, a pezar das terriveis invernadas que tem havido, e das ventanias e borrascas continuas que reinão nesta costa geralmente.

No dia 4 de Julho de 1814 se começou pelas tres horas da tarde a primeira cata encostada á fralda da Barreira, no sitio já mencionado da *Ponta do mato*, que fica quasi no meio da bahia. Principiou-se este trabalho com tres unicos homens, e estes mesmos erão Soldados invalidos do pequeno destacamento, que guarnece aquella Mina. Eu mesmo fui examinar o terreno e a formação, e dar as instrucções e ordens que me parecerão mais convenientes para o methodo e andamento daquelle serviço. Nos fins da semana seguinte, que acabou aos 11, me recolhi muito contente e cheio de enthusiasmo com 213 oitavas e 57 grãos de ouro em pó muito limpo e de excellente cor: este producto extraordinario porém foi devido, parte á escolha do lugar, onde a formação era mais rica; e parte á actividade e trabalho desmesurado, que empregou sem cessar o Mestre Inspector. Foi preciso porém deixar por algum tempo a extracção, para se cuidar em edificar a mina, construir lavadouros ou bolinetes, e fazer outros trabalhos preliminares e indispensaveis a qualquer novo estabelecimento. No fim de Julho já o numero dos trabalhadores se tinha augmentado até 13, e hoje andão de 30 a 40.

An-

Antes de ir abrir a Mina, cuidei logo de fazer hum regulamento para organizar e dirigir a administração e economia deste novo Estabelecimento, cujos Officiaes de Inspecção são hum Inspector e Mestre, hum Contador e Fiscal, e hum Feitor ou Cabo da gente empregada. Huma das economias que introduzi, e que já tem rendido bastante, foi o aproveitamento pela amalgamação de toda a area e esmeril que fica depois de apurado o ouro pela lavagem e batea, o que no Brasil e ainda em varias partes da Europa se deita fóra: por este novo methodo porém ganhamos, apezar de ser feita a lavagem e bateagem com todo o escrupulo e perfeição da arte, ainda assim mais de $\frac{1}{6}$ da quantidade total do ouro apurado. No Brasil ouso affirmar, que perdem quasi metade do ouro, que apurão.

O ouro se acha nesta Mina em estado nativo, em palhetas de cor amarella gemmada, que são ás vezes já de bom tamanho; e menos lisas, e mais brilhantes, que o ouro em pó dos rios de Sena, e do Brasil, por via de regra. Acha-se este ouro disseminado em hum taboleiro, ou camada de terra arenisca, e mui pouco consistente, que tem de altura hum até dois palmos: já se tem achado porém de cinco palmos de grossura. Contém hum palmo cubico desta formação, hum por outro, segundo o calculo feito até hoje, dous grãos de ouro. O taboleiro, ou formação, que he de cor de cinza, passando a amarella depois de secca, consta de pissarra formada de area mais ou menos fina, e conglutinada ou mesclada com argilla, e contém misturados em maior ou menor quantidade fragmentos e particulas de esmeril, ou mineral de ferro arenoso negro, attractorio, de mica branca argentina, de quartzo cristalisado, amethista, e pedrinhas coradas, que vistas com a lente mostrão pela cor e brilho ser fragmentos de espinello, ou *Kannelstein* de Werner. O esmeril do sitio da Mina *Principe Regente*, assim como o da Adiça, he mui fino, e em maior abundancia que o dos Olhos d'agoa: igualmente os dois primeiros sitios contém menos amethistas, e espinel-

los, que o terceiro. Tambem contém esta formação seixos rodados de quartzo commum, e outros corados, ou malhados de amarello e vermelho de schisto siliceo commum, e lydico.

Pousa a camada mineral sobre salão ou argilla plastica cor de cinza: sobre a superficie do salão se deposita bastante ouro; e por isto se cava este para se aproveitar a codea superficial. A pissarra ou camada mineral he coberta por area do mar, que tem de altura segundo os lugares das catas 5, 6, e ás vezes 10, e 18 palmos. Esta area se descapa por desmonte, para se poder tirar, e aproveitar a pissarra aurifera.

A Barreira ou medão, que fica quasi a pique, e sobrançeiro á fralda da praia, tem de altura 122 palmos, e consta de 8 camadas distinctas, quasi horisontaes; as quaes no sitio da Mina *Principe Regente* são as seguintes, principiando debaixo para cima:

1.ª Argilla ou salão cor de cinza, escura quando molhada, e menos carregada quando secca, fica ao nivel do mar; não sabemos ainda a sua profundidade. Na continuação da praia, onde em alguns sitios as camadas fazem *sellas*, ou alteamentos undulosos, observa-se abaixo do salão huma camada de marna argillosa denegrida; e abaixo desta outra de petrificados de conchas engastadas em pasta argillosa cor de fumaça, que lhe dá o oxido de ferro, que nella abunda.

2.ª Pissara argillosa, que na sua prolongação para a praia he onde se lavra o ouro, e já fica descripta. Tem ás vezes pedaços e detritos de conchas marinhas: e na barreira tem vinte palmos de grossura.

3.ª Area algum tanto argilosa, cor de fumaça com muitos fragmentos grandes e miudos de conchas; e com finissimas particulas de mica argentina: tem de grossura vinte palmos.

4.ª Area de cor parda amarellada, com muita mica disseminada: tem de grossura quinze palmos.

5.ª Area amarella cor de ocre, com manchas e laivos mais desmaiados, e tambem com mica: tem de grossura dez palmos.

6.ª Pissarrão ou saibro pouco argilloso, de cor parda amarel-

rellada, mais escura que a do n.° 4.°, contém muito pedregulho de quartzo commum, e algumas particulas de mica argentina: tem de grossura dez palmos.

7.ª Saibro grosso com alguma terra vegetal, de cor do n.° 4.°, mas sem mica: tem quinze palmos de grossura.

8.ª A camada ultima superficial he de area grossa, pura, e quasi branca, com alguns seixos rodados amarellados de quartzo siliceo, e com particulas de mica transparente: tem de grossura trinta palmos. Este medão ou Barreira não he inteiramente falto de ouro; he este porém em tão pequena quantidade, que não faz conta alguma o apurallo.

No principio desta lavra duvidei se o ouro da pissarra, que se acha como disse nas fraldas do medão ao longo da praia, viria de longe; trazido e depositado alli pelas vagas do mar, que banhão aquella costa; pois o Geografo Arabe, Ebn Edrisi, que escreveo em Sicilia, onde estava refugiado, pelos annos de 1151 a 1153, diz fallando do Castello de Almada (que quer dizer Castello da Mina) que assim se chama por causa do ouro, que para alli acarreta o mar, quando anda bravo: porém posteriores e mais miudas observações me tem convencido, que este ouro não vem de fóra; mas se acha mais ou menos disseminado nas formações *alluviaes* daquelle terreno, o qual foi formado das ruinas e detritos de montes e vieiros auriferos, ou distantes ou visinhos, que as antigas inundações do Oceano, ou de grandes lagos, e rios internos, causárão em diversos tempos. He provavel que pelo andar dos seculos as chuvas, penetrando as camadas, desmoronando as barreiras, e abrindo canaesinhos, lavassem as terras, e ajuntassem o ouro, e o fossem depondo nos baixos, e sitios mais azados da costa, onde as ondas lavão, e apurão as suas particulas disseminadas.

Querendo verificar esta suspeita, que tive logo que pela primeira vez examinei o local, e a natureza da formação, mandei no mez de Abril passado trabalhar de novo em alguns sitios, já lavrados no estio antecedente. Desde

17 de Abril até 6 do corrente mez de Maio, o ouro que temos recolhido naquella Mina, foi todo tirado das antigas catas, que o mar de novo enchera, revolvendo e lavando repetidas vezes as areas, e as terras desmoronadas das fraldas da Barreira. Verdade he que a camada aurifera, que se formou de novo, não tem por ora mais que hum palmo de grossura; e o palmo cubico só rende hum grão de ouro: todavia em tres semanas, em que se não pôde abrir em sitio virgem catas mais rendosas, pela falta de agoa, e outros embaraços locaes, que já estão vencidos, deo esta segunda colheita 416 oitavas, ou 6 marcos e 4 onças de excellente ouro em pó e amalgamado.

Assim se por hum lado as ondas do mar embravecido sobre a immensa praia desabrigada contrarião muitas vezes nossos trabalhos mineraes, por outra he o Oceano ao mesmo tempo hum valentissimo e excellente operario, que ajunta, e deposita as fagulhas sem conto do ouro derramado, e as lava e apura sobre as rampas da praia, que lhe servem então de optimo bolinete ou lavadouro de concentração, quando acha base firme, qual he o salão ou greda já descripta.

As novas pesquizas ultimamente feitas na Azoia e suas visinhanças, de que vou a fallar, dão tambem muita luz a esta materia. No districto da Azoia, que fica a duas legoas da Mina *Principe Regente*, e arredada do mar quasi meia legoa, he coberto o terreno em muita parte por huma camada superficial de cascalho de hum até tres palmos de grossura, e pousa sobre outra inferior de pissarra de cor ás vezes parda, com manchas cinzentas e azuladas. Esta pissarra não he aurifera, mas sim o cascallo.

Esta cascalheira ou conglumerado de seixos de diverso tamanho, pela maior parte de quartzo branco, ou corado, e de pedra da Lydia, aglutinados por area e argilla ferruginosa, pousa sobre pedra calcarea, densa, acinzentada ou amarellada, a qual alterna com bancos de pedra de area branca de grão fino, e muita mica argentina disseminada, que ao ar se mancha em amarello pardecento, e bancos de

mi-

mina de ferro argillosa com muita area ou preta ou amarella pardecenta, ou parda amarellada de differentes visos. Por baixo da cascalheira aurifera segue-se hum pissarrão de diversa grossura, de cor parda, tirando ás vezes a sangue de boi, em outras passa a cinzento, o que tambem se nota no cascalho. Notei nas provas que se fizerão tanto neste sitio, como no da Ponte dos cabeços, em que fallarei, que o cascalho he tanto mais aurifero, quanto he mais carregado em cor. Quatro palmos cubicos deste cascalho, apurados pela batea, derão $2\frac{1}{2}$ grãos de ouro; e darião mais se muita parte do seu ouro, que he muito fino e polme, se não perdera na apuração pela simples bateagem; o qual se aproveitaria sendo este cascalho lavado e concentrado em lavadouro ou bolinete proprio e bem construido, e a farinha, assim lavada, apurada depois pela amalgamação.

Continuando na direcção dos jugos, ou encostas que vem da lombada central já mencionada, e no sitio da Ponte dos cabeços apparece a grande cascalheira descoberta, a qual he quasi da mesma natureza que a acima descripta, e se estende até os baixos do Feital. Esta cascalheira he toda cortada por muitos barrocaes profundos, por onde correm grandes torrentes de inverno, deixando nos remanços e cotovelos bastante area, que he muito mais rica em ouro que o mesmo cascalho. Devo notar que este cascalho pousa sobre bancos de pissarra muito grossos, commummente de cor de sangue de boi, mais ou menos carregado ou deslavado. Sobre a superficie do terreno, tanto nesta cascalheira, como na antecedente do sitio da Pereira, apparecem soltos na superficie seixos rodados de quartzo branco commum, e lacteo. Dois palmos cubicos do cascalho destes barrocaes derão pela bateagem $3\frac{1}{2}$ grãos de ouro palheta excellente, e graudo; o qual se for aproveitado de outro modo, será então mais abundante.

Temos pois descoberto e ensaiado felizmente huma formação de cascalho superficial, ou *Guapiara* na frase dos Mineiros do Brasil, que espero poderá ser lavrada com pro-

vei-

veito, apezar dos grandes jornaes, logo que se possa ajuntar a agoa necessaria, formando-se tanques e prezas nas profundas quebradas, ou barrocas, como fazem nas Minas do Hartz em o novo Reino de Hannover; onde apezar de não haver agoa corrente, por este unico modo se sustenta ha seculos huma grandissima mineração de prata, chumbo, &c.

Nesta Guapiara pois podemos aproveitar não só o cascalho, e talvez, como espero, parte da pissarra; mas tambem a area das quebradas, em que o ouro está mais limpo e concentrado pela lavagem natural das enchorradas.

Sendo tradição entre os velhos das visinhanças do Cabo de Espichel, que quando em tempo do Senhor Rei D. João V. se abrírão as minas da agua, que vai conduzida á Senhora do Cabo, se dera em rocha que continha muito ouro, e que por isso parára a sua continuação, quiz ultimamente examinar esta formação. Á primeira vista perdi toda a esperança, não observando senão pedra calcarea densa acinzada de formação muito nova; mas discorrendo e examinando com mais cuidado aquelle sitio, descobri hum grosso banco de cascalho quasi da mesma natureza que os já descriptos, que corre norte e sul, e se inclina para o Leste em angulo quasi de 45 grãos, seguindo o pendor das encostas da lombada central. Este facto Geognostico foi para mim inteiramente novo, por nunca o ter até hoje observado em todas as minhas vastas peregrinações pelos montes e serras da Europa, que viajei. Não podendo penetrar pelas bocas e poços da mina d'agoa ao interior do monte, por se acharem já quasi entupidos pelo decurso do tempo, contentei-me em quebrar hum pequeno pedaço do cascalho superficial, que se pizou e lavou para ver se continha alguma fagulha de ouro visivel, ou algum indicio, que comprovasse a tradição daquelles povos. Não appareceo ouro, mas sim muito esmeril na frase dos Mineiros do Brasil. O exame regular e em grande deste cascalho fica reservado para melhor tempo.

Depois de ter examinado do modo que me foi possi-

vel

vel todos estes cascalhos e pissarras, fui de novo visitar à costa do mar, que decorre desde a Mina *Principe Regente* até á lagoa d' Almofeira, e dahi até perto do Cabo de Espichel. No sitio dos Olhos d'agoa, em que já fallei nesta Memoria, achei todas as disposições para huma nova lavra de ouro em pó. Não só ha cinco grandes nascentes d'agoa, quasi pegadas humas ás outras, em varios pequenos boqueirões formados pelas agoas chovediças, que se precipitão da Barreira para a praia, mas igualmente sobre o banco de salão, que decorre em pouco fundo para o mar, todas as areas que nelle assentão são auriferas, e o seu ouro he de muito facil extracção. Verdade he que sendo a praia estreita neste sitio só em tempo de verão se poderão lavrar e apurar estas areas e pissarras; mas estou certo que darão então muito ouro.

Passada a lagoa de Almofeira examinei de novo o sitio das Cruzinhas, que o Inspector em 9 de Março do presente anno já tinha de algum modo pesquizado, e achado que sete bateas de pissarra arenisca davão dois grãos de bom ouro: os exames que se fizerão de novo confirmão o resultado daquella pesquiza. Este sitio fica hum quarto de legoa para o Sul da lagoa: o local he excellente por haver bastante agoa corrente, e ser o medão ou Barreira mais baixa e espraiada do que no resto desta costa.

Referirei aqui tambem o resultado das pesquizas que mandei fazer $\frac{1}{4}$ de legoa da Mina *Principe Regente* para o Norte no sitio da antiga Adiça chamado a Fonte da Telha; assim na fralda da Barreira e praia, como no cascalho de pedregulho miudo, ou propriamente pissarrão, quasi superficial, o qual cobre o cimo do medão ou Barreira, e tem de grossura hum até dois palmos, formando na sua prolongação varias pequenas undulações. Na praia e fralda da Barreira fica o salão em que pousa o ouro muito mais fundo que na Mina *Principe Regente*; e só começou a apparecer algum ouro na profundidade de dezoito a vinte palmos de desmonte. Não temos ainda chegado ao salão por falta de hu-

huma bomba propria para esgotar a cata, que se ha de apromptar brevemente: do que está profundado sahem já amostras boas. Em outra abra ou pequeno boqueirão visinho a este sitio, aonde já ordenei pesquiza em grande, ha esperanças de lavra rendosa, visto ser a praia mais larga, de inclinação mais doce, e de salão menos profundo; e haver tambem muita agoa nascediça e corrente para as lavagens e apurações. Igualmente em ambos estes sitios, em duas fundas goivas para dentro da Barreira, ha dois brejos ou lagoas, cujo fundo poderá ser bastante rico, visto ter recolhido em remanço todas as agoas chuvediças, que precipitando-se do cimo da Barreira, cortão e desmoronão o banco de cascalho aurifero superior, em que já fallei.

Este cascalho miudo ou pissarrão he composto de area grossa e fina com muitos seixos pela mor parte de quartzo commum, e algum schisto siliceo do tamanho de huma avelã até huma noz e mais. Este pissarrão quando humido he de cor cinzenta amarellada, e quando secco mais amarellado. O seu ouro he de boa cor, porém miudo e polme; mas não faz por ora conta a sua lavra em grande.

De todo o exposto até aqui se vê quanto esta mineração de ouro póde extender-se e ampliar-se com o andar do tempo (*a*). ¿ E quantas outras riquezas, que já conheço, não darão as Provincias de Portugal hum dia, se SUA ALTEZA REAL, livre dos cuidados da guerra, se dignar favorecer tão importante ramo de occupação e utilidade publica, como he de esperar da sua Magnanimidade e Sabedoria?

(*a*) A totalidade das despezas feitas nas pesquizas, edificios, ferramentas, maquinas, abertura e laboração da mina, montão até o fim de Abril em 3:304$810 reis; sendo a somma das despezas, que cessão para o futuro, 1:234$170 reis. Nos tres quarteis findos em Setembro e Dezembro do anno passado, e em Março deste anno entrárão na Casa da Moeda em ouro em pó, e amalgamado 63 marcos, 7 onças, 6 oitavas e 66 grãos, que depois de fundidos, e apurados na lei de 22 quilates e $1\frac{1}{2}$ grãos, ficárão reduzidos a 61 marcos, 4 oitavas e 60 grãos; cujo valor intrinseco monta a 6:315$520 reis.

ME-

MEMORIAS
DOS
CORRESPONDENTES.

ARTIGO I.

Da posição de Monte Mor o Novo, e suas principaes estradas e direcções.

MOnte Mor o Novo, huma das primeiras Villas do Alemtéjo, está situada no coração desta Provincia em 10 gráos e 12 minutos de longitude, e 38 e 34 de latitude. Dista da Cidade de Evora sua Capital cinco legoas ao Noroeste, que vem a ser duas legoas e meia até Patalim, aonde se encontra huma má estalagem, e outro tanto até áquella Cidade; dista quinze legoas pelo Occidente da Cidade de Elvas, que vem a ser tres legoas a Arraiolos, o mesmo á Venda do Duque, outro tanto a Estremoz, e seis legoas áquelle destino; fica em distancia pelo Oriente da Capital do Reino em igual espaço de quinze legoas do seguinte modo, duas legoas ás Silveiras, o mesmo ás Vendas Novas, tres legoas aos Pégões, cinco a Aldegalega, e tres a Lisboa.

Está fundada nos baixos d' hum eminente castello, ou arrabaldes da Villa velha (*a*).

Tem

(*a*) A Villa velha está edificada em hum ponto elevadissimo, formado de tres altos montes; sitio agradavel pelo grande golpe de vista, que se estende ao longe em distancia de muitas legoas, e bellissimo pela pureza de frescos e saudaveis ares. Desta eminencia de montes, em que se fundou a antiga e illustre povoação, lhe veio o nome de Monte Mor, chamando-se-lhe Novo em contraposição ao Velho. Aquella Villa ainda hoje existe cercada de fortes muros com quatro portas, e sobre ellas quatro soberbas torres, algumas já arruinadas pelo tempo. Tem ainda no seu recinto tres Parochias, a Matriz, S. João, e S. Tiago. Tem o Convento da Saudação das Religiosas de S. Domingos, e o rologio em huma magnifica torre proxima á porta principal. Tudo o mais está sepultado debaixo das ruinas, como a mais antiga e sagrada Parochia de Nossa Senhora da Villa, o famoso Palacio, que foi dos Alcaides Mores, os Paços do Concelho, e outros muitos edificios. Os moradores, deixando a Villa antiga, forão povoando os arrabaldes, estendendo-se principalmente pela parte do Norte, roubando a meia ladeira e grande margem dos montes daquella Villa.

Tem o seu Termo seis legoas de Norte a Sul, e sete de Nascente a Poente (*a*).

Monte Mor o Novo pela sua posição he frequentado dos viajantes; as suas estradas verdadeiramente militares tem o seu principio na povoação, assim para a Capital do Reino, como para a Cidade de Elvas; são mui largas, por ellas se dirigem em cavallos de posta os Correios, que se envião áquellas Cidades, e chegão a esta Villa nas terças feiras, quintas, e Domingos de todas as semanas.

Tem Monte Mor o Novo tres pontos telegraficos; na direcção de Lisboa, no sitio das Vendas Novas, quatro legoas de distancia daquella Villa, acha-se hum ponto, que communica para o Oriente no espaço de tres legoas a outro situado na Parochia de Nossa Senhora de Safira, e dahi se dirige no espaço de huma legoa ao ponto proximo á Ermida de Nossa Senhora da Visitação, que está para a parte do Norte em pequena distancia de Monte Mor o Novo, e continúa o golpe de vista em tres legoas de distancia até a Villa de Arraiolos.

ARTIGO II.

Da antiguidade, nobreza, e dignidade de Monte Mor o Novo (*b*).

ALguns observadores das antiguidades tem pertendido que Monte Mor o Novo já no tempo dos Romanos fosse con-

(*a*) O Termo de Monte Mor o Novo comprehendia outr'ora mais algum terreno, pertencia-lhe a Villa de Lavre em distancia de tres legoas ao Nordeste. O Sñr. Rei D. Dinis fez a desmembração da dita Villa, mandando a Monte Mor o Novo Rui Soares, Deão das Sés de Braga, e Evora, pedir á Camara Termo para povoar a Villa de Lavre. Entre os papeis avulsos da mesma Camara acha-se o traslado da escriptura de consentimento, que o Concelho de Monte Mor o Novo dèo para a desmembração da Villa de Lavre.

(*b*) He tão respeitavel o nome *antiguidade*, que ninguem ha no mundo, que não pertenda remontar-se a huma origem desconhecida. Todas as sciencias, todas as artes tem cogitado hum começo mui remoto, e

consideravel e insigne, deduzindo as suas observações dos mais bellos monumentos, que se tem encontrado nestes sitios.

Entre estas peças a mais importante he a celebre pedra, que se acha embutida na parede exterior do adro da Igreja Matriz, intitulada Nossa Senhora do Bispo. Eu considero esta Lapide tão antiga como huma peça de todo o valor; por isso a offereço em copia aos meus leitores (*a*).

A legenda, que ao homem observador apresenta a frente ou testa do Sepulcro Romano, mostra muito bem, que de-

---

todas ellas pertendem esconder-se nas primeiras etas do mundo: o homem he o ente, que mais ambiciona este genero de grandeza, envolvido muitas vezes em genealogias, que nutrem mais de metade da sua alma, vai ancioso á velha idade indagar o nascimento dos seus Avoengos, desprezando ás vezes huma mais moderna, que lhe dá o lustre e felicidade; tem chegado neste ponto a vaidade do homem a tal excesso, que elle tem pertendido encontrar a sua origem, humas vezes nos Deoses, e outras além de Adam. Esta maxima, que a cada passo se encontra no mais perfeito habitador da terra, estende-se tambem ao lugar do seu nascimento: o homem não se gloria só com a antiguidade dos seus ascendentes, quer tambem que a origem do seu paiz vá encontrar-se com as primeiras e mais celebres habitações do mundo. Deste pequeno esboço se conhece quão veneravel e respeitavel he a antiguidade, por isso eu apresento aos meus leitores este ponto historico da minha Patria.

(*a*) Esta pedra he de branco jaspe, tem oito palmos e meio de comprimento até ao lado quebrado, e dois de altura; este monumento tão famoso escapou á indagação e vigilancia do Mestre Resende, e não tenho noticia de escriptor algum antigo, que delle fizesse menção; talvez escapasse aos Antigos por não estar patente, podendo ser encoberto pelas ruinas de algum edificio da Villa velha, até á factura do adro que he moderno, sendo evidente a qualquer homem, que a pedra foi posta na parede do adro da Igreja Matriz, bem como outra de nenhum valor; o que he visivel, observando-se que do lado esquerdo se acha quebrada pela ignorante mão do alveneo: se nos deixou a legenda, foi isso devido ao melhor geito que a pedra faz, posta por este modo na parede. Por via de certas escavações feitas com o tempo, houve quem observasse no fundo da pedra quatro buracos circulares, que serião para sustentar as columnas do sepulcro; hoje, como a parede está concertada, só se observão dois.

Seria para desejar que hum monumento tão celebre, que nos conserva hum facto de antiguidade tão respeitavel, fosse tirado das ruinas do tempo, que já lhe tem feito estragos consideraveis; e que exactamente se observassem as luminosas providencias do Alvará com força de Lei de 4 de Fevereiro de 1802, e de 15 de Maio do mesmo anno.

debaixo delle estiverão as cinzas de huma Flaminea, Sacerdotiza Romana da remota antiguidade (*a*).

Além desta peça, encontrou-se tambem outra, que igualmente offereço aos amantes de Antiguidades (*b*)

Sendo occupada a Villa pelos Mouros, o primeiro Monarcha dos Portuguezes a conquistou: destruida depois, e desamparada, a mandou de novo povoar seu filho o Snr. D. Sancho I., dando-lhe Foral pelos annos 1239 da era de Cesar, 1201 do Nascimento de N. S. Jesu Christo, liberalizando-lhe isenções e Privilegios iguaes aos da Corte e antinquissima Cidade de Evora: eis-aqui as palavras do Foral, que são dignas daquelle grande Rei, a quem com toda a justiça derão o egregio titulo de Povoador: *In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti Amen. Ego Rex Sanctius Magni,*

(*a*) Os Flamines erão huns Sacerdotes de muita consideração entre os Romanos, tinhão o appellido dos Deoses a quem pertencião; *Flamen Dialis* dizia-se o Sacerdote de Jupiter, *Martialis* de Marte &c. &c. As Flamineas erão as Sacerdotizas, mulheres dos *Flamines*, tinhão grandes prerogativas, e algumas erão igualadas em honra e distincção aos seus maridos, como a *Flaminica Dialis*. A Lusitania, envolvida nas trévas do Paganismo, teve tambem os Sacerdotes daquelles tempos. Evora então gozou da maior distincção Sacerdotal; o desgraçado povo daquelle tempo tributava grandes cultos e venerações á Deosa Diana, a quem consideravão como Tutelar, e esta Divindade tinha hum magnifico Templo, aonde os Eborenses a invocavão. O aferrado culto, que a antiquissima Evora offerecia a esta e outras Divindades do Paganismo, foi o motivo de se lhe conceder a primazia Flaminica, essa summa honra Sacerdotal, a cuja obediencia estavão sugeitos os Sacerdotes e Sacerdotizas dos outros Templos, como da Salacia, hoje Alcacer do Sal; de Proserpina, hoje Villa Viçosa; de Jupiter, lugar visinho á Villa do Torrão; de Venus, hoje Monte de S. Gens na Serra d'Ossa; de Jupiter Endovellico, lugar junto á Villa de Terena, e outros muitos Templos da Lusitania, cujos Sacerdotes erão suffraganeos do *Flamen* e *Flaminica* Eborense.

(*b*) Esta Lapide tem quatro palmos de comprimento, e pouco mais de dois palmos de largura, foi achada em hum terreno proximo á Villa por huns trabalhadores, que encontrando alguns vasos em que estavão depositadas as cinzas, quebrárão immediatamente estes preciosos monumentos; a pedra acha-se actualmente entre as famosas antiguidades do Illustre Cenaculo, aonde a vi com o meu amigo José Antonio de Leão, Corregedor da Comarca de Evora; eu devo a sua legenda a este tão famoso Jurisconsulto e Politico, como sabedor de Antiguidades.

gni, Alfonsi Regis Filius una cũ filiis meis Rege Alfonso, Rege Petro, et Rege Fernando, et Regina Blanca, et Regina Dulcissa ad honorem Dei, et Sanctæ Mariæ semper Virginis et omnium Sanctorum Montem-Majorem volumus populare.

Foi Pelagio Peres o primeiro Alcaide Mor desta Villa; e o Sñr. D. João, filho do Sñr. D. Fernando, Duque de Bragança, o seu primeiro Marquez (*a*). Os Condes de Santa Cruz forão Alcaides Mores por mercê do Sñr. D. João II., feita ao seu Capitão de Ginetes, Fernão Martins Mascarenhas, na Cidade do Porto a 8 do mez de Dezembro de 1483 annos. O Sñr. D. Manoel a unio para sempre á Coroa em Santarem a 4 do mez de Janeiro de 1498 (*b*).

Celebrárão Cortes nesta Villa os Senhores Reis D. Affonso V., D. João II., e D. Manoel no anno de 1497, em que se determinou a expedição da India: este grande Monarcha lhe dêo novo Foral em Lisboa no dia 15 de Agosto de 1503. O Sñr. D. Sebastião a fez Notavel, nas Cortes de Lisboa em 15 de Fevereiro de 1563, de que lhe passou Carta a 20 de Março do mesmo anno. Tem voto em Cortes, e assento no quarto banco.

ARTIGO III.

Dos illustres Escriptores de Monte Mor o Novo (*c*).

D. Affonso Furtado de Mendoça, Reitor da Universidade, Bispo da Cidade da Guarda, de Coimbra, Braga e Lis-

(*a*) Este Marquezado foi concedido por mercê do Sñr. D. Affonso V. ao Sñr. D. João, que tambem foi Condestavel deste Reino, e Senhor de muitas terras. Morreo em Castella, e está sepultado no Mosteiro do Carmo de Sevilha. Ant. de Villasboas e Sampaio *Nob. Port.* cap. 8. *Diar. Portug.* tom. 1. pag. 497.

(*b*) Entre os bellos pergaminhos da Camara de Monte Mor o Novo acha-se a Carta de Confirmação do Sñr. Rei D. Pedro II. paraque esta Villa seja realenga, e não se dê a pessoa alguma.

(*c*) Esta relação he deduzida alfabeticamente do *Summ. da Biblioth. Lusit.*

Lisboa, escreveo *Constituições do Bispado da Guarda*, e a sua Visita *ad limina* em 1625. Falleceo em 1630 (*a*).

Fr. Agostinho da Victoria, da Ordem de S. João de Deos, escreveo *Translacion de S. Juan de Dios*, Madrid 1667 e 1674. *Instruction de Novicios*, Madrid 1668, em 8.° *Addicion a la vida de Fr. Juan Peccad.*, *Chron. da Religião.*

D. Alvaro da Conceição, Cruzio, escreveo *Sermão de Nossa Senhora da Pureza*, Lisboa 1686, 4.° Falleceo em Coimbra em 1728.

Padre André Ferreira escreveo *Memorias da Villa de Monte Mor o Novo*, ms. em fol. Falleceo em 1633 (*b*).

Fr. André Sobrinho, Graciano, Confessor do Duque D. Theodosio, escreveo de *Casib. Conscientiæ*, ms. que estava no Convento da Graça de Lisboa.

Antonio Pinheiro Compoz *Magnificat* a varias vozes, que estava na Real Livraria da Musica. Falleceo em 1617.

Bento de Lemos, Jesuita, enviado pela Companhia a Inglaterra, aonde foi por espaço de quatorze annos Prégador da Rainha Dona Catharina, converteo muitos hereges, e coadjuvou a conversão de Carlos II., Rei de Inglaterra, a quem administrou o Sagrado Viatico na hora da morte. Recolheo-se a Portugal com a dita Rainha, e falleceo em 1700.

Diogo Sobrinho foi com seu amo, o Embaixador de Portugal, ao Concilio de Trento, escreveu *Itinerario do que succedeo nesta jornada*, manuscripto que tinha seu filho acima mencionado Fr. André Sobrinho.

Fr. Diogo de S. Tiago, da Ordem de S. João de Deos, escreveo *Postillas Religiosas*, *e Arte de Enfermeiros*, Lisboa 1741, 8.° Falleceo em 1747.

D. Fernando Martins Mascarenhas, Reitor da Universidade, Inquisidor geral, e Bispo do Algarve, escreveo *Tra-*

(*a*) Dizem alguns que este Varão illustre nascêra em Lisboa.

(*b*) Seria cousa bem util ver agora estas Memorias para se combinar a decadencia ou o augmento de Monte Mor; não pude alcançar noticia alguma ácerca deste manuscripto.

Tract. de auxiliis etc. Ulisip. 1604, Lugd. 1614. *Pro defens. Immacul. Concept. Epist.* Hispal. 1616. *Officium S. Anton. Ulisipon.* Ulisip. 1623. *Tractado sobre varios meios para o remedio do Judaismo*, 1625, e varias obras ms. Falleceo em 1628.

Padre Francisco Barreto, Jesuita, Missionario do Malabar, donde veio por Procurador a Roma, e ahi publicou em Italiano *Relatione della Provincia di Malabar*, Rom. 1645, e sahio em Francez, París 1646. Foi eleito Bispo de Cochim, e Arcebispo de Cranganor.

Padre Jeronymo Rodrigues, Jesuita, Missionario na India, escreveo quatro *Cartas sobre a Missão* até 1570, que sahírão nas collec. latinas. *Doutrina Christã* na lingua Malaia (*a*).

Padre Ignacio de Carvalho, Jesuita, escreveo *Compendium Logicæ Conimbricens.* Eboræ, 4.° Falleceo em 1682.

Padre Ignacio Mascarenhas, Jesuita, escreveo *Relação da Jornada de Catalunha*, Lisboa 1641. *Justicia d'ElRei D. João IV.*, Barcelona 1642. *Oração exhortatoria aos fieis e pios Christãos*, Lisb. 1656. Falleceo em 1669.

João Baptista de Siqueira escreveo *Antiguidades de Alcacer do Sal*, ms.

S. João de Deos escreveo *Cartas a differentes personas* Madrid 1623, 4°; e mais cinco que andão na sua vida. Falleceo em 1550 (*b*).

Fr. João da Cruz, Provincial dos Trinos, escreveo

B ii Ser-

(*a*) Duvida-se da sua naturalidade, affirmão alguns que nascêra em Monforte.

(*b*) Este he o homem famoso, com que Monte Mor o Novo se gloria; o grande pai dos pobres, fundador da hospitalidade, nasceo na rua Verde desta Villa, aonde está hoje edificada a sua casa, em que habitão os Religiosos, que elle instituio. O virtuoso André Cidade foi o seu progenitor, ignora-se o nome de sua mãi; seu prodigioso nascimento he inculcado por Moreri no *Dict. Hist. pal.* Monte Mor o Novo, no dia 8 de Março de 1495; segundo a Chronica da sua Religião aconteceo no dia 25. Passando á Hespanha o varão ditoso, lá morreo no dia 8 de Março de 1550. Os nossos Monarchas nas suas viagens por esta Villa tem o religioso costume de entrar na Ermida do Santo, e beijar a sua reliquia. Sua Magestade ora Reinante, e sua Augusta Familia tambem já praticárão este acto de grande devoção.

Sermão na Canonização de S. Luiz Gonzaga, Lisboa 1721. *Tract. de potest. et jurisd. conservatorum.* Falleceo em 1745.

Luiz Martins de Sousa Chichorro escreveo *Psalmos de David em verso heroico Portug. e Latim.* ms.

Padre Manoel Banha Quaresma escreveo *Thesaur. resolut. ad leges municip. ordination. Portug.* Romæ 1724 até 1727, 4 tom. fol. Falleceo em 1726.

Fr. Manoel Caldeira, Provincial dos Gracianos, escreveo *Catalogo dos varões illustres da Ordem*, ms. *Duas Postillas de Theologia*, que estavão no Convento de Lisboa. Falleceo em 1662.

Fr. Manoel Coelho, da Ordem de S. Domingos, Deputado do Concelho Geral, escreveo *Sermão nas Exequias de ElRei Filippe I.*, Lisb. 1600, 4.°; *Loci difficiles S. Script.*, ms. fol.; *De Potest. Papæ*, ms. fol. Falleceo em 1622.

Padre Paulo Mendes, Jesuita, escreveo *Setas do Amor Divino*, Evora 1678, 8.° Falleceo em 1687.

ARTIGO IV.

Da população de Monte Mor o Novo, por especies de individuos.

Homens cazados			1715
Mulheres cazadas			1711
Viuvos			207
Viuvas			178
Solteiros	até 30 annos de idade	homens	937
		mulheres	857
	de 30 annos para cima	homens	464
		mulheres	222
		Total geral	6291 (a)

Por

(a) Incansavelmente trabalhei para averiguar a população de Monte Mor o Novo, consultei por isso os Parochos, e esperei mais de seis mezes pelas respostas de alguns; fiz todo o genero de combinação dos

Por idades.

Até 10 annos de idade	1191
De 10 até 20	1298
De 20 até 30	1165
De 30 até 40	1194
De 40 até 50	810
De 50 até 60	351
De 60 até 80	269
De 80 até 100	13
Cazamentos no anno de 1814	91
Fogos no mesmo anno	2031

A população de Monte Mor o Novo acha-se em hum gráo muito abaixo daquelle, a que poderia ser elevada.

Huma das causas, que mais consideravelmente concorre para diminuir a população de Monte Mor o Novo, he a desigualdade, que se encontra entre os proprietarios e não proprietarios. Huma grande parte dos predios de Monte Mor o Novo, mui principalmente as herdades que são os mais importantes, pertencem a ricos Morgados, que vivem na Corte, ou nesta Villa, os quaes, não cultivando hum só palmo de terra, utilisão tudo quanto a mesma produz; daqui vem que esses grandes proprietarios cobrem de miseria huma immensidade de homens, que pela sua situação deixão o estado conjugal.

Cresce este mal com a pratica analoga, que se encontra nos

livros das Companhias das Ordenanças com as relações Parochiaes; parece-me por isso que o resultado dos meus trabalhos he o mais apurado e certo. Não trato neste artigo da população por classes, porque fazendo menção nos lugares competentes dos numeros respectivos a cada huma dellas, julguei que não devia repetir o que o leitor ahi póde ver: advirto tambem, que nessa total população são comprehendidos 80 mendigos do sexo masculino, e 101 do sexo feminino, igualmente 11 expostos do sexo masculino, e 11 do sexo feminino. Lembro ao meu leitor que as quatro mulheres cazadas, que faltão para completar o numero dos homens cazados, estão fóra do Termo de Monte Mor.

nos cultivadores; hum só homem occupa grandes planicies, vastas e extensas herdades, e cogita todos os dias para expulsar de hum pequeno terreno o seu visinho, que bem o cultiva.

Huma multidão de mendigos, que em fervedouro corre a Villa e o Termo, não cogitando em outra cousa mais do que na abundancia da fatia, faz tambem diminuir sensivelmente a população de Monte Mor o Novo.

A mortandade de engeitados, como se verá no Mappa, que unirei a esta Memoria, he mais hum fatal golpe na população.

Além destas causas ha aqui huma mui sensivel, que faz a perda da população por aquelle mesmo lado por onde ella se promove e augmenta.

A falta de educação da mocidade da minha Patria, de que fallarei no lugar competente, he a origem deste grande mal. O homem, que deve tudo á educação, como bem advertio hum Philosopho da Antiguidade, sendo guiado simplesmente pelos dictames da natureza, propende sempre para o estado brutal, e não tem aquelle grão de capricho social, tão necessario no meio das acções do mundo civilizado; daqui vem que alguns mancebos levados ao estado conjugal, sem vergonha nem pejo desprezão suas mulheres, até na proximidade dos dias das bodas; e desta sorte hum meio tão santo de promover a população, tornando-se em objecto de calamidade e desordem, faz diminuilla por aquelle mesmo lado, por onde ella cresce e augmenta.

Evitar estes obstaculos será cousa bem proveitosa para a população de Monte Mor o Novo, esta empreza não he tão ardua, que não possa vencer-se: gozem muito embora os grandes proprietarios dos predios, que a fortuna lhes concedeo, porém para beneficio da povoação repartão huma parte do seu dominio com aquelles que cultivão: sejão muito embora os grandes proprietarios senhores directos, tenhão porém os cultivadores o dominio util; desta sorte o espaçoso terreno, que serve só para manter o lustre de hum

hum homem, se tornará util a muitos, e o vasto campo, em que se encontra huma só casa, e ás vezes nenhuma, terá muitos cazaes, que farão rapidos progressos na população.

Igual remedio deve ser applicado aos lavradores; seja vedada a estes a extensão de terrenos que não cultivão; haja huma igualdade proporcionada com as forças na cultura das terras; muitos edificios ruraes, que a avareza dos lavradores negociantes, e monopolistas tem privado do seu habitador, para os entregar aos ratos e ao tempo estragador, sejão restituidos a hum casal, que cultiva o seu pedaço de terra.

. . . . *Laudato ingentia rura*:
Exiguum colito.
He expressão de Virgilio; Georg. II.

Eis-aqui hum verdadeiro meio, que fará prosperar a população de Monte Mor o Novo.

Para extinguir os mendigos nada mais he necessario do que renovar as saudaveis providencias, que nos forão deixadas pelo Snr. Rei D. Sebastião.

Para crear os Engeitados, que tanta contemplação devem merecer, apontarei os remedios conducentes no lugar, em que hei de fallar desta materia; a educação da mocidade vai ser desenvolvida no artigo seguinte.

ARTIGO V.

Da historia fysica e moral dos habitantes de Monte Mor o Novo.

Estado fysico.

O Homem de Monte Mor o Novo considerado na sua altura, configuração, ou estructura, em nada differe d' hum outro homem Portuguez de qualquer Provincia; porque nelle se encontra a variação d' altura e forças segundo a sua condição.

A sua duração pequena differença fará do resto dos outros homens, sendo certo que aqui se encontrão muitos avan-

avançados em idade, havendo entre estes de setenta e oitenta annos: alguns sobrevivem a esta idade.

As molestias, que mais grassão nesta terra, são febres intermittentes; quasi todos os annos pelo estio chegão a atacar tres quartas partes da população: parece ser esta molestia a unica, que tem o caracter de endemica. ¿Será ella devida a hum cano geral, que atravessando a Villa, decorrendo para elle todo o genero de immundicia, e não sendo de boa corrente, pelo calor do estio, desenvolva miasmas putridos, que atacando o systema nervoso, o predisponhão para similhantes febres? ¿Ou acaso poder-se-ha attribuir esta predisposição a miasmas desenvolvidos dos paúes, charcos, e agoas estagnadas, vistoque esta Villa he cingida de huma ribeira, a qual, aindaque quasi sempre corrente, não deixa de dar occasião a fermentações putridas? Sendo por estas ou outras causas predispostos os individuos desta povoação, poderá considerar-se como causa occasional para a desenvolução das mesmas febres a grande abundancia de fructas, de que goza esta povoação, das quaes se abusa frequentemente, comendo-as prematuras e mal sazonadas? Parece ser esta huma dellas, por isso que todas aquellas intermittentes são complicadas de vicio gastrico, cuja complicação sendo tirada, e corroborado depois o systema nervoso, he quasi certa a cura; aindaque outras causas occasionaes podem descobrir-se, como excessos de calor encontrados com o uso de bebidas frias ou lugares frios.

Algumas molestias se desenvolvem neste povo procedidas da norma de vida: os *debochez*, o excesso das bebidas produzem em não poucos individuos hum estado de asthenia, que os leva ao estado caquetico, e sugeita huma boa parte destes á hydropesia ascistis, de cuja molestia tratados methodicamente sempre o resultado he paliativo; e decorrendo o tempo, por mais apropriado tratamento de que gozem, lhes provém a morte: similhantemente se propaga entre individuos dedicados a excessos venereos a molestia syphilitica, a qual por falta de policia e de moral,
os

os mancebos que a adquirem, sendo pela sua idade libidinosos, facilmente propagão sem horror; recebido assim este mal por pessoas desgraçadas, mercenarias, e que deste trato vivem, por huma necessidade de subsistencia o prolongão, e os primeiros authores, que apenas cuidão no tratamento da molestia quando são incommodados, logoque as sensações incommodas se moderão, continuão a semear o mal sem o evitar em si, donde resulta que huns por desordenados, e outros por necessidade fazem o estabelecimento chronico desta molestia.

Neste mesmo povo infelizmente grassa outra molestia chamada leucorrhea, em tal excesso, que della se poderáõ considerar atacadas duzentas mulheres; da historia desta molestia não póde conseguir-se facilmente hum conhecimento de causa, por isso que ella ataca mulheres de todos os estados, e talvez se confunda muitas vezes esta fluxão com a molestia, de que acima fallei em hum estado chronico, mas que o pudor ou reparação de credito farão inculcar como porvenientes de outra causa; entre tanto he digno de advertir-se, que esta molestia ataca as pessoas mais morigeradas, e muitas vezes se tem querido attribuir á multiplicidade de partos e desordens feitas depois destes, e outras vezes se tem attribuido ao demasiado uso do chá em pessoas de pouco alimento: a observação mais notavel he encontrarem-se meninas, de sete até dez annos de idàde, atacadas deste mesmo mal.

As applicações de medicamentos excogitados de todas as maneiras, já da classe dos nutrientes e mucilaginosos, já da classe dos tonicos e adstringentes, ferro, agoas ferreas, banhos frios, mui pequeno resultado tem dado na cura desta molestia; aindaque se modere por algum tempo, rarissimas vezes se obtem a sua extincção.

Seria para desejar, que os homens litteratos e mais abalisados na sciencia Medica inclinassem para aqui huma boa parte dos seus cuidados, a fim de illuminar a grande ignorancia, que a este respeito ha, do que resultaria para el-

les extraordinaria gloria, e hum grande beneficio para a humanidade (a).

Estado moral.

Com bastante magoa sou obrigado a descrever agora o estado moral do homem da minha Patria; eu sinto muito dizer certas verdades, porém insta o dever de escriptor; as minhas reflexões serão agradecidas, quando, patenteadas á face do publico, obtiverem os remedios convenientes ás enfermidades; eu exporei os Estabelecimentos e melhoramentos, e se algum dia recahirem sobre a Patria as minhas lembranças, então me lisonjearei de lhe ter feito hum serviço tão importante.

O principal quadro, que se me offerece, he a educação dos mancebos, e a cultura das Sciencias; estes ramos tão importantes estão em inteiro menoscabo em huma Villa notavel e de consideração politica.

Se lanço hum golpe de vista ao passado, e o levo até ao presente, observo então huma notavel mudança; os velhos de Monte Mor o Novo cuidárão mais em cultivar o espirito dos seus descendentes, do que os modernos.

Teve esta Villa em outro tempo Aula publica de primeiras letras, teve-as particulares, hum grande numero de meninos frequentavão estas Aulas, daqui sahião para o publico Gymnasio da lingua Latina; e habilitados assim, passavão á Cidade de Evora, e á Universidade de Coimbra, aonde aprendião as sciencias Ecclesiasticas, Civís, e da Natu-

(a) Estas idéas devo eu a hum bom amigo professo na sciencia Medica, cujas luzes tem sido vantajosas a este povo. Por esta occasião devo notar, que os habitantes de Monte Mor são atacados do contagio das bexigas, que muito tem grassado nestes dias, em que estou escrevendo, e que podendo evitar-se pelo meio da Vaccina tão recommendada por todas as Nações, atégora não se tem dado hum só passo a este respeito. Não se vio ainda neste povo vaccinar hum só individuo; esta grande descobrimento, em vez de defensores, tem aqui inimigos: seria para desejar, que se reprimisse de algum modo huma indocilidade, que observo aqui contra a Vaccina, e que se fizesse exercitar este unico preservativo das bexigas.

tureza. Teve Monte Mór o Novo muitos Doutores, que, honrando a sua Patria, derão lustre ás Sciencias, e estendêrão o seu vasto campo (*a*).

Bem differente e mui calamitosa he a situação moral dos actuaes habitantes; não ha huma Aula publica de primeira educação, os Mestres particulares, sem aptidão e approvação, contão mui poucos educandos; o Professor de lingoa Latina em muitas estações não tem hum só ouvinte; he para lamentar, que huma povoação notavel, que conta no meio de hum Reino bem civilizado 6291 habitantes, oito Morgados opulentos (*b*), e muitos proprietarios e homens ricos, não tenha actualmente hum só oriundo, que frequente algum Collegio, ou Universidade. Não tem Mon-

c ii te

(*a*) Além dos homens illustres, de que fiz menção no Artigo III. desta Memoria, e de muitos outros, de que a sepultura não encobre o nome, ainda hoje existem egregios e dignos varões da minha Patria: hum João Ignacio da Fonseca Manso, Doutor em Canones, Deão da Sé de Leiria; hum Gervasio Hyppolito de Vasconcellos Salema, Licenciado da mesma Faculdade, Inquisidor do Santo Officio da Cidade de Evora, e Thesoureiro Mor da Sé da mesma Cidade.* tem a esfera da probidade e da sciencia, que caracterisa os grandes genios; hum Fr. Hermogenes Antonio da Conceição Ribeiro, Doutor na Sagrada Theologia, Freire da Ordem de S. Tiago de Palmella; hum Fr. José Valentim Laboreiro, da Ordem de S. Jeronymo, Licenciado na mesma faculdade; hum José Xavier da Costa, Bacharel formado em Canones, Freire da Ordem de S. Tiago de Palmella, Parocho de S. Romão do Sado, são Varões de todo o porte e sciencia, que tem honrado os seus Empregos; os Bachareis formados em Leis Francisco Joaquim de Torres, famoso Advogado da Casa da Supplicação; José Ferreira Cidade, que se tem empregado na Magistratura, honrão o Foro e a vara da Justiça; assimcomo o Licenciado da mesma Faculdade, Antonio Manoel Laboreiro; o Bacharel formado João José Claudino Mecejana, optimo Advogado do Auditorio de Monte Mor; o Bacharel formado em Canones, Antonio Maria de Castro, hum moço da maior probidade e sciencia, e o melhor Advogado na Cidade de Evora; e o Bacharel formado em Leis, Ignacio Pedro Guião, muito sabio e recto Juiz de fóra da Villa de Portel.

(*b*) Estes oito Morgados, residentes nesta Villa, tem avultadas rendas, exceptuando hum, que apenas recebe annualmente 1:000$000, ou 1:200$000 réis; os rendimentos dos mais chegão a 6, 8, 10, 12, até 15 mil cruzados.

* Aindaque nasceo em Vianna do Alemtéjo, foi todavia naturalizado desde a mocidade em Monte Mor, aonde seus illustres Pais vivêrão.

te Mor nestes dias hum só individuo dedicado ás Sciencias Ecclesiasticas, Civís, e Naturaes.

Entregue ao vicio e á preguiça observo eu a maior parte da mocidade da minha Patria, calamidade, que he devida ao criminoso abandono dos chefes de familia; daqui nascem os máos costumes, os pessimos usos, os frequentes jogos, os lupanares, e as intrigas, que são as insignias infalliveis do homem ocioso, e sem educação.

He este o mais breve esboço, que sou obrigado a fazer como escriptor no meio do publico; por elle poderá o meu leitor ajuizar da situação moral dos habitantes de Monte Mor o Novo.

Neste lamentavel estado do homem da minha Patria he para desejar o remedio que impeça tanta ruina. O estabelecimento das Aulas publicas da primeira educação, que recáia em pessoas dignas e habeis, que a Villa não tem, será hum dos passos que concorrerá primeiramente para o melhoramento. Fará este o seu progresso quando a Comarca formar os Lyceos, e os Seminarios de esclarecidos Professores, que ensinem as lingoas, artes, e sciencias; então, fazendo-se desterrar dos mancebos o ocio e o vicio, se ligaráõ os Pais á sua educação. Não veja então o pai seu filho no altar, celebrando o Sacrificio, semque tenha alcançado os grandes conhecimentos Ecclesiasticos, que demandão tão alto e consideravel emprego. Não possa então chegar o filho a certa idade, semque seu pai lhe tenha buscado o destino pelas sciencias, pelas artes liberaes ou mechanicas, pela agricultura, pelo serviço militar, ou outra qualquer occupação: deste modo será destruido o mal, que a minha Patria padece, e de que huma grande parte do Reino não está isenta.

A nomeação do Ex.^mo Snr. D. Fr. Joaquim de Santa Clara para Metropolita da Sé de Evora, he hum dos melhores presagios, que póde ter o lugar do meu nascimento. Este venerando interprete dos Oraculos sagrados não carece dos meus elogios; e o seu nome, huma vez proferi-

ri-

rido, he bastante para fazer a apologia da sciencia e da virtude. Evora verá ainda dentro dos seus muros erigirem-se os Gymnasios; e então, desterrada a ignorancia por todo o Arcebispado, o vicio e o ocio tomaráõ outra direcção. Huma livraria vasta, monumento eterno do grande Cenaculo, rival das mais celebres que o Reino possue, deixará de ser cousa inutil; e augmentada pelo novo e respeitavel Prelado, levada a hum gráo de perfeito arranjo, franqueada ao Publico, enriquecerá o espirito humano; o educando e mais o sabio Eborense terá então hum edificio para elle feito, em que a sua alma se poderá saciar.

ATRIGO VI.

Dos diversos impostos e tributos.

ENtre os tributos de Monte Mor o Novo conta-se como hum dos mais antigos o chamado *Cizas* ou *Patrimonio Regio*; sahe das compras e vendas dos bens de raiz, correntes, e caza do peixe (*a*). He regulado a 10 por cento para os individuos não *encabeçados*, e na ametade daquella quantia para os encabeçados. Como o producto das compras e vendas não dá huma somma necessaria para fazer a totalidade do imposto, por isso he fintado o povo da Villa e Termo, rendeiros &c., em cuja finta recahe huma parte sobre a Villa, e duas sobre as Parochias ruraes (*b*).

No anno de 1814 foi a totalidade do cabeção geral 3:398$756 reis, de que tem Sua Magestade o seguinte, (que se arrecada pelo Cofre da Comarca); pelo singelo 1:371$778 reis, pelo dobrado outra igual quantia, pela propina de cera 33$600 reis, pelo novo addicionamento

(*a*) O producto da Ciza das *correntes* e casa do peixe he arrendado pela Camara no principio de cada hum anno.

(*b*) O cabeção geral da Villa de Lavre paga desde tempos mui remotos 7$000 reis para o lançamento da finta de Monte Mor; este reconhecimento talvez se possa deduzir da circunstancia apontada na nota (*a*) pag. 6.

to 80$000 reis, que produzem a total somma de 2:857$156 reis (*a*).

Ha tambem aqui dois impostos chamados *Real d'agoa*, e *Subsidio litterario*; aquelle sahe das carnes talhadas nos açougues, e do vinho cozido, que se vende aquartilhado; paga-se hum real por cada hum arratel de carne, e o mesmo por cada huma canada de vinho cozido, este sahe dos vinhos manifestados em mosto (*b*), das agoas ardentes, e vinagres, e paga-se por cada hum almude de mosto 12 rs.; do vinho verde, chamado vulgarmente de enforcado, 5 rs.; d'agoa ardente 48 rs.; e de vinagre 6 rs.

Os mais consideraveis tributos desta povoação são as decimas ordinarias e extraordinarias de todos os predios urbanos e rusticos, das sommas de dinheiro a juro, das agencias ou maneios, e novos impostos, as decimas ordinarias de Confrarias e Irmandades, e mais do excesso que vai destas decimas á terça parte dos seus rendimentos; quinto dos bens da Coroa; decima ordinaria da Casa da Misericordia, dos bens da Coroa, abatido o quinto, e decima extraordinaria do commercio, lojas e casas publicas.

Estes diversos tributos derão no anno em que escrevo a Memoria 9:542$637 reis (*c*).

Os Ecclesiasticos pagão tambem a decima respectiva ás suas congruas, que no mesmo anno deo a somma de 247$175 rs., e o terço dos seus Beneficios, que foi arrematado por 668$000 reis.

Os bens do Concelho pagão a terça parte dos seus ren-

(*a*) Este pagamento he fixo, e só altera para mais ou menos a propina da cera, segundo o preço por que se vende cada huma arroba na feira do S. João da Cidade de Evora. O excesso que vai da totalidade da finta ao que recebe Sua Magestade, serve para salario do Juiz, Escrivão do Lançamento, Escrivão das Cizas, Fintores, Recebedor, Alcaide, concerto de estradas, e ordenados dos Medicos.

(*b*) O Lavrador he obrigado a manifestar a producção da sua colheita em mosto, em cada huma somma de 100 almudes faz-se o abate de 20 para quebras.

(*c*) Esta totalidade entra no Erario Regio pelo Cofre da Comarca, tem algumas quebras, que lhe fazem pequena diminuição, assimcomo as quantidades, que sahem para cobradores, remessas, &c.

rendimentos, que no anno acima referido deo a somma de 509$168 rs.; pagão mais aos Medicos da Universidade de Coimbra 58$310 rs.; e ao Secretario do Desembargo do Paço 32$100 reis.

O pagamento da Terça durou até ao anno de 1806; deste tempo em diante se accrescentou outra igual Terça, applicada por Ordem Regia para estradas, calçadas, e pontes, de cuja applicação foi ultimamente tirada para as despezas do Estado (*a*).

Ha aqui tambem hum tributo particular applicado para o reparo das calçadas desta Villa; sahe de todas as galleras, caleças, carros, e carretas, que são de fóra do Termo, e transitão por estes sitios; este tributo he arrendado pela Camara no principio de cada hum anno, e o arrematante tem o direito de receber por cada huma gallera 80 rs., caleça 40 rs., carro ou carreta 40 reis.

O novissimo tributo applicado para as despezas do Estado he a imposição do Sello dos papeis publicos, dos quaes se satisfaz a quantidade taixada pela Lei; tendo nesta Villa simplesmente o uso de 10 rs. até 40 rs. por cada meia folha de papel.

ARTIGO VII.

Dos estabelecimentos de Monte Mor o Novo.

Ecclesiasticos Seculares, e Regulares.

HUm Vigario da Vara, Juiz dos Residuos, he a Authoridade Ecclesiastica de Monte Mor o Novo (*b*). Tem hum Promotor, Escrivão, e Meirinho; a sua jurisdicção estende-se até á Villa de Lavre. Nos

(*a*) Da terça parte dos rendimentos do Concelho, unica que hoje lhe pertence, são satisfeitos os ordenados do Ministro, Escrivão da Camara, Continuo, Alcaide, Escrivão das armas, Carcereiro, e Relojoeiro, além das decimas; para o que não chegando esta terça parte, tem por isso o Concelho hum avultado empenho.

(*b*) Exerce actualmente este emprego o Reverendo Daniel Agostinho Perdigão, Clerigo respeitavel.

Nos limites da Jurisdicção Ecclesiastica estão constituidas 4 Parochias da Villa, e 12 ruraes.

A primeira e mais antiga he a Parochia chamada de Nossa Senhora da Villa (*a*): seguem-se a Igreja chamada Nossa Senhora do Bispo, que he a Matriz (*b*); S. João Baptista (*c*), e S. Tiago do Castello (*d*).

As

(*a*) Esta Igreja Parochial foi fundada em 1239 por Domingos Pelagio, descendente do novo povoador Pelagio. Chamou-se Nossa Senhora da Villa, por ser a tutelar e titular da primeira Igreja, que se fundou depois de conquistada a Villa pelos Christãos. Tambem se lhe deo o titulo de Nossa Senhora dos Milagres pela sua Imagem, ou dos Açougues, porque estavão proximos a esta Igreja. He sagrada, e tem Comenda intitulada de Santa Maria dos Açougues, de que he Comendador Gerardo Wencesláo Braamcamp. Hum Reitor collado, seis Beneficiados, e hum Sacristão compõem a sua Collegiada: tem actualmente hum só Beneficiado, e servem pelos mais cinco Economos. Esta Parochia, como já disse em outro lugar, estava fundada dentro dos muros da antiga povoação: na sua origem foi Matriz, e unica; hoje só se vêm as ruinas, nas quaes ainda se conserva o monumento da sua fundação, que o meu bom amigo José Antonio de Leão poude ler a todo o custo, da seguinte maneira: *Ad honorem Sctæ Mariæ Perpetuæ Virginis Genitricis Dni. Nri. Ihu. Chri. fundavit Ecclesia mistam Dnicus Pelagii ejus prælatus, qui processit e progenie Pelagii . . . . sub era MCCLXXVII.* Este monumento d'huma Igreja Parochial do principio da Monarchia, bem merecia ser tirado da velha parede, que o pode sepultar nas ruinas, e guardado segundo as Leis da Patria.

(*b*) A Parochia de Nossa Senhora do Bispo foi fundada pelo Diocesano em 1300; chamou-se assim por pertencerem os dizimos da Igreja ao Bispo Diocesano de Evora, que foi elevado á Dignidade de Arcebispo no Reinado do Sñr. D. João III., por isso conserva ainda hoje o nome antigo: o Excellentissimo Arcebispo de Evora he o seu Prior, e cura o Arcediago da sexta. A sua Collegiada he composta de hum Reitor collado, oito Beneficiados, e hum Sacristão; servem hoje oito Economos. Onze Ermidas estão sugeitas á Igreja Matriz, Santo André do Oiteiro, que foi hospital de empestados, e já existia pelos annos de 1316, Nossa Senhora da Visitação, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Paz, S. Pedro, S. Sebastião, S. Lazaro, S. Simão, Nossa Senhora das Necessidades, Nossa Senhora da Penha de França, e o Calvario.

(*c*) A Igreja Parochial de S. João Baptista foi erecta em Mestre-escolado, sendo o primeiro Affonso Annes, que tambem o foi da Sé de Evora: achava-se já fundada pelos annos de 1380. Tem dois Beneficiados, hum delles he Reitor, e hum Sacristão; estas Dignidades Ecclesiasticas forão outr'ora apresentadas pelo Reitor da Companhia de Jesus, por annexação feita á Universidade de Evora no anno de 1561; hoje estão as suas rendas annexas ao Collegio Real de Nobres da Cidade de Lisboa.

(*d*) Querem alguns que esta Parochia pertencesse em outro tempo

As Parochias ruraes são as seguintes: S. Mattheus (*a*), S. Tiago do Escoural (*b*), S. Christovão, S. Romão, Nossa Senhora de Safira, Santo Antonio das Vendas Novas (*c*), Santo Aleixo, S. Gens (*d*), S. Giraldo, Nossa Senhora da Purificação da Repreza (*e*), Santa Sofia, e S. Brissos (*f*). O governo de cada huma destas Igrejas he dirigido pelo seu respectivo Parocho, ou Cura rural, ajudado de hum Sacristão; e só a Parochia de Nossa Senhora da Purificação da Repreza tem, além do Parocho, hum Coadjutor (*g*).

Os estabelecimentos Regulares consistem em cinco Conventos, e hum Recolhimento situados na Villa, e dois no Campo.

O Convento de S. Francisco he o primeiro da Villa (*h*): se-

á Ordem de S. Tiago: ha noticia desta Igreja pelos annos de 1457. O Sñr. Cardeal Infante, Arcebispo de Lisboa, e Governador de Evora, apresentou nella Prior no anno de 1524. Fórma a sua Collegiada hum Prior collado, e quatro Beneficiados. Tem actualmente hum Beneficiado, tres Economos, e hum Sacristão.

(*a*) Tem duas Ermidas, que lhe são sugeitas, chamadas de S. Luiz, e de Santa Margarida.

(*b*) As Ermidas do Sñr. Jesus, de Nossa Senhora do Rosario, e de S. Christovão pertencem á jurisdicção Ecclesiastica do Cura de S. Tiago do Escoural.

(*c*) He celebre pelo famoso Palacio, que nos seus limites mandou fundar o Sñr. Rei D. João V.

(*d*) Tem duas Ermidas, que lhe são sugeitas, chamadas de S. Torquato, e Videira.

(*e*) Tem Commenda da Ordem de S. Tiago, de que he Commendador o Excellentissimo Marquez de Alvito.

(*f*) A Ermida de Nossa Senhora do Livramento está situada nos limites da Parochia de S. Brissos. Ha outra Ermida de S. Francisco situada no Termo de Monte Mor, porém sugeita ao Parocho da Freguezia, chamada Boa fé, que está fundada no Termo da Cidade de Evora, e tem Parochianos no Termo de Monte Mor, assimcomo a Parochia de S. Sebastião da Giesteira.

(*g*) Além dos Ecclesiasticos empregados nas Igrejas da Villa, e ruraes, ha quatro Clerigos Presbyteros sem destino.

(*h*) Este Convento, pertencente á mendicante e Serafica Ordem de S. Francisco, foi fundado na Ermida de Nossa Senhora das Graças; ha noticia de viverem Religiosos neste Convento pelos annos de 1495, o que bem se deduz do depoimento das testemunhas inquiridas em Monte Mor o Novo no processo de santificação do Patriarcha S. João de Deos. He governada esta corporação Regular por hum Guardião, que tem de-

seguem-se os Conventos de Nossa Senhora da Saudação (*a*), de S. Domingos (*b*), de S. João de Deos (*c*), e de Nossa Senhora da Conceição (*d*). Ha tambem na Villa o Recolhimento chamado de Nossa Senhora da Luz (*e*).

Os

---

baixo da sua obediencia dez Religiosos e tres Leigos. Ha tambem dentro do Convento a Ordem Terceira da Penitencia, que he rendosa. Tem o mesmo Convento o seu Padroeiro, forão outr'ora os Condes de Santa Cruz; he hoje o Excellentissimo Marquez de Lavradio.

(*a*) Este Mosteiro foi estabelecido pela Carta Regia de 1502 concedida a Dona Mecia de Moura, viuva de D. Nuno de Castro, pelo Sñr. Rei D. Manoel, na qual aquelle grande Monarcha lhe dá a faculdade de fundar o Mosteiro, entrando no numero dos doze, que o Papa lhe havia permittido nos seus Estados; foi concluido no anno de 1513. As Religiosas deste Convento seguem o instituto de S. Domingos, a sua primeira Prelada foi a Madre Isabel Vaz, filha do Mosteiro de Jesus de Aveiro, huma das cinco fundadoras do Mosteiro de Santa Anna da Cidade de Leiria. (Maço de Cart., e Provis. Regias da Camara de Monte Mor o Novo pag. 138.) Tem esta corporação hum Vigario Religioso da Ordem de S. Domingos, huma Prioreza, a cuja obediencia estão actualmente sugeitas onze Madres professas, e oito Seculares.

(*b*) O Sñr. Cardeal Infante concedeo no anno de 1559, aos Frades de S. Domingos a faculdade de fundar o Convento em hum canto do recio, na Ermida de Santo Antonio pertencente a certos confrades: a utilidade e proveito da Fé no exercicio da prégação inherente ao habito de S. Domingos, he a razão que dá o Sñr. Cardeal para a concessão. Maço citado pag. 25 e 26. Compõe-se actualmente toda a corporação de hum Prior, e dois subditos Religiosos, hum Presbytero e outro Leigo.

(*c*) S. João de Deos, como disse em outro lugar, nasceo na rua Verde de Monte Mor o Novo; ahi se acha fundado o seu Convento, em que se lançou a primeira pedra no anno de 1607; formando naquelle sitio hum oratorio o Ir. João Peccador, e seu companheiro João Lopes Pinheiro; porém a solemne fundação começou no anno de 1625, em que se conduzio a imagem do Santo para o lugar do seu nascimento, lançando a primeira pedra D. Francisco de Mello, sobrinho de D. José de Mello, Arcebispo de Evora; benzeo este novo lugar o Bispo D. Fr. Diogo de S. Vicente. A corporação actual compõe-se de hum Prior, a quem está sugeito hum Religioso Presbytero e onze de Ordens menores.

(*d*) Este Convento, que se acha fundado em hum sitio elevado nos olivaes proximos á Villa, pertence aos Agostinhos Descalços; pelos annos de 1671 consta que estes Religiosos, tendo vivido dentro da povoação nos sitios chamados das Pedras negras das Pissarras, e na Ermida de S. Lazaro, passárão para a Ermida de Nossa Senhora da Conceição, cujo Convento se principiou em 29 de Maio de 1688. Tem actualmente cinco Religiosos Presbyteros, dois Leigos, e hum Prior, que os governa.

(*e*) Deo principio a este recolhimento huma Irmandade, ou Confra-

Os Conventos ruraes são os de Santa Cruz de Rio Mourinho (*a*), e o retiro solitario dos Eremitas descalços de S. Paulo de Nossa Senhora do Castello, ou das Covas de Monteforado (*b*).

ria constituida no anno de 1578 na Ermida de Nossa Senhora da Paz, aonde esteve por espaço de quatro annos: não satisfeitos os Confrades com este sitio pedírão á Camara de Monte Mor huma ponta do recio, junto ao largo chamado da porta do Sol, que sendo-lhes concedida depois de varias vestorias e audiencias dos visinhos, obtiverão a sua confirmação dada por ElRei Filippe, pela Provisão expedida a 6 de Agosto de 1582. No anno 1742 pertendeo huma Catharina do Nascimento, natural da Cidade de Evora, fundar naquelles sitios hum Recolhimento; com este desejo passou á Cidade de Lisboa, aonde falleceo sem ver o fim aos seus trabalhos, que forão ultimados pela agencia do seu director o Padre Francisco de Negreiros Alfeirão, que obteve no dia 27 de Julho de 1749 o Alvará para se fundar o Recolhimento em hum terreno do recio, proximo á Ermida de Nossa Senhora da Luz. Pelo citado Alvará ficárão sugeitas as Recolhidas ao Provedor da Misericordia, hoje estão sugeitas ao Ordinario, a cuja obediencia se ligárão desde o dia 11 de Julho de 1780, sendo Arcebispo o Excellentissimo Cardeal Regedor D. João da Cunha. Seguem os estatutos do Real Convento do Santissimo Sacramento do Louriçal, podem ter até trinta e tres Recolhidas, tem actualmente vinte e duas, que são governadas por huma Regente, cujo cargo occupou primeiramente a Irmã Joanna Rita Custodia do Sacramento. Tem o seu Capellão e Confessor.

(*a*) Pertence este Convento aos Eremitas de S. Paulo; está situado na Parochia de S. Mattheus em huma campina raza, proxima ao rio chamado Mourinho, distante de Monte Mor huma boa legoa ao Sul. He hum dos Eremitorios mais antigos da Ordem de S. Paulo, foi fundado por Mendo Gomes Seabra, que o dedicou á Santa Cruz; foi confirmado pelo Sñr. Rei D. Duarte no dia 10 de Julho de 1436. Este Mosteiro está actualmente arruinado, não tem, ha muitos tempos, Religioso algum; as suas rendas são applicadas para o Collegio de Coimbra dos Eremitas de S. Paulo.

(*b*) Este retiro está fundado na Parochia de S. Tiago do Escoural, distante huma legoa de Monte Mor pela parte do Sul; foi primeiramente habitado em 1710 pelo respeitavel Padre Balthasar da Encarnação da Villa de Serpa. No dia 11 de Fevereiro de 1725 foi benta pelo Ordinario esta habitação. Os Eremitas congregados estão sugeitos ao Ordinario; tem actualmente hum Prior, e onze Irmãos Subditos. Ainda hoje existe a gruta do Padre Balthasar, e os escarpados rochedos e covas subterraneas, em que viverão os primeiros Eremitas; he hum sitio bello, agradavel á vista do Filosofo, e do observador, e por isso he frequentado dos viajantes de bom gosto.

Todas estas relações dos estabelecimentos Ecclesiasticos Seculares, e Regulares de Monte Mor o Novo são devidas simplesmente ao meu

Da Administração publica, politica, e economica.

O Senado da Camara he o governo politico e economico de Monte Mor o Novo: tres Vereadores, e hum Escrivão e Procurador compõem aquella assemblea, que he presidida pelo Doutor Juiz de Fora desta Villa. Ha tambem hum Chanceller, a quem se entrega o Sello, que se põe nas Sentenças. Entre os doze Misteres do povo se elegem dois Procuradores, e hum Escrivão, que tem assento na Camara simplesmente nas arrematações dos preços das carnes, e no estabelecimento, ou reforma de alguma Postura (*a*).

Tem dois Avaliadores do Concelho, que tambem servem no Juizo dos Orfãos, hum Thesoureiro, e hum Continuo (*b*).

Per-

---

trabalho; a maior parte dos Parochos e Prelados locaes ignora as instituições e antiguidades das Parochias e Conventos que dirige, por isso julguei cousa util o breve esboço, que nesta Memoria faço das origens Parochiaes e Conventuaes de Monte Mor o Novo.

(*a*) Por esta occasião devo notar que a Camara de Monte Mor o Novo para formar as suas Leis economicas tem dividido geralmente a povoação em tres partes, Villa, Vinhas, e Matos; em cada hum destes limites, que ella tem marcado, ha hum Rendeiro Coimeiro, que exerce a sua occupação pelas Leis Municipaes, ou Posturas, que lhe forão constituidas. Esta ultima collecção, que a Camara tem feito, he do anno de 1787, que comprehende até aos dias da minha Memoria 106 Posturas, das quaes quatro se achão suspensas no acto da Correição feita pelo Doutor José Antonio de Leão, e huma revogada pela Camara. Seria cousa impertinente e até enfadonha encher esta Memoria com a collecção das Posturas, por isso limito-me simplesmente a dizer, que nessa collecção, que huma e muitas vezes tenho visto com individuação, se achão bellissimas Leis Municipaes tendentes á prosperidade de Monte Mor o Novo, todavia tem algumas, que necessitão de correcção, e outras que exigem huma absoluta abrogação. Como este Codigo não he mui fertil no objecto *Agricultura*, que faz a parte essencial da grandeza de Monte Mor o Novo, segundo observo pela repetida lição do mesmo, era para desejar huma nova collecção de Leis Municipaes tendentes a objecto tão importante.

(*b*) A Camara de Monte Mor o Novo tem seus rendimentos constituidos em famosas herdades, segundo as informações, que obtive do seu Escrivão, montão huns annos por outros a 1:500$000 e tantos reis.

Pertencem igualmente ao governo economico e Municipal dois Almotacés, que a Camara elege de tres em tres me-

Huma das cousas mais bellas, que a Camara possue, sem o saber, he o seu Cartorio; aqui se encontrão mui velhos e importantes pergaminhos, peças de todo o valor: eu tenho visto huma collecção de 65 destes titulos de Antiguidade, que o erudito José Antonio de Leão tirou do desprezo, em que se achavão, para os arranjar do modo possivel. Para se conhecer a importancia destes papeis antigos, offereço aos meus Leitores o indice de muitas materias, que nelles se contém, que vem a ser:

Privilegio dado pelo Snr. D. João I. aos besteiros de conto.

Capitulos de Cortes feitas pelo mesmo Senhor.

Capitulos offerecidos ao Snr. D. Duarte pela Villa de Monte Mor o Novo nas Cortes de Evora, assignadas pelo mesmo Monarcha.

Capitulos respondidos nas Cortes da Cidade da Guarda em 1465.

Cortes do Snr. D. Affonso V.

Capitulos de Cortes do mesmo Senhor.

Demarcações do Termo de Monte Mor o Novo.

Capitulos respondidos em Cortes de Lisboa e Evora.

Respostas dadas pelo Snr. D. Affonso V. a doze Capitulos, que nas Cortes de Santarem se lhe offerecerão.

Capitulos respondidos pelo mesmo Snr. em Evora aos Procuradores do povo de Monte Mor o Novo, que se queixavão do numero dos besteiros de conto.

Determinação para se reduzirem a vinte os besteiros de conto.

Cortes de Evora no Reinado do Snr. D. Manoel.

Foral que este mesmo Monarcha lhe deo.

Carta de Confirmação do Snr. D. Pedro II. paraque a Villa de Monte Mor o Novo seja realenga, e não se dê a pessoa alguma.

Muitas outras cousas importantes contém os velhos pergaminhos do cartorio da Camara de Monte Mor. Tem além disto preciosas Provisões e Cartas Regias originaes, assignadas pelo proprio punho dos nossos Cesares, colleção respeitavel e de toda a importancia para Monte Mor o Novo; muitas dellas deixão ver a grande attenção que aos nossos Monarchas sempre mereceo esta Villa, achando-se a cada passo Cartas Regias, em que se dão as melhores providencias para a fortificação de Monte Mor e para muitos outros objectos.

Ninguem póde duvidar, que a lição dos papeis antigos traz ao homem muitas idéas de grande proveito e utilidade; a combinação Diplomatica pela serie dos tempos fornece ao Politico as mais bellas observações, com que póde brindar a Patria: muitas destas e mui vantajosas na ordem das cousas póde formar o Critico e mais o Politico, tendo á vista os antigos papeis da Camara de Monte Mor. O Governo dos nossos Monarchas, a origem e antiguidade de muitos estabelecimentos, os costumes dos povos, as suas maximas, os seus requerimentos, as decisões, as virtudes e os vicios dos tempos antigos, as Cortes, a sua concorrencia, a sua linguagem, as expressões dos povos, &c. &c.; tudo isto

mezes dos Vereadores passados, e dos individuos que estão constituidos no gráo de primeira nobreza da Villa. Tem estes dois Juizes hum Escrivão para executar as suas providencias (*a*).

Civil, Criminal, e Orfãos.

He governada a Villa de Monte Mor o Novo no Civil e Criminal por hum Juiz de fóra, que tambem he Juiz dos Orfãos, Cizas e Direitos Reaes (*b*). A sua jurisdicção estende-se ás Villas de Lavre e Canha, no lançamento do Cabeção. Os

fornece em abundancia a lição dos pergaminhos da Camara de Monte Mor: o homem observador entre as muitas maximas de grande lote encontra ahi por huma deducção bem tirada, que os povos se civilizárão mais e mais á proporção, que os Monarchas crescêrão em authoridade e derribárão os pequenos thronos dos Senhores.

Não cabe nos curtos limites de huma Memoria referir agora os factos e as providencias, que se encontrão nesse grande numero de papeis importantes, possuidos pela Camara de Monte Mor o Novo; esta empreza, que seria ardua, enfadaria ao mesmo tempo o meu leitor: basta simplesmente dizer, que o annuncio de alguns titulos dos louvados papeis, que tenho referido, mostra bem a sua grandeza e o gráo de utilidade, a que podião chegar, procurando-se por hum meio bem facil o seu melhoramento.

Pede a verdade que se diga, que os preciosos pergaminhos da Camara de Monte Mor estão quasi em hum absoluto menoscabo: he mui natural ter em pouco aquillo, em que se não conhece utilidade; por este motivo tem soffrido horrorosa catastrofe belissimos manuscriptos, que aos Boticarios e Confeiteiros tem sido levados pela mão avara do ignorante. Os papeis da Camara, avaliados em pouco, não tem aquelle resguardo necessario para lhes evitar o estrago do tempo; achão-se alguns mui corcomidos, e cheios de buracos, cuja perda he sensivel na continuação dos periodos. Seria para desejar, que estes papeis fossem reduzidos a huma boa legenda, e que, entregues ás pessoas legitimamente encarregadas de a fazer, ficasse a Camara enriquecida com hum peculio moral, que não he inferior ao que fysicamente possue: deste modo ella nos forneceria bellissimas luzes de Antiguidade; a Historia e mais a Politica lhe ficarião agradecidas por hum presente tão mimoso.

(*a*) Ha nesta Villa tres açougues do Clero, Nobreza e Povo; huma das obrigações dos Almotacés he vigiar sobre o bom fornecimento do segundo: o primeiro e terceiro estão entregues ao cuidado dos Ecclesiasticos, e Procuradores do povo.

(*b*) Foi o primeiro Juiz de fóra desta Villa o Doutor Francisco Dias pelos annos de 1518; tem actualmente este nobilissimo cargo o Doutor Cypriano Justino da Costa, hum moço de muita aptidão, versado não só nas sciencias positivas, mas tambem nas exactas e naturaes.

Os Officiaes que pertencem a este governo são os seguintes: hum Advogado do Auditorio, que tambem he Curador geral dos Orfãos, tres Tabeliães de notas, cinco do Judicial, hum Inquiridor, Distribuidor e Contador, hum Alcaide, hum Escrivão de armas, hum Porteiro, e hum Carcereiro. Dois Escrivães de Orfãos, dois Partidores, hum Escrivão de Cizas, outro de Decima, e seu Meirinho, e tres Agentes de causas.

Ha tambem no Termo quatorze Juizes de Vintena, alguns dos quaes tem o seu Escrivão.

Militar.

O governo Militar de Monte Mor o Novo he dirigido por hum Capitão Mor (*a*), Sargento Mor, e seis Capitães de Ordenanças, que na Villa e Termo tem as suas respectivas companhias.

Ha tambem hum Capitão de Milicias, que commanda a 4.ª Companhia do Regimento da Cidade de Evora, formada nesta Villa.

Da Instrucção publica, Medicina, e artes liberaes.

Huma Aula Regia de Latinidade he o unico estabelecimento litterario, que se encontra em Monte Mor o Novo; apenas cinco discipulos ouvem actualmente a lição do seu Professor.

Não havendo nesta povoação hum Mestre publico e capaz de ensinar as primeiras letras e a Grammatica Portugueza, bem se póde ajuisar do máo estado do estudante de Latinidade; este desarranjo de educação bem merece ser attendido, elle exige graves providencias, que são de esperar de huma Junta de Sabios, incumbida deste objecto, e a quem devo a minha existencia litteraria.

Dois excellentes Medicos formados na Universidade de Coimbra, partidistas da Camara, Misericordia e Hospital, são

(*a*) Serve actualmente o Sargento Mor.

são os empregados para tratar das enfermidades do povo de Monte Mor o Novo, em cujo destino se achão tambem tres Cirurgiões (*a*), hum Sangrador, tres Boticas, e nellas tres Boticarios, e tres praticantes.

As Artes liberaes são quasi desconhecidas em Monte Mor o Novo, apenas ha hum Pintor de curiosidade, que seria hum portento, se o seu pincel fosse dirigido por huma boa educação (*b*), e dois Musicos.

De Piedade.

Tem Monte Mor o Novo duas famosas casas dedicadas ao bem do proximo desgraçado, as mais dignas do homem Christão e social. A Santa Casa da Misericordia (*c*), e o Hospital Civil de Santo André (*d*) são os dois magni-fi-

---

(*a*) Além destes ha tambem dois Curandeiros com cartas de Cirurgiões, que vivem no campo, aonde exercem a sua arte.

(*b*) Este moço, chamado Thomás da Maia Borges, tem sido o assombro de habilissimos Pintores; nasceu com hum genio raro para esta arte, porém o seu pincel infelizmente não poude passar do Monte Mor o Novo.

(*c*) A Santa Casa da Misericordia desta Villa foi fundada no anno de 1499, sendo a de Lisboa fundada hum anno antes. Goza de grandes privilegios, tem hum respeitavel Governo, composto de doze Irmãos da nobreza e povo, a que chamão Meza, que he presidida por hum Provedor, cujo cargo exerceo em primeiro lugar Rui Mendes Gago; tem hum Syndico, hum Secretario, e dois servos chamados do azul. Ha dentro do edificio huma bella Igreja, em cujo coro rezão oito Capellães presididos por hum Capellão Mor; hum Sacristão, e dois Acolytos são os serventuarios nas funções da Igreja.

Como esta illustre Casa se dedica ao soccorro da humanidade, para bem a exercer tem dois Medicos partidistas, de que já fallei em outro lugar, dois Cirurgiões, hum Sangrador, e huma Botica proxima ao seu edificio.

O Compromisso da Santa Casa de Lisboa he a mesma Lei, por onde se governa a Santa Casa da Misericordia desta Villa.

(*d*) O Hospital do Espirito Santo teve o seu principio no anno de 1316. No anno de 1354 erigio-se huma Confraria em honra do Apostolo Santo André: forão primeiros confrades D. Rui Gomes, Dona Magdalena, Peró Esteves, e Dona Constança Domingues, sua mulher, os quaes derão as casas, com que se accrescentou o Hospital, e dahi em diante se chamou de Santo André; fizerão compromisso em 16 de Junho do di-

ficos edificios, que servem de apoio á humanidade afflicta. Como estas Casas são de todo o respeito, ainda no coração do homem barbaro e cruel, devo dizer alguma cousa á cerca do seu governo, e do uso das suas rendas.

He constante e sabido por todos os habitantes de Monte Mor o Novo, que a Santa Casa da Misericordia desta Villa he huma das opulentas do Reino de Portugal; as suas rendas, segundo as informações que pude alcançar,

 mon-

to anno, e nomeárão primeiros Mordomos do Hospital a Miguel Domingues, Mercador, e Domingos de Araça. Aquelles Confrades, estes Mordomos, e alguns mais que se seguirão, deixarão as suas fazendas ao Hospital.

No anno de 1518 principiou o Hospital de Santo André a ser administrado pela Misericordia, em cuja administração esteve até o anno de 1531, no qual passou para os Conegos de S. João Evangelista, que a conservárão até o anno de 1567, em que passou outra vez para a Misericordia, que novamente administrou o Hospital até o anno de 1677, em cuja epoca entrou a Religião de S. João de Deos, a quem foi dada em Cortes pelo Senhor D. Pedro II. a requerimento do povo de Monte Mor o Novo, em obsequio a S. João de Deos, Patricio desta Villa; nesta administração se conserva actualmente.

Do Compromisso da Confraria de Santo André consta ser obrigado o Hospital a curar os Confrades pobres, depois passou a curar os mendigos até o tempo da administração dos Conegos de S. João Evangelista, hoje cura todos os pobres que se apresentão, não sendo moradores desta Villa estabelecidos com familia, a quem soccorre a Santa Casa da Misericordia; cura tambem todos os Militares doentes aqui estacionados, ou transitantes. Tem duas enfermarias aonde se exerce este dever da humanidade, huma de homens de quarenta camas, e outra de mulheres de oito camas. O numero ordinario de enfermos diarios calcula-se de dez a doze. Tem outrosim huma roda de expostos, cuja origem se ignora, porém sabe-se que não existia no tempo da administração dos Conegos de S. João Evangelista. Ha tambem dentro do Hospital huma botica, que já existia no tempo daquelles Conegos, e proximo ao mesmo está huma Casa de albergaria, em que se recolhem os mendigos, que he da mesma data.

Hum Prior administrador, hum Capellão, hum Boticario, e dois Enfermeiros são os empregados effectivos no exercicio das funções de hospitalidade. Ha tambem hum Advogado e Escrivão do Hospital, dois Medicos partidistas, dois Cirurgiões, hum Sangrador, e hum Barbeiro.

Hum Cosinheiro, Almocreve, Moço de enfermaria, e Ama da roda são os quatro servos do Hospital.

Dentro do edeficio encontra-se huma magnifica Igreja de abodeda. Esta relação he deduzida das informações do digno administrador Fr. José do Carmo e Sampaio.

montão a dez e doze mil cruzados; no anno em que escrevo derão a somma de 4:380⊅027 reis.

He para lamentar que de dia em dia se tenha afrouxado o governo desta Casa; sem methodo, e sem ordem se cobrão annualmente avultadas rendas, e por este mesmo gosto se despendem: muitos livros de receita e despeza tem a Secretaria da Santa Casa da Misericordia desta Villa, porém não se encontra nelles huma escripturação exacta, antes pelo contrario he tal a sua confusão, que com muita difficuldade e trabalho se póde vir no conhecimento dos devedores; e quando estes são antigos, cresce cada vez mais a difficuldade.

O uso dos rendimentos tem hum igual methodo no seu destino; sem ordem e sem exame confusamente se admitte todo o individuo ao curativo da Santa Casa da Misericordia, e desta sorte folga muitas vezes com os bens dos pobres aquelle que o não he.

Neste estado de cousas he para desejar hum melhoramento, que faça entrar no devido arranjo os reditos deste bom estabelecimento; hum edificio composto de boas enfermarias, aonde se curassem as pessoas, a quem a Santa Casa costuma soccorrer, seria a meu ver hum melhoramento o mais plausivel (*a*); desta sorte se evitarião grandes males e desvios das rendas destinadas para os pobres (*b*), e o soccorro da Medicina, Cirurgia, e botica seria mais a tempo (*c*).

Pas-

(*a*) As rendas da Santa Casa, como já disse, são de grande vulto, as dividas atrasadas são tambem de grande consideração, por isso era cousa mui facil formar huma casa de enfermaria, para cujo exercicio tem Medicos, Cirurgiões, Sangradores, Boticario, Capellães, e servos.

(*b*) Muitos doentes abusão dos reditos da Santa Casa, humas vezes sem necessidade recorrem áquelle soccorro, que sem escrupulo, só com o pretexto mal entendido de fazer bem, lhes he dado francamente pelo informe do Mordomo; outras vezes, não aproveitando o remedio do Medico, demorão a molestia para gozar o diario sustento d' envolta com a familia assistente. Na repartição dos soccorros ha immensas cavilações usadas muito de proposito pelos servos; tudo isto se evitava com o estabelecimento indicado.

(*c*) Esta verdade sahe aos olhos de todos, que conhecem ser mais

Passo a fallar do outro estabelecimento, o Hospital Civil de Santo André. Os rendimentos desta boa casa, segundo as informações que pude obter, são certos, e incertos; entre os primeiros contão-se foros, juros, trigo, centeio, cevada, azeite, porcos, lenha e palha; entre os contingentes entrão os reditos da botica, das sepulturas na Igreja e cemiterio, os dinheiros que se achão aos enfermos, os pagamentos que muitos destes fazem, &c. &c.

Como considero este objecto o mais importante, e por isso digno de toda a indagação e conhecimento, eu apresento aos meus leitores hum geral esboço da receita e despeza feita no tempo do Administrador Carmo e Sampaio.

ANNO DE 1811.

Receita	*Despeza*	*Saldo*
2:069$755	2:010$445	59$310

ANNO DE 1812.

Receita	*Despeza*	*Saldo*
1:984$000	1:968$050	15$950

ANNO DE 1813.

Receita	*Despeza*	*Saldo*
4:086$870	2:846$320	1:240$550

ANNO DE 1814.

Receita	*Despeza*	*Saldo*
3:570$575	2:457$010	1:113$565

facil visitar huma enfermaria, e dar-lhe os remedios a tempo, doque muitos enfermos separados.

ANNO DE 1815.

Receita.	*Despeza*	*Saldo*
1:342$415	461$415	881$000 (a)

Estes rendimentos não tem sido empregados sempre com o cuidado e disvello actual; o pobre e mui principalmente o exposto tem sido victima de huma prematura morte; he testemunha irrefragavel deste facto o mappa dos expostos, que entrárão no Hospital desde 1790 até 1814; custa a crer que no decurso da quarta parte de hum seculo, entrando na roda 811 engeitados, sobrevivessem simplesmente 110, sendo sepultados 701.

Como esta materia tão importante he ligada ao Hospital, offereço aqui aos meus leitores as relações, que a seu respeito pude alcançar.

Em huma pequena casa dentro do Hospital de Santo André, aonde se acha a roda, em que se recebem os expostos, ha huma mulher com salario e ração paga pelos reditos do mesmo Hospital; he do dever desta serva aceitallos ou tirallos da roda, aceallos, levallos ao Administrador para fazer o competente assento em hum livro com este destino, onde se declara o dia da entrada, os signaes, e o vestido que trazião. O primeiro passo que dá o Administrador em beneficio dos expostos, he fazellos baptizar na Igreja Matriz, em que se despende 100 rs.; trata logo de procurar ama de leite para os crear, e em quanto a não acha, são nutridos os engeitados com certas papas, que lhes faz a serva; succedendo muitas vezes não se achar ama, e ser

(a) Para dar hum claro conhecimento de todas as minhas averiguações acerca deste assumpto, devo advertir, que existem em deposito judicial 686$400 reis, de que se não faz menção nas contas acima referidas; e que as sommas respectivas ao anno de 1815 só se entendem desde o mez de Janeiro até Abril; advirto tambem, que no saldo final de 881$000 reis entrão 726$200 reis em metal. Além destas sommas restão tambem 228 alqueires de farinha, e 39 de cevada.

ser por isso necessario recorrer á Vara da Justiça, são levados neste meio tempo por algumas casas, aonde se tem noticia que haja mulheres com filhos de mama.

Sendo achada a ama, recebe esta o engeitado com o vestido necessario, que se reforma, e tres pães de tres quartas, e hum arratel de assucar; deste tempo em diante começa a vencer ordenado, que tem sido mui variado; no anno de 1753 forão 500 rs. por mez; de 1753 até 1790, 720 rs.; deste tempo até 1798, além do ordenado de 720 rs. mensaes, estabeleceo-se hum premio de 10$000 rs. para cada ama, que désse o engeitado vivo e são no espaço de dois annos; cincoenta e hum premios despendeo o Hospital no espaço de oito annos (a). Nesta mesma epoca appareceo o fatal methodo de criar os engeitados a leite de cabras, destinando-se para esse fim huma casa em certa herdade da administração do Hospital em distancia de huma legoa, mandando-se para esse sitio camas e mulheres

(a) As melhores lembranças que o philantropo cogitar para beneficio dos expostos, sempre háo de ceder ao plano dos premios, dos privilegios, e das honras; o interesse he a mola real do genero humano, deve por ella ser dirigida; huns fazem consistir todo o seu interesse no dinheiro, outros nas honras; estes dois meios bem applicados podem dar grandes vantagens não só a bem dos expostos de Monte Mor o Novo, mas tambem do Reino inteiro; eu quereria pois que as rendas destinadas para tão bellos estabelecimentos fossem divididas em algumas quantidades para se constituirem premios ás amas, que apresentassem os engeitados vivos e sãos em certas idades; eu desejaria ver realmente premiados com certas isenções irrevogaveis os maridos daquellas mulheres, que tivessem creado e apresentado em determinada idade hum certo numero de engeitados, eu desejaria ver premiado com algum habito das Ordens Militares o nobre, que certificasse ter criado á sua custa hum numero de engeitados, podendo este premio ser levado a maior graça, conforme o augmento do numero. ¿Quanto não lucraria o Estado concedendo, por exemplo, o foro de Fidalgo a hum rico negociante, que o ambiciona, quando este apresentasse hum papel authentico, que certificasse ter criado pelas suas rendas e fundos hum avultado numero de engeitados? Este serviço não seria inferior ao que se faz em huma batalha; porque esta não se dá sem gente, e he mais facil disciplinar o Soldado, do que criallo desde a sua infancia; desta sorte liberalisando o Estado a honra, a quem a merece, lucraria diariamente novos sustentaculos e apoios pelo augmento da população e agricultura.

res a fim de trabalharem nesta ideada officina, cujos resultados forão as continuadas golpelhadas de engeitados desgraçadamente mortos, de cujo facto sendo testemunha occular, ainda hoje me horrorizo.

O famoso e sempre vantajoso plano dos premios foi suspenso no anno de 1799, augmentando-se o ordenado mensal, que principiou a ser de 1000 rs.; em Agosto de 1813 subio a 1500 rs. nos primeiros seis mezes da criação, e dahi até á idade de 7 annos conservou-se o ordenado de 1000 reis.

A criação dos engeitados teve outr'ora certas regulações feitas em seu beneficio, de que apenas hoje ha os vestigios de memoria; hum Diploma Regio de 10 de Julho de 1546 determinava que metade do numero, que excedesse 10, fosse criado á custa do Concelho; huma Provisão do Excellentissimo Arcebispo de Evora de 19 de Julho de 1696 mandava que o esmoler désse annualmente 60$000 rs. para ajudar a criação dos engeitados; hoje porém não se verificão aquellas graças, sendo as despezas feitas só pelo Hospital.

Tenho exposto alguns factos mais obvios sobre hum assumpto tão importante, vou agora lembrar alguns meios de melhoramento. Era necessario que o Hospital tivesse na casa da roda huma ou duas amas de leite; estas devião ser de boa saude, abundantes de leite; e para não se secar, devião criar dois engeitados; os officios destas servas serião dar de mamar aos expostos, em quanto o Administrador não achasse ama destinada para a criação.

As amas devião apresentar os expostos mensalmente, quando recebessem o competente ordenado, assimcomo todas as vezes que os mesmos expostos adoecessem; deste modo se evitaria muito prejuizo, que tende a fazer morrer aquelles desgraçados, que pelas suas molestias e as das amas vão para a cova antes do tempo.

Os engeitados desde o dia da sua apresentação devião ser vestidos de boas camizas, de bons coeiros, em vez

vez de trapos velhos, tirados das enfermarias dos corpos doentios.

Seria optima providencia nomear huma pessoa capaz para vigiar continuadamente na criação dos expostos.

Voltando o fio do discurso ao Hospital de Santo André, devo dizer, que tendo inculcado o arranjo de huma casa para curar os enfermos, a quem a Misericordia costuma soccorrer, parece-me que este projecto seria vantajosamente executado, unindo aquelle Hospital á mesma Casa da Misericordia, em cuja administração esteve outr'ora, como já disse; accrescentadas as enfermarias, preparadas de todo o necessario, quanto podem as avultadas rendas destes dois estabelecimentos, constituida huma bem vigiada administração, veriamos então este bello estabelecimento em huma Villa notavel, e da primeira ordem, situada no coração da Provincia, poronde se encaminhão frequentemente as tropas, e os paizanos.

Deste projecto, sendo executado, nascerião muitas utilidades, grossas sommas deixarião de se gastar para se empregarem em beneficio dos pobres, doentes, e engeitados; os dois Medicos, os Cirurgiões, Sangradores, e Boticarios, que recebem dois partidos de Misericordia e Hospital, terião hum só proporcionado ao seu trabalho, e os servos da Santa Casa farião serviço mais prompto e adequado. Estou persuadido que este projecto seria huma das portas de prosperidade, que se abriria em Monte Mor o Novo.

Da Agricultura.

Entre os estabelecimentos de Monte Mor o Novo tambem se conta hum tendente ao bem da Agricultura, a que se chama Superintendencia de Caudelarias; este cargo he mui honroso, e por isso exercitado por pessoa da principal nobreza desta Villa; em virtude da Mercê Regia, tem seu Escrivão para fazer as diligencias, e execuções proprias do emprego.

Es-

Esta administração caminha todos os dias de mal para peor, nenhum cuidado ha em manter a obrigação que os Lavradores tem de conservar boas egoas nas herdades, conforme se achão ligados pela Lei do Reino; os Cavalleiros, em vez de bons cavallos, que segundo o seu Regimento devem ter para a cobrição das egoas, usão de pessimos sendeiros, ou pequenos cavallos mal feitos, e cançados com o trabalho. Deste notavel desleixamento provém dois grandes males, a falta de bons cavallos para a remonta do Exercito, e a das egoas para o exercicio da lavoura.

Além do bem conhecido Regimento, que ha a este respeito, seria para desejar huma nova regulação adequada ás circumstancias actuaes.

Ha outro estabelecimento, que se dirige a beneficio da lavoura, denomidado celleiro commum e deposito geral. Foi instituido a requerimento dos Misteres e Procuradores do povo desta Villa pelo Alvará de 6 de Maio de 1695, que lhe concedeo para seu fundo os quartos, que produzissem as terras de huma defesa chamada Adúa, determinando que para este fim se repartissem as ditas terras em courellas pelos singeleiros e pessoas do povo, que mais necessidade tivessem, e que se observasse o Regimento dado para o celleiro commum da Cidade de Evora. Os acrescimos, com que devem entrar aquelles que recebem para a sua lavoura os generos do celleiro, regulárão-se em tres alqueires por cada hum moio de pão.

Não pude entrar no conhecimento do primeiro fundo deste bom estabelecimento, todavia posso asseverar, á vista dos respectivos livros, que o celleiro commum chegou a ter avultadissimas quantidades de pão, porém grandes porções vendidas humas vezes para obras de açougues, outras vezes para o arranjo das calçadas &c. &c., forão diminuindo de tal sorte este estabelecimento, que apenas conserva hoje trinta moios de pão.

As pessoas empregadas no celleiro são em primeiro lugar o Juiz de fóra, que he o seu executor; o Juiz do cellei-

-leiro, que he o Vereador mais velho, a quem incumbe assistir ás entradas e sahidas do pão, hum Escrivão para lavrar os termos necessarios, e hum Thesoureiro para guarda do deposito. Ao Corregedor da Comarca pertence tomar as contas do celleiro.

Das fabricas, e artes mecanicas.

Dentro da povoação ha huma fabrica de sola, que pertence á propriedade de Antonio José da Rocha e Sousa, hum dos homens mais opulentos desta Villa.

As pelles que se fabricão são as de boi, chibato, carneiro, e cabrito; usa-se para este fim dos seguintes generos, cal, casca de sobro e carvalho, sumagre, aroeira, farellos, estrumes de pombo, de cão, pedra hume, caparoza, borras de azeite, sebo, manteiga de porco, farinha de trigo espoada, e sal. Cortidas as pelles, sahem depois as seguintes peças, a que chamão sola, vacca, bezerros, cordovões, carneiras, e pellicas brancas.

As quantidades, que annualmente se fabricão, são 800 coiros de sola, 200 de vacca, 400 de bezerros, 1200 de cordovões, igual quantia de carneiras, e outras tantas pellicas.

Tres mestres, quatro officiaes, e outros tantos serventes são os empregados no trabalho da fabrica.

Os diversos generos desta fabrica são extrahidos para a Capital do Reino, e para a Provincia do Alemtéjo; póde fabricar cinco vezes mais do que as quantidades acima mencionadas, quando haja extracção (a).

Nos campos de Monte Mor, em pequena distancia desta Villa, nos sitios chamados da Ferrás, ha outra fabrica des-

(a) Estas relações forão transmittidas pelo dono da fabrica, que não poude certificar-me a somma da extracção, nem o seu producto; porém eu posso asseverar em geral, que esta fabrica em alguns annos manufactorisa mais avultadas porções dos diversos coiros, doque as acima mencionadas; posso tambem asseverar que esta fabrica, sendo mui proveitosa ao publico, he tambem de conhecida utilidade para o proprietario.

destes generos, destruida e arruinada, o que he para lamentar; porque estando fóra da Villa, e em huma boa situação, podia ser mui proveitosa, e de muita utilidade. Ella he susceptivel de ser reedificada.

Passando a fallar das artes mecanicas, offereço a relação dos mestres, officiaes, e aprendizes empregados nas obras dos tres Reinos da Natureza.

No Reino Animal.

Cortadores - - - - - - - - - - - - - - 2

Fabricantes de cortumes de coiro.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - - 7

Surradores.

Mestre e officiaes - - - - - - - - - - - 1

Odreiro.

Mestre - - - - - - - - - - - - - - 1

Sapateiros.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - - 75
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - 25

Selleiro.

Mestre - - - - - - - - - - - - - - 1

Sombreireiro.

Mestre - - - - - - - - - - - - - - 1

Cardadores de lã.

Mestres - - - - - - - - - - - - - - 2

Cereeiros.

Mestres - - - - - - - - - - - - - - 2

No.

No Reino Vegetal.

Serradores de madeira.

Mestres - - - - - - - - - - - - - - -	3

Marcineiro.

Mestre - - - - - - - - - - - - - - -	1

Carpinteiros de casas.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - -	13
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - -	4

Carpinteiros de carretas.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - -	11
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - -	5
Moleiros de moinhos d'agoa - - - - -	30
Padeiras - - - - - - - - - - - -	13
Forneiros - - - - - - - - - - - -	5

Tecelões de panno de linho.

Mestres - - - - - - - - - - - - - -	7
Tecedeiras - - - - - - - - - - - -	8 (a)

No Reino Mineral.

Ferreiros.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - -	9
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - -	5

Ferradores.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - -	6
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - -	2

(a) Tambem tecem e fazem obras de lã.

Serralheiros.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - - - 5
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - 2

Cabouqueiros.

Mestre - - - - - - - - - - - - - 1
Aprendiz - - - - - - - - - - - - - - 1

Calceteiro.

Mestre - - - - - - - - - - - - - - 1
Fabricantes de cal - - - - - - - - 4
Ditos de tejollo e telha - - - - - - - 5

Pedreiros.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - - 20
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - 4

Olleiros.

Mestres - - - - - - - - - - - - - - 7
Aprendiz - - - - - - - - - - - - - - 1 (a)

Além destes ha outros diversos officios, como

Alfaiates.

Mestres e officiaes - - - - - - - - - - - 11
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - - 4

Albardeiros.

Mestres - - - - - - - - - - - - - - - 5

Bar-

(*a*) As Ollarias, ou fabricas de louça de barro forão outr'ora mui famosas; muitos escriptores Portuguezes fallão deste assumpto, apontando como celebres certos pucaros de beber agoa; os mesmos estrangeiros fazem menção das Ollarias como cousa digna de apreço. « *La poterie de Montemor . . . . est fort estimée* » diz *de la Croix*, *Geog. mod. et univ. tom.* 1. *sect.* 4. *art.* 5. Hoje porém estão na decadencia, em que se achão as outras artes.

Barbeiros.

Mestres - - - - - - - - - - - - - - - - - - 18
Aprendizes - - - - - - - - - - - - - - - - 2
Estalajadeiros - - - - - - - 4

Todas estas artes mecanicas estão em hum atrazamento incrivel; póde sem exageração dizer-se, que não se encontra hum só artista capaz de exercitar o seu officio com primor. No meio desta crassa ignorancia observa-se huma filaucia tal, que o mestre de hum ou outro officio desdenha sempre das obras de perfeição, que vê sahir da Corte, ou d'algumas outras partes, não querendo jámais corrigir os seus erros pelos modellos, que se lhe offerecem; esta indocilidade, este ignorante orgulho he huma das causas da decadencia das artes mecanicas em Monte Mor o Novo.

Este mal he de facil remedio; para abater o mecanico orgulho, será optima providencia introduzir na povoação bons officiaes, ou mandar aprender os mancebos naquellas Cidades e Villas, aonde se ensina o primor das artes, ligando-os depois a estabelecerem-se no lugar do seu nascimento.

ARTIGO VIII.

Das feiras publicas.

TEm Monte Mor o Novo duas feiras publicas, que se fazem no seu recio no primeiro do mez de Maio, e no primeiro Domingo de Setembro de cada hum anno; são compostas de lojas de mercadores, de capella, de mercearia, quincalharia, chapelaria, sola, louças, diversas obras de palma do Algarve, &c.

Vende-se nestas duas feiras muito gado de todas as especies, vacum, lanigero, cabras, ovelhas, porcos, cavallos, mulas, e burros, sendo mui famosa a feira de Maio, pela abundancia de bom gado vacum.

Além

Além destas duas feiras ha outras, reguladas pelas Leis Municipaes, que impõem aos Lavradores e criadores a obrigação de fazer feira no recio desta Villa com os porcos dos seus montados, em alguns dos dias de Santo Andre, Nossa Senhora da Conceição, e S. Thomé; e a quaesquer outros individuos, que engordão porcos, em algum Domingo ou dia Santo, não sendo dos acima referidos.

ARTIGO IX.

Da Agricultura de Monte Mor o Novo, e dos seus diversos ramos e producções, etc.

ESte objecto o mais importante, e o primeiro da Nação Portugueza, que fecunda todos os outros ramos, e lhes dá a sua felicidade e prosperidade, este manancial de riqueza e firme esteio de grandeza faz a parte mais consideravel e essencial da Villa de Monte Mor o Novo; por isso devo apresentar aos meus leitores as averiguações e indagações, que, segundo o estado dos meus conhecimentos, pude fazer.

Já indiquei em outro lugar a extensão do termo de Monte Mor o Novo, vou agora apresentar os differentes objectos agronomicos que nelle se encontrão: 779 farrejaes, 298 herdades, 113 courellas e sesmarias, 545 olivaes, 813 quintas e pomares, 42 vinhas constituem a principal grandeza e felicidade do povo de Monte Mor o Novo.

Natureza e qualidade do terreno em geral: modo da cultura dos coutos.

Deixando agora a verosimil opinião dos Filosofos, que nenhum terreno póde considerar-se esteril (*a*), eu passo a

(*a*) Tem observado os Chimicos que a terra simplesmente não póde constituir por sua natureza a nutrição dos vegetaes; que he necessario combinar as materias substanciaes, que lhes dão o alimento, ou expo-la á influencia da atmosfera, que contém muitas daquellas materias; por este modo abandonão a divisão de esterilidade e fertilidade, e julgão que todo o terreno o mais ingrato se fertilisa com a industria.

a referir brevemente o que encontro no terreno de Monte Mor o Novo; este compõe-se por humas partes de terra preta, argilosa, vermelha e compacta, e por outras de terra delgada e areenta.

O terreno mais bem cultivado desta Villa he aquella parte, a que chamão Coutos, ou porções de terra mais proxima á povoação: a sua cultura faz-se de dois modos, a que chamão serodia e temporã; verefica-se a primeira, cortando a terra nos mezes de Janeiro, Fevereiro, e Março, semeando neste ultimo e depois, e gradando; no seguinte anno verefica-se a segunda, semeando-se o alqueive feito, e lavrando-se.

Os proprietarios destes campos cuidão muito em os adubar já com os bardos das ovelhas, já com os estercos das cavalharices; daqui vem que as melhores searas, que annualmente se colhem, são aquellas que produzem os farrejaes dos Coutos.

Herdades, sua cultura e tratamento.

As herdades ou são de terra campa, ou de mato; humas e outras tem a sua cultura dividida em folhas, que são de tres e quatro annos nas primeiras, e de seis e sete nas segundas. As searas das herdades de terra campa são serodias ou temporãs; pratica-se a cultura das primeiras na terra forte, charruando-a no mez de Janeiro, Fevereiro, e Março, e logo semeando; e na terra delgada, abrindo-a naquelles mezes, depois cortando-a, semeando-a, e gradando-a (*a*). As

(*a*) Quando as searas serodias são de milho, costumão os bons Lavradores fazer o seguinte trabalho: hum mez antes de Abril e Maio charruão as terras menos humidas, e hum mez antes de S. João as terras mais humidas, passando immediatamente a grada-las; a este serviço chamão abafar. Logoque chegão aquelles mezes, tornão a charruar, semeando e gradando immediatamente. Nasce o milho, cria algumas folhas, faz o Lavrador o outro trabalho, a que se chama sacha, que he o mesmo que huma cava feita com pequena enchada, deixando ficar cada huma planta na distancia conveniente para bem vegetar. Depois passa a outro trabalho, a que chamão arrendar, ou chegar a terra proxima ao milho,

As temporãs fabricão-se da seguinte maneira: no mez de Janeiro e seguinte principia o Lavrador a alqueivar a folha, torna a cortar a terra no mez de Maio, e nas primeiras agoas do mez de Outubro e seguintes lavra e semea: no anno que se segue faz o mesmo á outra folha, lavrando e semeando de Outubro por diante o terreno da folha passada, a que chamão relvas.

As herdades de mato só admittem searas temporãs; se exceptuarmos pequenas porções proximas ao Monte, (assim se chama á habitação do Lavrador) em que se observa a pratica dos coutos, a maior cultura reduz-se ao seguinte trabalho: corta-se o mato, a que os homens do campo chamão roças, no mez de Maio, depois no mez de Agosto e seguintes abrazão-se todas essas roças, sobre as cinzas do mato, e simultaneamente de muitas e importantes arvores criadas, e que vão a criar-se; lança-se a semente e o arado nas primeiras agoas, que cahem sobre a terra.

Quem lançar hum golpe de vista sobre as minhas averiguações, dirá huma e muitas vezes, que Monte Mor o Novo, aonde se encontrão 298 herdades, (predios os mais consideraveis) podia fazer as delicias suas, communicando-as a todo o Reino em abundancia: não se preenche todavia a esperança do observador; a pouca cultura, a inercia dos habitantes, a sua indocilidade, o immenso afinco ás suas opiniões fazem decahir tanto a povoação, quanto ella podia prosperar em beneficio seu e da Nação.

As herdades, estes famosos predios compostos das interessantes arvores de sobro e azinho, e de grandes terras, ca-

---

de maneira que faça hum monte á roda de cada planta. Isto mesmo se pratica nas searas dos grãos e feijões, não levando o trabalho, a que chamão arrendar. Os máos Lavradores charruão huma só vez, semeando e gradando immediatamente, e dando huma só sacha ao milho, depois de nascido.

Nos meloaes trabalha o Lavrador a terra do seguinte modo: no mez de Fevereiro e Março charrua e grada, em Abril e Maio torna a charruar, e logo corta a terra duas vezes com o arado, e depois semea e grada. Nascida a planta, pratíca o mesmo, que nos milharaes.

caminhão todos os dias para a sua ruina pela vergonhosa vereda do desprezo; eu vejo huma grande parte dellas tratadas de cavallaria, e que, podendo dar muitos moios de pão, nada mais produzem doque pastagens (*a*), que com o andar do tempo, em terra inculta, offerecem menos vantagem, do que sendo nascidas em hum terreno cultivado (*b*).

Levando o mesmo golpe de vista aos montados, observo huma grande parte sem alimpação alguma, rodeadas de mato as suas arvores: não tendo a ellas chegado a podôa, o machado, o enchadão, e o arado, offerecem áquelles, que assim as tratão, a producção de que se fazem dignos, em vez dos grandes fructos, que poderião colher.

As carvoarias, arte que o inverno inventou, tem sido o mimo de muitos proprietarios, que destruirão em hum só dia as arvores de muitos seculos, pelo sordido interesse de poucos momentos.

Não he a falta de legislação, que deixa correr este mal: além das Leis do Codigo Nacional, tem Monte Mor o Novo bellissimas Posturas e constituições Municipaes, que rigorosamente pertenderão evitar tantos prejuizos; nesse Codigo domestico e privativo de Monte Mor, de que já fallei em outro lugar, acha-se huma Postura, em que se prohibem as escavações das arvores, e os córtes pelo pé, debaixo de gravissimas penas, e dão-se muitas providencias sobre os fogos; esta famosa Lei Municipal he devida ao cuidado e zello do immortal Varão, o Ex.mo D. Rodrigo de Sousa Coutinho, pela Ordem expedida ao Corregedor da Comarca de Evora no dia 6 de Maio de 1803. Todavia tan-

(*a*) Quando leio em Plinio, que na Beócia e no Egypto produzia muitas vezes hum grão de trigo cem espigas, lamento ainda mais a falta de cultura de muitas herdades, que priva a Nação de tão consideraveis recursos.

(*b*) Advirto neste lugar, que Monte Mor o Novo não tem prados artificiaes, porém não he cousa impraticavel nos seus campos: aindaque o Alemtéjo he arido, todavia Monte Mor o Novo he huma daquellas povoações, que abunda de nascentes e fontes, que se podião aproveitar para o arteficio dos prados, tendo para isso bellissimos sitios, onde a mão industriosa os poderia fazer.

tos cuidados, tantos disvellos pela Patria tem sido mallogrados; a parte difficil da Lei (a sua execução) não tem sido satisfeita; no meio de tão bellas providencias trabalha impunemente o destruidor machado do hediondo carvoeiro, cerceando em hum dia, sem ordem nem escolha, immensidade de arvores, e reduzindo a planicies espessos montados (*a*). Eis-aqui a deploravel situação de huma grande parte das herdades de Monte Mor o Novo.

Olivaes.

Levando o mesmo golpe de vista á cultura dos olivaes, ramo de toda a importancia desta Villa, observo multiplicados desleixos, encontrando apenas hum ou outro cultivador diligente; vejo pela maior parte hum extenso arvoredo cheio de mato, sem alimpação alguma tanto no terreno, como nas arvores; corro com a vista a immensidade de olivaes, e não vejo actualmente hum tanchão, huma enxertia nos zambujeiros para multiplicar tão importante arvoredo (*b*). A ferrugem, molestia que ha muitos annos contagiosamente tem destruido os olivaes, apenas encontra os golpes de alguns proprietarios; a maior parte destes deixa crescer de dia em dia este ruinoso mal, menoscabando tantos

(*a*) Os Rendeiros ou Coimeiros, a quem incumbe fazer desviar muitos destes e outros males, que todos os dias carregão sobre a Agricultura desta Villa, são, em vez de remedio, novos golpes, que augmentão a sua decadencia e ruina; aquelles homens, quando fazem o seu ajuste e publica arrematação, contão com o que recebem do Lavrador, e muitas vezes tem á vista hum mappa das quantidades dos generos e dinheiros, que annualmente sahem da lavoira para estas novas aves de rapina, daqui vem o pouco ou nenhum exercicio do Rendeiro na occupação de que está encarregado, e deste procedimento nascem dois grandes males: 1.° entrar impunemente na seara alheia o gado daquelle que dá a esportula certa; 2.° o grande tributo, que o Rendeiro impõe aos Lavradores. Era para desejar que em Monte Mor o Novo se puzesse simplesmente em pratica a Lei, em que se permitte a qualquer do povo encoimar com huma testemunha os gados, que achar fazendo damno no seu predio; este meio era mais regular e conforme aos interesses da Lavoira.

(*b*) O abandono dos gados pelos Coutos, aonde se acha a maior extensão dos olivaes, he huma das causas deste mal.

tos remedios, produzidos pelas experiencias de homens observadores.

Hum dos grandes prejuizos que observo nos olivaes, he o methodo de varejar, ou lançar abaixo a azeitona para ser apanhada; vai acima da arvore hum homem de boas forças, e com hum páo mui forte a castiga desapiedadamente, lançando abaixo não só a azeitona, mas tambem muitos ramos e folhas, deixando a oliveira inteiramente nua e atormentada; daqui vem a pouca ou nenhuma producção dos olivaes no anno seguinte, e a triste nomenclatura de *anno de novidade*, e de *anno contrario*. O melhoramento deste ramo he a emenda dos males apontados, mui facil de ser praticada.

Quintas, e pomares.

Fez a natureza em Monte Mor o Novo hum paraizo, dando-lhe as mais bellas quintas e pomares cheios de fertilissimas arvores, que, produzindo deliciosos fructos, pela sua abundancia e variedade, regalão e saboreão não só os seus habitantes, mas tambem muitos outros povos em huma grande parte do anno.

Estes predios dividem-se em dois ramos, de espinho e de caroço; aquelles produzem bellissimas laranjas da china, doces e azedas, e otimos limões doces e azedos (*a*); estes offerecem as mais bellas e abundantes variedades de fructas, como peras, maçãs, marmellos, nesperas, figos, pecegos, ameixas, ginjas, e nozes (*b*). A maior parte destes predios he composta tambem de plantações de vinha.

(*a*) Ha no Termo de Monte Mor huma Aldeia, chamada de S. Tiago do Escoural, e só ella he composta, pela maior parte, de abundantissimos laranjaes, que não só regalão os seus habitantes, mas tambem muitos povos, aonde são levados os seus fructos. Ahi se achão, além das especies acima ditas, toranjas, cidras, limas, e limões de Santa Helena: de todas as fructas de espinho, de que abunda este bello e agradavel sitio, he preferivel o limão doce, que pode dizer-se o melhor do Reino.

(*b*) Todos estes fructos tem immensa variedade de vista, gosto e sabor; aqui se encontra hum sem numero de especies de bellisimas amei-

Vinhas.

Não foi a natureza escassa em produzir este bello ramo para fazer a completa felicidade do homem de Monte Mor; todavia elle he mais penoso do que proveitoso, pelo afinco, que os habitantes desta Villa tem ás opiniões dos seus avoengos.

Ha dois modos de plantar a vinha, a que os proprietarios desta fazenda chamão de velho, ou de acção; plantar a vinha de velho he deixar crescer e engrossar a vara, e depois formar hum perfeito circulo, a que os vinhateiros chamão velho, que descança em hum terreno em fórma de caldeira, que se descobre com o trabalho chamado escava, e

---

xas, acolá ainda maior variedade de maçãs, deliciosos peros e peras tocão por toda a parte os sentidos dos habitantes de Monte Mor, e aformoseão ás suas mezas. Duarte Nunes de Leão na sua obra intitulada *Descripção do Reino de Portugal*, primeira edição, fallando da excellencia dos fructos, diz assim no cap. 33 pag. 62: « Em Monte Mor as peras de pee » de perdiz pequenas no corpo, mas saborosissimas. De codornos e de » marmellos ha muita abastança.... de Monte Mor o Novo sae a enchen» te dos peros de Rei, que he a mais nobre fruta, que todas as das » castas de maçãs, porque alem de virem, quando a outra fruta se aca» ba, sam de suave cheiro e mui cordiaes, que se não dam em outra par» te de Hespanha: e por sua excellencia se chamão de Reis. »

Posso asseverar aos meus leitores, que todo e qualquer elogio feito á minha Patria, pela grandeza e variedade dos seus fructos, he inferior, elles excedem muito ao que a penna refere. No meio desta abundancia observo já algum desleixamento nos proprietarios destes bons predios. Todos sabem, que o arvoredo envelhece, e que na ordem vegetal ha hum cançasso igual ao que se observa no Reino animal; por isso tendo Monte Mor outr'ora abundantes fructos de certas arvores, hoje apenas tem algumas amostras, por exemplo, das pereiras de Rei, das Flamengas, e de muitas outras, que o pouco cuidado tem deixado perder; os proprietarios vendo o seu pouco fructo, e não reparando que a idade decrepita he a causa disto, tem desprezado a plantação e enxertia daquellas arvores, que nos davão tão saborosos e suaves pomos.

Alem das arvores, de que tenho fallado, tambem se encontrão alguns damasqueiros, porém em menor abundancia, algumas amoreiras, cuja arvore sendo tão importante e recomendavel pelo seu conhecido uso e utilidade, nenhum cuidado merece ao homem de Monte Mor. O terreno de S. Tiago do Escoural he mui proprio e adequado para a plantação destas arvores, e até he susceptivel de admittir a bananeira.

e se cobre com a cava: faz-se a vinha de acção deixando subir e engrossar a vide até formar hum bom tronco.

Dada esta breve noção, devo advertir aos meus leitores, que huma vinha plantada de velho exige sete vezes a mão do jornaleiro, que vem a ser, desempa, rebuça, escava, poda, esvediga, empa, e cava; pelo contrario são bastantes os dois serviços da poda e cava no modo de plantar a vinha de acção.

Apezar da grande vantagem deste segundo methodo, apenas se encontra em Monte Mor huma ou outra vinha desta arte plantada; daqui vem, que o grande dispendio não corresponde ás utilidades da vinha, e que o proprietario, quando não faz pelas suas mãos huma grande parte daquelles penosos trabalhos, desembolça mais dinheiro no amanho das vinhas, do que arrecada quando vende os seus vinhos.

Este grande mal he devido á indocilidade dos habitantes, que de nenhum modo querem despegar-se das opiniões dos seus maiores, coadjuvando-as muito as sinistras persuasões dos jornaleiros para lhes fazer ver, que a vinha plantada de velho dura mais tempo, e produz mais uva (*a*).

Alguns homens prudentes, que tem a sua vinha plantada de acção, e que conhecem a sua grande utilidade, tem pertendido extender este bom methodo para bem do particular e do publico, todavia elles não tem podido dobrar a dura cerviz de huma grande parte dos rusticos proprietarios, que mais depressa deixão perder as vinhas, doque adoptão as lições proveitosas (*b*).

Di-

(*a*) Estas idéas, fomentadas pelos jornaleiros, que tirão mais utilidade dos grandes trabalhos das vinhas, do que o proprietario, são inteiramente falsas e oppostas á observação; eu tenho visto vinhas plantadas de acção muito antigas, e produzirem ainda mais doque as vinhas de velho. Supponha-se por hum pouco, que a sua duração e producção he menor, ¿ não fica isto muito bem compensado com a exclusão de tantos trabalhos, e de tantas despezas?

(*b*) Como o exemplo persuade mais ao homem de poucas luzes, tenho eu pertendido muitas vezes convencer por este modo aos proprietarios de vinhas da minha Patria, fazendo-lhes ver, que as grandes vinhas do Doiro e Ribatejo são todas plantadas e formadas de acção; os meus trabalhos tem sido baldados, e a minha voz similhante áquella, que clamava no deserto.

Diversidade de trabalhos, e preço dos trabalhadores.

Os trabalhos principaes nos diversos ramos de lavoura, de que tenho fallado, são os seguintes, esmoitar ou limpar as terras ou os montados por baixo, em cujo trabalho ganha hum jornaleiro o diario de 360 até 400 rs.; desbastar as arvores, cortando-lhes os ramos inuteis e prejudiciaes, neste trabalho ganha 480 até 600 rs.; roçar e arrotear as terras 480 até 500 rs. Vem depois os trabalhos da sementeira de 400 até 440 rs., de arrelvação de 300 até 320 rs., da cava dos milhos, meloaes &c. de 400 até 480 rs., da ceifa do pão de 600 até 800 rs., da malha e debulha, de 400 até 480 rs. Estes trabalhos dizem respeito ás herdades (*a*).

Pelo que pertence ás vinhas, ganha hum jornaleiro na desempa e rebuça 400 rs., na escava 500 até 600 rs., na poda e empa 480 até 500 rs., na esvediga 400 rs., na cava 600 até 650 rs.

Nos olivaes pratica-se o trabalho de esmoitar e enterreirar, em que o jornaleiro ganha 400 até 480 rs., e o mesmo no varejo da azeitona, em cujo apanho ganhão as mulheres, que fazem este trabalho, 200 até 240 rs. (*b*).

Estrumes.

Os estrumes de que lança mão o Lavrador para adubar as suas terras são os animaes; os vegetaes e os mixtos, que se considerão os mais uteis e abundantes, tem mui pouco

(*a*) Ha tambem outro trabalho, a que chamão monda, ou arranca das hervas nocivas, que nascem entre as searas, cujo trabalho feito por mulheres, a 100 até 160 reis por meio dia, não he igualmenre praticado; apenas se usa nos Coutos, e nas searas proximas ao monte ou casas do Lavrador. Nas quintas e pomares, aonde não ha vinhas, mas só arvoredo de fruta, despende o proprietario com os trabalhos da escava e cava.

(*b*) Todos estes jornaes são calculados de huns annos por outros, comendo o jornaleiro á sua custa.

co uso nos campos de Monte Mor: o gado lanigero tão proveitoso ao Lavrador deixa com a morte na terra fria cheia de gelo o estrume, que com as camas de palha se podia augmentar e melhorar, evitando ao mesmo tempo a morte do utilissimo animal.

Aparelhos ruraes.

Os instrumentos ruraes, de que usa o Lavrador de Monte Mor o Novo no serviço da terra, são os que geralmente se conhecem. A charrua he hum dos mais perfeitos e uteis, de que o Lavrador lança mão para romper a terra, e fazer as suas sementeiras serodias de tremez, milho, e meloaes. O arado he geralmente empregado nas lavras temporãs; aindaque este instrumento he susceptivel de perfeição e artificio nas suas relhas e aivecas, para melhor romper a terra, e cançar menos o util animal, todavia he superior a muitos que tenho visto em algumas Provincias. Usão tambem os Lavradores de outro instrumento, a que chamão gradê, com dentes de ferro, para esmagar e desfazer os torrões, e aplainar o terreno lavrado.

De todos os aparelhos o mais proximo á perfeição he a carreta, em que o Lavrador conduz os generos e producções da terra; esta maquina rural excede muito aos carros, que tenho visto em algumas Provincias; as suas rodas maiores que as dos carros, e mais bem construidas, tem huma maior mobilidade, economisão as forças dos bois, e fazem menor estrago nas estradas.

Grãos, suas diversas especies.

Os diversos grãos, que geralmente se colhem nos campos de Monte Mor o Novo com maior abundancia, são os seguintes, trigo branco, anafil, galego, tremez, centeio, e cevada: são ainda de huma cultura mui diminuta o milho e arroz; os Lavradores antigos desprezárão inteiramente a in-

interessante cultura destes generos, e ainda hoje ha muito descuido, de maneira que a cultura deste segundo genero reduz-se a huma mera curiosidade de hum ou outro Lavrador. Ha tambem varias semeaduras de grãos, de feijões de diversas especies, de chicharos, favas, ervilhas, lentilhas, e tremoços.

Podião os campos de Monte Mor produzir com mais abundancia alguns generos, que as outras Provincias cultivão muito, como batatas, que, tendo hum uso tão proveitoso na casa do Lavrador, são quasi despresadas; apenas se encontrão pequenas semeaduras feitas por curiosidade; e ha poucos annos, que hum ou outro individuo lança á terra pequenas porções, em vez de muitos moios, que as outras Provincias semeão.

Animaes, sua variedade e numero.

Principiando pelo gado vacúm, conta Monte Mor o Novo no exercicio da lavoura 1566 bois, 55 toiros, 1961 vaccas, 583 bezerros e vitellas; 8140 carneiros e ovelhas fazem a parte do gado lanigero; tem 6890 cabras e chibatos, 4701 porcos e porcas (*a*), 34 cavallos, 106 egoas, 28 potros, 67 machos e mulas, 493 burros e burras.

Estes diversos numeros de animaes levados á somma total dão 24626 cabeças, que os campos de Monte Mor annualmente sustentão (*b*).

Posso asseverar, que as castas destes animaes são boas geralmente fallando; o boi dos campos de Monte Mor he grande e formoso, e tem muitos dos requisitos e qualidades,

(*a*) Os montados das herdades engordárão no anno de 1814, 3184 cabeças de porcos; podem, segundo o arbitrio dos Lavradores, engordar huns annos por outros 2147 cabeças.

(*b*) Esta relação he tirada das informações dos Juizes da Vintena. Tenho lido em alguns Corografos Portuguezes, que os campos de Monte Mor o Novo sustentavão outr'ora mais de 40000 cabeças de diversos gados, de cujo facto (sendo filho de averiguação) bem se deduz o quanto tem diminuido este importante ramo da Lavoura.

des, que Culumella aponta para se dizer perfeito (a). O gado lanigero he das boas castas que se encontrão no Reino, assimcomo as cabras e as porcas; muito inferior he a raça cavallar pelo máo regimen em que se acha a administração das caudelarias, de que já fallei em outro lugar.

Molestias dos gados, suas curas e remedios.

Fazendo meramente hum esboço mui geral deste assumpto devo dizer, que as molestias dos gados devem ser apontadas entre os males mui fataes, que annualmente soffre a lavoura de Monte Mor o Novo; eu tenho visto morrer em poucos dias grandes porções de gado vacum; em alguns annos perde o Lavrador huma grande parte, e ás vezes todo o rebanho do gado lanigero: de verão e inverno eu vejo ás costas dos pastores hum sem numero de ovelhas mortas; as cabras e os porcos soffrem tambem as suas enfermidades, porém não são atacados tão geralmente.

As causas destas molestias são muitas, entre ellas podem apontar-se o máo uso das agoas no verão, as humidades a que o gado fica exposto no inverno, e os pastos não bem sasonados, com que se sustenta e nutre. Nesta materia ha sem duvida muita ignorancia e muito desleixamento; podião os Lavradores ter agoas limpas, fontes e tanques arranjados, e desta arte evitar muito prejuizo; podião conservar os gados em cabanas no tempo do inverno, fazendo-lhes camas de palha, como se pratica em muitas partes, e aproveitar depois o estrume misto, mais util, e mais abundante: a tudo isto chamão esses homens rusticos theorias impraticaveis, que jámais podem verificar-se nos grandes rebanhos; porém he a sua ignorancia e o seu desleixamento, que não lhes deixa enxergar huma verdade manifesta; he a sua indocilidade e obstinação, que lhes tira o uso da razão para não conhecerem que he melhor con-

(a) Lib. 6 cap. 1 de Re rust.

servar em cabanas huma menor porção de gado lanigero, que vive, que produz melhor, e utiliza tantas vezes a casa rustica, do que ter grandes rebanhos, que morrem expostos ao rigor do inverno, deixando apenas algum estrume na humida terra, que lhes fez perder a vida. O monopolio das herdades deve tambem ser apontado entre as causas das molestias dos gados; o desprezo da cultura da terra faz produzir más pastagens, estas são devoradas muitas vezes pelos gados apenas sahem da terra, e por isso no meio da gordura dos gados observão-se mortiferas enfermidades.

A Arte veterinaria he inteiramente desconhecida nos campos de Monte Mor; apenas se encontra hum ou outro Empirico, ou Curandeiro, que tem o seu *Cavaco*, e outros de igual lote, que lhe servem de guia na applicação dos remedios.

Colmeias.

Em outro tempo abundou Monte Mor o Novo deste artigo, ainda hoje tem em algumas Parochias ruraes boas e bem construidas silhas de colmeias, porém em geral encontrão-se pequenas porções mui divididas. Segundo as informações que pude obter dos Curas, e dos Lavradores, podem regular-se ao todo em 5700 cortiços, cada hum dos quaes em huns annos por outros poderá produzir duas a tres canadas de mel, sendo feita a cresta regularmente.

Este mimo produzido no meio da lavoura bem merece ser levado ao gráo de augmento, em que se achava nos tempos antigos; os campos de Monte Mor são mui bellos para favorecerem este augmento, huma vez que se desterre a perguiça inherente a este povo, a cuja molestia he muito atreito.

Caça e pesca.

Como o Termo de Monte Mor o Novo he cheio de muitas herdades de mato, e terra campa, abunda por isso de

de muita caça; a cada passo se encontrão perdizes, coelhos, lebres, alguns javalins, viados, e corças; abunda tambem de perniciosos lobos, raposas, e outros animaes carniceiros.

As ribeiras de Monte Mor, principalmente a chamada de Canha, tem abundancia de bellissimos peixes, como barbos, bordallos, eirozes, bogas, e pardelhas.

As sabias regulações que prohibem o uso da caça nos mezes, em que a natureza se recreia em passar á posteridade a nova geração das aves e dos quadrúpedes silvestres, são inteiramente desprezadas nos campos de Monte Mor, he nesse tempo que o caçador mata maior numero de aves; chamando os perdigões atraiçoadamente com o reclamo, deixa viuvas no campo immensas perdizes; milhares de estratagemas praticão os caçadores para apanhar e matar os animaes nos seus dias mais deliciosos (*a*): os guardas dos gados destroem huma grande parte dos ninheiros das perdizes, e de outras muitas aves, que chegão a vender algumas vezes na povoação.

Tambem a pesca soffre muitos abusos; a Camara desta Villa tem prohibido a pesca de redes em certos sitios da ribeira de Canha, e os Rendeiros coimeiros devem vigiar pela observancia desta determinação; todavia nada ha mais frequente do que a pesca de redes nesses sitios vedados. Póde dizer-se que na pesca da ribeira de Canha ha tambem o seu monopolio; certos homens na occasião em que o peixe vai a subir, fazem atravessar redes, e não deixão gozar os outros tanto do divertimento, como da utilidade da pesca. As cocadas na primavera he de todos o peor mal; usão muitos desta depravada arte, que aonde ella se executa faz morrer todos os peixes.

(*a*) Tenho observado no campo homens tão ardilosos nesta materia, que sabem fazer certas chiadas, como os coelhos, para se ajuntarem; deste modo matão muitos.

Producções dos diversos generos.

Para entrar no conhecimento das producções dos diversos generos de Agricultura, averiguei e examinei escrupulosamente a arrecadação dos dizimos, que se faz mui variamente; porque ha aqui dizimos geraes e particulares, que tem por isso differentes arrecadações; fiz este exame respectivamente aos annos de 1813, e 1814, e o resultado dá a seguinte producção.

No anno de 1813, trigo de todas as especies 113430 alq., centeio 39980 alq., cevada 35685 alq., milho grosso e miudo 5560 alq., feijão 740 alq., favas 440 alq., azeite 18146 alq., mosto 10737 almudes e meia canada.

No anno de 1814, trigo 110960 alq., centeio 59430 alq., cevada 36155 alq., milho 5080 alq., feijão 1030 alq., favas 655 alq., azeite 1728 alq., mosto 20020 almudes (a).

Processos dos productos da natureza.

Huma das consideraveis perdas, que tem a Villa de Mon-

(a) Este computo he o mais exacto e proximo á verdade; não será possivel achar outro melhor; apenas ficão fóra do alcance aquellas pequenas porções, que não chegão a cinco, e que por isso não são dizimadas, á excepção do azeite, que todo he dizimado, e por este motivo o calculo acima referido póde considerar-se de huma verdade absoluta.

As tres porções de trigo, centeio, e milho dão no anno de 1813 a somma total de 158970 alqueires, e no anno de 1814 175470 alqueires: estas quantidades não chegão para o sustento dos habitantes; a menor porção que póde aqui arbitrar-se a cada individuo, geralmente fallando, he de 30 alqueires, porque os homens de Monte Mor comem muito pão, que he o sustento precipuo dos habitantes do campo, cujas mezas abundão sempre deste genero; em muitos trabalhos os jornaleiros só comem migas, e açordas, que he huma vianda composta de pão, azeite, e agoa; eu tenho visto os homens do campo comerem esta vianda, misturando-lhe ao mesmo tempo mais pão Dando-se pois a cada individuo 30 alqueires de pão, e sendo a população de 6291 individuos, fica evidente que não chega a producção para a população; porque sendo indispensaveis para esta 188730 alqueires das tres especies, pelas sommas acima referidas vem a faltar para aquella 29760 alqueires no anno de 1813, e 13260 no anno de 1814.

Monte Mor o Novo, e lhe faz diminuir muitos gráos da sua prosperidade, de que ella muito bem podia gozar, he a ignorancia, e mais o desprezo e desleixamento dos habitantes ácerca da manipulação dos productos da natureza.

Nas aceifas, malhas, e debulhas do trigo, centeio, cevada &c. pratica-se aqui o penoso trabalho, que se observa em todo o Reino, com a differença que nos calcadouros para debulhar o trigo usão os Lavradores, pela grande falta de egoas, de vaccas e novilhos, que, não fazendo tão prompto serviço como as egoas, arruinão-se facilmente com grave prejuizo da lavoura, que parece ter destinado as vaccas para produzir, e os novilhos para o arado.

Fallando do fabrico do vinho, e do azeite, póde dizer-se, como em proverbio, boa uva, boa azeitona, porém máo vinho, e máo azeite (*a*). Esta bella povoação tem algum vinho e azeite digno da meza escolhida, porém os cuidados particulares, e o arranjo de alguns proprietarios não desfazem a regra quasi geralmente adoptada; as maquinas, em que se faz o processo daquelles productos, são mal construidas, e as pessoas empregadas neste serviço sabem muito pouco para o exercitarem. Colhida a uva, muitas vezes verde, e mal sasonada, he lançada indistinctamente na lagariça, e ahi mal espremida deixa cahir para a dorna a primeira agoa, ficando na pelle o melhor succo, que torna o vinho mais forte, mais durador e bello; he então conduzido o mosto em coiros para lugares distantes, e ahi se lança em grandes vasos de barro, ou talhas. Deste pequeno esboço já se vê, quão defeituoso he hum tal processo, e quão util seria a sua emenda.

Deste pessimo modo de fazer vinho succede, que os ha-

(*a*) Pela lição dos escriptores observa-se, que esta Villa teve outr'ora muito bom azeite. Duarte Nunes de Leão no cap. 25 pag 49 ỳ., fallando ácerca deste genero diz: « Em bondade e sabor o de Evora, Alvi» to, Torres novas, Monte mor o novo, donde se soia levar para as » cozinhas dos Reis. »

habitantes de Monte Mor não gozão da bella planta que o produz, podendo ter na sua terra o vinho igual áquelle que os homens mais ricos comprão fóra destes sitios, para se regalarem nas suas mezas.

Neste vergonhoso modo de fazer vinho encontro tambem outro mal consideravel; como elle he composto da primeira agoa, deixando na pelle o melhor succo, pela falta de trabalho que se lhe deve fazer no piso, não tem duração alguma; huma grande porção de vinho he vendida na proximidade da colheita, e muitas vezes mal fervido se dirige para a barriga do pobre jornaleiro. Conservar os vinhos mais de hum anno he cousa rara e difficil em Monte Mor.

Seria para desejar que de huma vez se lançasse por terra tão ruinoso methodo, e que o homem de Monte Mor aprendesse nas Provincias, aonde se sabe o util processo de fazer vinho, e que este fosse praticado na minha patria: tal he o melhoramento, que engrandeceria muito esta Villa em hum ramo de tanto lucro.

Passando á manipulação do azeite, he sem duvida hum facto bem vergonhoso para a minha patria, que vinte e cinco lagares não tenhão hum só individuo, que se dedique áquelle trabalho! Homens da Provincia de Tras-os-montes e Beira são os que se empregão annualmente no serviço de fazer azeite; estes mestres, aproveitando-se da inercia dos habitantes de Monte Mor, cogitão simplesmente nos seus interesses, amontoando muita azeitona em tulhas mal preparadas, aonde a demorão por muitos tempos, fazendo o azeite, quando já tem perdido grande parte delle; desta maneira está reduzido a hum monopolio o methodo de fazer azeite.

Seria tambem para desejar, que os habitantes de Monte Mor deixassem a inercia, de que elles muito gostão, e que se entregassem deveras ao fabrico do azeite, arranjando as suas maquinas, de que ha tantos modellos insinuados pelos sabios Physicos, fazendo dellas tal uso, de que proviesse mais e melhor producção de azeite.

Me-

Melhoramentos da Agricultura.

Tantos males, tantas ruinas tenho eu apontado no interessante ramo de Agricultura da minha patria; eu tenho tocado de envolta alguns remedios; e jáque não he da minha alçada cura-los, como escritor inculcarei mais alguns melhoramentos tendentes a beneficiar a lavoura.

Huma exacta observancia das nossas Leis Agrarias, reduzidas a hum novo systema, que se encaminhe ao progresso e prosperidade da lavoura, como he de esperar das luminosas idéas do nosso seculo, seria hum dos primeiros melhoramentos para a prosperidade da Agricultura de Monte Mor o Novo, e simultaneamente da Provincia do Alemtéjo. Os ajuntamentos sociaes de Agricultura tão reccommendados por habilissimas pennas, a educação e instrucção dos Lavradores (*a*), a diminuição notavel dos encargos, que carre-

(*a*) Fazer educar o mancebo nos diversos ramos da lavoura poderá ser huma das funções das sociedades de Agricultura; este objecto he sem duvida hum dos mais interessantes para o melhoramento; porquanto temos visto que a ignorancia, o desleixamento, e indocilidade dos habitantes he huma das grandes causas do atrazamento dos diversos ramos da lavoura de Monte Mor, e dos processos dos seus productos. He decididamente vergonhoso desprezar a educação e instrucção do mancebo em huma arte, sem a qual nada póde existir; são terminantes as admirações de Columella a este respeito; eu as refiro. *Atqui ego satis mirari non possum, quid ita dicendi cupidi seligant oratorem, cujus imitentur eloquentiam, mensurarum, & numerorum modum rimantes, placitæ disciplinæ consectentur magistrum; vocis & cantus modulatorem, nec minus corporis gesticulatorem scrupulosissime requirant saltationis, ac musicæ rationis studiosi; jamque qui ædificare velint, fabros & architectos advocent; qui navigia mari concredere, gubernandi peritos; qui bella moliri, armorum, & militiæ gnaros; & ne singula persequar, ei studio, quod quis agere velit, consultissimum rectorem adhibeat; denique animi sibi quisque formatorem præceptoremque virtutis e cætu sapientûm arcessat: sola res rustica, quæ sine dubitatione proxima, & quasi consanguinea sapientiæ est, tam discentibus egeat, quam magistris. Adhuc enim scholas rhetorum, &, ut dixi, geometrarum, musicorumque, vel quod magis mirandum est, contemptissimorum vitiorum officinas, gulosius condendi cibos, & luxuriosius fercula struendi, capitumque & capillorum concinatores, non solum esse audivi, sed & ipse vidi: agricolationis neque doctores, qui se profiterentur, neque discipulos cognovi: cum*

regão sobre aquella arte, que sustenta o mundo, a estimação decimal bem regulada (*a*), a honra e distincção, os privilegios e isenções dadas aos Lavradores, o engrandecimento da sua fecunda arte (*b*), a reforma dos rendeiros coimeiros, a abolição de muitas posturas, huma nova collecção deste Codigo municipal, e sobre tudo a obrigação de cultivar a herdade o proprio dono, projecto praticavel pelos aforamentos, poderáõ ser contados entre os remedios conducentes a desviar o mal, que a minha patria soffre, e de que não está isenta a Provincia (*c*).

Só

etiamsi prædictarum artium professoribus civitas egeret, tamen, sicut apud priscos, florere posset Respublica. De Re rust. Lib. I.

Nós temos mestres e discipulos de Agricultura, porém nem huns, nem outros a praticão.

(*a*) A arrecadação dos dizimos he feita pelas mãos dos rendeiros, que por todos os meios tratão de enriquecer á custa da lavoura; chegando á sua ousadia ao ponto de estimarem arbitrariamente o preço do genero, quando o Lavrador não póde satisfazer a tempo, fazendo pouco caso das regulações da Camara.

(*b*) Huma observação deduzida da Historia Romana deixa em ponto claro a proposição, que o augmento de Agricultura ou a sua decadencia anda na razão do apreço ou desprezo que se faz do Lavrador. Emquanto Roma se dignou limpar o suor ao Lavrador, tira-lo do arado para as Dignidades, até ao sublime emprego de Dictador, vio ella os seus campos cheios de fertilissimas searas; quando porém entregue nos braços do luxo e dos gostos deixou aos escravos o nobre emprego de Lavrador, bem de pressa se tornárão estereis aquelles mesmos campos, que com a sua fertilidade e abundancia fizerão a felicidade dos antigos Romanos.

(*c*) Hum dos maiores golpes da lavoura de Monte Mor o Novo, e da Provincia do Alemtéjo he devido ao grande numero de proprietarios, que não cultivão, alguns dos quaes nem ao menos virão os grandes terrenos, que lhes couberão em sorte; daqui vem, que estes proprietarios nada mais cogitão do que augmentar as suas rendas, gravar os Lavradores, e carrega-los de pitanças, quando observão algum augmento no seu predio; este mal ainda he maior quando em massa arrendão os seus grandes fundos, porque o Rendeiro geral, que pertende utilisar simplesmente no espaço do seu arrendamento, usa humas vezes de todos os meios e esforços para augmentar o valor dos predios arrendados; põem pitanças de porcos aonde não ha montados, de queijos aonde não ha ovelhas, de cera aonde não ha colmeias; recebe varias esportulas ao assignar das escripturas, a que chamão luvas, &c. &c.; o desgraçado Lavrador soffre tudo isto só porque não póde desarranjar sua casa, sua familia e gados; despido de esperanças elle cultiva simplesmente para comer e satisfazer as rendas; com o susto que lhe sejão acrescentadas á

Só o poderoso braço do Soberano poderá curar as feridas apontadas, e applicar-lhes os remedios conducentes; feliz agoiro me diz, que hum Principe, hum Pai, hum Legislador, que emprega todos os seus cuidados para beneficiar e providenciar os seus Vassallos, os mais fieis de todo o mundo, fará lembrar os ditosos dias do seu Augusto Avoengo o Snr. Rei D. Diniz, que considerou os Lavradores, *companheiros da naturéza*, *nervos da Republica*.

primeira vista do augmento, despreza inteiramente esta idéa: outras vezes hum bom Lavrador, hum digno chefe de familia, que he o sustentáculo da Nação, se torna em desgraçada victima da sordida avareza do Rendeiro geral, que expulsando desapiedadamente o honrado velho daquella terra, que elle regou por tantos lustros com o seu suor, folga simplesmente com o negocio das pastágens, no corriculo do seu arrendamento.

Alguns proprietarios, Lavradores só no nome, fazem da lavoura não hum util trafico, mas sim hum destruidor negocio, utilisando simplesmente os seus campos em alguns dias de divertimento, e entregando tudo ao cuidado dos feitores e caseiros; para estes homens pois recommendo muito as bellas maximas do citado Culumella no cap. 2., entre as quaes se acha a seguinte: *Nam illud vetus est & Catonis: Agrum pessime multari, cujus dominus quid in eo faciendum sit, non docet, sed audit villicum.*

As Corporações, abusando da Lei, dão as mãos para augmentar o mal; disfructando famosos predios, que devião aforar, fazem humas vezes o mesmo que o Rendeiro geral, e outras vezes imitão aos máos proprietarios; em fim he evidente que hum administrador trienal não emprega os seus cuidados para beneficiar hum terreno, que o seu futuro successor hade utilisar, ou talvez deixar destruir.

Emquanto pois não forem tirados estes grandes estorvos pela raiz, não se espere prosperidade na lavoura Transtagana; a materia não he tão ardua, que se não possa chegar ao alcance dos meios para se obter; para isso he mister que se ouça a voz do Legislador: « Corporações, vós » não podeis exercitar a lavoura, entregai-a ao dominio util de quem cul» tiva. Proprietarios, sede lavradores, ou aforai vossos predios. » Executai á risca esta voz legitima, veremos então caminhar avante todos os ramos de Agricultura; o Avoengo, o Pai gostosos trabalharáõ no augmento do predio, que he a legitima herança dos netos e dos filhos; principiará então hum novo commercio, que se acha amortecido pela estagnação dos predios na mão do proprietario, donde pela sua natureza vinculada não póde sahir; desta arte utilisando o senhorio directo a percepção do *canon* sem despeza, e dos laudemios crescidos pelo augmento do valor do predio, ganhará muito o Estado, vendo florecer o seu esteio e sustentaculo, e entrar no seu erario tantas sommas de novos reditos Reaes, de que á muito tempo se acha privado.

ARTIGO X.

Dos mineraes mais attendiveis.

SEgundo as observações, que pude fazer, alcancei, que em algumas partes do Termo de Monte Mor o Novo se encontrão minas de ferro, e sulfato de ferro.

Na Freguezia de S. Tiago do Escoural tirou hum Lavrador das entranhas da terra porções de ferro, com que fabricou dois arados. Na serra dos Monges das Covas de Montforado, além destas minas, ha muitas porções de sulfato de ferro.

ARTIGO XI.

Das Ribeiras, Pontes, e Fontes.

A Ribeira mais consideravel de Monte Mor he aquella a que os habitantes dão o nome de Canha; a sua corrente he mui proxima á Villa, e cinge as faldas dos montes da antiga povoação pela parte do Sul. Perto do Eremitorio dos Padres de Santa Cruz de Rio Mourinho, de que fallei no Artigo VII., ha outra assim chamada; e na distancia de huma legoa ao Poente encontra-se a pequena Ribeira, chamada da Lage.

Duas pontes de pedra bem construidas dão aos habitantes de Monte Mor o Novo a passagem da Ribeira de Canha; a antiquissima Ponte chamada de Alcacer (*a*), que fica mui proxima á Villa pela parte do Sul, e a Ponte de Evora, que fica para a parte do Norte em pequena distancia, chamadas assim pelas suas direcções (*b*). A pequena Ri-

---

(*a*) He do tempo do Snr. D. Sancho I., que a mandou fazer.

(*b*) Na estrada desta Villa em direcção para a Cidade de Lisboa não havia Ponte alguma sobre a Ribeira de Canha, cuja falta causava immensos damnos; principiou-se esta obra de prosperidade debaixo da direcção do meu bom amigo o digno e habilissimo Inspector João José da

Ribeira da Lage tem igualmente huma Ponte de pedra do mesmo nome.

Goza a Villa de Monte Mor e os seus campos de 565 Fontes, entre as quaes se contão 43 de bellissimas agoas ferreas (a).

ARTIGO XII.

Do Commercio.

EM dois pontos de vista se póde considerar o commercio de Monte Mor o Novo, activo, e passivo (*b*): o trigo, centeio, e cevada nos annos da maior fertilidade fazem o objecto do commercio activo (*c*), dirigindo-se para a Capital do Reino, e para algumas outras terras; o feijão faz o objecto do commercio passivo, assimcomo o arroz, cujos generos nos fornece a Cidade do Porto, a Villa de Setubal, e Alcacer do Sal. O vinho he bastante para os habitantes, todavia entrão todo o anno grandes quantidades de vinho de fóra, que se vende nesta povoação contra as posturas da Camara, que o prohibe. Faz tambem objecto do commercio activo o azeite, que se dirige para a Capital do Reino, e para as Provincias.

I ii As

Veiga, hoje Corregedor da Ilha de S. Miguel, porém infelizmente a devastadora guerra levou as providencias a outros destinos, e a Ponte tão necessaria em huma estrada militar ficou em menos de ametade; era para desejar que não ficassem baldados tantos trabalhos e tantas despezas já feitas, e que se ultimasse huma obra tão proveitosa.

(*a*) Correm muitas destas agoas ferreas proximamente á Villa, são frequentadas pelos habitantes, e applicadas medicinalmente; de todas as mais famosas são quatro Fontes ferreas, que correm na Parochia de São Tiago do Escoural, e huma na de S. Brissos, debaixo do cume de hum monte, a qual ainda nos annos mais secos tem a corrente de huma telha d'agoa; pessoas que vivem em muita distancia anciosamente a mandão buscar.

(*b*) Chamo commercio activo aquelle que os habitantes fazem com as producções do seu local, e passivo ao que lhe provém das cousas existentes fóra da povoação.

(*c*) Nos annos, em que estes generos não chegão para os habitantes, e ainda mesmo no tempo de esterilidade, levão daqui os monopolistas varias porções, que fazem huma consideravel falta nesta povoação.

As fructas, de que tanto abundão estes sitios, entrão em commercio activo; a Capital da Provincia do Alemtejo, e muitas outras terras comem em huma grande parte do anno as bellas e deliciosas fructas, com que a natureza enriquece a minha Patria.

O commercio activo mais consideravel he a carne de porco; mui gordas varas de porcos caminhão daqui todos os annos para a Capital do Reino, e para muitas partes das Provincias. Os bois, vaccas, carneiros e chibatos fazem o objecto do commercio mixto, entrão muitas manadas destes differentes animaes, e sahem tambem muitas, criadas no Termo.

As lãs e diversa coirama da fabrica, de que fallei no Artigo VII., fazem huma parte não pequena do commercio activo que se dirige para as Provincias; não ha porém huma só droga, que não seja objecto do commercio passivo; as de lã e algodão em grande parte vem da Capital do Reino, assimcomo as de seda, que tambem nos fornece a Cidade do Porto, e o Reino de Hespanha; as saragoças a Villa do Torrão, e os chapeos as Cidades de Lisboa e Braga. Alguns pannos de linho se fabricão em Monte Mor, são todavia poucos e mal arranjados; a maior parte dos habitantes usa de pannos de linho da Provincia da Beira.

O sal e o peixe he todo do commercio passivo, que nos fornecem as Villas de Setubal e Alcacer do Sal.

Tem Monte Mor o Novo quatro lojas de Mercadores, duas de Algibebes, e huma de Panneiros, estas comprehendem tambem ramos de capella, mercearia, quincalharia, e alguns comestiveis. Os empregados nestes ramos de negocio são quatro Mercadores e seis Caixeiros, hum Algibebe e Caixeiro, hum Panneiro e seu Caixeiro.

O commercio desta Villa podia estender-se muito em beneficio dos habitantes, e da Nação: melhorada a Agricultura nos diversos ramos, de que ella se compõe, teremos tambem melhorado o commercio; melhoradas as machinas, em que se manufacturão as producções da terra, aperfei-

çoa-

çoadas as artes tão decahidas nesta povoação, teremos novos passos progressivos para o augmento delle; o concerto das estradas publicas, que o tempo e a guerra tem destruido, ultimará as vantagens e prosperidades do commercio de Monte Mor o Novo (*a*).

Additamento ao Artigo IV.

QUando tracei o plano, que devia seguir no desempenho desta Memoria, inclui nelle tambem a relação dos nascidos e mortos por espaço destes ultimos dez annos em todo o Termo daquella Villa; para este fim recorri aos Parochos, aos quaes enviei hum papel mui claro das averiguações, que delles pertendia (*b*).

Eu não pude obter então aquelle facil conhecimento; porque os Parochos das Freguezia de S. Brissos, e de São Sebastião da Giesteira se desculpavão com a falta dos Livros, asseverando que estavão na Cidade de Evora (*c*), e o

(*a*) As estradas publicas fazem huma parte essencial da felicidade dos povos, e do seu commercio; todo o homem, que apenas tem hum vislumbre desta arte, conhece, que debalde produzem as terras com fertilidade, quando os povos não tem estradas capazes de levar aos seus visinhos a abundancia do seu paiz: Deste vehiculo de fecundidade principia Monte Mor a gozar nos dias em que escrevo; as suas estradas estavão mui arruinadas, em muitos sitios não podia passar huma carreta, ou hum carro sem grande risco; a guerra foi causa principal de hum tal estrago, porque tendo-as destruido com os differentes trilhos do trem bellico, não deo tempo de as concertar. O actual Juiz de fóra, o Doutor Cypriano Justino da Costa, tem destinado huma parte dos seus cuidados para este objecto tão importante.

(*b*) Adiante offereço aos meus leitores hum desses papeis de averiguação, e a resposta do Cura rural aos respectivos quesitos. De proposito não quiz usar de mappas mui riscados, cuja complicação se deve evitar na indagação da verdade, mas sim de huma singela relação dos contentos Parochiaes.

(*c*) Nestas ultimas averiguações conheci a futilidade do pretexto; to-

o Cura da Parochia de Santo Antonio das Vendas Novas, patenteava as consideraveis omissões do seu antecessor, que havia negado o devido assento a muitos nascidos e mortos (*a*).

Apezar desta triste circumstancia continuei no meu trabalho, que pude ultimar em ponto exacto, indagando por mim mesmo os Livros das Parochias mais principaes, e aproveitando-me de alguns dignos Pastores, que me ajudárão nesta util tarefa: o Parocho da Freguezia de Santo Antonio das Vendas Novas, pelo facil conhecimento de hum pequeno circuito, poude mui bem supprir as faltas do seu antecessor, de maneira que o mappa manifestado agora ao publico neste additamento he filho de rigoroso exame, e da mais escrupulosa indagação (*b*).

Es-

dos os livros dos assentos dos nascidos e mortos no espaço de dez annos estavão e estão ainda nos cartorios Parochiaes: eu devo muito neste trabalho ao officioso genio do Reverendo José Antonio da Silva, Parocho da Freguezia de S. Tiago do Escoural, o qual não só se encarregou do mais exacto exame da sua Parochia, mas tambem das tres visinhas, S. Brissos, Boa fé, e S. Sebastião da Giesteira, de cujos Parochos eu não poderia esperar respostas, que satisfizessem os meus desejos.

(*a*) Eu presenciei estas faltas, encontrando entre as folhas dos livros dos nascidos e mortos pequenos papeis, que continhão algumas lembranças e declarações, que não forão lançadas no lugar competente.

(*b*) Este trabalho, a que me dediquei, dêo occasião a ver alguns defeitos importantes em certos livros dos assentos Parochiaes; por isso sou obrigado a dizer pelo amor da verdade, caracter que deve ser inseparavel do escriptor, que os livros dos Parochos necessitão de hum arranjamento feito por certo methodo claro e adequado ás suas Parochias; toda a vantagem desta proposição será conhecida no publico, quando se observar que a Carta Estatistica Nacional depende mui principalmente das averiguações Parochiaes; ninguem melhor do que os Pastores Ecclesiasticos póde dar a perfeita e cabal descripção de hum pequeno circuito, aonde tem a sua effectiva residencia para dirigir as almas, e aonde hum espirito de recreio e curiosidade os póde levar ao mais miudo conhecimento daquella parte do seu rebanho, que lhe foi confiada: quando esta verdadeira lembrança se verificar, a passo e passo farão progressos as descripções estatisticas até ao complemento da Carta geral tão importante, e tão desejada.

Parece-me que seria optimo methodo para evitar enganos, e ao mesmo tempo mais facil e prompto haver nas Parochias livros com os dizeres communs impressos.

Este mappa offerece ás vistas de hum leitor amante da sua Patria as mais dolorosas observações. Monte Mor o Novo não entra no numero daquelles sitios os mais doentios da Provincia do Alemtéjo: ¡ quanto he pois para lamentar que huma bella Villa tenha visto diminuir sensivelmente a sua população, morrendo no espaço destes ultimos dez annos 339 habitantes, numero consideravel, que excedeo os nascidos! (*a*) Se este lastimoso facto está verificado na minha patria, ¿ a que ponto de desgraça será levado nessas povoações, que são bafejadas por hum ar impuro; cercadas de pantanos e de immundos charcos, privadas do bom alimento, da abundancia das agoas, e dos soccorros da Clinica? ¡ Que horroroso aspecto offerece á nossa vista esta terrivel comparação!

Não he pois para desprezar huma observação fatal; a perda consideravel da população da notavel Villa de Monte Mor o Novo no espaço destes ultimos dez annos exige providencias bem energicas para toda a Provincia, este ramo he o primeiro a que deve lançar a vista o verdadeiro politico; a falta progressiva dos Vassallos diminue a grandeza do Soberano, e faz cahir a Nação a pouco e pouco até á sua ruina.

Deixo inculcado no Artigo IV. desta Memoria alguns remedios, que me parecêrão conducentes para o desvio dos males, que estorvão a população de Monte Mor o Novo; e apresentando-me o mappa dos nascidos e mortos de todo o Termo daquella Villa, em comparação bem deduzida, huma pavorosa imagem de toda a Provincia, seria muito para desejar os remedios convenientes a tanto mal (*b*).

A

(*a*) Agora se verifica em ponto bem claro, o que eu asseverei no Artigo IV. desta Memoria.

(*b*) Este infeliz resultado não poderá deixar de ferir sobremaneira o coração do politico Portuguez, mui principalmente se eu lhe apresentar nesta nota em ponto verdadeiro o resultado desta bem deduzida supposição; para isto será bastante ler poucas linhas do *Investigador Portuguez em Inglaterra* Vol. 1. pag. 106; ahi achará o mappa da população de Portugal em 1801, que o convencerá da verdade, que tenho deduzido.

A Agricultura da Provincia do Alemtéjo, companheira inseparavel da população, caminha, á muitos tempos, pela calamitosa estrada da perda e da ruina, todas as Memorias e Discursos, que tem apparecido na nossa terra a respeito deste importante assumpto, deixão ver em ponto tão claro como a luz do meio dia a asseveração desta dura verdade. A guerra, que á pouco nos deixou, dêo a ultima demão ao estrago da Provincia Transtagana: todos sabem as mui variadas maneiras desta terribilissima luta; basta que lembre ao bom Cidadão, ao bom patriota, que os Portuquezes se estragárão huma e muitas vezes para enfraquecer o inimigo nas suas arrebatadas invasões, defesa dura, porém necessaria, e de prospero e milagroso resultado.

Se os factos ruinosos da Agricultura do Alemtéjo são visiveis, he mister remedia-los de huma vez com energia, porque he bem sabido que não póde haver população sem Agricultura, e que esta sem aquella tambem não existe; são ambas as simultaneas promotoras da felicidade nacional. Eu já apontei no Artigo IX. desta Memoria alguns remedios, que poderião generalisar-se á Provincia Transtagana, e lembrarei agora, que seria hum passo indispensavel não tirar hum só braço deste terreno, que faz o seu fundo principal nos diversos ramos de Agricultura, cujo objecto he o sustentatulo da Nação em todos os seus periodos. Tropas estrangeiras assalariadas, fazendo o serviço mili-

Na pag. 110 apresenta aquelle mappa a differença dos nascidos e mortos da minha Provincia da seguinte maneira: « No Arcebispado de Evora fez » differença contra a população o numero de 982 do sexo masculino, e » 933 do sexo femenino. No Bispado de Portalegre 100, e 109. No Bis» pado de Elvas 633, e 456. No de Beja 35, 138. »

Combine pois o Portuguez, amante da sua Nação o estado desta Provincia com as outras; observe, que nem sequer hum só Bispado do Alemtéjo offerece aspecto favoravel, antes pelo contrario a mais dolorosa mortandade; lembre-se igualmente, que se a minha Provincia estava no anno de 1801 no calamitoso estado de população apresentado pelo mappa inserido no *Investigador*, a que ponto de desgraça terá chegado hoje este fatal estrago, depois dos visiveis males, que desde então tem decorrido, os quaes fazendo época na historia do Patriotismo Portuguez, tambem a fazem no destroço da sua população.

litar da Provincia, deixarião á Agricultura os braços, que no meio della tem nascido; desta arte hum bom numero de homens, muitos dos quaes se naturalisarião na Provincia, e contrahirião amizades e allianças, faria prosperar a sua Agricultura, e por conseguinte a população (*a*).

Oxalá que eu tenha dito neste fraco esboço, a que me conduzio o funesto mappa, alguma verdade, que possa ser tão util á minha Provincia, quanto são os meus desejos; eu me lisonjearei então com esta Memoria; o Filantropo agradecerá os meus trabalhos, e o Publico conhecerá sempre as grandes vantagens, que a Nação póde tirar das descripções estatisticas.

(*a*) A Suissa, cuja Constituição militar he huma das mais bellas que se conhece, podia fornecer optimos soldados, que preenchessem o numero dos Regimentos necessarios á Provincia do Alemtéjo; este serviço praticado por hum espaço de vinte ou mais annos deixava gozar a lavoura de todos os braços da Provincia, que lhe são roubados no estado da melhor robustez para o duro trabalho do campo; cresserião assim as familias, e apparecerião novos chefes: desta época por diante parece-me que as descripções estatisticas apresentarião huma face agradavel, offerecendo aos olhos do publico mappas do engrandecimento da população e Agricultura, em vez do triste aspecto, com que se manifestão em os nossos dias.

Relação da Freguezia de Santo Aleixo, e resposta do Parocho aos quesitos que nella se contem.

Numero de individuos por especies.

Quantos homens casados	66
Quantas mulheres casadas	66
Quantos viuvos	20
Quantas viuvas	20
Quantos homens solteiros até 30 annos de idade	46
Quantas mulheres solteiras até 30 annos de idade	39
Quantos homens solteiros com mais de 30 annos de idade	42
Quantas mulheres solteiras com mais de 30 annos de idade	24

Numero de individuos por idades.

Quantos tem até 10 annos	54
10 até 20	66
20 até 30	64
30 até 40	69
40 até 50	39
50 até 60	30
60 até 70	4
70 até 80	1
80 até 100	0

Numero dos nascidos.

Quantos nascêrão no anno de		
Sexo masculino	1805	4
	1806	9
	1807	11
	1808	10
	1809	7
	1810	6
	1811	10
	1812	5
	1813	4
	1814	5

Quan-

Quantos nascêraõ no anno de

Sexo feminino	Anno	Número
	1805	4
	1806	6
	1807	5
	1808	7
	1809	6
	1810	9
	1811	7
	1812	5
	1813	4
	1814	13

Numero dos mortos.

Quantos morrêrão no anno de

Sexo masculino	Anno	Número
	1805	8
	1806	11
	1807	12
	1808	9
	1809	7
	1810	12
	1811	10
	1812	11
	1813	12
	1814	6

Quantos morrêrão no anno de

Sexo feminino	Anno	Número
	1805	3
	1806	6
	1807	3
	1808	16
	1809	11
	1810	6
	1811	7
	1812	10
	1813	7
	1814	14

Engeitados.

Quantos nascêrão desde 1805 até 1814 - - - - - - 0
Quantos morrêrão desde 1805 até 1814 - - - - - - 0

Numero dos casamentos.

Quantos se celebrárão no anno de 1814 - - - - - 4

Numero dos fogos.

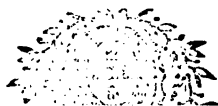
Quantos existem - - - - - - - - - - - - - - - 88

Numero das casas.

Quantas existem habitadas - - - - - - - - - - - 88
Quantas inhabitadas - - - - - - - - - - - - - 14

Numero de individuos por classes.

Quantos Clerigos - - - - - - - - - - - - - 1
Quantos Frades - - - - - - - - - - - - - - 0
Quantos proprietarios de casas, ou predios urbanos - 0
Quantos proprietarios de fazendas, ou predios rusticos de qualquer natureza - - - - - - - - - 9
Quantos individuos que vivem sómente das suas rendas - - - - - - - - - - - - - - - - - - 9
Quantos individuos que vivem da sua industria, ou do seu trabalho mechanico - - - - - - - - - - 39
Quantos individuos que unem qualquer trabalho ás suas rendas - - - - - - - - - - - - - - - 6
Quantos trabalhadores jornaleiros - - - - - - - 48
Quantos creados - - - - - - - - - - - - - - - 49
Quantas creadas - - - - - - - - - - - - - - - 13
Quantos mendigos do sexo masculino - - - - - 3
Quantos do sexo feminino - - - - - - - - - - - 4

Ge-

Generos.

Que generos produzio o terreno? --- Como todo o terreno consta de montados, mais azinho do que sobro, por isso he a boleta sua maior producção, além disto, de tudo o mais ha producções, mas em pouca abundancia.

Houve alguma semeadura de batatas, e quanto produzio? --- Só me consta em quatro freguezes haver cuidado em pequenas quantidades dessa semeadura.

Topographia.

Quantas pontes tem, e sua direcção? --- Ha huma sómente, chamada a ponte da lage, na estrada real de Monte Mor o Novo, para Lisboa.

Tem alguns bosques, e matas, sua situação e extenção? --- Não ha.

Tem algumas serras, e matos cultivados, sua situação, e extenção? --- Em algumas das herdades numeradas infra, ha seus outeiros e serras, mas tudo he cultivado ou por meio de roças, ou por meio de arrancas, mas humas comprehendem mais, outras menos folhas, em que dividem a herdade.

Tem algumas serras, e matas não cultivadas, sua situação, e extenção? --- Nenhuma.

Tem algumas planices cultivadas? --- Quasi todas as herdades tem em redor do monte seus recios, que cultivão mais annos do que o terreno dividido em folhas.

Tem algumas planices não cultivadas? --- Nenhuma.

Quantos valles tem? - - - - - - - - - - - 2

Quantas charnecas? --- Quasi todas as herdades tem seu bocado.

Quantas ribeiras? - - - - - - - - - - - - - 2

Quantas fontes? --- Tantas quantos são os fogos.

Quantas d'agoas ferreas? - - - - - - - - - 4

Agri-

Agricultura.

Quantas herdades tem? - - - - - - - - - - 26
Quantas courellas, e sesmarias? - - - - - - 17
Quantos pomares de espinho? - - - - - - - 0
Quantos pomares de caroço? - - - - - - - 6
Quantas vinhas? - - - - - - - - - - - - 0

Quantos olivaes? - - - Todos os pomares supra tem em redor oliveiras, e algumas herdades e courellas tem suas arvores desta natureza.

Quantas variedades de arvores tem, e quaes são essas variedades? - - - Azinheiras, sobreiras, oliveiras, poucas larangeiras, pinheiros, choupos, loureiros, maceiras, pereiras, ameixeiras, poucas nogueiras, romeiras e figueiras em pouco numero.

Quantos viveiros de arvores tem? - - - - - - 1
Quantas silhas de colmeas?
Quantos cortiços cada silha?
Quanto produz cada silha? } Toda a producção não chega para a freguezia.

Minas.

Ha algumas minas descobertas de ferro, salitre, caparoza &c., e seus sitios? - - - - - - - - - - - 0
Ha algumas pedreiras attendiveis? - - - - 0

Fabricas.

Quantas fabricas? - - - - - - - - - - - - 0
Quantos fornos de cal? - - - - - - - - - 0
Quantos fornos de tijollo? - - - - - - - - 0
Quantos moinhos d'agoa? - - - - - - - - 7
Em que ribeira estão construidos? - - - Na de Monte Mor.
Quantos lagares de uvas? - - - - - - - - 0
Quantos lagares de azeite? - - - - - - - - 1

Of-

Officios

Quantos Albardeiros? - - -	Mestres	Aprendizes
Alfaiates? - - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Barbeiros? - - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Carpinteiros de casas? - - -	Mestres	Aprendizes
Carpinteiros de carretas? - -	Mestres	Aprendizes
Esteireiros? - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Ferradores? - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Oleiros? - - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Sapateiros? - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Serralheiros? - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Surradores? - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Tecelões? - - - - - - - -	Mestres	Aprendizes
Torneiros? - - - - - - - -	Mestres	Aprendizes

E mais algum officio que houver na freguezia será posto aqui.

Nesta freguezia ha sómente hum official de Sapateiro, e hum picapedras, e moleiros tantos quantos são os moinhos.

Confrontações.

Com que freguezias ou termos parte a freguezia? - - - Pela parte do norte, com a Matriz S. Lourenço, e termo da Villa de Lavre: pelo nascente com a freguezia de S. Gens: pelo meio-dia, com a freguezia de Saphira: e pelo poente com a freguezia de Santo Antonio das Vendas Novas.

Historia abreviada da Igreja.

PEde-se mais huma idéa breve da Igreja Parochial, que comprehenda a sua origem, seu nome, se sempre o conservou; seu Orago; a quem está sugeita, se tem algum padroeiro; seus reditos, suas Irmandades e Confrarias, seus

no-

nomes, origens, e rendimentos; quantas Ermidas, ou pequenas Igrejas tem sugeitas á Parochia, pelos seus nomes; se tem algum monumento ou inscripção de antiguidade digno de attenção, e como he; e tudo o mais que for celebre?

Pelos livros que ha nesta Igreja mais antigos he sómente poronde posso dizer o seguinte; e pela fórma com que se observa erecta a Igreja material. A primeira obra na erecção foi huma Capella muito bem forte de abobeda, que tinha tanto de larga como de comprida, que não excede a seis passos, e agora accrescentada por duas vezes tem em seu comprimento o dobro quadruplicado da Capella; a primeira visita em que consta desta Capella erecta em Parochia foi no tempo do Arcebispo D. José de Mello no anno de 1621: ha só no destricto desta freguezia a Igreja Parochial, tem só huma Confraria, que he a do Rosario, confirmada no anno de 1735, não tem mais reditos, doque os que dão de esmolas os Irmãos, segundo os estatutos, ou sua voluntaria devoção; a nada mais chegão os meus conhecimentos.

AP-

APPENDICE Á MEMORIA ANTECEDENTE.

Copia do Foral antigo de Monte Mor o Novo, como se conserva no Real Archivo no Maço 11 *dos Foraes antigos N.* 16, *e no Maço* 12 *dos mesmos N.* 3 *fol.* 29, *e no Livro dos Foraes antigos de Leitura Nova fol.* 78 *col.* 2.ª

IN nomine Patris et Filii et Spiritus sancti amen. Ego Rex Sancius, magni Alfonsi Regis filius, una cum filiis meis Rege Alfonso, et Rege Petro, et Rege Fernando, et Regina Tarasia, et Regina Dulcia ad honorem Dei et sancte Marie semper virginis et omnium sanctorum, Montem maiorem volumus populare. Damus vobis forum de Elbora, tam presentibus quam futuris; ut duas partes de cavaleiros vadant in fossado, et tercia pars remaneat in villa; et una vice faciant fossado in anno: ille qui non fuerit a fossado pectet pro foro quinque solidos pro fossadeira. Et pro homicidio pectet centum solidos ad palacium. Et pro casa derrota cum armis, sentos, et spadas, pectet trecentos solidos, et septima ad palacium. Et qui furtaret, pectet pro uno novem, et habeat intentor duos quiniones, et septem partes ad palacium. Et qui mulier aforciaret, et illa clamando dixerit quod ab illo est aforciata, et ille negaret, det illa autorgamento de homines tales qualis ille fuerit, ille juret cum duodecim; et si non habuerit autorgamento, juret ipse solus, et si non potuerit jurare, pectet ad illam trecentos solidos, et septima ad palacium; et testimonia mentirosa et fidele mentiroso pectet sexaginta solidos, et septima ad palacium, et duplet el avar. Et qui in concilio aut in mercato vel in ecclesia feriret, pectet sexaginta solidos, medios ad palacium et medios ad concilio; et de medio de concilio septima ad palacium. Et homine qui fuerit gentile aut eredoro, non seat me rino: et qui in villa pignos afflando et fiador et ad montem fuerit pendrar, duplet la pendra, et pectet sexaginta solidos, et septima ad palacium. Et qui non fuerit ad sinal de judice, et pignos sacudiret ad saion, pectet unum solidum ad judicem. Et qui non fuerit ad apelido cavaleiros et pedones, exceptis hiis qui sunt in servicio alieno, miles pectet decem solidos, pedon quinque solidos ad vicinos. Et qui habuerit aldeiam, et uno jugo de boves, et quadraginta oves, et uno asino, et duos lectos, comparet cavalo. Et qui crebantaverit sinal cum sua muliere, pectet unum solidum ad judice. Et mulier que leisaverit maritum suum de benedictione, pectet trecentos solidos et septima ad palacium. Et qui laxaverit mulierem suam pectet unum denarium ad judicem. Et qui cavalo alieno caval-

garet, pro uno die pectet unum carnarium; Et magis pectet las angueiras pro uno die quinque denarios, et pro una nocte unum solidum. Et qui feriret de lancea aut de espada pro l'antrada, pectet decem solidos. Et si trociret ad alteram partem, pectet viginti solidos ad quereloso. Et qui crebantaverit occulum aut brachium aut dente, pro unoquoque membro pectet centum solidos alisiado, et ille det septima ad palacium. Qui mulier ante suum maritum feriret, pectet triginta solidos, et septima ad palacium. Qui moion alieno in suo ero mudaret, pectet quinque solidos, et septima ad palacium. Qui linde alieno crebataverit, pectet quinque solidos, septima ad palacium. Qui conducterio alieno mataverit, suus amus colligat homicidium et det septima ad palacium; similiter de suo ortelano et de quarteiro et de suo monleiro et de suo salarengo. Qui habuerit vasalos in suos solar aut in sua hereditate, non serviant ad alterum hominem de tota sua facienda, nisi a domino de solar. Tendas et molinos et fornos de homines de Monte maiori sint liberi de foro. Milites de Monte maiori sint in judicio pro podestades et infansones de Portugal: Clerici vero habeant mores militum. Pedones sint in judicio pro cavaleiros villos de altera terra. Qui venerit vozeiro ad suum vicinum pro homine de foras ville, pectet decem solidos, et septima ad palacium. Ganado de Monte maiori non sit montado in ulla terra. Et homine qui se anafragaret suo adextrato quanvis habeat alium sedeal exqusato usque ad capud anni. Mancebo qui mataret hominum foras ville et fugerit suo amo, non pectet omicidio. Por totas querelas de palacio el judice sedeat vozeiro. Qui in villa pindrar cum saionem, et sacudirent ei, pignos autorgent et el saion, et prehendant concilio de tres collaciones, et pindret pro sexaginta solidos, medios ad concilio et medios al rancuroso. Barones de Monte maiore non seã in prestarro dados. Et si homines de Monte maiore habuerint judicium cum homines de alia terra, non currat inter illos firma, sed currat pesquisa aut recto. Et homines qui quesierint pousar cum suo ganato in terminos de Monte maiore, prendat de illis montadigo, de grege das oves quatuor carneiros, et de busto das vacas una vaca: isto montadigo est de concilio. Et omnes milites qui fuerint in fossado vel in guardia, omnes cavaleiros qui se perdiderint in algara vel in lide, primo erectis eos sine quinta, et postea detis nobis quintam directam. Et toto homine de Monte maiore qui invenerit homines de aliis civitatibus in suis terminis tallando aut levando madeira de montes prendant totum quod invenerit sine calupnia. De azarias et de guardias quintam partem nobis date sine ulla offrecione. Quicumque ganatum domesticum pignorare vel rapare fecerit, pectet sexaginta solidos ad palacium, et duplet ganatum a suo domino. Testamus vero et prehenniter firmamus

mus, ut quicumque pignoraverit mercatores vel viatores christianos, judeos sive mauros, nisi fuerit fidejussor vel debitor, quicumque fecerit, pectet sexaginta solidos ad palacium, et duplet ganatum quod perderit a suo domino; et insuper pectet centum morabitinos pro couto quod fregit: Rex habeat medietatem, et concilium medietatem. Siquis ad villam vestram venerit per vim cibos aut aliquas res accipere, et ibi mortuus vel percussus fuerit, non pectet pro eo aliqua calupnia, nec suorum parentum omicide habeantur. Et si cum querimonia de ipso ad regem vel ad dominum terre venerit, pectet centum morabitinos, medietatem Regi, et medietatem concilio. Mandamus et concedimus vobis, quod si aliquid fuerit latro, et si jam per unum annum vel duos furari vel rapere dimisit, si pro aliqua re repetitus fuerit quam comisit, salvet se tamquam latro, et si latro est et latro fuit, omnino pereat et subsubeat pena latronis. Et si aliquis repetetur pro furto, et non est latro, neque fuit, respõdeat ad suos foros. Si aliquis homo filiam alienam rapere extra suam voluntatem, donet eam ad suos parentes, et pectet illis trecentos morabitinos et septima ad palacium, et insuper sedeat homicida. De portatico foro, de trosel de cavalo de panos de lana vel de lino unum solidum. De trosel de lana unum solidum. De trosel de fustanes quinque solidos. De trosel de panos de colore quinque solidos. De carrega de piscato unum solidum. De carrega de asino sex solidos. De carrega de christianos de conilios quinque solidos. De carrega de mauros de conilios unum morabitinum. Portagem de cavalo quem venderint in azougi unum solidum De mulum unum solidum. De asino sex denarios. De carneiro tres medaculas. De porco duos denarios. De forom duos denarios. De carrega de pane et de vino tres medaculas. De carrega de pedone unum denarium. De mauro quem venderit in mercado unum solidum. De mauro qui se redimit, decimam. De mauro qui taliat cum suo domino, decimam. De corio de vaca et de zevra duos denarios. De corio de cervo et de gamo tres medaculas. De carrega de cera quinque solidos. De carrega de azeite quinque solidos. Ista portagem de homines foras ville tersia de suo hospite, et duas partes de rege.

Ego Rex Sancius una cum filiis meis hanc cartam confirmamus et roboramus: quicumque hanc cartam irrumere voluerit, sit maledictus et excomunicatus: amen. Facta carta mense marcii era millesima ducentesima quadragesima prima. Qui affuerunt Mar. Bracarensis Archiepiscopus confirmat. Mar. Portugalensis Episcopus confirmat. Petrus Lamecensis Episcopus confirmat. Nicolaus Visensis Episcopus confirmat. Petrus Colimbriensis Episcopus confirmat. Suarius Ulixbonensis Episcopus confirmat. Pelagius Elborensis Episcopus confirmat. Alfonsus Menen-

nendi Pretor de Sanctarem testis. Egas Pelagii testis. Rodericus Venegas testis. Iohãnès Gonsalvi. Domnus G. Menendi Maiordomus curie confirmat. Domnus Mar. Fernandiz signifer domini Regis confirmat. Domnus Iohãnes Fernandi dapifer domini Regis confirmat. Domnus Rodericus Menendi confirmat. Domnus Pelagius Suarii confirmat. Pelagius Petri Pretor et populator ejusdem loci testis. Petrus Nuni testis. Fernandus Nuniz testis. Petrus Gomes testis. Iulianus curie notarius.

Ego Alfonsus II. Dei gratia Portugalie Rex, una cum uxore mea Regina domna Urraca, et filiis nostris Infantibus domno Sancio et domno Alfonso et domna Alionor, concedo et confirmo vobis populatoribus de Monte maiore istam cartam et istud forum, quod vobis dedit Pater meus excellentissime memorie Rex Domnus Sancius. Et ut hoc meum factum in perpetuum firmissimum robur obtineat, precepi fieri istam cartam, et eam feci meo sigillo plumbeo communiri. Facta fuit hec carta mense Ianuarii apud Sanctarem sub era millesima ducentesima quinquagesima sexta. Nos supranominati qui hanc cartam fieri precepimus coram subscriptis illam roboravimus, et in ea hec signa fecimus. Qui affuerunt Domnus Stephanus Bracarensis Archiepiscopus confirmat. Domnus Mar. Portugalensis Episcopus confirmat. Domnus Petrus Colimbriensis Episcopus confirmat. Domnus Suarius Ulixbonensis Episcopus confirmat. Domnus Suarius Elborensis Episcopus confirmat. Domnus Pelagius Lamecensis Episcopus confirmat. Domnus Bartolameus Visensis Episcopus confirmat. Domnus Mar. Egitaniensis Episcopus confirmat. Domnus Mar. Iohãnis signifer domini Regis confirmat. Domnus Petrus Iohãnis Maiordomus curie confirmat. Domnus Laurencius Suarii confirmat. Domnus Gil Valasquiz confirmat. Domnus Iohãnes Fernandi confirmat. Domnus Fernandus Fernandiz confirmat. Domnus Gomecius Suarii confirmat. Domnus Rodericus Menendi confirmat. Domnus Poncius Alfonsi confirmat. Domnus Lopus Alfonsi confirmat. Magister *Placius* Cantor Portugalensis testis. Petrus Garsie testis. Vincencius Menendi testis. Mar. Petriz testis. Petrus Petriz testis. Ioanninus testis. Gunsalvus Menendi Cancellarius domini Regis.

Novo Foral dado a Monte Mor o Novo pelo Senhor Rei D. Manoel, copiado do que se acha na Camera da dita Villa, e conferido com o riginal do Archivo da Torre do Tombo.

DOm Manoel per graça de Deos Rey de Portugall e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa, Senhor de Guynee e da Comquista Navegação e Commercio de Ethiopia Arabia Percya e da India. A quantos esta nossa Carta de Foral dado a Villa de Monte Moor

Moor ho novo virem fazemos saber, que por bem das deligencias e pauces e emquyryçooens que em nossos Regnos e Senhorios mandamos civelmente fazer pera justificaçam e declaraçam dos foraes dellee: e por algumas sentenças e determinaçoens que com os do nosso conselho. e Letrados fizemos. Acordamos, visto o foral da dita Villa, dado por ElRey Dom Sancho o primeiro, que as Rendas e direitos Reaes se arecadassem na forma seguinte.

Posto que por o dito foral não fossem postos nelle nem decrarados os Reguengos e propriedades, que nos e a Coroa Real destes Regnos tem na dita Villa, por ser couza propria nossa patrimonial, porem nos agora queremos fazer no foral desta Villa o que temos feito nas outras de nossos Reynos, a saber, Declarar todollos direitos que avemos na dita Villa os quaaes são os seguintes.

Primeiramente he da Coroa Real o Reguemgo nosso no termo da dita Villa, que chamão ho azinal em que ha quinze arados que estão aforados e darendamentos a prazer dos Lavradores e de Dom João de Sousa nosso guarda moor que de nos os hora traz. E pagarão os Lavradores delle as ditas pençoens e foros, segundo as avenças e escripturas e contrautos que asy antre huns e os outros forem feitos; por quanto o dito Reguemgo he da Coroa Real yzentamente, e por isso as pessoas que em nosso nome o tem ou tiverem husarão delle como atee aqui fizerem per prazer dos Lavradores, segundo se com elles consertarem, asy de paão e pitanças como de quaesquer couzas que se obrigarem de pagar per suas escripturas e convenças. *Azinhal.*

E aos moradores da dita Villa fique inteiro seu direito e liberdade que tiverem ou poderam ter na serventya do dito Reguemgo, sem embargo de lhe agora ser embargado ou empedido, sem embargo do qual avemos por bem que se guarde seu direito.

E alem das herdades emcabessadas que ha no dito Reguengo e demarcadas per suas divisoens, anda também com o dito Reguengo ho moinho que estaa no dito Reguengo, que paga sobre sy huum moyo de trigo e trinta alqueires de cevada. *Moinho.*

E tem mais isso mesmo no dito Reguengo huma orta que esta a fonte do chaão, em que hora esta Tome Fernamdes, que tem de foro cada anno dous mil reis. *Orta.*

E tem isto mesmo na dita Villa humas casas que remdem de foro dous mil reis cada anno e doze galinhas e ovos, as quaes estão ao pelourinho da dita Vil a. *Cazas.*

E tem mais a Coroa Real em a dita Villa outro Reguengo, que anda com os direitos dalcaidaria, e por isso ho tras ora Dom . . . . nosso Capitão dos ginetes como Alcaide moor que he da dita Villa, e a valia e remda delle, e asy doutro de cima do azinhal, ouvemos *Reguengos do Castello.*

por

por escuzada decrarar aquy, por que nam pagam foro certo, antes se mudam muitas vezes e por isso a renda dellas não vai aqui; porem o dito Alcaide moor e as pessoas que depois delle o dito Reguengo de nos trouxerem, o daram pollos preços que poderem por anno ou annos, como lhes mais aprouver per prazer e comssentimento dos Lavradores que nelles ouverem de lavrar; no qual Reguengo os moradores da dita Villa huzaram como sempre costumaram, o qual costume de tempo uzado avemos por bem que se lhe guarde.

Tabaliaẽs. Pagaram os cynquo tabaliaẽs do Judicial em cada huum anno aquella penssão soomente que soyam de pagar os quatro, ante que nestes cynquo fossem acrescentados, a saber mil e quatro centos reis cada hum dos quatro, que fazem soma cynquo mil e duzentos e sassenta reis, a qual somma se ade partir igualmente pollos ditos tabaliaaẽs; e pagam na dita maneira de mil e quatro centos e corenta reis por anno cada hum dos tres tabaliaẽs das notas da dita Villa cada hum per sy.

Açougage. Os açougues da dita Villa sam nossos e per consseguinte pagam a nos os direitos seguintes, a saber, pagam os almocreves que vem vender ao dito açougue de cada carga de pescado dous reis e mais hum arratel pera o Alcaide moor, e se forem sardinhas pagaram os ditos dous reis e mais huma duzia de sardinhas de cada carga, e este direito pagam os de fora como os da Villa, e pagam mais os de fora o direito da Portagem segundo em seu capitollo yra decrarado.

Çallaio. E as vendeiras que venderem na praça pagaram de qualquer cesto que teverem ante sy vendendo, dous çeitiis por dia, e se he giga grande pagará meyo real; e de qualquer carga que venderem pagaram huum real, e as padeiras pagaram de cada amassadura dous çeitiis.

Carneceiros. E pagaram ysso mesmo açougagem das carnes que cortarem no dito açogue, o qual direito estam em costume de se pagar por avença que cadanno os Rendeiros com os carneceiros fazem, em que emtra huuma casa propria dos ditos açougues em que os carneceiros sempre costumarão de terem e guardarem seus coyros, e porque se faria escandalo aos ditos carneceiros quando a dita avença se lhe non quizerem fazer pollos preços costumados, avemos por bem e mandamos que quando os Rendeiros ou officiaaes se não quizerem comcertar com os ditos carneceiros, que os Juizes ordenairos vejam as avenças dos tres annos passados, e de todos tres façam soma, e o que montar no terço de todos tres isso paguem os ditos carneceiros e mais nam.

E por quanto no corregimanto dos ditos açougues nam se pode bem

Repairo dos açougues.

bem determinar, segundo a imquirição que mandamos disso tirar, que quem avia de correger e repairar os açougues do pescado: Decraramos que o açougue da carne, e asy a caza sobredita pera recolhimento dos ditos carneceiros seja sempre corregida e repairada de todo o que lhe comprir aa custa dos ditos direitos que se della pagam pera quaaesquer pessoas que os ditos direitos de nos tiverem; e quanto as cazas e açougue em que se vende o pescado achamos polla dita imquiriçam que nam estam em costume de se corregerem a custa das nossas rendas, e por tanto decraramos que nam sejão a isso obrigadas ao diante. Porem polla dita inquiriçam se mostra ho Marques que foi da dita Villa tomar e desfazer ho açougue que estava dentro da Villa, e mandou fazer estoutro a sua custa, e deu certa parte das casas delle a hum Fernam Dias Carvalho, a comdiçam que elle repairasse sempre e corregesse o dito açougue, a qual obrigaçam passa a seus sobcessores que devem de fazer a dita despesa e nam o Comcelho; porem por não ser ouvido pnmeiro mandamos aos vereadores e procurador da dita Villa que demandem loguo os possoydores das ditas casas pera a dita despesa, e façam o feito concordir dentro doyto mezes, sopena dy en diante faserem a sua custa a despesa dos ditos açougues.

Pena darma.

E polla penna darma se levaram duzentos reis e as armas perdidas, segundo nossa ordenaçam; com estas decrarações a saber, que a dita pena se nom levara quando algumas pessoas apunharem espada ou qualquer outra arma sem a tirar, nem pagaram a dita pena aquellas pessoas que sem preposito e em reixa nova tomarem paao ou pedra posto que com ella façam mal. E posto que de preposito tomem o dito paao ou pedra, se nom fiserem mal com elle, nom pagaram a dita pena, nem a pagara moço de quinse annos pera baixo, nem molher de qual quer hydade; nem pagaram a dita pena aquellas pessoas que castigando sua molher e filhos e escravos e criados tirarem sangue; nem pagaram a dita pena quem jogando punhadas sem armas tirar sangue com bofetada ou punhada.

E as ditas penas e cada huma dellas nam pagaram isso mesmo quaaesquer pessoas que em defendimento do seu corpo, ou por apartar e estremar outras pesoas em arroydo tirarem armas, posto que com ellas tirem samgue; nem escravo de qual quer hydade que com pao ou pedra tirar sangue.

Gaado do vento.

O gaado do vento he direito Real segundo nossa ordenação, com decraraçam que a pessoa a cuja maão for ter o dito gaado ho venha dizer ao Escrivão pera isso ordenado, sopena de lhe ser demandado de furto.

A Dizima da execuçam das sentenças se recadara e levara na di-

Dizima das Sentenças. dita Villa por direito Real e de tanta parte se levara a dita dizima de quanta se fizer a execuçam da dita sentença, posto que a sentença de mayor conthia seja; a qual dizima se nam levará se ja se pagou em outra parte polla dada della.

Maninhos. Os maninhos da dita terra quando os houver seram dados por sesmeiros segundo nossa ordenaçam, sem nenhuum foro nem trebuto.

Montados. Os montados dos gaados que vem amontar de fora ao termo da dita Villa, tynham em costume os officiaes da Camara de os repartirem antre sy, ho que temos mandado que se arecade pera a arca e renda do Comcelho, e asy mandamos que se faça daqui em diante, com decraraçam que em Camara os officiaes della façam as avenças com os donos dos gados segundo sempre costumaram de faser, sem mais rigor nem apressam dos criadores do que se ateequi costumou. E dos gados que emtrarem sem vesinhança ou licença ou avença dos ditos officiaaes ou dos seus Rendeiros, pagaram por cada vez que asy forem achados a dez reis por cabeça de gaado vacuum, e cynquo por porco, e a real por cabeça de gaado miudo; a qual pena e coima senam levara senam despois que o malham for todo descuberto, e o gaado andar todo de dentro do dito termo e doutra maneira nam. E alem do foro que asy pagam ao dito comcelho, pagaram tambem aos senhorios dos montados o que se com elles comcertarem, e asy do dano que lhe fiserem.

Cortar madeira. E foi isso mesmo reservado pera a dita Villa allem do montado sobredito, que quem viesse a cortar madeira a seu termo perdesse a ferramenta e cousas com que a dita madeira cortasse, da qual palavra a dita Villa nam husou segundo o rigor do dito foral, asy por guardarem boa visinhamça a seus comarcaãos, como a elles mesmos nos taaes lugares outro tal lhe fesesem; e por tanto temperando a dita palavra com o costume mandamos que os que forem achados cortar a dita madeira pera levar pera fora, paguem por cada vez cem reis e mais a ferramenta com que a dita madeira cortarem, e isto aquelles que nam tiverem licença ou avença ou forem Devora na comtenda da giesteira, homde podem cortar sem coima como sempre fiseram, sem nenhuma outra emnovaçam.

Determinações pera a Portagem.

Primeiramente decraramos e poemos por Lei geral em todollos foraaes de nossos Regnos, que aquellas pessoas ham somente de pagar portagem em alguma Villa ou lugar que nam forem moradores e vesinhos delle, e de fora do tal lugar e termo delle ajam de trazer as cousas pera hy vender, de que a dita portagem ouverem de pagar

ou

ou se os ditos homens de fora comprarem cousas nos lugares honde assy nam sam vesinhos e moradores, e as levarem pera fora do dito termo.

E por que as ditas condiçooens se nam ponham tantas vezes em cada hum capitollo do dito foral, mandamos que todollos capitollos e cousas seguintes da portagem deste foral se entemdam e cumpram com as ditas condiçoens e decraraçoens, a saber, que a pessoa que ouver de pagar a dita portagem seja de fora da dita Villa e do termo, e traga hy de fora do dito termo cousas pera vender, ou as compre no tal lugar donde assy non for vesinho e morador, e as tire pera fora.

E asy decraramos que todollas cargas que adiante vam postas e nomeadas em carga maior, se emtendam que sam de besta muar ou cavallar, e por carga menor se entenda carga dasno, e por costal ametade da dita carga menor, que he o quarto da carga de besta maior.

E asy acordamos por escusar prolixidade, que todallas cargas e cousas neste foral postas e decraradas se entemdam e decrarem e julgem na repartiçam »e conta» dellas asy como nos titullus seguintes do pam e dos panos he limitado; sem mais se fazer nos outros capitollos a dita repartiçam da carga maior nem menor nem costal nem arrovas; soomente pollo titullo da carga mayor de cada cousa se entendera o que per esse respeito e preço se deve de pagar das outras cargas e peso; a saber, pollo preço da carga mayor se entendera loguo sem se mais decrarar que a carga menor sera dametade do preço della, e o costal sera ametade da menor; e asy dos outros »pesos» e cantidade, segundo nos »ditos» capitollos seguintes he decrarado. E asy queremos que das cousas que adiante na fym de cada hum capitollo mandamos que se nam pague portagem; decraramos que das taaes cousas se nam haja mais de fazer saber na portagem, posto que particularmente nos ditos capitollos non seja mais decrarado.

E asy decraramos e mandamos que quando algumas mercadorias ou cousas se perderem por descaminhadas segundo as Leys e condiçoões deste foral, que aquellas soomente sejam perdidas pera a portagem que forem escondidas e sonegado o direito dellas; e nam as bestas nem outras cousas em que as taaes se levarem ou esconderem.

Portagem.

De todo trigo, cevada, centeio, milho painço, aveia, e de farinha, de cada huum delles; ou de linhaça e de vinho ou vinagre ou de sal e de cal, que a dita Villa e termo trouxerem homens de fo-ra

Pam, vinho, sal, cal.

ra pera vender, ou os ditos homens de fora as comprarem e tirarem pera fora do dito termo, pagaram por carga de besta maior » a saber besta » cavalar ou muar huum real; e por carga dasno que se chama menor meio real; e por costal que he ametade de besta menor dous ceitiis; e dy pera baixo em qualquer cantidade, quando veer pera vender, hum ceitil. E quem tirar pera fora de quatro alqueires pera baixo nam pagara nada, nem fara saber á portagem. E se as ditas cousas ou outras quaaesquer vierem ou forem em carros ou carretas contar-se-ham cada huum por duas cargas mayores, se das taaes cousas ouuver de pagar portagem.

Cousas de que se nam paga portagem.

A qual portagem se nam pagara de todo pam cozido, queijadas biscoito, farellos, ovos, leite, nem de cousa » delle » que seja sem sal » nem de prata lavrada » nem do pam que trouxerem ou levarem ao moinho, nem de canas, vides, carqueija, tojo, vasouras, palha; nem de pedra, nem barro, nem lenha, nem erva, nem de carne vendida a peso ou a olho, nem faram saber de nenhuma das ditas cousas. Nem se pagara portagem de quaaesquer cousas que se comprarem e tirarem da Villa pera o termo nem do termo pera a Villa » posto » que sejam pera vender, asy vesinhos como nam vesinhos. Nem se pagara das cousas nossas nem das que quaaesquer pessoas trouxerem pera alguma armada nossa, ou feita per nosso mandado ou autoridade. Nem do pano e fiado que se mandar fora tecer e pisuar, curar ou tinger. Nem dos mantimentos que os caminhantes na dita Villa e termo comprarem e levarem pera seus mantimentos e de suas bestas. Nem dos gaados que vierem pastar alguuns lugares passando nem estando, salvo daquelles que hy soomente venderem » Nem dos panos e joyas que se emprestarem pera vodas ou festas. »

Caza movida.

De caza movida se nam hade levar nem pagar nenhum direito de portagem de nenhuma comdição e nome que seja, asy hindo como vindo, salvo se com a casa movida trouxerem ou levarem cousas pera vender de que se aja e deva de pagar portagem, porque das taaes se pagara honde somente as venderem e doutra maneira nam; o qual pagaram segundo a calidade de que forem, como em seus capitollos adiante se comtem.

Passagem.

E de quaaesquer mercadorias que á dita Villa ou termo vierem, *de qualquer maneira que forem*, de passagem pera fora do termo da dita Villa pera quaaesquer partes, nam se pagara direito nenhum de portagem, nem seram obrigados de o fazerem saber, posto que hy descarreguem e pousem a qualquer tempo e hora e lugar; e se hy mais

mais ouverem de estar que todo ho outro dia por alguma causa, emtam o fara saber. E esta liberdade de passagem se nam emtendera quando forem pera fora do Regno, porque emtam faram saber de todas, posto que de todas nam ajam de pagar direito. *E esto se entendera no derradeiro lugar do estremo.*

Nem pagaram portagem os que na dita Villa e termo herdarem alguns bens moves, ou novedades doutros de raiz que hy herdassem; ou os que hy tiverem bens de rais propios ou arremdados, e levarem as novidades e fruitos delles pera fora. Nem pagaram portagem quaesquer *pesoas* que ouverem pagamentos de seus casamentos, tenças, mercees, mantimentos em quaesquer cousas e mercadorias posto que as levem pera fora e sejam pera vender.

Novidades dos bens pera fora.

De todollos panos de seda ou laã ou dalgodam ou de linho se pagara por carga mayor nove reis, e por menor quatro reaes e meio; e por costal dous reis e dous ceitiis, e por arrova huum, e di pera baixo soldo aa livra, cando vierem pera vender; porque quem levar dos ditos panos ou de cada hum delles retalhos e pedaços pera seu huso nam pagaram portagem nem o faram saber; nem das roupas que comprarem feitas dos ditos panos: porem os que as venderem pagaram como dos ditos panos, na maneira que acima » neste capitollo » he decrarado.

Panos finos.

A carga maior se emtende de dez arrovas e a menor de cinquo arrovas, e o costal de duas arrovas e mea, e vem assy por esta conta e respeito cada arrova em sinquo ceitiis e hum preto, pollos quaaes se pagara huum real: e polla dita conta e repartiçam se pagaram as cousas deste foral quando forem menos de costal.

Cargas em arrovas.

E assy como se aqui faz esta decraraçam e repartiçam pera emxempro nas cargas de nove reis, se fara nas outras soldo aa livra, segundo o preço de que forem.

E do linho em cabello, fiado ou por fiar, que nam seja tecido, e assy da laã » e de feltres » burel, mantas da terra, e de outros similhantes panos baixos e grossos, por carga mayor quatro reis, e por menor dous reis, e por costal hum real, e dy pera baixo atee hum ceitil quando vier pera vender; porque quem das ditas cousas e de cada huma dellas levar para seu huso de costal pera baixo que he hum real, nam pagara portagem nem o fara saber. Nem das roupas feitas dos ditos panos baixos e cousas que pera seu uso comprar, e os que as venderem pagaram como dos mesmos panos baixos, segundo a cantidade que venderem, como acima he decrarado.

Laã, linho, panos grossos.

De todo boy ou vaca que se vender ou comprar per homens de fora, por cabeça hum real, e do carneiro, cabra, bode, ovelha, cervo, corço ou gamo, por cabeça dois ceitiis. E dos cordeiros, borregos,

Gados.

gos, cabritos, ou leitões nam pagaram portagem, salvo se cada huma das ditas cousas se comprarem ou venderem juntamente de quatro cabeças para cima, das quaaes pagaram por cabeça hum ceitil.

Carne.

E de cada porco ou porca dous ceitiis por cabeça. E da carne que se comprar de talho ou emxerqua nam se pagara nenhuum direito » de portagem » E do toucinho ou marraã inteiros por cada huum huum ceitil, e dos emcetados se nam pagara nada.

Caça.

E de coelhos, lebres, perdizes » patos » adees, pombos, galinhas, e de todollas outras aves e caça nam se pagara nenhuma portagem pollo comprador nem vendedor, nem o faram saber.

Coyrama.

De todo coiro de boy ou vaca, ou de » cada » pelle de cervo, corço, gamo, bode, cabras, carneiros ou ovelhas, cortidas ou por cortir, dous ceitiis; e se vierem em bestas pagaram por carga mayor nove reis, e das outras per esse respeito.

Calçadura.

E na dita maneira de nove reis por carga mayor se pagara de çapatos, broziguis, e de toda outra calçadura de coyro, da qual nam pagara o que a comprar pera seu huso e dos seus, nem dos pedaços de pelles ou coyros que pera seu uso comprarem, nam sendo pelle inteira, nem ilhargada, nem lombeiro, dos quaaes pagaram como no capitollo de cima, dos coyros, se comtem.

Pelitaria.

E de cordeiras, raposos, martas, e de toda pelitaria ou forros, por carga mayor nove reis, e de pellicas e roupas feitas de pelles por peça meo real, e quem comprar pera seu uso cada huma das ditas cousas, nam pagaram nada.

Azeite, mel, e semelhantes.

De cera, mel, azeite, cevo, hunto, queijos cecos, pez, manteiga salgada, rezina, breu, sabam, alcatram, por carga mayor nove reis; e quem comprar pera seu uso atee hum real de portagem, nam pagara.

Marçaria e semelhantes.

De graã, anil, brazil, e por todallas cousas pera tingir, e por papel, e toucados de seda e alguodam, e por pimenta e canella, e por toda especiaria, e por ruibarbo, e por todallas cousas de botica; e por asuquar, e por todallas conservas delle ou de mel; e por vidro e cousas delle que nam tenham barro; e por estoraque, e por todollos perfumes ou cheiros ou aguas estiladas, por carga mayor de cada huma das ditas cousas, e de todallas outras suas semelhantes se pagara nove reis. E quem das ditas cousas comprar pera seu uso » atee meo real de portagem e dy pera baixo » nam pagara *nada*.

Metaaes.

Do aço, estanho, chumbo, latam, arame, cobre, e por todo outro metal, e asy das cousas feitas de cada hum delles; e das cousas de ferro que forem moidas, estanhadas » limadas » ou envernizadas, por carga mayor nove reis, das quaaes nam pagara quem as levar pera seu huso. E outro tanto se pagara das armas e ferramenta, das quaaes levara pera seu huso as que quiserem sem pagar.

Ferro lavrado.

Armas, e ferramenta.

E

E do ferro em barra ou em maçuquo, e por todallas cousas lavradas delle que nam sejam das acima contheudas, limadas, moydas, estanhadas, nem emvernizadas, por carga mayor quatro reis e meo; e quem das ditas cousas levar pera seu serviço e das suas quintaas ou vinhas em qualquer cantidade nam pagara nada. De carga mayor de pescado ou marisco hum real, e cimquo ceitiis; e quem levar de meia arrova para baixo nam pagara. E do pescado dagoa doce atee mea arrova nam se pagara portagem, nem faram saber asy da venda como da compra, sendo somente truitas ou bordallos ou bogas, e dy pera baixo.

Ferro grosso.

Pescado, e marisco.

De castanhas verdes e secas, nozes, ameixeas, figos passados, uvas, amendoas, e pinhoões por britar, avellaães, bollotas, favas sequas, mostarda, lemtilhas, e de todollos legumes secos, por carga mayor tres reis. E outro tanto se pagara do çumagre e casca pera curtir; e quem levar das ditas cousas meya arrova pera seu uso, nam pagara.

Fruita seca.

Casca, e çumagre.

E de carga mayor de laranjas, cidras, peras, cerejas, uvas verdes, e figuos, e por toda outra fruita verde, meo real por carga. E outro tanto dos alhos secos, cebollas, e mellooes e ortaliça. E quando das ditas cousas se vender ou levar menos de mea arrova, nam se pagara portagem pollo vendedor, nem comprador.

Fruita verde.

Ortaliça.

Do cavallo, ou egoa, ou rocim, e bestas de muu ou mulla, huum real e cinquo ceitiis. E do asno ou asna hum real. E se as eguoas ou asnas se venderem com crianças nam pagaram portagem senam pollas maaens. Nem se pagara direito se trocarem humas por outras; porem quando se tornar dinheiro, pagarseha como vendidas, e do dya que se vender ou comprar o faram saber aas pesoas a isso obrigados, atee dous dyas » primeiros » seguintes. E este direito nam pagaram os Vassallos e escudeiros nossos, e da Rainha, e de nossos filhos.

Bestas.

Do escravo ou escrava que se vender hum real e cinquo ceitiis. E se se forrar por qualquer concerto que fiser com seu Senhor, pagara a dizima de todo o que por sy der aa dita portagem. E se se venderem com filhos de mama, nam pagaram senam pollas mais, e se se trocarem huuns escravos por outros sem tornar dinheiro, nam pagaram, e se se tornar dinheiro por cada huma das partes pagaram » a dita » portagem, e a dous dias depois da venda feita hyram arecadar na portagem as pessoas a isso obrigadas.

Escravos.

De carga mayor de telha ou tigollo, ou qualquer louça de barro que nom seja vidrada dous reis, e de menos de duas arrovas e mea nam se pagara portagem pollo comprador.

Telha, e tijollo.

E da mallega, e de qualquer louça ou obra de barro vidrada do Reyno ou de fora delle, por carga mayor quatro reis. E de meo

Mallega.

real

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible] e de meia

[illegible]

E as [illegible] cousas [illegible] aqui por escusadas, por se nam [illegible] por tanto tempo que nam ha dellas memoria, e algumas dellas tem ja sua provisam por Leis geraes e ordenaçoes destes Reynos.

Como se arrecada a portagem.

Entrada per terra.

As mercadorias que vierem de fora pera vender nam as descarregaram nem meteram em casa, sem primeiro ho notificarem aos rendeiros ou officiaaes da portagem: e nam os achando em casa tomaram huum seu vezinho ou huma testemunha conhecida, a cada hum dos quaaes diram as bestas e mercadorias que trazem, he onde ham de pouzar. E emtam poderam descarregar e pousar honde quizerem de noyte e de dya, sem nenhuma penna, e assy poderam descarregar na praça ou açougues da dita Villa sem a dita manifestaçam.

Descaminhados.

Dos quaaes lugares nam tiraram as mercadorias sem primeiro ho notificarem aos rendeiros ou officiaaes da portagem, so pena de as perderem aquellas que somente tirarem e sonegarem, e nam as bestas nem outras cousas. E se no termo do lugar quiserem vender, faram outro tanto se hy ouver rendeiros ou officiaaes da portagem. E se os nam ouver, notefiqueno ao Juiz ou vintaneiro ou quadrilheiro do lugar honde quiserem vender, se os hy achar, ou a dous homees

mees boos do dito lugar, ou a huum se mais non achar, com os quaes arecadara ou pagara sem ser mais obrigado a buscar os officiaaes nem rendeiros, nem emcorrer por isso em alguma pena.

Saida per terra.

E os que ouverem de tirar mercadorias pera fora, podellas ham comprar livremente sem nenhuma obrigaçam nem cautella, e seram soomente obrigados aas mostrar aos officiaaes ou rendeiros quando as quiserem tirar, e nam em outro tempo; das quaes manifestaçoões de fazer saber a portagem nam seram escusos os privillegiados, posto que a nam ajá de pagar, segundo adiante no capitollo dos privillegiados vai decrarado.

Privillegiados.

As pessoas eclesiasticas de todallas Igrejas, e moesteiros assy domees como de molheres, e as provencias e moesteiros em que ha frades e freiras, e Irmitaães que fazem voto de profissam, e os clerigos dordes sacras, e os beneficiaados em hordes menores, que posto que nam sejam dordens sacras vivem como clerigos e por taaens sam havidos, todos os sobreditos sam isentos e privillegiados de todo direito de portagem, nem husajem, nem custumagem, per qual quer nome que a possam chamar, asy das cousas que venderem de seus bens e beneficios, como das que comprarem ›› trouxerem ›› ou levarem pera seus husos e de seus beneficios e familiares.

E assy sam liberdados da dita portagem per privillegio que tem as Cidades, Villas e lugares de nossos Regnos que se seguem, a saber, Monte moor o novo, a Cidade de Lixboa, e Agaya do Porto, Povoa de varzim, Guimarães, Braga, Barcellos, Prado, Ponte de lima, Viana de lima, Caminha, Villa nova de Çerveira, Valença, Momçam, Crasto Leboreiro, Miranda, Bragança, Freixio, Oazinhoso, Mogadoiro, Anciaães, Chaves, Monforte de rio livre, Monte alegre, Crasto Vicente ›› Villa Real ›› a Cidade da Guarda, Jarmello, Pinhel, Castel Rodriguo, Almeida, Castel mendo, Villar mayor, Sabugal, Sortelha, Covilhaã, Monsanto, Portalegre, Marvão, Arronches, Campo mayor, Fronteira, Monforte, Villa viçosa, Elvas, Olivença, a Cidade Devora, Lavre ›› pera os vendeiros soomente ›› Monssaras, Beja, Moura, Noudar, Almodouvar, Odemira, os moradores no Castello de Cezimbra. E asy sam liberdados da dita quaaesquer pessoas ou lugares que nossos privillegios tiverem e mostrarem, ou o treslado em pubrica forma, allem dos acima contheudos.

Visinhãça.

E pera se poder saber quaaes seram as pessoas que seram havidos por vezinhos dalguum lugar, pera gouvirem da liberdade delle, declaramos que vezinho se emtenda dalguum lugar o que for delle natural, ou nelle tiver alguma dinidade ou officio nosso, ou do Senhor da terra, per que razoadamente viva, e more no tal lugar. Ou se no tal

tal lugar alguum for feito livre da servidam em que era posto, ou seja hy perfilhado per alguum hy morador e ho perfilhamento per nos confirmado. Ou se tiver hy *seu domicilio ou* a maior parte de seus beens com preposito de ali morar. E o dito domecilio se entendera onde cada hum casar, em quanto hy morar.

E mudandose a outra parte com sua molher e fazenda com tençam de se pera la mudar, tornandose hy depois nam sera avido por vezinho, salvo morando hy quatro annos continuadamente com sua molher e fazenda, emtam sera avido por vezinho; e asy o sera quam vier com sua molher e fasenda viver algum outro lugar estando » nelle » os ditos quatro annos. E alem dos ditos casos nam sera ninguem avido por vezinho dalgum lugar; pera gouvir da liberdade delle pera a dita portagem.

E as pessoas dos ditos lugares privillegiados nam tiraram mais o trellado de seu privillegio, nem no trazeram, somente traram certidam feita pollo escrivam da Camara, e com ho sello do Concelho como sam vezinhos daquelle lugar. E posto que aja duvida nas ditas certidooens se sam verdadeiras, ou daquelles que as apresentam, poder lhes ha sobre isso dar juramento sem os mais deterem, posto que se diga que nam sam verdadeiras. E se depois se provar que eram falsas, perdera o escrivam que a fes o officio, e degradado dous annos pera Cepta, e a parte perdera em dobro as cousas de que asy emganou, e sonegou a portagem, ametade pera a nossa Camara, e a outra pera a dita portagem: dos quaes privillegios husaram as pessoas nelles contheudas pollas ditas certidooens, posto que nam vam com suas mercadorias, nem mandem suas procuraçooens, com tanto que aquellas pessoas que as levarem jurem que a dita certidam he verdadeira, e que as taes mercadorias sam daquelles cuja he a cerdidam que apresentam.

Pena do foral.

E qualquer » pessoa » que for contra este nosso foral, levando mais direitos dos aqui nomeados, ou levando destes mayores conthias das aqui decraradas, ho avemos por degradado por hum anno fora da Villa e termo, e mais pague da cadeia trinta reis por hum de todo o que asy mais levar, pera a parte a que os levou. E se a non quiser levar, sea ametade pera quem ho acusar, e » a outra » pera os cativos. E damos poder a qualquer Justiça onde acontecer, asy Juizes como ventaneiros ou quadrilheiros, que sem mais processo nem ordem de Juizo, sumariamente sabida a verdade, condenem os culpados no dito caso de degredo, e asy do dinheiro atee conthia de dous mil reis, sem apellaçam nem agravo, e sem disso mais poder conhecer Almoxerife, nem contador, nem outro official nosso, nem de nossa fazenda, em caso que o hahy aja. E se o senhorio dos di-

tos

tos direitos o dito foral quebrantar per sy ou per outrem, seja loguo sospenso delles e da Jurdiçam do dito lugar se atever, em quanto nossa merce for; e mais as pessoas que em seu nome ou por elle o feserem, emcorreram nas ditas penas. E os Almoxeriffes, escrivaaens, e officiaaes dos ditos direitos que o assy nam conprirem, perderam logo os ditos officios, e nam averam mais outros. E por tanto mandamos que todallas cousas contheudas neste foral que nos poemos por Ley, se cunpram para sempre; do tehor do qual mandamos fazer tres, hum delles pera a Camara da dita Villa, e outro pera o Senhorio dos ditos direitos, e outro pera a nossa Torre do Tombo, pera em todo tempo se poder tirar qual quer duvida que sobre isso possa sobrevir. Dada em a nossa mui nobre e sempre leal Cidade de Lisboa aos quinze dias dagosto anno do nacimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e tres. E eu Fernam de Pina por mandado especial de Sua Alteza o fis faser em desanove folhas com esta, e concertei per mym.

ELREY.

Registado no tonbo. Fernam de Pina. Ano do nacimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e quinhentos e quinse anos, aos vintee sinco dias do mes dabril, em esta Villa de Monte mor o novo dentro na Camara do Conselho da dita Villa, estando hy juntos em vereaçam o Licenciado Antam Feyo Lopes, Juis de fora com alçada em a dita Villa por ElRey nosso Senhor. Heytor de Sequeira, Cavaleiro da Casa do dito Senhor, e Joham Fernandes, Vereadores que ora sam em a dita Villa, e Fernam Rodrigues, Procurador do Conselho, e loguo hy na dita Camara perante elles officiaes, e outras pessoas testemunhas, e muitos homens do povo que foram chamados, foi publicado este foral dElRey nosso Senhor ante officiaes e povo por Alvaro Fragoso, Cavaleiro da Caza dElRey nosso Senhor, que o dito foral trouxera a dita Villa por mandado dElRey nosso Senhor: e publicado como dito he, mandaram a mim escrivam que pusese aqui a dita publicaçam, que foi asinada pelo dito Juis e officiaes, e pelo dito Alvaro Fragoso, testemunhas que estavam presentes, Estevam de Faria, criado do dito Alvaro Fragoso, e Joham Afonso, porteiro da Camara. E eu Andre Lopes, escrivam da Camara, esto escrevi e assinei. = Antam Feyo Lopes. = Heytor de Sequeira. = Joham Fernandes. = Andre Lopes. = Joham Afonso. = Estevam de Faria.

N. B. *As palavras que vão em grifo neste Foral não se encontrão no do Archivo da Torre do Tombo, mas sim no do Cartorio de Monte Mor o novo; pelo contrario as que vão virguladas achão se no Exemplar do Archivo e não no da Camera de Monte Mor. He escusado dizer que o Registo he só do Foral de Monte Mor.*

ERRATAS.

Pag.	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
v	27	os affligem	o affligem
xi	28	germanisárão	se germanárão
6	2	das suas	nas suas
15	12	nos hemiplegios	nas hemiplegias
—	23	articular	orbicular
25	17	confundidos	contundidos
27	ultima	enjeitando	injectando
41	19	com raião	com razão
42	33	das experiencias	nas experiencias
56	24	os distinguem	as distinguem

MEMORIAS,

QUE SE CONTÉM NA I. PARTE DESTE QUINTO TOMO.

Historia.

Discurso recitado na Sessão publica de 24 de Junho de 1816, pelo Vice-Secretario Francisco de Mello Franco. - - - - - - - - - - - - Pag. I

Conta dos trabalhos Vaccinicos lida na Sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa aos 24 *de Junho de* 1816, pelo Doutor Justiniano de Mello Franco. - - - - - - - - - - - - - - - - - - XXX

Programma da Academia Real das Sciencias de Lisboa, annunciado na Sessão publica de 24 *de Junho de* 1816. XLIII

Lista dos Socios da Academia Real das Sciencias. - - XLVII

Relação dos Membros, e Correspondentes da Instituição Vaccinica da Academia Real das Sciencias. - - - LIV

Memorias dos Socios.

Memoria sobre a identidade do Systema muscular na Economia animal, por Francisco Soares Franco. - - I

Memoria sobre hum Verme vivo dentro do olho de hum cavallo, lida em a Sessão publica de 24 *de Junho de* 1816, por Sebastião Francisco de Mendo Trigozo. 60

Da Antiguidade da Observação dos Astros; e da Bussola e de outros Instrumentos no uso da Navegação, por Antonio Ribeiro dos Santos. - - - - - - - - 77

Do Conhecimento que era possivel ter da existencia da America, pela tradição dos Antigos, e por motivos Filosoficos, por Antonio Ribeiro dos Santos. - - - 101

Da Possibilidade e verosimilhança da Demarcação do Es-

treito de Magalhães no Mappa do Infante D. Pedro, por Antonio Ribeiro dos Santos. - - - - - - 115
Extracção de Loterias; que se executa em tempo brevissimo, e sem que se possa commetter erro ou engano: proposta por Antonio de Araujo Travassos. - - 136
Memoria sobre a nova Mina de ouro da outra banda do Tejo. Lida em 10 de Maio de 1815, por José Bonifacio de Andrada e Silva. - - - - - - - - - 140

Memorias dos Correspondentes.

Memoria Estatistica á cerca da notavel Villa de Monte Mor o Novo, por Joaquim José Varella. - - - 4
Appendice á Memoria antecedente. - - - - - - - - 81

CA-

MAPPA DOS EXPOSTOS,

Que entrárão, morrêrão, e existírão no Hospital Real de Santo André da Villa de Monte Mor o Novo, desde 1790 até 1814.

Annos.	Entrárão.			Morrêrão.			Existírão.		
	Masculinos.	Femininos.	Total.	Masculinos.	Femininos.	Total.	Masculinos.	Femininos.	Total.
1790	22	12	34	13	5	18	9	7	16
1791	17	15	32	12	11	23	5	4	9
1792	14	10	24	5	5	10	9	5	14
1793	19	12	31	6	6	12	13	6	19
1794	15	15	30	6	5	11	9	10	19
1795	17	17	34	10	7	17	7	10	17
1796	18	15	33	12	7	19	6	8	14
1797	15	13	28	9	11	20	6	2	8
1798	24	9	33	14	8	22	10	1	11
1799	22	13	35	19	12	31	3	1	4
1800	19	18	37	15	10	25	4	8	12
1801	22	3	25	13	1	14	9	2	11
1802	16	10	26	10	6	16	6	4	10
1803	18	17	35	8	7	15	10	10	20
1804	11	19	30	6	12	18	5	7	12
1805	17	9	26	12	4	16	5	5	10
1807	16	17	33	11	14	25	5	3	8
1807	9	16	25	9	7	16		9	9
1808	15	20	35	10	8	18	5	12	17
1809	16	20	36	11	12	23	5	8	13
1810	17	17	34	11	12	23	6	5	11
1811	22	17	39	16	12	28	6	5	11
1812	20	17	37	16	16	32	4	1	5
1813	17	20	37	14	16	30	3	4	7
1814	20	22	42	11	11	22	9	11	20
Somma	438	373	811	279	225	504	159	148	307

MAPPA DOS EXPOSTOS,

Que existírão vivos desde 1790 até 1814, dos que morrêrão nos annos seguintes, e dos que finalmente sobrevivêrão ao tempo (7 annos) de sua creação.

Annos.	Existírão.			Morrêrão.			Sobrevivêrão.		
	Masculinos.	Femininos.	Total.	Masculinos.	Femininos.	Total.	Masculinos.	Femininos.	Total.
1790	9	7	16						
1791	5	4	9	5	5	10	5	3	8
1792	9	5	14	2	1	3	4	2	6
1793	13	6	19	3	4	7	6	3	9
1794	9	10	19	10	4	14	4	5	9
1795	7	10	17	5	5	10	1	2	3
1796	6	8	14	5	5	10	1	2	3
1797	6	2	8	6	5	11	1		1
1798	10	1	11	5	3	8	6		6
1799	3	1	4	5	4	9			
1800	4	8	12	3	1	4		4	4
1801	9	2	11	2	3	5	4		4
1802	6	4	10	7	2	9	1	1	2
1803	10	10	20	3	2	5	6	3	9
1804	5	7	12	3	6	9	3	1	4
1805	5	5	10	1	7	8	2		2
1806	5	3	8	6	6	12	1		1
1807		9	9	3	4	7		3	3
1808	5	12	17		5	5	4	3	7
1809	5	8	13	1	5	6	1	3	4
1810	6	5	11	3	7	10	2		2
1811	6	5	11	4	6	10	2		2
1812	4	1	5	6	6	12	1		1
1813	3	4	7	3	2	5			
1814	9	11	20	4	4	8	9	11	20
Somma	159	148	307	95	102	197	64	46	110

MAPPA

Dos nascidos e mortos na Villa de Monte Mor o Novo e seu termo, desde o anno de 1805 até o de 1814.

Annos	Numero dos nascidos		Numero dos mortos	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
1805	147	138	148	149
1806	146	128	196	164
1807	175	155	187	138
1808	142	149	191	210
1809	182	155	147	155
1810	186	164	153	149
1811	166	156	192	190
1812	161	135	196	184
1813	143	151	222	179
1814	181	166	146	169
Totalidades	1629	1497	1778	1687

LAPIDE

Achada nas visinhanças de Monte Mor o Novo, copiada como se acha no anno de 1814 entre as antiguidades do Illustre Cenaculo, Metropolita da Sé de Evora.

LVRIAE T. F. BOVTIAE
G. IVLIVS L. F. GAL. SEVERVS
VXORI SIBI SVIS QVE. F. C

LAPIDE

De jaspe branco embutida na parede exterior do adro da Igreja Matriz, intitulada N. Senhora do Bispo, da Villa de Monte Mor o Novo. Copiada como se acha no anno de 1814.

D. M. S.
MEMORIAE G. F. CALCHISIAE FLAM
PROV. LVSIT. II FIL. PIISSIM. ET. MAR. L. F.
SIDONIAE NEPT. DVLC. ET APON. LV
PIANO. MAR. MERENT. FABRIC. QVA. MISER. MA
TER IVN. LEONICA. KARIS SVIS ET SIBI

CATALOGO

Das Obras já impressas, e mandadas publicar pela Academia Real das Sciencias de Lisboa: com os preços, por que cada huma dellas se vende brochada.

I. Breves Instrucções aos Correspondentes da Academia sobre as remessas dos productos naturaes, para formar hum Museo Nacional, *folheto* 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - - 120

II. Memorias sobre o modo de aperfeiçoar a Manufactura do Azeite em Portugal: remettidas á Academia por João Antonio Dalla-Bella, Socio da mesma, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - 480

III. Memória sobre a Cultura das Oliveiras em Portugal, remettida á Academia pelo mesmo, 1 volume, 4.° - - - - - - 480

IV. Memórias de Agricultura premiadas pela Academia, 2 vol. 8.° 960

V. Paschalis Josephi Mellii Freirii Historiae Juris Civilis Lusitani Liber singularis, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - 640

VI. Ejusdem Institutiones Juris Civilis, et Criminalis Lusitani, 5. vol. 4.° - 2400

VII. Osmîa, Tragedia coroada pela Academia, *folh.* em 4.° - - 240

VIII. Vida do Infante D. Duarte, por André de Rezende, *folh.* 4.° 160

IX. Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal, ou Lexicon Etymologico das palavras, e nomes Portuguezes, que tem origem Arabica, composto por ordem da Academia, por Fr. João de Sousa, 1 vol. em 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

X. Dominici Vandelli Viridarium Grysley Lusitanicum Linnæanis nominibus illustratum, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - - 200

XI. Ephemerides Nauticas, ou Diario Astronomico para o anno de 1789, calculado para o Meridiano de Lisboa, e publicado por ordem da Academia, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 360

O mesmo para os annos seguintes até 1809 inclusivamente.

XII. Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Industria em Portugal, e suas Conquistas, 5 vol. 4.° - - - - 4000

XIII. Collecção de Livros ineditos de Historia Portugueza, desde o Reinado do Senhor Rei D. Dinis, até ao do Senhor Rei D. João II. 4 vol. *fol.* - 7200

XIV. Avisos interessantes sobre as mortes apparentes, mandados recopilar por ordem da Academia, *folh.* 8.° - - - - - - - - *gr.*

XV. Tratado de Educação Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco de Mello Franco, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° - 360

XVI. Documentos Arabicos da Historia Portugueza, copiados dos Originaes da Torre do Tombo com permissão de S. Magestade,

e

e vertidos em Portuguez, por ordem da Academia, pelo seu Correspondente Fr. João de Sousa, 1 vol. 4.° - - - - - - - 480

XVII. Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia, escritas por Diogo de Couto em fórma de Dialogo, com o titulo de *Soldado Pratico*, publicadas por ordem da Academia Real das Sciencias, por Antonio Caetano do Amaral, Socio Effectivo da mesma, 1 vol. 8.° *mai.* - - - - - 480

XVIII. Flora Cochinchinensis; sistens Plantas in Regno Cochinchinæ nascentes. Quibus accedunt aliæ observatæ in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiæque locis variis, labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiæ Scientiarum Academiæ Ulyssiponensis Socii: jussu Acad. R. Scient. in lucem edita, 2 vol. 4.° *mai.* - - 2400

XIX. Synopsis Chronologica de Subsidios, ainda os mais raros, para a Historia, e Estudo critico da Legislação Portugueza; mandada publicar pela Academia Real das Sciencias, e ordenada por José Anastasio de Figueiredo, Correspondente do Numero da mesma Academia, 2 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - 1800

XX. Tratado de Educaçaõ Fysica para uso da Nação Portugueza, publicado por ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco José de Almeida, Correspondente da mesma, 1 vol. 4.° - 360

XXI. Obras Poeticas de Pedro de Andrade Caminha, publicadas de ordem da Academia, 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - 600

XXII. Advertencias sobre os abusos, e legitimo uso das Agoas Mineraes das Caldas da Rainha, publicadas de ordem da Academia Real das Sciencias, por Francisco Tavares, Socio Livre da mesma Academia, *folh.* 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 120

XXIII. Memorias de Litteratura Portugueza, 8 volum. 4.° - - - 6400

XXIV. Fontes Proximas do Codigo Filippino, por Joaquim José Ferreira Gordo, Correspondente da Academia, 1 vol. 4.° - - 400

XXV. Diccionario da Lingoa Portugueza, I.° vol. *fol. mai.* - - 4800

XXVI. Compendio da Theorica dos Limites, ou Introducção ao Methodo das Fluxões, por Francisco de Borja Garção Stockler, Socio da Academia. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - 240

XXVII. Ensaio Economico sobre o Comercio de Portugal, e suas Colonias, offerecido ao Serenissimo Principe da Beira o Senhor D. Pedro, e publicado de ordem da Academia Real das Sciencias, pelo seu Socio D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho: segunda edição corrigida, e accrescentada pelo mesmo Auctor, 1 vol. em 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXVIII. Tratado de Agrimensura, por Estevaõ Cabral, Socio da Academia, em 8.° - - - - - - - - - - - - - - - - 240

XXIX. Analyse Chymica da Agoa das Caldas, por Guilherme Withering, em Portuguez e Inglez. *folh.* 4.° - - - - - - - 240

XXX. Principios de Tactica Naval, por Manoel do Espirito Santo Limpo, Correspondente do Numeero da Academia, 1 vol. 8.° - 480

XXXI. Memorias da Academia Real das Sciencias, 4 vol. *fol.* - 8000

A parte I. do Tomo V. - - - - - - - - - - - - - - 1000

XXXII. Mmorias para a Historia da Capitania de S. Vicente, 1 vol. 4.° 480

XXXIII. Observações Historicas e Criticas para servirem de Memo-

morias ao systema da Diplomatica Portugueza, por João Pedro Ribeiro, Socio da Academia, Part. 1. 4.° - - - - - - - - 480

XXXIV. J. H. Lambert Supplementa Tabularum Logarithmicarum, et Trigonometricarum. 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - 960

XXXV. Obras Poeticas de Francisco Dias Gomes, 1 vol. 4.° - 800

XXXVI. Compilação de Reflexões de Sanches, Pringle &c. sobre as Causas e Prevenções das Doenças dos Exercitos, por Alexandre Antonio das Neves, para distribuir-se ao Exercito, *folh.* 12.° *gr.*

XXXVII. Advertencias dos meios para preservar da Peste. *Segunda edição accrescentada com o* Opusculo de Thomaz Alvares sobre a Peste de 1569, *folh.* 12.° - - - - - - - - - - - - - 120

XXXVIII. Hippolyto, Tragedia de Euripides, vertida do Grego em Portuguez, pelo Director de huma das Classes da Academia; *com o texto*, 1 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - 480

XXXIX. Taboas Logarithmicas, calculadas até á setima casa decimal, publicadas de ordem da Real Academia das Sciencias, por J. M. D. P. 1 vol. 8.° - - - - - - - - - - - - - - - 480

XL. Indice Chronologico Remissivo da Legislação Portugueza posterior á publicação do Codigo Filippino, por João Pedro Ribeiro, Parte 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª - - - - - - - - - - - - - 3600

XLI. Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Secretario da Academia Real das Sciencias, I.° vol. em 8.° - - - - - - - 800

XLII. Collecção dos principaes Auctores da Historia Portugueza, publicada com notas pelo Director da Classe de Litteratura da Academia R. das Sciencias. 8 vol. em 8.° - - - - - - - - 4800

XLIII. Dissertações Chronologicas, e Criticas, por João Pedro Ribeiro. 3 vol. 4.° - - - - - - - - - - - - - - - - - - 2400

XLIV. Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas. Tomo I.° Numeros 1.°, 2.°, 3.° e 4.° - - 600

O Tomo II. - 800

XLV. Hippolyto, Tragedia de Seneca; e Phedra, Tragedia de Racine: traduzidas em verso, pelo Socio da Academia Sebastião Francisco Mendo Trigozo, *com os textos*. - - - - - - - - 600

XLVI. Opusculos sobre a Vaccina: Num. I. até XIII. - - - - 300

XLVII. Elementos de Hygiene, por Francisco de Mello Franco, Socio da Academia: Parte 1.ª e 2.ª - - - - - - - - - - 600

XLVIII. Memoria sobre a necessidade e utilidade do Plantio de novos bosques em Portugal, por José Bonifacio de Andrada e Silva, Secretario da Academia Real das Sciencias, 1 vol. 4.° - 400

XLIX. Taboas Auxiliares para uso da Navegação Portugueza, compiladas de ordem da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 4.° - 600

L. Elementos de Geometria, por Francisco Villela Barbosa, Lente de Mathematica na Academia Real da Marinha, Socio da Academia Real das Sciencias, 1. vol. 8.° - - - - - - - - - 800

LI. Memoria para servir de Indice dos Foraes das Terras do Reino de Portugal e seus Dominios, offerecida a Sua Magestade Fidelissima, e publicada de ordem da Academia Real das Sciencias de Lisboa pelo seu Correspondente do Numero Francisco Nunes Francklin. 1 vol. em 4.° - - - - - - - - - - - - - - 480

Es-

CATALOGO.

Estão no prélo as seguintes.

Documentos para a Historia da Legislação Portugueza, pelos Socios da Academia João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão, e outros.
Collecção dos principaes Historiadores Portuguezes.
Collecção de Noticias para a Historia e Geografia das Nações Ultramarinas.
Taboas Trigonometricas, por J. M. D. P.
Obras de Francisco de Borja Garção Stockler, Tom. 2.º
Memorias da Academia, Tom. 5.º
Obras escolhidas do Padre Vieira.

Vendem-se em Lisboa *nas lojas dos* Mercadores de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina; *e em* Coimbra *e no* Porto *tambem pelos mesmos preços.*